

“Travessias”

de aluno de escola da roça
a professor de universidade:
percursos de vida e trajetórias de formação



Imagem 1-**Travessia**.

Wilson Vicente, 2016.

Adaptações: Simone Santos de Oliveira



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE**

SIMONE SANTOS DE OLIVEIRA

**“TRAVESSIAS”
de aluno de escola da roça a professor de universidade:
percursos de vida e trajetórias de formação**

**SALVADOR – BAHIA
2017**

SIMONE SANTOS DE OLIVEIRA

**“TRAVESSIAS”
de aluno de escola da roça a professor de universidade:
percursos de vida e trajetórias de formação**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia, no âmbito da Linha de Pesquisa II – Educação, Práxis Pedagógica e Formação do Educador, vinculada ao Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral – GRAFHO, como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação e Contemporaneidade.

Orientador: Prof. Dr. Elizeu Clementino de Souza

**SALVADOR – BAHIA
2017**

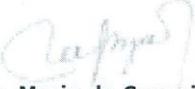
FOLHA DE APROVAÇÃO

'' TRAVESSIAS '' DE ALUNO DE ESCOLA DA ROÇA A PROFESSOR DE UNIVERSIDADE: PERCURSOS DE VIDA E TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO

SIMONE SANTOS DE OLIVEIRA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, em 31 de março de 2017, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, composta pela Banca Examinadora:


Prof. Dr. Elizeu Clementino de Souza
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil


Profa. Dra. Maria da Conceição Ferrer Botelho Sgadari Passeggi
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRGN
Doutorado em Linguística Geral
Université Paul Valéry Montpellier 3, França


Profa. Dra. Paula Perin Vicentini
Universidade de São Paulo - USP
Doutorado em Educação
Universidade de São Paulo, USP, Brasil


Profa. Dra. Jussara Fraga Portugal
Universidade do Estado da Bahia - Uneb
Doutorado em Educação e Contemporaneidade
Universidade do Estado da Bahia, Uneb, Brasil


Profa. Dra. Verbena Maria Rocha Cordeiro
Universidade do Estado da Bahia - Uneb
Doutorado em Teoria da Literatura
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS

[...] a arte de evocar e de lembrar remete o sujeito a eleger e avaliar a importância das representações sobre sua identidade, sobre as práticas formativas que viveu, de domínios exercidos por outros sobre si, de situações fortes que marcaram escolhas e questionamentos sobre suas aprendizagens, da função do outro e do contexto sobre suas escolhas, dos padrões construídos em sua história e de barreiras que precisam ser superadas para viver de forma mais intensa e comprometida consigo próprio.

Souza (2006a, p. 61)

À minha primeira mestra, pessoa acolhedora, perseverante e destemida que ousou fazer a primeira mobilidade geográfica da nossa família e me possibilitou realizar sonhos e escrever outras tantas histórias. Dedico este trabalho, a minha mãe, Elisete Ribeiro dos Santos, principalmente porque sempre acreditou na minha dedicação e superação nos meus processos de travessias.

Agradecimentos

Agradeço ao Senhor Deus pela vida que me foi dada.
A cada pessoa que se deparou comigo...
pelo acolhimento e entusiasmo...
companheirismo e compartilhamento...
pelos saberes e aprendizagens...
e...
pelas travessuras e travessias...
nas tessituras de minha vida.

Agradeço a toda a minha família, pela presença constante e amorosa, em especial, a minha mãe Elisete, coração terno e forte a me apoiar nos caminhos da vida.

Ao meu pai Antônio (*in memoriam*) e os meus irmãos Éverton e Marcel que muito me ajudaram a cuidar do meu filho nas minhas ausências por causa das minhas atribuições profissionais e de pesquisadora, sobretudo no período de travessias profissionais e acadêmicas entre Feira de Santana/Serrinha-BA e Feira de Santana/Salvador-BA, principalmente entre os anos de 2008 a 2016.

Ao meu querido e amado filho Kaio Henrique pela compreensão e amor, sobretudo por se preocupar comigo, com os meus deslocamentos formativos que se constituem travessias na BR 324 que liga as cidades de Feira de Santana e Salvador, onde moro e estudo, bem como nas travessias profissionais da BR 116 que liga Feira de Santana a Serrinha para lecionar no *Campus XI* da UNEB. Obrigada “Kaká” por entender a minha ausência e fazer parte de minha história de vida e me ensinar a ser o que sou hoje. Agradeço a Deus por você existir e pelas aprendizagens adquiridas com você ao longo dos seus dezoito anos de vida. A cada dia aprendo um pouco mais com você, tornando-me uma pessoa melhor nesses importantes processos formativos que me levam a ser mãe e professora!

Aos alunos, funcionários e colegas de trabalho do Colégio Estadual Wilson Lins, no município de Valente-BA, onde percorri inicialmente os primeiros trajetos profissionais. Esta unidade de ensino público se constituiu como um importante lugar e tempo formativo que me levou a outros extraordinários espaços de aprendizagens.

Aos colegas do curso de Especialização em Metodologia do Ensino de Geografia do IBPEX/FACINTER, com os quais compartilhei saberes e fazeres discentes/docentes, especialmente com o colega-amigo Gildo Mariano, do município de Conceição do Coité-BA.

Aos alunos, funcionários, professores, dirigentes e amigos do Colégio Dr. Jair Santos Silva, na cidade de Feira de Santana-BA, por acreditar na minha potencialidade e na profissional que tenho me constituído, sobretudo as amigas professoras Aracele Dantas, Fátima Mascarenhas, Gabriela Trabuco, Gilvanete Resende, Ilmara Daltro e Leonildes Amorim.

À professora e pesquisadora dedicada, Jussara Fraga Portugal pelos incentivos nas produções acadêmicas. Obrigada “Sara” por vibrar comigo durante as minhas travessias que me trouxeram até aqui, pela amizade sincera, construída e

edificada ao longo desses anos. Saiba que, sem requer, você contribuiu com a minha escrita sobre as *geo(bio)travessias* de professores universitários oriundos de escolas da roça, através de diálogos com a leitura de sua tese sobre histórias de vida, itinerância formativas e profissionais de professores de Geografia de escolas rurais.

À direção, professores e ex-professores, funcionários, alunos e ex-alunos do Departamento de Educação do *Campus XI* da UNEB de Serrinha, sobretudo pela amizade e acolhimento dos colegas e amigos professores Ana Cristina Pereira, Claudene Rios, Elizângela Junqueira, Janeide dos Santos, Jean Santos, Juliana Araújo, Lorena Ferreira, Mariana Martins de Meireles, Mary Valda Sales e Marise Damiana Batista.

Aos bolsistas e ex-bolsistas ID e de Supervisão do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES do curso de Geografia, pelas vivências e aprendizagens adquiridas durante as mobilidades entre as escolas parceiras localizadas na roça e da cidade dos municípios envolvidos no subprojeto “Formação docente e Geografia escolar: das práticas e saberes espaciais à construção do conhecimento geográfico”, durante a minha função como uma das coordenadoras de área no DEDC da UNEB, *Campus XI*, entre os anos de 2013 e 2015.

Aos queridos amigos e estudantes da Faculdade de Tecnologia e Ciências - FTC, Polos de Valente-BA e Feira de Santana-BA que, de certa forma ou de outra, agregaram também aprendizagens neste processo formativo.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC) da UNEB, principalmente os da Linha de Pesquisa II, pelas aprendizagens significativas sobre educação, docência e (auto)biografia.

Aos colegas do grupo de pesquisa GRAFHO pela amizade, companheirismo e por compartilhar de algumas produções acadêmicas e aos colegas de turmas do doutorado, principalmente os ingressos em 2013.1, pelas trocas de experiências.

Aos professores Antônio Dias, Áurea Pereira, Claudene Rios, Edite Maria de Faria, Fábio Josué dos Santos e Janeide dos Santos, narradores, coautores desta pesquisa, protagonistas das travessias que possibilitaram a escrita do enredo desta tese, a partir de suas *geo(bio)travessias*. Obrigada pela oportunidade de compartilhar comigo as histórias de vida e de formação profissional.

Às professoras avaliadoras que compõe a banca examinadora desta pesquisa – Jussara Portugal, Maria Conceição Passeggi, Paula Vicentini e Verbena Maria Cordeiro – pelas leituras atentas e sugestões dadas durante os exames de qualificação, o que contribuiu significativamente com a escrita final desta tese.

Ao meu professor orientador, Elizeu Clementino de Souza, pelo acolhimento, aprendizagens adquiridas durante o tempo desta pesquisa e, sobretudo, pela generosidade e incentivos nas produções acadêmicas. Obrigada professor, pela amizade e carinho disponibilizados.

A todos, os meus sinceros agradecimentos!

[...]

Levo comigo cada recordação, cada vivência, cada lição.

E mesmo que tudo não ande da forma que eu gostaria, saber que já não sou a mesma de ontem me faz perceber que valeu a pena. Aprendi que viver é ser livre, que ter amigos é necessário, que lutar é manter-se vivo.

Aprendi que o tempo cura, que a mágoa passa, que decepção não mata!

Que hoje é o reflexo de ontem, que os verdadeiros amigos permanecem para sempre **e que a dor fortalece.**

Aprendi que sonhar não é fantasiar, que a beleza não está no que vemos e sim no que sentimos!

Aprendi que um sorriso é a maneira mais barata de melhorar a aparência.

Que não posso escolher como me sinto, mas posso escolher o que fazer a respeito.

Aprendi que não é preciso correr atrás da felicidade, ela está nas pequenas coisas, e hoje, sei que posso ser e fazer o que quiser, mas **a gente é aquilo que faz**, é o que vale a pena e só o que permanece...

Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas...

Que já têm a forma do nosso corpo...

E esquecer os nossos caminhos que nos levam sempre aos mesmos lugares...

É o tempo da travessia...

E se não ousarmos fazê-la...

Teremos ficado...

para sempre...

À margem de nós mesmos...

Tempo de Travessia
Fernando Teixeira de Andrade, 2016, s/p.
(Grifos meus)

OLIVEIRA, Simone Santos de. “**Travessias**” de aluno de escola da roça a professor de universidade: percursos de vida e trajetórias de formação. 2017. 304f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc. Departamento de Educação. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2017.

RESUMO

Esta pesquisa, de abordagem qualitativa, inscrita no âmbito do método (auto)biográfico, toma como objeto de estudo os percursos de vida e as trajetórias de formação de seis professores universitários que viveram parte de suas vidas na roça, estudaram em escolas multisseriadas localizadas em territórios rurais nos estados da Bahia e de Sergipe, continuaram seus estudos em diferentes espaços urbanos e exercem a profissão docente no ensino superior. A intenção desta investigação é analisar as trajetórias de mobilidades geográfica, social e cultural desses professores universitários, oriundos da roça, que atuam em diferentes instituições de ensino superior no estado da Bahia, a partir das histórias narradas. Desse modo, fez-se necessário conhecer os percursos de escolarização e as trajetórias de formação dos professores; identificar nos percursos de vida e nas trajetórias de formação, as estratégias utilizadas para chegar à universidade enquanto alunos e professores, bem como descrever como esses professores compreendem suas travessias nesse processo de constituição profissional. A metodologia ancora-se nos princípios teórico-metodológico da pesquisa (auto)biográfica, a partir dos dispositivos do memorial acadêmico e da entrevista narrativa como fontes da investigação. As narrativas dos seis professores evocam memórias e descrevem histórias marcadas pelas singularidades dos percursos de vida e de escolarização iniciados em territórios rurais, bem como percursos de formação escolar e acadêmico-profissional para tornar-se/ser professor de uma universidade. Essas histórias de mobilidades geográfica, social e cultural constituem o repertório das *geo(bio)travessias* que se configuram como processos que abrangem histórias de vida tecidas em diferentes cenários geográficos (*geotravessias*), sociais, econômicos e culturais (*biotravessias*) que envolvem sujeitos de lugares diversos e que, através de processos de auto-re-organização das aprendizagens e do conhecimento de si e do mundo, a partir das redes de relações construídas durante os percursos da história de vida e pelo acesso à educação, os levaram a emergir socialmente, tornando-os professores universitários.

Palavras-chave: Professores universitários; Pesquisa (auto)biográfica; Percursos de escolarização e formação; Espaço rural; *Geo(bio)travessias*.

OLIVEIRA, Simone Santos de. “Travessias” de aluno de escola da roça a professor de universidade: percursos de vida, trajetórias de formação. 2017. 304f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc. Departamento de Educação. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2017.

ABSTRACT

This research, with a qualitative approach, is part of the (auto)biographical method, takes as object of study the life paths and training trajectories of six university professors who lived part of their lives in the field, studied in multiseries schools located in rural territories in the states of Bahia and Sergipe, continued their studies in different urban spaces and practice the teaching profession in higher education. The purpose of this research was to analyze the geographic, social and cultural mobility trajectories of six university professors from the countryside who work in different institutions of higher education in the state of Bahia, based on the narrated stories. Thus, it is necessary to know the pathways of schooling and the trajectories of professors training; identify the strategies used to reach the university as students and professors, as well as describe how these professors understand their crossings in this process of professional formation. The methodology is anchored in the theoretical-methodological principles of the (auto)biographical research, from the devices of the academic memorial and the narrative interview as research sources. The narratives of the six professors evoke memories and describe histories marked by the singularities of life paths and schooling initiated in rural territories, as well as pathways of scholastic and academic-professional formation to become a professor of a university. These geographic, social and cultural mobility histories are the repertoire of *geo(bio)crossings* that are shaped as processes that cover life histories woven in different geographical (*geocrossings*), social, economic and cultural scenarios (*biocrossings*) involving subjects from different places and that, through processes of self-re-organization of learning and of knowledge of oneself and of the world, from the networks of relationships built during the paths of life history and by access to education, led them to emerge socially, making them university professors.

Keywords: University professors; Research (auto) biographical; Pathways to schooling and training; Rural area; *Geo(bio)crossings*.

OLIVEIRA, Simone Santos de. “Travessias” de aluno de escola da roça a professor de universidade: percursos de vida e trajetórias de formação. 2017. 304f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc. Departamento de Educação. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2017.

RÉSUMÉ

Cette recherche, d'approche qualitative, relève de la méthode (auto)biographique, et a comme objet d'étude les parcours de vie et les trajectoires de formation de six professeurs universitaires qui ont vécu une part de leur vie dans de petites propriétés rurales et ont étudiés dans des écoles à classe unique situées dans les zones rurales des Etats de Bahia et de Sergipe, ont poursuivi leurs études dans différents espaces urbains et qui exercent maintenant la profession d'enseignant dans l'enseignement supérieur. Le but de cette recherche est d'analyser les trajectoires des mobilités géographiques, sociales et culturelles de six professeurs d'université provenant de petites fermes du terroir, qui travaillent dans différents établissements d'enseignement supérieur dans l'état de Bahia, à partir de leurs narratives. Ainsi, il a fait nécessaire de connaître les chemins de scolarisation et des trajectoires de formation des enseignants; d'identifier leurs parcours de vie et d'apprentissage, leurs stratégies utilisées pour atteindre l'université aussi bien en tant qu'étudiants qu'en tant qu'enseignants, et de décrire la façon dont ces enseignants comprennent leurs traversées au sein de ce processus de constitution professionnelle. La méthodologie est ancrée dans les principes théoriques et méthodologiques de la recherche (auto)biographique, à partir de dispositifs tels que des déclarations biographiques universitaire et des entretiens narratifs comme sources. Les récits des six enseignants évoquent des souvenirs et décrivent des histoires marquées par les singularités de parcours de vie et de scolarisation commencés dans les zones rurales, ainsi que des parcours de formation scolaires, académiques et professionnelles qui les ont mener à devenir/être professeurs dans une université. Ces histoires de mobilité géographique, sociale et culturelle constituent le répertoire de *géo(bio)traversées* qui se constituent comme des processus qui abordent des histoires de vie tissées dans différents contextes géographiques (*géotraversées*), sociaux, économiques et culturels (*biotraversées*), impliquant des sujets de différents lieux et qui, grâce à des processus d'auto-reorganisation de l'apprentissage et la connaissance du soi et du monde, à partir des réseaux de relations construites pendant les parcours d'histoire de vie et par l'accès à l'éducation, les ont conduit à émerger socialement, les transformant en professeurs d'universitaires.

Mots-clés: Professeurs d'universitaires; Recherche (auto)biographiques; Parcours de formation scolaire et formation ; Les zones rurales; *géo(bio)traversées*.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACM – Antônio Carlos Magalhães

AI-5 – Ato Institucional nº 5

API – Associação de Proteção a Infância

BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEAS – Centro de Estudos e Ação Social

CEJASS – Colégio Estadual Dr. Jair Santos Silva

CIEAC – Centro Integrado de Educação Assis Chateaubriand

CIPA – Congresso Internacional de Pesquisas (Auto)Biográficas

CNEC – Campanha Nacional de Educação Comunitária

CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CODES SISAL – Conselho Regional de Desenvolvimento Rural Sustentável da Região Sisaleira do Estado da Bahia

CONTAG – Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura

CPA – Comissão Própria de Avaliação (Conhecida como Exame Supletivo)

CPI – Comissão Parlamentar de Inquérito

CPT – Comissão Pastoral da Terra

CRH – Centro de Estudos e Pesquisas em Humanidades da UFBA

DEDC – Departamento de Educação

DIVERSO – Grupo de Pesquisa Docência, Narrativas e Diversidade

DIREC – Diretoria Regional de Educação

EaD – Educação a Distância

EPENN – Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste

ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino

ENG – Encontro Nacional de Geógrafos

ENPEG – Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia

FACINTER – Faculdade Internacional de Curitiba

FACOM – Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia

FEUSP – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

FETAG – Federação dos Trabalhadores na Agricultura

FFPA – Faculdade de Formação de Professores de Alagoinhas

FHC – Fernando Henrique Cardoso
FMI – Fundo Monetário Internacional
FTC – Faculdade de Tecnologia e Ciências
GESTEC – Programa de Pós-Graduação Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação
GRAFHO – Grupo de Pesquisa (Auto)Biografia, Formação e História Oral
GRUPALFA – Grupo de Pesquisa Alfabetização dos Alunos e Alunas das Classes Populares
IAT – Instituto Anísio Teixeira
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBPEX – Instituto Brasileiro de Pesquisa e Extensão
ID – Iniciação à Docência
IDH – Índice de Desenvolvimento Humano
IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IEGG – Instituto de Educação Gastão Guimaraes
IES – Instituição de Educação Superior
ICMBio – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MCTIC – Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações
MDA – Ministério de Desenvolvimento Agrário
MDB – Movimento Democrático Brasileiro
MEC – Ministério da Educação
MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização
MST – Movimento dos Trabalhadores Sem Terra
NEMOC – Núcleo de Educação Matemática Omar Catunda
NRE – Núcleo Regional de Educação
NTE – Núcleo Territorial de Educação
PARFOR – Plano Nacional de Formação de Professores da Educação básica
PCN – Parâmetro Curricular Nacional
PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil
PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PNDSTR – Programa de Desenvolvimento Sustentável de Territórios Rurais
PNLD – Programa Nacional do Livro Didático
PPGDCI – Programa de Pós-graduação em Desenho, Cultura e Interatividade

PPGEduC – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade
PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação
PROGRAD – Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
PRONERA – Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
PSD – Partido Social Democrático
PT – Partido dos Trabalhadores
PUC - Pontifícia Universidade Católica
REDA – Regime Especial de Direito Administrativo
SEC – Secretaria de Educação
SEGOV/SE - Secretaria do Governo do Estado de Sergipe
SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
SEMEC – Secretaria Municipal de Educação e Cultura
SEMOC – Semana de Mobilização da Católica
SEPLAN – Secretaria de Planejamento do Governo do Estado da Bahia
SETRANS – Seminário Transdisciplinar da Universidade Estadual de Feira de Santana
SUDENE – Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
UCSAL – Universidade Católica do Salvador
UDN – União Democrática Nacional
UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana
UFBA – Universidade Federal da Bahia
UFS – Universidade Federal de Sergipe
UFC – Universidade Federal do Ceará
UFF – Universidade Federal Fluminense
UFPE – Universidade Federal de Pernambuco
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UK – Reino Unido
UNEB – Universidade do Estado da Bahia
UNB – Universidade de Brasília
UNIASSELVI – Centro Universitário Leonardo da Vinci
UNISA – Faculdade Santo Amaro
UNIT – Universidade Tiradentes
USP – Universidade de São Paulo

LISTA DE IMAGENS E QUADRO

Imagem 1 – Travessia	Capa
Imagem 2 – Intercruzando fontes da pesquisa	59
Imagem 3 – Eixos temáticos, dimensões analíticas e fontes da pesquisa	70
Imagem 4 – Mobilidades do Professor de Antônio Dias	77
Imagem 5 – Mobilidades da Professora Áurea Pereira	90
Imagem 6 – Mobilidades da Professora Claudene Rios	119
Imagem 7 – Mobilidades da Professora Edite Maria de Faria	142
Imagem 8 – Mobilidades do Professor Fábio Josué dos Santos	155
Imagem 9 – Mobilidades da Professora Janeide dos Santos	170
Quadro 1: Perfil biográfico dos colaboradores da pesquisa	52

SUMÁRIO

1. TRAVESSIAS: uma introdução	21
1.1 O enredo	23
1.2 Travessias: questões, intenções e inquietações	27
2. MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA: vida, formação e profissão	32
2.1 Narrativas de uma vida: cruzando histórias de um enredo	34
2.2 Histórias de uma sertaneja que se constituiu professora de Geografia	37
2.3 Entre o Portal do Sertão e o Território do Sisal, assim me fiz professora	44
3. GEO(BIO)TRAVESSIAS: conceitos, caminhos e escolhas	50
3.1 (Auto)biografia: método para compreender as <i>geo(bio)travessias</i>	53
3.2 Memorial e entrevista narrativa: fontes e análise das <i>geo(bio)travessias</i>	57
3.3 <i>Geo(bio)travessias</i> : conceito em questão	66
4. HISTÓRIAS DE PROFESSORES: percursos de vida	71
4.1 Antônio Dias: dos movimentos sociais à sala de aula	73
4.2 Áurea Pereira: narrativas escritas com muitas letras	87
4.3 Claudene Rios: histórias de uma professora de Matemática	106
4.4 Edite Maria de Faria: itinerâncias marcadas com fibra e empoderamento	124
4.5 Fábio Josué dos Santos: de aluno da roça a doutor na cidade	143
4.6 Janeide dos Santos: de trabalhadora do campo à professora na cidade	157
5. HISTÓRIAS DE TRAVESSIAS DA ESCOLA RURAL À UNIVERSIDADE: percursos de formação	173
5.1 A roça e a escola rural: espaços e tempos de aprender	175
5.2 <i>Geotravessias</i> – da roça para a cidade	196
5.3 Tornar-se/Ser professor universitário: <i>biotravessias</i>	224
6. DE ALUNO DA ESCOLA DA ROÇA A PROFESSOR NA UNIVERSIDADE: conclusões	268
REFERÊNCIAS	279
APÊNDICES	292
Apêndice A – Levantamento de Dissertações e Teses na BDTD	293
Apêndice B – Carta-convite	294
Apêndice B-1 – Dados biográficos do/a professor/a colaborador/a	295
Apêndice C – Carta agradecimento de participação na pesquisa e solicitação de envio de memorial	297

Apêndice D – Solicitação de agendamento para entrevista narrativa	298
Apêndice E – Enunciado para a Entrevista Narrativa	299
Apêndice F – Termo de Livre Esclarecido	300
Apêndice G – Termo de Concessão de Imagem e Identificação	301
ANEXO	302
Anexo 01 - Travessia – representação da pintura acrílica sobre tela - 60 x 80 cm	303

1. TRAVESSIAS: uma introdução

*Eu atravesso as coisas — e no meio da travessia não vejo!
— só estava era entretido na ideia dos lugares de saída e de
chegada.*

*Assaz o senhor sabe: a gente quer passar
um rio a nado, e passa;
mas vai dar na outra banda é num ponto mais embaixo,
bem diverso do em que primeiro se pensou (...).*

*[...] o real não está na saída nem na chegada:
ele se dispõe para a gente é no meio da travessia [...]*

Grande Sertão: Veredas
Guimarães Rosa (1986, p. 33; 60)

A história de uma vida é constituída por uma série de fatos e acontecimentos biográficos, muitas vezes resultantes de deslocamentos geográficos realizados ao longo de um percurso de vida e de formação, os quais se constituem como verdadeiras travessias que surgem no caminho, o que nos leva a crer que o real não está na saída, nem na chegada, ele se dispõe mesmo é no meio da travessia, como anuncia a epígrafe que abre esta seção deste texto. É justamente no meio da travessia que encontramos os obstáculos, estabelecemos as redes de apoio e incentivos que nos ajudam a superar as dificuldades a partir de estratégias que estabelecemos para continuar no caminho.

Introduzir uma escrita não é uma tarefa fácil para quem escreve, sobretudo porque cada escritor tem um estilo próprio¹, uma escrita pessoal, e, por mais que esteja orientada e fundamentada por alguns teóricos ou por algumas referências, ela traz elementos que marcam a pessoa que escreve, ao externalizar seus pensamentos, reflexões, inquietações e análises.

Início a escrita desta tese justificando o uso da Imagem na capa que abre este trabalho. Ao navegar pela internet em busca de uma figura que representasse o objeto desta pesquisa me deparei com as telas de um artista plástico mineiro que retrata, em muitas de suas obras, o cotidiano de quem mora no espaço rural.

A imagem que abre a escrita deste enredo é uma representação adaptada² por mim da pintura sobre tela, de cores fortes, de tamanho 60 x 80 cm, intitulada “Travessia” (Anexo 01), de autoria do artista plástico Wilson Vicente³, nascido em

¹ Como esta investigação ancora-se no método (auto)biográfico, justifico a escrita, em muitos momentos, na primeira pessoa do singular, porque as histórias de vida e de formação que compõem este enredo se aproximam da minha, autorizando-me a narrar fatos e fenômenos que fazem parte da minha história e cruzá-la com as dos professores universitários deste estudo.

² Optei por alterar as cores originais da Imagem 1 que abre este estudo, dando ênfase à escala de cinza, por entender que a foto preto e branco caracteriza um tempo histórico que marca as histórias de vida de um sujeito, inclusive a minha, pois as poucas fotografias que registram fatos e eventos biográficos de minha família, sobre na minha infância, foram capturadas pela imagem fotográfica em escala de cinza. Por isso, justifico a alteração das cores originais desta imagem de autoria do artista plástico Wilson Vicente (2016).

³ Ao consultar o *blog* deste artista, percebi que ele é um autodidata e pinta desde os 16 (dezesseis) anos de idade. Segundo informações no seu diário eletrônico, este pintor não frequentou escolas para aprender a pintar. Sobre esta questão, Wilson Vicente (2016) disse no seu *blog* que “*Quem não teve escolas tem que treinar a partir de trabalhos de artistas famosos e com quem nos identificamos*”. Então, acredito que ele teve que treinar bastante para retratar o cotidiano mineiro em suas telas e, ao buscar o constante aprimoramento técnico, conseguiu a perfeição, o que lhe permitiu revelar todo o seu dom artístico, retratando os elementos da paisagem, as pessoas como elas são e como foram em um dado momento histórico. As cores utilizadas por este artista plástico são bem vibrantes e os seus efeitos bastante convincentes, cujas imagens estão disponíveis no seu *blog* – <http://wilsonvicentearte.blogspot.com.br>.

1951, em Cataguases–MG, cujas obras abordam a temática mineira, dentre as quais se destacam paisagens, casarios e personagens do interior do estado mineiro.

Além de suas obras, os elementos biográficos que marcam a história de Wilson Vicente (2016) também me impressionaram muito e me fizeram escolhê-la como logo desta tese.

O objeto desta investigação são as mobilidades geográfica, econômica, social e cultural, as quais se constituem em trajetórias marcadas pelos percursos de vida e trajetórias de formação de professores universitários de diferentes formações profissionais, oriundos da roça⁴, que passaram por processos de escolarização em escolas rurais e que desenvolvem a docência em distintas instituições de ensino superior no estado da Bahia.

1.1 O enredo

O enredo desta tese vincula-se ao projeto de pesquisa e inovação educacional intitulado “Multisseriação e trabalho docente: diferenças, cotidiano escolar e ritos de passagem” (SOUZA, 2012a), coordenado pelo professor Elizeu Clementino de Souza, financiado pela FAPESB, Edital 028/2012 e CNPq, o qual se desdobra como ação da pesquisa “Ruralidades diversas – diversas ruralidades: sujeitos, instituições e práticas pedagógicas nas escolas do campo, Bahia-Brasil⁵” (SOUZA, 2010).

⁴ Espaço de vida, de trabalho e de aquisição de aprendizagens singulares. Considero a roça como mais uma categoria espacial que pode ser estudada como tantas outras, como lugar, região, território, cidade e espaço geográfico. Assim, a roça, nesta pesquisa, é vista como mais um recorte do espaço geográfico que carrega consigo significações singulares, sobretudo para quem vive/viveu grande parte de sua vida neste espaço. O diferencial desta categoria espacial é que ela é marcada por uma infinidade de significações que vão além da geográfica (Espaço rural/agrário) e das discussões que envolvem a questão política (campo/campesinato). Ela envolve sentidos e significados singulares para os sujeitos que têm histórias marcadas pelas vivências rurais. Por isso, a utilização desta expressão/categoria em vários momentos neste trabalho.

⁵ Esta pesquisa contou com financiamento da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado da Bahia (Edital Temático de Educação 004-2007) e também do CNPq (Edital de Ciências Humanas, Ciências Sociais e Sociais Aplicada 2008-2010). A referida pesquisa centra-se na análise de problemas de pesquisas e estudos sobre educação rural que vêm sendo implementados no âmbito do GRAFHO - Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral (PPGEduC / UNEB), tendo em vista a consolidação e fortalecimento de uma rede de pesquisa colaborativa entre a Universidade do Estado da Bahia-UNEB, a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB e a Universidade de Paris 13/Nord-Paris8/Vincennes-Saint Denis (França), através de parceria entre os seguintes grupos de pesquisa: o GRAFHO – Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral (PPGEduC / UNEB); o CAF – Currículo, Avaliação e Formação (UFRB/Centro de Formação de Professores – Campus Amargosa); e o Centre de Recherche Interuniversitaire EXPERICE (Paris 13/Nord - Paris 8/Vincennes - Saint Denis). Tais grupos articulam-se numa rede de pesquisas acerca das ações

Inicialmente esta pesquisa foi concebida a partir de um olhar e de uma escuta sensível sobre as histórias de vida de professores, vivenciadas em três momentos distintos, os quais considero como três importantes experiências que me levaram a pensar nestas travessias.

O primeiro momento de concepção desta pesquisa ocorreu durante a minha atuação docente no processo de formação inicial nos cursos de Licenciatura em Geografia e de Pedagogia no Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)⁶, *Campus XI*⁷, Serrinha, no contexto da minha pesquisa-ação, durante as itinerâncias investigativas como mestranda no Programa de Pós-graduação em Desenho, Cultura e Interatividade (PPGDCI) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), quando investiguei a representação da escola e da docência nas obras cinematográficas, retratadas em cinco filmes⁸ e as implicações destas imagens e narrativas no processo de formação docente nos cursos de Licenciatura em Geografia e em Pedagogia no curso de extensão universitária “Linguagem Cinematográfica e Formação Docente: Histórias de Vida, Memórias e Narrativas (Auto)Biográficas”, realizado no período de 2009-2010⁹.

E, foi neste projeto de extensão universitária, atuando como professora formadora que me debrucei sobre as leituras da (auto)biografia, sobretudo durante a minha pesquisa de mestrado, ao utilizar as narrativas de formação como metodologia para analisar as implicações que as imagens fílmicas traziam para o contexto formativo dos graduandos em Geografia e em Pedagogia para compreender como se deu a escolha profissional desses professores em formação

educativas que se desenvolvem em diferentes espaços rurais no Estado da Bahia - Brasil e na França, dedicando-se ao estudo da educação rural, com recorte sobre as classes multisseriadas, suas práticas e estado da arte na última década.

⁶ A UNEB é uma instituição de ensino superior *multicampi*, geograficamente presente em 18 (dezoito) dos 27 (vinte e sete) Territórios de Identidade baianos. Atualmente conta com 24 (vinte e quatro) *Campi* e 29 (vinte e nove) Departamentos localizados em 24 (vinte e quatro) municípios baianos.

⁷ O Departamento de Educação do *Campus XI* está localizado em Serrinha, no Território de Identidade do Sisal, interior do estado da Bahia e oferece 3 (três) cursos de graduação: Bacharelado em Administração, Licenciatura em Geografia e Licenciatura em Pedagogia. Além desses cursos, o departamento oferece cursos de graduação intensiva, como Pedagogia, Geografia, História, Matemática, Educação Física, Letras e Biologia, na modalidade de programas especiais, integrantes do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), também conhecido como Plataforma Freire.

⁸ Os filmes selecionados foram: Adorável Professor (HEREK, 1995), A Língua das Mariposas (CUERDA, 1999), Entre os Muros da Escola (CANTET, 2007), Escritores da liberdade (LAGRAVENESE, 2007) e Nenhum a Menos (ZHANG, 1999).

⁹ O objetivo deste projeto de extensão universitária foi contribuir com a formação de educadores, ao articular essa formação com as suas histórias de vida, a partir da linguagem cinematográfica, nos processos formativos iniciais de professores de Geografia e de Pedagogia.

inicial, fazendo os estudantes rememorarem e narrarem as suas itinerâncias pessoais, escolares e profissionais.

Além disso, os momentos vivenciados como professora executora do Projeto de extensão universitária “Linguagem Cinematográfica e Formação Docente: Histórias de Vida, Memórias e Narrativas (Auto)Biográficas” me levaram a perceber que as histórias de vida dos sujeitos aprendentes, colaboradores na minha investigação de mestrado, oriundos do Território de Identidade do Sisal¹⁰, tinham muita relação com as dos professores que trabalham neste mesmo *Campus XI* da UNEB, onde atuo como professora formadora desde março de 2009.

O segundo momento de concepção desta pesquisa ocorreu durante o curso de Pós-graduação em Docência do Ensino Superior¹¹ – em nível de Especialização – na Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC), no *Polo* do SIM, na cidade de Feira de Santana-BA, quando elegi o memorial como dispositivo (auto)formativo, o que me possibilitou conhecer as trajetórias de vida de profissionais de diversas áreas do conhecimento, vindos de famílias pobres que experienciaram o trabalho na infância nas lavouras e superaram todas as expectativas e dificuldades, adentraram no espaço acadêmico e, ao rememorarem as suas histórias e itinerâncias pessoais e

¹⁰ O Território de Identidade é uma unidade de planejamento adotada no estado da Bahia, a partir do ano de 2008 e configura-se como “um espaço físico geograficamente definido, não contínuo, caracterizado por critérios multidimensionais, a cultura, a política e as instituições, e uma população com grupos sociais relativamente distintos, que se relacionam interna e externamente por meios de processos específicos, onde se pode distinguir um ou mais elementos que indicam identidade e coesão social, cultural e territorial”. (SEPLAN, 2016). O Governo da Bahia passou a reconhecer a existência de 27 Territórios de Identidade, constituídos a partir da especificidade de cada região. São eles: Irecê; Velho Chico; Chapada Diamantina; Sisal; Litoral Sul; Baixo Sul; Extremo Sul; Médio Sudoeste da Bahia; Vale do Jiquiriçá; Sertão do São Francisco; Bacia do Rio Grande; Bacia do Paramirim; Sertão Produtivo; Piemonte do Paraguaçu; Bacia do Jacuípe; Piemonte da Diamantina; Semiárido Nordeste II; Litoral Norte e Agreste Baiano; Portal do Sertão; Sudoeste Baiano; Recôncavo; Médio Rio de Contas; Bacia do Rio Corrente; Itaparica; Piemonte Norte do Itapicuru; Metropolitano de Salvador; Costa do Descobrimento. O Território de Identidade do Sisal é um espaço geográfico que abrange uma área de 20.454 km², o equivalente a 3,6% do território do estado da Bahia, composto por uma população de 582.331 habitantes (IBGE, 2015), abrangendo 4,15% da população absoluta deste estado. Do total deste percentual da população baiana, 57,20% é residente do espaço rural. Este Território de Identidade é mais conhecido como Região Sisaleira e está localizado no semiárido da mesorregião do Nordeste baiano, distante da capital baiana por aproximadamente 180 km, instituído a partir da política de desenvolvimento rural com abordagem territorial implantada pelo estado, e em consonância com o Programa de Desenvolvimento Sustentável de Territórios Rurais (PNDSTR) do Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA). Os municípios que compõem o Território do Sisal são: Araci; Barrocas; Biritinga; Candeal; Cansanção; Conceição do Coité; Ichu; Itiúba; Lamarão; Monte Santo; Nordestina; Queimadas; Quijingue; Retirolândia; Santaluz; São Domingos; Serrinha; Teofilândia; Tucano e Valente. (SEPLAN, 2016)

¹¹ Neste curso, tenho atuado como professora no componente curricular Metodologia do Ensino Superior, desde a primeira turma, ofertada em novembro de 2010.

profissionais, trouxeram elementos que me fizeram pensar nas “travessias”¹² entre os espaços da roça e os lugares da cidade, ou seja, de aluno/morador da roça para aluno/professor na cidade/universidade.

Já o terceiro momento de concepção desta pesquisa que me deixou ainda mais inquieta e mobilizada para investigar sobre este objeto, surgiu durante a minha participação como ouvinte de algumas apresentações do GT Educação e Ruralidades do EPENN¹³, ao presenciar alguns resultados parciais e finais de pesquisas que versavam sobre diversas problemáticas, como docência em escolas rurais, histórias de vida, trajetórias de escolarização e formação de professores, o desafio das classes multisseriadas, as práticas escolares, os movimentos cidade-roça-cidade, ao retratar as travessias diárias de quem mora na cidade e exerce a profissão na roça e depois retorna para a cidade, dentre outras questões pertinentes.

Vale salientar que o desejo desta pesquisa foi reafirmada também nas interações dos encontros/aulas no PPGEduc, entre os anos de 2011 e 2012, períodos em que vivenciei momentos de aprendizagens como aluna especial em duas disciplinas: Abordagem (Auto)Biográfica e Formação de Professores e Educação, Subjetividade e Formação.

Essas experiências me possibilitaram pensar o objeto desta investigação, cuja ênfase ocorreu em outros momentos formativos, sobretudo durante a minha participação em alguns eventos acadêmicos¹⁴, pois essas vivências me levaram a perceber que as mobilidades de professores universitários que estudaram na escola localizada no espaço rural poderia ser o meu objeto de estudo no doutorado no PPGEduc/UNEB, podendo nos ensinar muito sobre o modo como eles têm se constituído na profissão docente, a partir de suas experiências vivenciadas no

¹² Este termo é utilizado por mim para representar um movimento de mudança ou de deslocamento, ou ainda, de mobilidade social, embora algumas pesquisas apontem que os efeitos de escolarização na vida social do sujeito nem sempre gera mobilidade social. (PASTORE; SILVA, 2000)

¹³ Ocorrido na cidade de Manaus-AM, entre os dias 23 e 26 de agosto do ano de 2011, promovido pela Universidade Federal do Amazonas, em parceria com outros Programas de Pós-graduação.

¹⁴ Simpósio Memória, (Auto)Biografia e Ruralidades (UNEB/Campus I, agosto de 2010) e IV Ciclo Internacional Resiliência e Cultura: histórias de vida, subjetividade e cuidado (UNEB/Campus I, abril de 2012). Neste segundo evento, o professor Elizeu Clementino de Souza, a partir da sua história de vida e das suas memórias de escolarização, destacou alguns estudos sobre educação rural, diversas ruralidades, formação docente e mobilidade social, sinalizando possibilidades de pesquisas contemplando tais elementos constitutivos das biografias de muitos de nós professores, cujas histórias de vida, escolarização, formação e profissão são marcadas por diferentes modos de resiliências.

espaço da roça e da cidade, através dos modos de vida, de como produziram os seus saberes, organizaram as suas vidas pessoais e profissionais.

É neste contexto específico da singularidade dos sujeitos e suas inserções nos processos sociais que esta investigação se insere, uma vez que a pesquisa (auto)biográfica possibilita “[...] mostrar como a marca forçosamente singular da experiência individual num *tempo biográfico* está na origem de uma percepção e de uma elaboração particular dos espaços da vida social” (DELORY-MOMBERGER, 2012a, p. 182, grifos da autora), os quais comportam referências de identidades construídas ao longo de suas existências nas relações com o outro e com os lugares.

Desse modo, conhecer as trajetórias de vida e de formação de professores universitários, oriundos de espaços rurais, é ampliar os estudos sobre histórias de vida, uma vez que a (auto)biografia é uma forma de investigação de valor inexorável para os estudos acadêmicos, sobretudo para compreender como os sujeitos se constituem professores, quais aprendizagens, enfrentamentos e mobilidades realizaram em seus processos de resiliências para chegar à docência universitária, a partir dos diferentes tempos e espaços de travessias.

1.2 Travessias: questões, intenções e inquietações

Intentei, através das memórias narradas por 6 (seis) professores universitários, encontrar vestígios de uma vida e de processos de escolarização vivenciados em territórios rurais que justifiquem as suas inserções profissionais no ensino superior para defender o presente argumento tese: – As mobilidades geográficas, sociais e culturais (*geo(bio)travessias*) se constituem como importantes movimentos que proporcionam aprendizagens e conhecimento sobre si, sobre a vida e sobre o mundo a partir das redes de relações construídas e estabelecidas durante os percursos de uma história de vida.

Para fundamentar esta tese, tomo como base de aprofundamento teórico os estudos e discussões que versam sobre “histórias de vida”, “conhecimento de si”, “(re)invenção de si”, “experiências de vida e formação” e “capital social, escolar e cultural”.

Nas reflexões sobre “histórias de vida”, Ferrarotti (2014) afirma que elas possibilitam conhecer aspectos que envolvem questões sociais a partir da especificidade individual. Desse modo, as histórias de vida não se apresentam mais como um conjunto de elementos para ilustrar o que já é conhecido, mas se configura como uma “Rara proeza que fecunda vida e teoria, prova, coração e compreensão da vida para produzir um gaio saber.” (FERRAROTTI, 2014, p. 41). Além disso, as histórias de vida se constituem como uma memória do passado com uma “[...] consciência crítica do presente e premissa operatória para o futuro.” (*Ibidem*, p. 53)

Nesta mesma linha, Pineau e Le Grand (2012) afirmam que as histórias de vida se constituem como um processo de busca e construção do sentido a partir de fatos temporais pessoais que envolvem a experiência, o que obriga o sujeito a “[...] tratar as fronteiras herdadas, a abri-las a novas fronteiras, engajando-se na construção de um novo espaço vital de conhecimento.” (PINEAU; LE GRAND; 2012, p. 131), uma vez que as histórias de vida abrangem uma abordagem “[...] epistemo-metodológica para ir ao encontro das pulsões de vida [...]” (FERRAROTTI, 2014, p. 41).

Nas discussões que versam sobre o “conhecimento de si”, recorro a Souza (2004a; 2004b; 2006a; 2008a), ao afirmar que é na tomada de consciência, por parte do sujeito, de suas itinerâncias e aprendizagens realizadas e apreendidas ao longo de uma vida que o conhecimento de si é expresso “[...] através da meta-reflexão do ato de narrar-se, dizer-se de si para si mesmo como uma evocação dos conhecimentos construídos pelos sujeitos.” (SOUZA, 2004a, p. 72)

Sobre a “(re)invenção de si”, como resultado da aprendizagem biográfica do sujeito, ocorre quando a pessoa relaciona sua própria temporalidade com as relações com os outros. Desse modo, tomo como inspiração as pesquisas de Delory-Momberger (2012a; 2014) ao afirmar que esta aprendizagem biográfica possibilita ao narrador “[...] uma reconstrução de sua vida, sob a forma de confronto entre experiências e acontecimentos que visam fazer aparecer a gênese e o desenvolvimento de seu processo formativo.” (DELORY-MOMBERGER, 2012a, p. 190), (re)inventando-se. Além disso, recorro, também, ao trabalho de Passeggi (2011a) quando afirma que a escrita de memoriais acadêmicos é uma forma do sujeito se reinventar pela narrativa.

No que concerne às discussões relativas às “experiências de vida e formação”, recorro a Josso (2010) quando diz que:

[...] os contextos e situações da vida, das mais diversas atividades, de encontros que marcam a vida – as pessoas significativas da família, os acontecimentos pessoais e sócio-históricos –, começam a desenhar os contornos da singularidade de um percurso de formação, e começa a evidenciar aprendizagens; momentos-charneira e desafios que os atravessavam; valores ou valorizações que orientaram escolhas, bem como preocupações e temas recorrentes. (JOSSO, 2010, p. 90-91)

Para Josso (2004), os contos e as histórias, sobretudo de nossa infância, são os primeiros elementos de uma aprendizagem e decorrem das primeiras recordações e representações simbólicas da nossa compreensão das coisas vividas nos primeiros anos de vida. Portanto, o ato de rememorar-las e narrá-las se constituem travessias, sobretudo quando falamos de nossas experiências que foram construídas historicamente através de um processo de entrecruzamento de aprendizagens adquiridas no decurso de uma vida.

E, neste entrecruzamento de aprendizagens ocorridas nas itinerâncias da vida, há uma necessidade de relacionar às questões sobre “capital social, escolar e cultural” dos professores universitários deste estudo. Então, recorro a Bourdieu (2013), quando aborda o conceito de capital social e as formas de capital cultural¹⁵ para discutir questões sobre desigualdade de desempenho escolar de crianças oriundas de diferentes classes sociais, procurando relacionar o sucesso escolar com a questão cultural familiar e o papel da escola. Nesta mesma linha de discussão, apelo aos estudos de Lahire (1997) sobre o sucesso escolar nos meios populares para enfatizar a importância das famílias nos percursos e processos de escolarização e, conseqüentemente no sucesso profissional dos professores protagonistas das histórias que compõem este enredo.

Tendo em vista as experiências vivenciadas durante a minha trajetória de vida-formação-profissão, sobretudo como professora da UNEB-Campus XI, Serrinha, e de outros espaços educativos superiores, tomo como problemática desta pesquisa a seguinte questão: - Considerando que, historicamente, no Nordeste brasileiro, a mobilidade social de pessoas oriundas de contextos rurais está vinculada a uma mobilidade geográfica, exigida pela necessidade de deslocamentos em direção a espaços urbanos por causa da oferta de serviços mais avançados, justificados

¹⁵ A discussão sobre capital social e cultural, bem como as formas do capital cultural encontra-se na seção “2.1 Narrativas de uma vida: cruzando histórias de um enredo” que compõe o capítulo “Memórias de uma professora: vida, formação e profissão”.

principalmente pela continuidade da escolarização e da formação profissional, faz-se necessário investigar como ocorreram as mobilidades geográficas, sociais e culturais – as *geo(bio)travessias* – de docentes que exercem a profissão em universidades baianas e quais implicações dessas mobilidades no tornar-se/ser professor.

A partir desta questão problematizadora, os objetivos da pesquisa foram delineados, os quais assim se apresentam: - Analisar as trajetórias de mobilidades geográfica, social e cultural de professores universitários, oriundos da roça, que atuam em diferentes instituições de ensino superior no estado da Bahia, a partir das histórias narradas; Conhecer os percursos de escolarização e as trajetórias de formação dos professores; Identificar nos percursos de vida, nas trajetórias de formação, as estratégias utilizadas para chegar ao exercício docente na universidade; Descrever como os professores compreendem essas travessias nesse processo de constituição profissional.

Após delineados os objetivos, consultei a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (2014) do Instituto Brasileiro de Informações em Ciência e Tecnologia (IBICT¹⁶) que integra os sistemas de informação de teses e dissertações existentes nas instituições de ensino e pesquisa brasileiras com a intenção de ampliar leituras sobre o objeto desta investigação, constatei que não havia nenhum estudo que versasse sobre histórias de vida de professores universitários oriundos de escolas rurais, conforme fica exposto no levantamento de dissertações e teses na BDTD (Apêndice A).

O grupo de colaboradores é constituído por 6 (seis) professores com formações iniciais diferentes, sendo 4 (quatro) mulheres e 2 (dois) homens, cujas idades¹⁷ variam entre 41 e 71 anos e, como critério adotado para a seleção dos mesmos, utilizei a vinculação com o Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade e/ou com a UNEB, seja como mestrando, doutorando/ex-aluno do PPGEduc ou como professor do quadro efetivo desta mesma instituição.

Estruturalmente, esta tese encontra-se organizada da seguinte maneira: em “Travessias: uma introdução” subdivido em duas seções para apresentar o objeto

¹⁶ O IBICT é um órgão nacional de informações, unidade de pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC) que realiza estudos no campo da ciência da informação e temas relacionados.

¹⁷ A diferença de idade entre os colaboradores desta pesquisa não foi considerada como critério de seleção dos mesmos. O principal aspecto elencado foi a singularidade das histórias de vida e as experiências vivenciadas no decurso da vida desses professores oriundos de contextos rurais.

desta investigação, a problemática que mobilizou esta pesquisa e os objetivos que nortearam este trabalho.

No capítulo “Memórias de uma professora: vida, formação e profissão” apresento as histórias da profissional que me constitui, a partir das mobilidades geográficas realizadas e das histórias cruzadas entre o eu pessoal e profissional, organizado em três tópicos.

Em “*Geo(bio)travessias: entre conceitos, caminhos e escolhas*” exponho a opção pelo método nesta pesquisa, as fontes de análise das *geo(bio)travessias* de professores universitários que vivenciaram a escolarização em escolas rurais, subdividido em três subcapítulos.

No capítulo “Histórias de professores: percursos de vida” apresento as histórias de 6 (seis) professores, protagonistas de enredos singulares, cujas narrativas versaram sobre os processos de mobilidades geográfica, social e cultural, organizadas em seis tópicos.

Em “Histórias de travessias da escola rural à universidade: percursos de formação” são descritos os caminhos e as experiências vivenciadas pelos protagonistas deste enredo no processo do tornar-se professor universitário, entre os espaços da roça e da cidade, subdivididos em três subcapítulos.

Nas considerações finais, “De aluno da escola roça a professor na universidade: conclusões”, encerro a escrita desta tese, ao fazer as análises finais sobre os processos de mobilidades realizadas pelos professores universitários a partir de suas *geo(bio)travessias*.

Assim foi estruturada esta tese, a partir das histórias de travessias de 6 (seis) professores universitários oriundos de contextos rurais, cujas narrativas evidenciam mobilidades geográficas, econômicas, sociais e culturais (*geo(bio)travessias*), as quais se constituem como importantes movimentos que proporcionam aprendizagens e conhecimento sobre si, sobre a vida e sobre o mundo a partir das redes de relações construídas e estabelecidas durante os percursos da vida e da formação, as quais proporcionam vivências e experiências que se constituem como processos de (re)invenção de si.

2. MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA: vida, formação e profissão

Ao ato de narrar subjaz uma atitude e uma capacidade de observar e de interpretar fenômenos e acontecimentos inseridos nos contextos da sua ocorrência e nas suas relações espaciais e temporais [...] as narrativas reportam acontecimentos, descrevem os contextos de ocorrência, combinam, articulam e associam elementos que entrelaçam em função de fio condutor que lhe atribui coerência.

Alarcão (2004, p. 09)

Ao revisitar as minhas memórias e entrelaçá-las às narrativas dos protagonistas do enredo desta história de travessias, lembro-me da obra “Grande sertão: veredas”, de Guimarães Rosa, sobretudo quando o personagem Riobaldo diz que os caminhos no sertão não acabam e eles têm o tamanho do mundo, ao dizer que o “[...] sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar.” (ROSA, 1986, p. 24). Portanto, comparo as travessias que realizei para chegar até aqui com as estradas que levam ao sertão baiano, de onde venho, ora marcado pela exuberância do verde após uma chuva, ora arenoso com vegetação seca e rala nos períodos de estiagem, já que os caminhos da vida e os que levam à educação se constituem como verdadeiros sertões para explicar a imensidão da travessia humana e a importância do processo educativo na vida e com a vida de uma pessoa.

Para pesquisar as travessias de professores universitários do estado da Bahia, oriundos de escolas rurais, foi necessário revisitar as minhas reminiscências, as minhas histórias, tecidas em diferentes espaços e tempos formativos que me fizeram ser o que sou hoje.

Neste processo de rememoração/autonarração, interpretei os fenômenos e acontecimentos que marcaram a pessoa e a profissional que sou/estou me constituindo. E, na medida em que me reporto aos acontecimentos vividos, combino-os com os de outras histórias e vou articulando-os aos fios que tecem a minha vida-formação-profissão, como fica exposto na epígrafe de Alarcão (2004) que anuncia este capítulo.

Aqui estão apresentadas as histórias que constituem a profissional que tenho me tornado, as lembranças da infância, a dificuldade de se deslocar entre o espaço rural e urbano durante certo período escolar quando eu, meus irmãos, meu pai Antônio e minha mãe Elisete fomos obrigados a morar numa localidade rural em Feira de Santana – BA¹⁸, os intensos deslocamentos que me fizeram ser professora de Geografia da educação básica e do ensino superior, além de outras experiências formativas que continuam a alimentar e remexer a minha história de vida-formação-profissão, descritas nas três seções que seguem.

¹⁸ Embora seja conhecida como a princesa do Sertão, Feira de Santana está localizada geograficamente na região do agreste baiano. Possui uma população absoluta de 556.642 habitantes (IBGE, 2015), distribuída numa área territorial de 1.337, 993 km², segunda maior cidade mais populosa do estado da Bahia, distante da capital baiana por apenas 108 km.

2.1 Narrativas de uma vida: cruzando histórias de um enredo

Bertaux (2010, p. 65) afirma que “A narrativa é [...] o testemunho da experiência vivida”. Portanto, remexer o meu baú de memórias para evocar os fatos e momentos esquecidos, as paisagens, as cenas, as histórias adormecidas e guardadas que marcaram a minha trajetória de vida-formação-profissão não é tarefa fácil porque requer a rememoração de muitos momentos difíceis, pois não venho de uma família com um bom capital escolar que pudesse me dar uma boa base cultural e me possibilitasse ser uma professora universitária porque meus pais eram desprovidos de capital social, principalmente de capital cultural sob as formas do estado objetivado e institucionalizado, os quais constituem o universo letrado.

Para Bourdieu (2013), capital social é:

[...] o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma *rede durável de relações* mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à *vinculação a um grupo*, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns [...], mas também são unidos por *ligações* permanentes e úteis. Essas ligações são irredutíveis às relações objetivas de proximidade no espaço físico (geográfico) ou no espaço econômico e social porque são fundadas em trocas inseparavelmente materiais e simbólicas cuja instauração e perpetuação supõem o reconhecimento dessa proximidade. (BOURDIEU, 2013, p. 75, grifos do autor)

Meus pais possuíam um baixo nível de escolaridade e faltava uma rede de relações que os influenciassem e os direcionassem para uma melhoria social e cultural, pois no meu contexto familiar faltavam livros, revistas, quadros, dicionários e enciclopédias que pudessem ser utilizados como bens culturais que permitissem o acesso ao mundo letrado e acadêmico.

O capital cultural pode existir sob três formas, conforme Bourdieu (2013). São elas:

[...] *no estado incorporado*, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo; *no estado objetivado*, sob a forma de bens culturais – quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas, que constituem indícios ou a realização de teorias ou de críticas dessas teorias, de problematizações, etc.; e, enfim, *no estado institucionalizado*, forma de objetivação que é preciso colocar à parte porque, como se observa em relação ao *certificado escolar*, ela confere ao capital cultural – de que é, supostamente, a garantia –

propriedades inteiramente originais. (BOURDIEU, 2013, p. 82 – grifos do autor)

Narrar sobre as minhas histórias, sobre o capital cultural incorporado e institucionalizado pelas aprendizagens escolares e formativas que constituem o meu universo letrado, bem como dos enfrentamentos, resiliências e mobilidades geográficas para relacionar e justificar a escolha do objeto desta investigação é compreender outros movimentos de travessias, é buscar no meu passado as histórias vividas e que me trouxeram até aqui, sobretudo pensar nas histórias de tantos outros professores universitários que experienciaram situações e vivências em contextos rurais e que, assim como eu, se (re)inventaram no decurso de suas próprias histórias. Por isso, sinto-me autorizada a abordar elementos que constituem a minha história de vida e de formação quando apresento as histórias dos professores deste estudo, sobretudo porque comungo com as ideias de Lahire (1997) ao afirmar que os sujeitos se constroem no contexto de uma pluralidade de mundos sociais não homogêneos e, muitas vezes contraditórios, mas, mesmo assim, conseguimos chegar ao ensino superior e sermos professores universitários, a partir das redes de relações sociais que construímos que possibilitaram a reflexividade biográfica, um conhecimento de si, e a (re)invenção de nós mesmos, a partir das experiências de vida e de formação. Portanto,

A invenção de si pressupõe imaginável e possível um projeto de si, o que implica conquista progressiva e sempre em vir-a-ser de uma autonomia de ação, de uma autonomia de pensamento, de uma autonomia em nossas escolhas de vida e em nosso modo de vida [...]. A invenção de si no singular plural implica então vigilância, vontade e perseverança para que sejamos seres vivos em transformação [...]. (JOSSO, 2007, p. 436)

Essa invenção de si, colocada por Josso (2007), é o que Pineau e Le Grand (2012, p. 131) chamam de “constructo em auto-re-organização” e constitui-se em mim os fios que tecem e modificam a teia da minha trajetória de vida e de formação, iniciada nos anos de 1970 no município de Valente-BA¹⁹, onde nasci, e se expande até a minha formação profissional principiada no Portal do Sertão²⁰.

¹⁹ Município localizado no nordeste do estado da Bahia, distante da capital baiana por 238 Km, possui uma população de 24.579 habitantes (IBGE, 2015) e uma área territorial de 384,321 km². Ficou conhecida na década de 1960 como a capital do sisal.

²⁰ O Território Portal do Sertão é um dos 27 territórios de identidade existentes no estado da Bahia. É composto por 17 municípios: Água Fria, Amélia Rodrigues, Anguera, Antonio Cardoso, Conceição de Feira, Conceição do Jacuípe, Coração de Maria, Feira de Santana, Ipecaetá, Irará, Santa Bárbara,

Recordo que no final da década de 1970 minha mãe Elisete decidiu que íamos mudar de Valente para a cidade de Feira de Santana. Naquela época, esta mobilidade geográfica foi uma decisão muito difícil para o meu pai, sobretudo por ser filho de trabalhadores rurais e sobreviver em Valente com uma renda gerada por um pequeno bar que mantinha e pela ajuda de meus avós paternos que viviam do que era produzido na roça no mesmo município.

Além disso, meu pai Antônio (*in memoriam*) não conhecia quase nada em Feira de Santana e não possuía qualificação profissional, decorrente de uma escolarização incompleta, tendo somente concluído o terceiro ano do ensino fundamental. Entretanto, essa decisão de mudar foi um grande motivo de alegria para minha mãe, que apesar de sua baixa escolaridade e ter vivido também grande parte de sua vida na roça, pensava em dar uma melhor educação para mim e meus irmãos e sempre acreditou na função social da escola e na possibilidade de crescimento pessoal e profissional do sujeito mediante a sua inclusão nos espaços educativos formais, sobretudo no nível superior de educação.

Ao contrário de meu pai, minha mãe, natural de Candeal-BA²¹, concluiu o quinto ano do ensino fundamental, após longos enfrentamentos com meu pai que não queria que ela estudasse depois de casada.

A mudança de Valente-BA para a cidade de Feira de Santana-BA não foi fácil, pois por muito tempo meu pai ficou sem conseguir emprego, o que nos obrigou a morar num sítio localizado a alguns quilômetros do distrito de São José, espaço rural deste município, cedida por uma tia avó materna porque não tínhamos mais condições de pagar aluguel.

Naquele período, no território rural, vivíamos com muitas dificuldades, tornando difícil a nossa alimentação e deslocamento para estudo no espaço urbano do referido município, pois quando fomos morar nesta localidade rural de Feira de Santana, minha mãe não queria promover uma mudança de escola e nos manteve

Santanópolis, Santo Estevão, São Gonçalo dos Campos, Tanquinho, Teodoro Sampaio e Terra Nova. (SEPLAN, 2016) Destes, Feira de Santana é o município mais importante economicamente com concentrar um parque industrial e comercial diversificado e alguns órgãos, como, por exemplo, o Núcleo Territorial de Educação – NTE 19, que deixou de ser reconhecido como Diretoria Regional de Educação – DIREC 02 ou Núcleo Regional de Educação – NRE 19. A última alteração na nomenclatura deste órgão ocorreu no dia 07 de fevereiro de 2017, na gestão do governador Rui Costa (2014-2018), com a justificativa de melhor definir este órgão de acordo com os Territórios de Identidade.

²¹ Município do interior do estado da Bahia. Faz parte do Território de Identidade do Sisal. Possui uma população absoluta de 8.895 habitantes (IBGE, 2015), distribuída numa área territorial de 445.097 km², distante da capital baiana por 168 km.

na “escola da cidade” por acreditar que a educação escolar oferecida no espaço rural não fosse boa, mesmo porque naquela época, na década de 1970, não haviam tantas escolas rurais com as mínimas condições necessárias que pudessem oferecer uma educação de qualidade, pois os professores eram, em sua grande maioria leigos, sem formação necessária para o exercício docente.

Devido à condição financeira da família, estudei a minha vida toda em escolas públicas, do fundamental ao médio e fui a primeira de quatro filhos da família a concluir a educação básica e ingressar na universidade – motivo de muita alegria e satisfação para a minha mãe que sempre acreditou na melhoria de vida e ascensão social através dos estudos.

2.2 Histórias de uma sertaneja que se constituiu professora de Geografia

Parte das reminiscências expostas nesta seção foram ressignificadas a partir da escrita do memorial, intitulado "Trajetórias, travessias e tessituras: narrativas de uma professora em (trans)formação" (OLIVEIRA, 2012).

É revirando o meu passado, procurando a pessoa que fui e analisando as aprendizagens adquiridas a partir das experiências vividas nos percursos da minha trajetória de vida e de formação que reflito sobre a minha atuação profissional docente, cuja identidade foi construída durante esses anos de atravessamentos das terras por onde passei.

Escrever sobre mim é relembrar os primeiros anos de vida, as brincadeiras de criança, o andar descontraído e despreocupado na pequena cidade de Valente-BA, o ir e vir da roça com a minha avó paterna “Neguinha²²” para pegar cajá, licuri²³ e palha para a confecção de chapéus e esteiras para serem comercializados por minha avó na feira livre de Valente.

²² *In memoriam*. Todos a conheciam com este apelido. Seu nome de batismo era Maria Araújo dos Santos.

²³ É um fruto comestível, semelhante a uma amêndoa que pode produzir um óleo vegetal pela indústria alimentícia. A planta que dá este fruto chama-se *Syagrus coronata*, conhecido popularmente com os seguintes nomes populares: dicuri, adicuri, ouricuri, licuri, alicuri, aricuí, aricuri, butiá, butiazeiro, coco-cabeçudo, coqueiro-cabeçudo, iricuri, licurizeiro, nicuri, uricuri, urucuriiba e nicuri-de-caboclo. As fibras das folhas desta planta nativa do bioma da caatinga se constituem como matéria-prima para a confecção de chapéus e outros objetos artesanais. (Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Syagrus_coronata. Acesso em: 27 jul. 2016)

Lembro-me também que minha avó me levava para roça para ajudá-la a trazer madeira para cozinhar no seu fogão que funcionava a lenha no fundo da casa onde morávamos em Valente.

Naquela época, nas lembranças da minha infância, rememoro que minha avó Neguinha já não vivia mais na roça com meu avô. Ela morava conosco, ou melhor, vivíamos na casa dela na sede do município e meu avô ficava a semana toda na roça, vindo à cidade somente no dia da feira livre que ocorria aos sábados, situação mantida até os dias atuais.

Ao dialogar com meu pai Antônio, meses antes de seu falecimento em 1º de agosto de 2014, sobre esta situação vivida pelos meus avós paternos, ele narrou que minha avó paterna Neguinha não conseguia mais viver na roça por causa das secas constantes que assolavam e, ainda assolam, a região. Nas lembranças de meu pai, ele relatou que quando criança, por volta da década de 1940, meus avós migravam constantemente de carros de boi da roça onde viviam e se refugiavam nas margens do rio Jacuípe²⁴, numa localidade conhecida hoje como município de Gavião-BA²⁵, juntamente com outras pobres famílias rurais para fugir da seca e viviam basicamente da caça neste período e só voltavam ao lugar de origem, onde tinham uma pequena propriedade rural em Valente-BA, quando chovia.

Lembro-me que minha avó Neguinha era uma pessoa muito simples e durante a semana ela fazia chapéus e esteiras com a fibra do licuri para vender na feira livre que ocorria em Valente-BA aos sábados no centro comercial desta cidade. Além disso, ela também vendia café com leite, pão e bolo de milho numa barraca que armava neste dia de feira livre, uma atividade muito comum naquela época, o que ajudava a manter algumas despesas de nossa família.

Recordo-me que minha avó Neguinha era uma mulher trabalhadora, sempre vestida com seus vestidos florais, confeccionados com tecidos baratos, de comprimento na altura do joelho, cabelos enormes, brancos, amarrados na altura da cabeça, em formato de um coque.

²⁴ Rio caudaloso, genuinamente baiano, que banha o estado da Bahia e compõe a bacia do Paraguaçu.

²⁵ É um dos municípios abrangidos pelo Território de identidade Bacia do Jacuípe da Bahia, cuja população é de 4.561 habitantes, segundo último censo demográfico (IBGE, 2016). Localizado no semiárido, à margem direita do Rio Jacuípe, entre Nova Fátima e Capim Grosso na BR 324, Gavião fica a 242 km de Salvador e tem altitude de 312 m. Sua área é de aproximadamente 336 Km² (<http://www.baciadojacuipe.com.br/gaviao/>).

Rememoro que minha avó paterna tinha costumes simples, não tinha estudos e sempre usava uma “rodia”²⁶ na cabeça para levar os objetos pesados para casa como, por exemplo, compras, roupas lavadas no açude da cidade²⁷ e lenha, um hábito muito comum entre as mulheres sertanejas para carregar os objetos. Ao invés de levarem nos braços, usam a cabeça para isso. O jeito de ser de minha avó caracterizava bem as pessoas que moravam nos espaços rurais e nas pequenas cidades do interior do nordeste brasileiro.

Narrar sobre a professora que sou é mergulhar nas lembranças do passado, num processo de travessias, onde o presente e o passado se fundam e “A todo momento, os acontecimentos passados da história de vida são submetidos a uma interpretação retrospectiva [...]” (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 221). A partir desse movimento retrospectivo, dou outros significados à vida, à minha formação e à atuação profissional, a partir de uma reflexividade das minhas mobilidades, pois tornar-me professora de Geografia está diretamente ligada com as aprendizagens decorrentes dos meus processos de mobilidades geográficas e das mobilidades sociais e culturais decorrentes dos deslocamentos vividos e experienciados ao longo de minha vida pessoal e profissional.

Parte do desejo de minha mãe em migrar do Território do Sisal (Valente) para o Portal do Sertão (Feira de Santana) era justificado pela aproximação do meu avô materno Juca (*in memoriam*) e de alguns tios maternos que já moravam em Feira de Santana-BA. Além disso, minha mãe vislumbrava a possibilidade de mobilidade social, através da educação, para mim e meus irmãos.

Em Feira de Santana-BA havia grandes escolas públicas, uma melhor educação, quando comparada com a minha cidade natal, onde os professores só possuíam o curso de Magistério e, em Feira de Santana, muitos professores já estavam fazendo licenciatura, pelo menos durante aquele período escolar, correspondente ao ensino fundamental II, mas muitos também não tinham a formação em nível superior, aspecto muito comum naquela época, mudado somente a partir da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira Nacional, a Lei

²⁶ Era um artefato confeccionado a partir de um pano torcido, em forma de círculo, para apoiar o peso na cabeça.

²⁷ Na década de 1970, era muito comum as famílias levarem as roupas para lavar na beira do açude (barragens artificiais ou naturais onde a água era retida) porque não tínhamos, naquele período, água encanada/tratada por estações de tratamento.

9.394, promulgada em 1996, que passou a exigir formação específica para o exercício profissional docente.

Infelizmente, a preocupação com a nossa formação escolar e profissional nunca foi visível nas narrativas e atitudes de meu pai, exceto nos últimos dias de sua vida, cerca de dois meses antes de ele falecer, em agosto de 2014, quando fiz um vídeo narrativo para guardar de lembrança algumas de suas memórias e conselhos para serem socializados depois de seu falecimento com meus irmãos e sobrinhos, pois sabia que sua saúde ficava cada dia mais frágil, ao lutar contra um carcinoma tubular²⁸ que consumia a sua vontade de viver.

Eu sabia que o vídeo narrativo seria uma maneira de imortalizar a presença de meu pai em nossas vidas. Nesta gravação em vídeo, de quase 2 (duas) horas, meu pai afirmou a importância dos estudos na vida de uma pessoa, socializando comigo sonhos deixados no passado que não conseguiu realizar e que, se pudesse voltar no tempo, faria tudo diferente, principalmente no que diz respeito à sua formação profissional. Segundo meu pai, ele estudaria para ser professor, profissão esta que ele achava linda e gratificante porque o profissional estuda e aprende para ensinar outras pessoas! Foi neste momento que percebi que conquistei a profissão tão sonhada e desejada por ele, fato nunca antes socializado com ninguém da família porque ele era uma pessoa de poucas conversas. Fiquei surpresa, emocionada e feliz com a narrativa do meu pai!

No período de vivência no espaço rural de Feira de Santana, meu pai estava desempregado e sugeriu a minha mãe que tirássemos da escola para reduzir as despesas com transporte da roça para a cidade para estudar diariamente, tendo em vista que ela ganhava pouco com a venda de produtos de beleza e confecções, atividades realizadas por minha mãe Elisete desde quando morávamos em Valente para ajudar no orçamento doméstico até ela realizar o curso profissionalizante de cabeleireira e abrir seu próprio salão de beleza.

Mesmo contrariando o meu pai e, apesar das dificuldades financeiras enfrentadas por nossa família, minha mãe não nos tirou da escola da cidade e economizávamos no que podíamos, sobretudo com o transporte, fazendo parte do percurso a pé entre o lugar que morávamos e estudávamos naquele período. Lembro-me das incansáveis caminhadas entre a roça que morávamos e o último

²⁸ Um tipo de câncer.

ponto de ônibus no espaço rural, além das longas caminhadas entre o ponto de ônibus onde descíamos na cidade de Feira de Santana, próximo ao Feira Tênis Clube, centro da cidade, e a escola que estudávamos, localizada no final da Avenida Maria Quitéria, uma região próxima ao Shopping Boulevard, sentido direção norte do anel do contorno de Feira de Santana.

Lembro que percorríamos a pé uma distância enorme para economizar. Era um sofrimento! Como foi difícil aquele período! Eu chorava muito porque era uma realidade que, até então, não fazia parte de nossas vidas.

Em Valente, tudo era perto, sem muitos deslocamentos, exceto quando vínhamos para Feira de Santana visitar os parentes de minha mãe nos últimos anos da década de 1970 porque a estrada, naquele período, não era asfaltada. Lembro que a viagem entre Valente e Feira de Santana durava muito tempo porque a estrada era de chão batido, sendo depois asfaltado, o que reduziu o período de viagem, melhorando o conforto com o deslocamento entre as duas cidades.

Das lembranças da escola, recordo-me que sempre fui boa aluna, estudiosa, apesar de ser muito tímida. Fiz o pré-escolar aos cinco anos e aos seis anos a alfabetização em Valente. Aos sete anos, quando chegamos a Feira de Santana, no final dos anos de 1970, fui para a primeira série do ensino fundamental e lembro-me que a primeira escola que estudei em Feira de Santana não queria me receber porque estava fora de faixa etária, tendo um ano a menos que meus colegas, mas mesmo assim, por insistência de minha mãe, a escola me aceitou e efetivamos minha matrícula.

As melhores recordações escolares que tenho remetem à primeira escola que estudei em Feira de Santana, a antiga Escola de Menores, localizada na Avenida Maria Quitéria, um prédio hoje ocupado pela Associação de Proteção a Infância (API). A escola de Menores mudou de nome para Escola Estadual Góes de Farias, locada atualmente num outro prédio situado nas proximidades do Shopping Boulevard em Feira de Santana, uma edificação construída com um desenho arquitetônico diferente do antigo prédio que possuía muitas árvores em volta das salas de aula. O espaço físico antigo, onde estudei, era surpreendentemente enorme, convidativo, aconchegante.

Como não tínhamos uma condição financeira boa, sempre estudei com pouquíssimos livros nas escolas públicas por onde passei. Infelizmente, naquela

época, o contexto educacional era diferente e não havia o Plano Nacional do Livro Didático (PNLD)²⁹.

Aos 14 (quatorze) anos de idade minha mãe me estimulou a fazer o curso profissionalizante de Magistério em nível médio, concluído em 1988, afirmando que filho de pobre tinha que ser professor. Esta narrativa de minha mãe Elisete me faz lembrar de Arroyo quando diz que:

O magistério primário, básico foi se configurando na medida exata da configuração dos setores populares. Esta é uma das marcas. Em nossa história de pouco mais de um século de consolidação da Instrução pública a maioria das professoras e professores têm como origem os setores populares e as camadas médias baixas. Essa tendência vem dos primórdios da instrução primária e se afirma nas últimas décadas. Salário de professor(a) nunca foi para filho(a) de quem tem posses e dinheiro (ARROYO, 2009, p. 125).

E, como não tínhamos posses, nem dinheiro, eu tinha que ser professora mesmo!

Como não havia o segundo grau, hoje ensino médio, na antiga Escola de Menores, onde estudei da primeira a oitava série do 1º grau, hoje ensino fundamental, fui obrigada a migrar para outra escola, realizando uma nova travessia, sair de uma escola menor para outra de formação de professores em nível médio, reconhecida, naquela época, como um grande polo de formação de professores na região, o Instituto de Educação Gastão Guimarães (IEGG)³⁰.

No IEGG, fiz poucas amizades, mas as lembranças não são tão carinhosas, talvez pelo fato de ser uma escola enorme, onde reunia, naquela época, não somente pessoas oriundas e residentes em Feira de Santana, mas estudantes

²⁹ O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é o mais antigo dos programas voltados à distribuição de obras didáticas aos estudantes da rede pública de ensino brasileira e iniciou-se, com outra denominação, em 1929, mas foi a partir dos anos de 1970 que o Ministério da Educação implementou o sistema de coedição de livros com editoras nacionais. Ao longo desses 80 anos, o programa foi aperfeiçoado e teve diferentes nomes e formas de execução. Atualmente, o PNLD é voltado à educação básica brasileira, tendo como única exceção os alunos da educação infantil. Foi a partir do Decreto nº 91.542, de 19/8/85 que o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) teve diversas mudanças, como por exemplo, a indicação do livro didático passou a ser feita pelos professores. (Disponível em: <http://www.fnnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-historico>. Acesso em: 10 fev. 2017).

³⁰ Instituto de Educação Gastão Guimarães – IEGG é uma instituição de ensino público na cidade de Feira de Santana que tinha como objetivo formar professores para atuar na educação dos anos iniciais até década de 1990. Após a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei 9394/96, o curso de Magistério em nível médio foi extinto, mas, ainda hoje, oferece a educação básica à população da cidade de Feira de Santana.

vindos de outros municípios vizinhos. No período que estudei no IEGG, lembro-me da preocupação dos professores para sermos bons professores dos anos iniciais.

Em 1989, eu me preparei para o vestibular, sendo aprovada no curso de Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), ingressando no primeiro semestre de 1990 e concluindo em dezembro de 1994, com colação de grau em março de 1995.

Durante a minha graduação em Licenciatura em Geografia, tive que voltar a morar em Valente em 1992 e as travessias se tornaram cotidianas, migrando diariamente, percorrendo aproximadamente 228 km diários, para terminar o curso de Geografia em Feira de Santana, pois, ainda em processo de graduação, fui submetida a concurso público em 1992, sendo nomeada em abril de 1993 para ocupar o cargo público docente na educação básica pela Secretaria de Educação e Cultura do estado da Bahia (SEC) no município de Valente.

Ao assumir a sala de aula em abril de 1993, no Colégio Estadual Wilson Lins, tive que realizar outra travessia, conciliar a condição de discente-docente, pois durante o dia estudava em Feira de Santana na UEFS e lecionava a noite em Valente. Era difícil estudar num município, morar e trabalhar em outro!

Recordo-me que o exercício docente no turno noturno favoreceu a reafirmação da escolha profissional porque trabalhava com alunos adultos, na sua maioria formada por pais e mães de família, trabalhadores braçais que precisavam de estudos para melhorar de vida e permitir certa mobilidade social e cultural por via do acesso da educação.

É do Colégio Estadual Wilson Lins que trago as melhores experiências profissionais, seja como professora de Geografia dos ensinos fundamental e médio, seja como professora de Metodologia da Geografia, disciplina específica do curso profissionalizante de Magistério em nível médio, ofertada até o ano de 2005 nesta escola. Essas vivências profissionais nesta escola pública em Valente foram significativas e contribuíram enormemente para a construção da minha identidade e atuação profissional como professora do ensino superior, sobretudo nos cursos de Licenciatura em Pedagogia e em Geografia da UNEB, *Campus XI*, Serrinha, quando assumi em março de 2009 a função de professora formadora para trabalhar com as disciplinas de Metodologia do Ensino de Geografia, Prática de Ensino I, II, IV e Estágio Supervisionado em Geografia I e II.

Além dessas experiências decorrentes do exercício profissional, realizei cursos de formação continuada em outros municípios e assumi cargos como de vice-diretora, diretora e coordenadora da área de Geografia que muito contribuíram para melhorar a minha atuação docente, tanto na educação básica como no ensino superior e, principalmente, me possibilitou escrever o enredo das histórias de vida e de formação de 6 (seis) professores universitários oriundos de contextos rurais.

Foram nos deslocamentos geográficas, sobretudo entre os municípios de Valente a Feira de Santana / Feira de Santana a Valente que me tornei a professora que sou e estes ocasionaram outras mobilidades geográficas, sociais e culturais e me conduziram a narrar as histórias de travessias de professores universitários que, assim como eu, se constituíram docentes nos processos de mobilidades geográfica, social e cultural.

2.3 Entre o Portal do Sertão e o Território do Sisal, assim me fiz professora

Foram muitas as experiências formativas e profissionais e, por mais marcantes que sejam, sempre serão insuficientes para expressarem a professora que tenho me constituído no decorrer desses anos.

Quando mergulho na minha memória para buscar o tempo e o espaço que demarcam travessias e que me trazem até o curso de doutorado, percebo que a mobilidade espacial realizada no ano de 2003 de Valente para Feira de Santana foi marcante para o aprimoramento da minha profissão, bem como para outros processos de mobilidade social e cultural.

Após um ano morando em Feira de Santana-BA, em janeiro de 2005, por razões pessoais, sou obrigada a retornar, mais uma vez, ao município de Valente-BA e constituir residência lá. A mudança ocorreu também para assumir a função de coordenadora pedagógica de Geografia de 5^a à 8^a séries/6^o ao 9^o ano do ensino fundamental pela Secretaria Municipal de Educação (SEMEC) de Valente-BA, a convite do gestor municipal, atividade que realizava uma vez por semana, com encontros semanais com os professores da rede municipal que atuavam com a Geografia escolar nas escolas localizadas na sede e no espaço rural deste município. Além disso, fui indicada também a assumir o cargo de diretora do maior colégio público estadual deste município – o Colégio Estadual Wilson Lins – onde já

havia trabalhado como docente entre abril de 1993 a dezembro de 2003. Para mim, foi uma decisão muito difícil porque já tinha moradia em Feira de Santana-BA e desejava ampliar meus conhecimentos, pois “O ser humano pode ser entendido como um projeto inacabado que tem a oportunidade de construir-se no dia-a-dia” (ABRAHÃO, 2006, p. 166), mas, por forças maiores, acabei aceitando os cargos e atuei nos mesmos até dezembro de 2006.

Quanto à função exercida como coordenadora pedagógica da área de Geografia na SEMEC de Valente-BA posso considerar que foi um trabalho maravilhoso porque pude desenvolver atividades formativas e conviver com professores não-licenciados/graduados, que possuíam apenas o curso de Habilitação em Magistério em nível médio, mas com muita prática docente, interesse e compromisso com a educação. Foi uma excelente experiência sócio-profissional porque aprendi muito com a troca de saberes, sobretudo com aqueles que lecionavam em escolas localizadas em contextos rurais do município de Valente-BA. Esta experiência profissional agregou saberes em muitas ações docentes, sobretudo pedagógicas e administrativas quando assumi a função de gestora do Colégio Estadual Wilson Lins, entre os anos de 2005 e 2006.

Em novembro do ano de 2005 foi implantada uma unidade da Faculdade de Tecnologia e Ciência (FTC), promovendo cursos de licenciatura a distância na cidade de Valente-BA. Na oportunidade, fui selecionada para atuar como tutora acadêmica/professora prática do curso de Licenciatura em Geografia na modalidade de Educação a Distância (EaD), mantendo a função até dezembro de 2008.

Esta experiência profissional na FTC em Valente-BA permitiu adquirir também novos conhecimentos, promover cursos de extensão, orientar trabalhos e fazer parte de bancas julgadoras de trabalhos de conclusão de curso, ajudar a inserção de muitos discentes na era digital e contribuir com o processo formativo de muitos professores de Geografia, atuando hoje em vários municípios que formam o Território de Identidade do Sisal, como Valente, Santa Luz, São Domingos e Retirolândia, tanto em escolas da sede, como em escolas localizadas nos espaços rurais destes municípios, mesmo porque muitos destes professores em formação naquele período eram ex-alunos e ex-moradores de territórios rurais e alguns também já lecionavam a disciplina Geografia nos anos finais do ensino fundamental em escolas localizadas em contextos rurais nos seus respectivos municípios de origem.

A partir dessas experiências formativas na FTC – EaD do polo Valente-BA comecei a desejar o exercício docente no ensino superior numa instituição pública. Ser professora de uma universidade pública se constituía, naquele momento, a principal meta a seguir, uma importante travessia profissional a fazer. E, com este intuito, concomitantes à gestão escolar, à coordenação pedagógica na SEMEC-Valente-BA e a atuação como professora tutora na FTC de Valente, concluí o curso de Pós-graduação em Metodologia do Ensino de Geografia na cidade de Feira de Santana-BA, em abril de 2006, pela Faculdade Internacional de Curitiba (FACINTER), em parceria com o Instituto Brasileiro de Pesquisa e Extensão (IBPEX), tornando-me especialista e em dezembro deste mesmo ano pedi remoção mais uma vez para Feira de Santana-BA para ir em busca de uma melhor educação em espaços escolares para o meu único filho e do desejo de ser professora de uma universidade pública, o que foi efetivado através de seleção pública para professor substituto na UNEB/*Campus XI* no final de dezembro de 2008, onde atuo desde março de 2009, ministrando os componentes curriculares Estágio Supervisionado, Prática de Ensino em Geografia e Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) I e II nas turmas de Licenciatura em Geografia e Fundamentos Teóricos Metodológicos da Geografia no curso de Pedagogia.

Na UNEB, passei a atuar também como professora executora no curso de extensão universitária “Linguagem Cinematográfica e Formação Docente: Histórias de Vida, Memórias e Narrativas (Auto)Biográficas”, que se constituiu como uma valiosa experiência, ao me debruçar nas leituras sobre o método (auto)biográfico, o que me possibilitou investigar a representação da escola e da docência em cinco obras fílmicas, resultando na dissertação intitulada “Desenhos da Escola e da Docência nas obras cinematográficas” (OLIVEIRA, 2011), apresentada ao PPGDCI/UEFS.

As questões ligadas às práticas de ensino, metodologia, formação e atuação docente sempre foram muito fortes no meu percurso profissional, levando-me a participar e apresentar trabalhos em diferentes circuitos acadêmicos, como o CIPA, ENDIPE, ENPEG, EPENN, ENG, dentre outros no âmbito local, como SEMOC, SETRANS, regional, nacional e internacional, e exercer a profissão em outros espaços como a do PARFOR³¹, no município de Serrinha-BA.

³¹ O Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR é um Programa emergencial, na modalidade presencial, instituído para atender o disposto no artigo 11, inciso III do

O PARFOR se constituiu também como um importante tempo e espaço de novas aprendizagens formativas porque me propiciou vivenciar o cotidiano escolar de professores que lecionavam em escolas rurais, sobretudo aqueles que faziam o deslocamento diário da cidade (local de moradia) para a roça (local de trabalho). Foi neste espaço de formação que pude vivenciar práticas de professores rurais que nasceram, vivem e trabalham nas escolas rurais, ao realizar visitas de estágio, em 2013, em diferentes localidades rurais dos municípios que formam a região do Território do Sisal.

Outro momento bastante formativo e que me deixou ainda mais interessada por este objeto de pesquisa desta tese foi a de vivenciar a função de coordenadora de área do PIBID³² no subprojeto “Formação docente e Geografia escolar: das práticas e saberes espaciais à construção do conhecimento geográfico” (BATISTA; OLIVEIRA; PORTUGAL, 2013) entre os anos de 2013 e 2015.

No PIBID tive a oportunidade de trabalhar com alunos, professores em formação inicial em Geografia e professores supervisores já graduados que moravam e exerciam a profissão docente em espaços rurais, nas escolas parceiras, atendidas pelo subprojeto que coordenávamos, o que potencializou ainda mais a minha vontade por esta pesquisa e escrever o enredo desta tese.

Foi transitando no PPGEduc, tendo contatos com mestrandos e doutorandos especiais e regulares, entre os semestres de 2012.1 e 2012.2 que pude agregar

Decreto nº 6.755, de 29 de janeiro de 2009 e implantado em regime de colaboração entre a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), estados, municípios, o Distrito Federal e as Instituições de Educação Superior (IES). O Objetivo do PARFOR é induzir e fomentar a oferta de educação superior, gratuita e de qualidade, para professores em exercício na rede pública de educação básica, para que estes profissionais possam obter a formação exigida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e contribuam para a melhoria da qualidade da educação básica no País. O PARFOR atende, sobretudo, professores licenciados que estão em exercício há pelo menos três anos na rede pública de educação básica e que atuam em área distinta da sua formação inicial. (Disponível em: <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/parfor>. Acesso em: 10 mar. de 2013).

³² O PIBID é o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência que concede bolsas para estudantes de licenciatura, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. O programa tem como principais objetivos: 1) Incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica; 2) contribuir para a valorização do magistério; 3) elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre educação superior e educação básica; 4) inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem; 5) incentivar escolas públicas de educação básica, mobilizando seus professores como cofomadores dos futuros docentes e tornando-os protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério; e 6) contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura. (Fonte: <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>. Acesso em: 10 jun. 2016)

outras aprendizagens, num processo de interlocução entre colegas de turmas e professores do programa, principalmente quando cursei as disciplinas “Abordagem (Auto)biográfica e Formação de Professores-Leitores” e “Educação, Subjetividade e Formação” em 2012, cujas experiências acenderam, ainda mais em mim, o desejo por leituras que versassem sobre pesquisas (auto)biográficas.

Tendo em vista as experiências vivenciadas durante a minha trajetória de vida-formação-profissão, sobretudo minha atuação profissional docente na UNEB-*Campus XI*, Serrinha-BA e em outros espaços educativos superiores, percebo o quanto as minhas histórias se relacionam com o objeto de pesquisa deste estudo de doutorado, pois muitas dos fatos e acontecimentos narrados pelos professores Antônio Dias, Áurea Pereira, Claudene Rios, Edite Maria de Faria, Fábio Josué dos Santos e Janeide dos Santos sobre seus percursos de vida e trajetórias de formação têm relação com o que já vivi em algum momento da minha vida, permitindo-me analisar o vivido para me (re)inventar, dando novos sentidos à vida e à profissão docente.

Inventar a vida produzindo sentidos à vida é inventar a si mesmo inventando mundos possíveis. Inventar/criar, são deslocamentos que possibilitam, do ponto de vista da subjetividade, a transformação; ao mesmo tempo que, do ponto de vista das representações, remetem a processos de re-significação do vivido (PÉREZ, 2006, p. 179).

Pérez (2006) me faz acreditar que a vida é um maravilhoso alvitre. Portanto, a nossa história, a minha e a dos professores protagonistas do enredo que compõe esta tese, se constitui como uma grande invenção que surge a partir das narrativas de vida que são (re)construídas no alicerce dos fatos reais, interpretados em função do momento presente e das perspectivas futuras.

Desse modo, diante dos fragmentos mais importantes da minha vida-formação-profissão justifico a escolha pelo objeto aqui apresentado nesta tese e reafirmo que ele tem me inquietado, levando-me a repensar a minha prática docente no ensino superior, pois é neste imbricamento entre as minhas mobilidades geográfica, social e cultural e o objeto desta investigação que percebo o quanto cada um de nós (re)constrói relações no espaço onde vive, estuda e trabalha e fazem diferentes percursos para chegar a um certo lugar de modo transformado, reinventado, pois “O primeiro momento de transformação de uma vivência em experiência inicia-se no momento em que prestamos atenção ao que passa em nós

e/ou na situação na qual estamos implicados, pela nossa presença [...]” (JOSSO, 2007, p. 434).

Assim, posso afirmar que as vivências formativas promovidas pelos deslocamentos geográficos e a construção das redes de relações nesses processos implicaram em mobilidades sociais e culturais, agregaram experiências e sentidos à minha profissão docente e me fizeram reafirmar o que sou: professora formadora numa universidade pública no interior do estado da Bahia.

3. *GEO(BIO)TRAVESSIAS:* conceitos, caminhos e escolhas

Construir pontes, derrubar muros e pensar outras possibilidades teórico-metodológicas [...] tem sido desafios que nos lançamos cotidianamente. De certo que, as possíveis aproximações entre pesquisa narrativa, mediante a dimensão colaborativa das trajetórias (auto)biográficas dos sujeitos que habitam o território rural, tem nos ensinado a compreender o lugar da memória e a memória do lugar na educação rural .

Souza (2012b, p. 53)

Neste capítulo, a minha intenção é apresentar e justificar a opção pelo método (auto)biográfico adotado nesta pesquisa e a importância para a compreensão das *geo(bio)travessias*, a partir da escolha das fontes e procedimentos utilizados na recolha de informações, cujos dados foram analisados de modo a compreender os processos de mobilidade geográfica, escolar e social de 6 (seis) professores que vivenciaram a escolarização em escolas rurais, migraram para a cidade e, nesses percursos, tornaram-se professores universitários.

O grupo de colaboradores é constituído por 6 (seis) professores com formações iniciais diferentes, sendo 4 (quatro) mulheres e 2 (dois) homens, cujas idades variam entre 41 e 71 anos. Esta composição, na qual o gênero feminino aparece com supremacia retrata a questão histórica da feminização do magistério brasileiro na educação básica, embora o censo do INEP (2014) apresente dados recentes que retratam que a maioria dos professores atuando em diferentes universidades brasileiras seja constituída por homens, cerca de 54% do total, embora na região Nordeste este percentual seja de 51,84% e, no estado da Bahia, este dado é ainda menor, perfazendo cerca de 48,21% constituídos por homens. Desse modo, podemos afirmar que a maioria dos professores, atuando nas diferentes universidades baianas, seja constituída por mulheres.

Embora esta tese não tenha a intenção de focar nesta discussão de gênero, ela emerge na ocasião da busca dos colaboradores. A partir dos critérios estabelecidos para a escolha destes, foram consultados/convidados 12 (doze) professores, dos quais, 8 (oito) aceitaram a proposta e a maioria era constituída por mulheres. Deste universo, foram selecionados 6 (seis).

As 4 (quatro) mulheres, professoras protagonistas do enredo desta história, possuem idades que variam entre 41 e 50 anos de idade e atuam na UNEB, mas em *Campi* diferentes. Já os dois professores colaboradores do sexo masculino possuem 41 e 71 anos de idade e atuam em instituições diferentes. Um deles é da UNEB e o outro é da UFRB, como fica exposto no quadro 1 – Perfil biográfico dos colaboradores da pesquisa.

Todas as professoras, interlocutoras nesta pesquisa, nasceram no estado da Bahia, possuem diferentes formações iniciais. Uma é licenciada em Matemática com 22 (vinte e dois) anos de atuação profissional; outra é graduada em Pedagogia com 16 (dezesseis) anos de exercício docente no ensino superior; uma com formação inicial em Letras Vernáculas com 12 (doze) anos atuando na IES; e a outra com

graduação em Geografia com 8 (oito) anos de docência, atuando na formação inicial de professores.

Quadro 1: Perfil biográfico dos professores-colaboradores³³

Professor (a)	Gênero	Idade	Naturalidade	Município onde reside	Formação Inicial	Instituição onde trabalha	Tempo de atuação na IES / Carga horária
 Antônio Dias	M	71 anos	Boquim – SE	Salvador-BA	Bacharel em Filosofia e em Comunicação	UNEB / <i>Campus I</i> Salvador	37 anos 40 h de trabalho
 Áurea Pereira	F	50 anos	Sátiro Dias-BA	Alagoinhas-BA	Licenciada em Letras Vernáculas	UNEB / <i>Campus II</i> Alagoinhas	12 anos 40 h de trabalho
 Claudene Rios	F	49 anos	Ipirá – BA	Feira de Santana-BA	Licenciada em Matemática	UNEB / <i>Campus XI</i> Serrinha	22 anos 40 h de trabalho
 Edite Maria de Faria	F	44 anos	Maragogipe-BA	Salvador-BA	Licenciada em Pedagogia	UNEB / <i>Campus XIV</i> Conceição do Coité	16 anos 40 h de trabalho
 Fábio Josué dos Santos	M	41 anos	Amargosa-BA	Amargosa-BA	Licenciado em Pedagogia	UFRB / Amargosa	18 anos D.E de trabalho
 Janeide dos Santos	F	41 anos	Irará-BA	Feira de Santana-BA	Licenciada em Geografia	UNEB / <i>Campus XI</i> Serrinha	8 anos 40 h de trabalho

Fonte dos dados: Memorial Acadêmico e Entrevista Narrativa concedida entre 2014 a 2015.

Fonte das imagens dos colaboradores: <https://www.facebook.com>. Acesso em: 05 fev. 2016.

Elaboração: Simone Santos de Oliveira, 2016.

³³ As imagens dos colaboradores foram autorizadas mediante o Termo de Concessão de Imagem e Identificação (Apêndice G).

A professora licenciada em Letras Vernáculas nasceu em Alagoinhas-BA em 18 de julho de 1966, mas foi registrada em Sátiro Dias-BA, mora e trabalha em Alagoinhas-BA. A docente licenciada em Matemática nasceu em Ipirá-BA no dia 23 de fevereiro de 1968, reside em Feira de Santana-BA e trabalha em Serrinha-BA. A graduada em Licenciatura em Pedagogia nasceu em Maragogipe-BA em 25 de setembro de 1972, mora em Salvador-BA e trabalha em Conceição do Coité-BA. A professora com formação inicial em Licenciatura em Geografia nasceu em Irará-BA no dia 8 de julho de 1975, possui residência em Feira de Santana-BA e trabalha em Serrinha-BA.

Os dois interlocutores do sexo masculino possuem formações iniciais diferentes, um deles é bacharel que possui duas graduações – Filosofia e Comunicação e o outro é licenciado em Pedagogia. O professor bacharel nasceu no estado de Sergipe, no município de Boquim-SE, no dia 12 de novembro de 1945, mora e trabalha em Salvador e exerce a profissão docente há 37 (trinta e sete) anos. Já o professor licenciado em Pedagogia nasceu em Amargosa-BA em 26 de outubro de 1975 e atua na formação de professores há 18 (dezoito) anos.

3.1 (Auto)biografia: método para compreender as *geo(bio)travessias*

A travessia metodológica que sustenta esta pesquisa está ancorada na abordagem (auto)biográfica, centrada nos percursos de vida e trajetórias de formação de professores oriundos do espaço rural.

As histórias de vida e/ou narrativas (auto)biográficas de professores têm ganhado cada vez mais espaço nas pesquisas educacionais, seja como metodologia de pesquisa, prática de formação e investigação ou investigação-formação porque os estudos (auto)biográficos trazidos pela memória do tempo passado transportam para o presente as marcas históricas do tempo e do espaço vividos pelos sujeitos ao longo dos anos, possibilitando a ressignificação das aprendizagens adquiridas para a compreensão das escolhas feitas, das situações experienciadas.

A narração da própria vida se caracteriza como uma expressão de maior interioridade, singularidade e afirmação de si, uma vez que:

[...] confissões, autobiografias, memórias, diários íntimos, correspondências traçariam, para além de seu valor literário

intrínseco, um espaço de autorreflexão decisivo para a consolidação do individualismo como um dos traços típicos do ocidente. (ARFUCH, 2010, p. 36)

Sobre o uso da (auto)biografia como abordagem metodológica, Bueno (2002), afirma que este método foi “[...] amplamente empregada nos anos 1920 e 1930, pelos sociólogos da Escola de Chicago, animados com a busca de alternativas à sociologia positivista”, embora tenha ficado no esquecimento nas décadas posteriores por causa da “[...] preponderância da pesquisa empírica entre os sociólogos americanos”. (BUENO, 2002, p. 17)

Na contemporaneidade, enquanto prática de investigação, as histórias de vida e as narrativas (auto)biográficas têm contribuído de forma significativa no processo de compreensão dos modos como nos constituímos professores, tendo a memória como um legado do que foi vivido e que, a partir da narração das experiências vividas, a pessoa que narra faz uma autorreflexão que “[...] transforma uma narrativa privada em uma narrativa civil, na qual o narrador, ao buscar compreender a sua historicidade, faz uso de suas margens de manobra reais para inserir sua ação na História”. (PASSEGGI, 2011a, s/p.)

O trabalho com (auto)biografias é considerado por muitos autores que pesquisam a docência, à exemplo os estudos de Souza (2006a), como um campo fecundo de investigação e de grande potencial para os estudos na área da educação porque esta abordagem tem permitido aos sujeitos a ressignificação das lembranças que comportam a subjetividade e a singularidade, possibilitando-os uma reflexão das experiências vivenciadas ao longo de sua trajetória de vida e de formação, exaltando não só a pessoa, mas também, e, principalmente, o(a) profissional.

Souza (2006a) salienta também que a (auto)biografia se configura como um tipo de abordagem de pesquisa qualitativa que “[...] possibilita apreender de um outro lugar as aprendizagens que foram construídas ao longo da vida e potencializá-las no percurso de formação” (p. 136) e de atuação docente, uma vez que o seu uso “implica o resgate da história pessoal, cujo relato atualiza visões de si e do mundo”. (SCOZ, 2011, p. 26-27)

Assim, por meio da narração de sua própria história, o professor reflete sobre suas trajetórias escolares, familiares e profissionais, ressignifica suas itinerâncias e reconstrói sua história de vida, de formação e de profissão a partir das visões que têm de si e do que o cerca, pois:

A condição biográfica designa [...] uma inversão da relação histórica entre o indivíduo e o social, na qual as consequências das dificuldades sociais e econômicas e das dependências institucionais sobre as existências individuais são percebidas como decorrentes de uma responsabilidade individual e de um 'destino pessoal'. (DELORY-MOMBERGER, 2012b, p. 31)

Deste modo, é pertinente o uso das histórias de vida neste processo de investigação para compreender as *geo(bio)travessias* de professores universitários que viveram em comunidades rurais e iniciaram as suas trajetórias de formação em escolas localizadas neste contexto.

Assim, o trabalho com trajetórias de vida e de formação se constitui como um campo fecundo para compreendermos o processo de mobilidade geográfica, social e cultural de professores que estudaram em escolas localizadas em diferentes contextos rurais, pois, na conjuntura da contemporaneidade, é necessário que adotemos novas posturas frente às rápidas e intensas transformações ocorridas na sociedade. É preciso ir além da “razão científica como o fundamental instrumento de leitura do mundo” (DURAN; SANTOS NETO, 2006, p. 96), do particular e do geral, contemplando o singular e o plural.

É nesta perspectiva de compreensão do singular e do plural da vida cotidiana, a partir das *geo(bio)travessias*, que esta investigação se insere, uma vez que analisar a trajetória de vida e de formação de professores universitários se torna imprescindível para conhecer as experiências singularidades evocadas pela memória, refletidas nos memoriais acadêmicos e reafirmadas nas entrevistas narrativas (auto)biográficas dos colaboradores desta pesquisa.

Os memoriais são considerados como um gênero textual (auto)biográfico “[...] por meio do qual o autor se (auto)avalia e tece reflexões críticas sobre seu percurso intelectual e profissional” (PASSEGGI, 2008a p. 120), pois ele é “[...] antes de tudo, um espaço-tempo de tensões contraditórias: o da injunção de falar de si e o da sedução de se reinventar pela narrativa” (PASSEGGI, 2011b, p. 20).

Para Câmara e Passeggi (2013, p. 35), os memoriais acadêmicos são aqueles que se constituem como “[...] escritas de si elaboradas por professores e pesquisadores para fins de concurso público, ingresso ou ascensão funcional na carreira docente ou outras funções em instituições de ensino superior e de pesquisa”. Já os memoriais de formação são aqueles “[...] escritos durante o

processo de formação inicial ou continuado, e concebido como trabalho de conclusão de curso no ensino superior, [...] acompanhado por um professor orientador” (*Idem; Ibidem*).

Após a seleção dos colaboradores, foi enviado, por e-mail, um convite (Apêndice B) para participar desta pesquisa que, depois de confirmada a participação dos professores, foi enviada uma carta de agradecimento com solicitação (Apêndice C) de envio de um memorial acadêmico que tivesse sido escrito e submetido a alguma instituição como dispositivo de avaliação em algum programa de pós-graduação ou em algum concurso público docente, pois, por mais que o memorial seja uma escrita reflexiva sobre os percursos de formação e de atuação profissional para justificar o possível objeto de pesquisa na pós-graduação ou uma justificativa pelo interesse ao cargo docente pretendido, esta escrita contempla elementos da história de vida pessoal, o que considerei pertinente para traçar inicialmente o perfil biográfico dos colaboradores, pois o memorial pode ser compreendido também um documento sobre uma história singular-plural que “[...] articula dialeticamente o privado e o público, o indivíduo e a sociedade”. (CÂMARA; PASSEGGI, 2013, p. 29)

Depois do recebimento dos memoriais por e-mail, foi encaminhada outra mensagem eletrônica contendo uma carta de requerimento de agendamento de entrevista (Apêndice D), solicitando aos professores protagonistas do enredo desta história que indicassem um dia e horário para a realização da entrevista narrativa.

Os memoriais e nas entrevistas narrativas se constituíram as duas fontes biográficas utilizadas nos percursos investigativos tendo em vista buscar compreender, a partir das memórias evocadas e das histórias narradas, os processos de vida, contemplando as itinerâncias (mobilidades) geográficas, sociais e culturais pelas quais passaram estes docentes que, ao narrarem seus percursos de vida e de formação, trazem consigo as reminiscências esquecidas, ou pelo menos guardadas, possibilitando-os lembrar seus percursos e suas trajetórias vividas ao longo do tempo, ao narrar (refletir) sobre as experiências, situações e as aprendizagens que marcaram as travessias pessoal e profissional no decurso de suas vidas, reafirmando assim, que “[...] o professor tem uma história de vida, é um ator social, tem emoções, [...] uma cultura, [...] e seus pensamentos e ações carregam as marcas dos contextos nos quais se inserem”. (TARDIF, 2000, p.15)

Neste contexto, a narrativa oral ou escrita se caracteriza como uma arte de evocar e de lembrar que:

[...] remete o sujeito a eleger e avaliar a importância das representações sobre sua identidade, sobre as práticas formativas que viveu, de domínios exercidos por outros sobre si, de situações fortes que marcaram escolhas e questionamentos sobre suas aprendizagens, da função do outro e do contexto sobre suas escolhas, dos padrões construídos em sua história e de barreiras que precisam ser superadas para viver de forma mais intensa e comprometida consigo próprio. (SOUZA, 2006b, p. 143)

Assim, as narrativas se constituem relevantes dispositivos para analisar as histórias de vida e as itinerâncias formativas dos professores que fizeram a travessia da roça para a cidade.

3.2 Memorial e entrevista narrativa: fontes e análise das *geo(bio)travessias*

Contar é muito dificultoso. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos [...]. (ROSA, 1986, p. 82)

Como destaca Rosa (1986) na epígrafe que abre esta seção, contar histórias, as histórias que compõem o repertório de uma vida, para muitos, não é uma tarefa fácil, principalmente a partir da escrita de memoriais acadêmicos, a qual está pautada em normas e regras estabelecidas por editais de seleção de ingresso a um programa de pós-graduação ou de inserção no quadro efetivo de uma universidade através de concurso público docente. Trata-se de um documento no qual a pessoa relata os percursos de formação, de atuação profissional e os modos como a vida foi tecida ao longo de um período. Neste processo de escrita, rememorar esses acontecimentos requer fazer escolhas de eventos e fatos biográficos que deixaram marcas na nossa identidade.

Na concessão da entrevista narrativa, narrador e entrevistador estão frente a frente, permitindo ao sujeito pesquisador perceber as emoções do narrado pelo sujeito entrevistado, através das expressões da face, do silêncio, do choro, quando

no rememorado emergem lembranças dolorosas ou que ocasionam felicidade ao ser socializado sobre as *geo(bio)travessias*, as quais envolvem os percursos de vida e de formação de professores universitários procedentes da roça.

Considerando que o conhecimento se constrói num processo de conquista gradual, a partir das experiências adquiridas no campo de pesquisa, com a interação do pesquisador com o seu objeto de estudo e com as relações com os sujeitos colaboradores da pesquisa, as histórias de vida se configuram como “Matéria-prima de uma ciência social transdisciplinar” (POIRIER; CLAPIER-VALLADON; RAYBAUT, 1999, p. 3) por compreender que este método é extremamente pertinente para investigar o processo de mobilização geográfica, social e cultural de professores universitários do estado da Bahia.

Com a intenção de contemplar os fins delimitados nesta investigação, caracterizada como uma pesquisa de caráter qualitativa, ancorada na abordagem (auto)biográfica, utilizo como método as histórias de vida, pois elas:

[...] se mostram aqui particularmente eficaz, pois essa forma de coleta de dados empíricos se ajusta à formação das trajetórias; ela permite identificar por meio de que mecanismos e processos os sujeitos chegaram a uma dada situação [...]. (BERTAUX, 2010, p. 27)

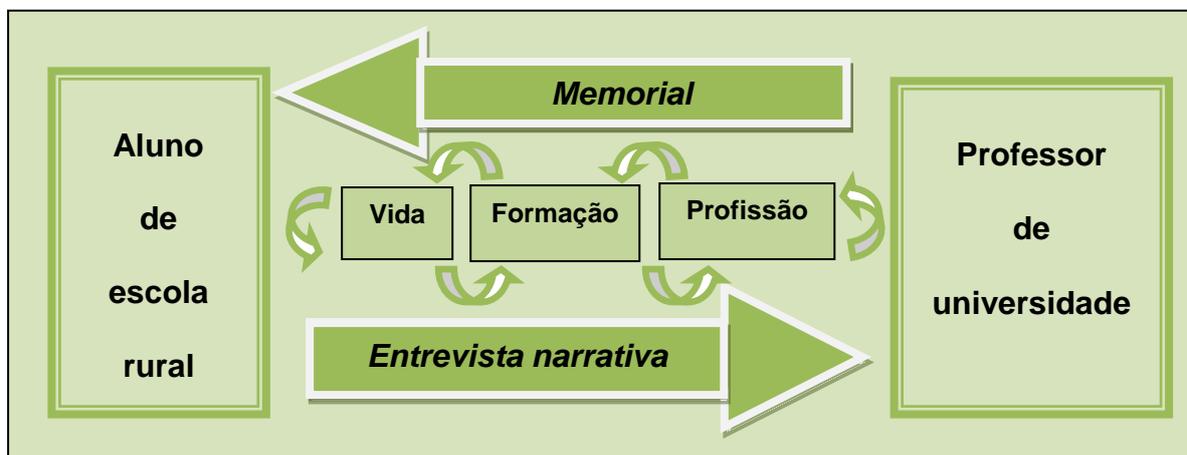
Desse modo, as narrativas se constituem como um “[...] fio de uma re-tomada de si, de sua existência e do mundo em torno de si.” (DELORY-MOMBERGER, 2011, p. 45), sobretudo para realizar a análise dos percursos de vida e das trajetórias de formação, entrelaçando os processos de mobilidade geográfica, social e cultural dos 6 (seis) colaboradores da pesquisa.

Para a recolha de dados entrecruzei duas fontes – memorial acadêmico e entrevista narrativa – para abordar três importantes elementos existenciais de um sujeito – a vida, a formação e a escolha profissional – (Imagem 2), a partir de três eixos temáticos – Histórias de vida; *Geo(bio)travessias* e Tornar-se/Ser Professor universitário.

Os três eixos temáticos – Histórias de vida; *Geo(bio)travessias* e Tornar-se/Ser Professor universitário – se inter-relacionam, pois tanto na escrita do memorial acadêmico, como na entrevista narrativa, os sujeitos colaboradores evocaram suas memórias para falar de si, do que viveu e ao fazer uso da palavra narrada ou escrita, sente a força do que foi vivido e experienciado para dar sentido a

sua vida, num processo de reflexividade biográfica sobre o que os afetam e os mobilizam, contribuindo, assim, para um novo aprender a ser.

Imagem 2 – Intercruzando fontes da pesquisa



Elaboração: Simone S. de Oliveira, 2014.

Os memoriais recolhidos como fontes foram escritos pelos professores entre os anos de 2009 e 2016, submetidos à apreciação da banca de avaliação da seleção para ingresso de aluno regular no Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade da UNEB, e no Programa de Pós-graduação em Educação da UFBA, ao concurso público docente na UNEB e à coordenação do PPGEduC como documento para compor a base de dados dos docentes deste programa para avaliação externa.

As entrevistas narrativas com os professores colaboradores foram concedidas entre os meses de dezembro de 2014 a janeiro de 2015, realizadas em 3 (três) cidades – Feira de Santana, Alagoinhas e Salvador –, conforme a disponibilidade e consentimento de cada um.

Os colaboradores foram conduzidos a narrarem seus percursos de vida e de formação a partir do seguinte enunciado:

Caro professor colaborador, mais uma vez, obrigada por ter aceitado participar da minha pesquisa intitulada 'Travessias' de aluno de escola da roça a professor de universidade: percursos de vida e trajetórias de formação. Com a intenção de investigar as trajetórias de vida e de formação de professores universitários do estado da Bahia, gostaria que você narrasse sua trajetória de vida e de formação, elencando os processos de travessias que o levaram a realizar a migração do espaço rural ao urbano, bem como seus processos de escolarização e de formação acadêmico-profissional;

qual/quais significados a roça tem na sua vida pessoal e profissional; as dificuldades encontradas nessas travessias geográficas, culturais e formativas para se tornar/ser um professor de uma universidade no estado da Bahia. Gostaria que você narrasse as suas memórias dos percursos de escolarização e as trajetórias de formação acadêmica e seu trabalho docente na universidade estabelecendo conexões entre as experiências vividas no espaço rural e a atuação docente na universidade. Tenho certeza que sua história de vida e de formação é cheia de fatos e acontecimentos marcantes. Portanto, não tenha pressa para contá-la porque não vou interrompê-lo(a). Durante a sua narração, não precisa, necessariamente, colocar os fatos e acontecimentos numa uma ordem cronológica. Você decide a ordem dos fatos que serão narrados porque você é protagonista e roteirista de sua própria história. Ao final de sua entrevista narrativa, caso ache necessário, poderei fazer alguma pergunta. A partir de agora, conte-me os seus processos de travessias. (APÊNDICE E – Enunciado da Entrevista Narrativa)

Este enunciado da entrevista narrativa permitiu ao professor colaborador narrar histórias, fatos e acontecimentos de sua vida e de sua formação, os quais me possibilitaram interpretá-los e analisá-los a partir do intercruzamento das duas fontes utilizadas nesta pesquisa e fazer uma análise interpretativa e compreensiva de suas *geo(bio)travessias*, mapeando as experiências pessoais, escolares e acadêmicas vividas em diferentes espaços.

A primeira entrevista narrativa foi realizada com a professora colaboradora Janeide dos Santos numa tarde ensolarada de 1º de dezembro de 2014, na sua residência localizada no bairro Sim, em Feira de Santana, próximo ao anel de contorno que corta esta cidade. Cheguei à casa desta professora às 15h e 38min e sai por volta das 19h. Antes de iniciarmos a entrevista, conversamos um pouco sobre algumas dimensões da vida para além da vida acadêmica. O tempo da entrevista narrativa foi de 2h e 32min. Na oportunidade, conheci as histórias que marcam a vida desta docente que foi trabalhadora do campo no município de Irará e que se tornou professora de Geografia na cidade, cujo enredo revela muita luta e superações no Território de Identidade do Portal do Sertão da Bahia.

A segunda entrevista ocorreu com a professora Claudene Rios na manhã do dia 15 de dezembro de 2014 na minha residência no bairro Mangabeira, na cidade de Feira de Santana-BA. O local para a realização desta entrevista foi uma opção desta colaboradora, pois neste dia esta professora tinha aula na educação básica no horário da tarde e, para facilitar seu deslocamento para o trabalho, optou por realizar a entrevista no meu endereço residencial. A entrevista durou 2h e 23min, o que me

oportunizou conhecer as histórias tecidas entre o escrever e o contar desta professora de Matemática, oriunda do Território de Identidade Bacia do Jacuípe.

A terceira entrevista aconteceu com o professor Fábio Josué dos Santos, numa sala do PPGEduc, no *Campus I* da UNEB, no bairro do Cabula, na cidade de Salvador, na manhã do dia 17 de dezembro de 2014, cuja duração foi de 2h e 13min. Neste dia, coincidentemente, tínhamos, à tarde, atividade no PPGEduc. Foi uma manhã prazerosa e pude conhecer as histórias, não de um matuto, nem de um tabaréu, mas de um ex-aluno da roça que se constituiu professor doutor na cidade de Salvador, que vive no Território de Identidade do Vale do Jiquiriçá e exerce a docência na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

A quarta entrevista narrativa realizada foi com o professor Antônio Dias, ocorrida na manhã do dia 19 de dezembro de 2014. O espaço destinado para a concessão dos dados sobre a história de vida deste professor foi o seu gabinete de estudo e de trabalho particular, localizado no interior de sua residência, situado no terraço da cobertura de num prédio localizado no Alto do Itaigara na cidade de Salvador-BA, cuja paisagem era composta por um dia pouco ensolarado, com formação de chuvas esparsas e ocasionais e por um verde nos arredores do prédio, constituído por uma reserva da Mata Atlântica que decorava o espaço destinado para esta entrevista com este professor na capital baiana.

Nesta data, saí de casa, em Feira de Santana, no Portal do Sertão às 6 h e 46 min e atravessei a BR 324 para chegar à Terra de Todos os Santos para conhecer a história do contabilista/filósofo/jornalista que se tornou professor, narrada em 4h e 2min de áudio. Esta entrevista foi a mais intensa e demorada porque este colaborador vivenciou um importante tempo da história política do Brasil, o momento da ditadura militar e tal episódio influenciou fortemente o modo como ele viveu/vive e as escolhas profissionais que fez e, juntamente com elas, outras vivências formativas ocorreram. E, narrar sobre sua história de vida foi um movimento de articulação entre suas vivências pessoais, formativas e profissionais com o contexto histórico pelo qual passava o Brasil entre as décadas de 1960 e 1980 do século passado, um período de implantação de ditadura militar e abertura da democracia brasileira. A história de vida pessoal deste professor está entrelaçada com uma história coletiva e pública de um país. Por isso, demandou mais tempo para narrar as reminiscências da vida, da formação e da profissão, as quais foram iniciadas no município de Boquim, no Território Sul Sergipano.

As duas últimas entrevistas narrativas, coincidentemente, ocorreram na mesma data, no dia 20 de janeiro de 2015 em dois espaços diferentes: uma aconteceu pela manhã no prédio do PPGEduc da UNEB, *Campus I*, no bairro Cabula, em Salvador-BA, e a outra, à tarde, na sala da direção do Departamento de Educação do *Campus II* da UNEB de Alagoinhas-BA.

Para realizar a quinta entrevista narrativa, com a colaboradora Edite Maria de Faria e a sexta entrevista com a professora Áurea Pereira, precisei atravessar a Baía de Todos os Santos de *ferry boat*, pois estava numa viagem social/familiar na Ilha de Itaparica nos dias que antecederam a data destas últimas entrevistas.

O dia 20 de janeiro de 2015 não tinha amanhecido quando parti da Praia de Cacha Pregos, na Ilha de Itaparica, e me dirigi à capital baiana. Na travessia da Baía de Todos os Santos, o dia amanheceu um pouco nublado, porém quente, e cheguei ao Bairro Cabula, ao *Campus I* da UNEB, antes das 8 horas da manhã deste dia.

A entrevista com a professora Edite Maria de Faria foi realizada numa sala do prédio do PPGEduc, em Salvador-BA, no começo da manhã do dia 20 de janeiro de 2015, iniciada às 9 h e 18 min, com duração de 1h e 36min, cujas narrativas se constituíram de histórias de fibra e empoderamento ocorridas entre os Territórios de Identidade do Recôncavo Baiano e o Metropolitano de Salvador.

Após a realização da quinta entrevista, saí do *Campus I* da UNEB em Salvador, com destino ao *Campus II*, em Alagoinhas, para realizar a sexta e última entrevista narrativa que estava agendada para as 14 horas do mesmo dia – 20 de janeiro de 2015 – o que me fez percorrer uma distância de 116 km entre a capital baiana e Alagoinhas, cujo trajeto se instituiu como uma travessia geográfica, ligando a BR 324 à BR 101 para conhecer as histórias de vida e de formação da professora Áurea Pereira, narradas em 2h e 26min, as quais foram estabelecidas por muitas letras iniciadas no Território de Identidade do Litoral Norte e Agreste Baiano.

No âmbito desta pesquisa (auto)biográfica, a entrevista narrativa possibilitou ao sujeito narrador uma reflexão sobre a vida, as itinerâncias de formação e as situações experienciadas nos percursos do vir a ser, do tornar-se professor. Neste contexto, esta fonte de recolha de informações que conduziu o sujeito colaborador a uma reflexão antropológica, evidenciando suas características como pessoa e sujeito histórico e, ao mesmo tempo, caracterizou-se como um dispositivo que possibilitou um momento singular de “reflexão ontológica e axiológica” (JOSSO, 2010). Foi ontológica porque permitiu ao sujeito se questionar sobre quem ele é. Foi

também um momento de reflexão axiológica porque visibilizou os eixos estruturantes e orientadores da existência do sujeito narrador, pois as “recordações-referências” são decisivas e simbólicas no momento de (re)orientação de uma vida, pois ao:

Elaborar a sua narrativa de vida e, a partir daí, separar os materiais, compreendendo o que foi a formação para, em seguida, trabalhar na organização do sentido desses materiais ao construir uma história, a sua história, constitui uma prática de encenação do sujeito que se torna autor ao pensar a sua vida na sua globalidade temporal, nas suas linhas de força, nos seus saberes adquiridos ou nas marcas do passado, assim como na perspectiva dos desafios do presente entre a memória revisitada e o futuro já atualizado, porque induzido por essa perspectiva temporal. Numa palavra, é entrar em cena um sujeito que se torna autor ao pensar na sua existencialidade. (JOSSO, 2010, p. 86)

É justamente pensando nesta existencialidade do sujeito que Souza (2011a) afirma que as pesquisas com histórias de vida têm ganhado espaço e diferentes terminologias nas ciências sociais, embora tenham considerado os aspectos metodológicos e teóricos que as distinguem como constituintes da abordagem biográfica. Uma dessas terminologias é a história de vida, empregada nos estudos e pesquisas na área de educação, conhecida como método (auto)biográfico e narrativas de formação, muito utilizadas nos processos de investigação-formação inicial e continuada de professores.

Ao tratar da história de vida como narrativa, Alarcão (2004, p. 9) afirma que ela permite “[...] remexer no passado, reordená-lo, contextualizá-lo no tempo, no espaço e no contexto de cada indivíduo, entretecê-lo na teia da história – a história de uma pessoa – e compreendê-la na sua natureza multifacetada”. Esta autora ainda coloca que:

A história de vida narra-nos a viagem ao longo da existência individual. Insere o ser biológico nos contextos físicos e sócio-culturais e reconhece a sua interatividade. Revela-nos o que aconteceu e o que, dos acontecimentos, se reteve. Dá visibilidade à personalidade da pessoa em foco, manifesta os seus anseios, as suas realizações. Mas também as suas frustrações. Revela ideias e valores. (ALARCÃO, 2004, p. 09)

É nesta perspectiva em que se inserem as histórias de vida nesta pesquisa, pois esta metodologia ajudou a compreender como os professores universitários, oriundos de contextos rurais, fizeram as “travessias” de aluno/morador da roça para professor da cidade/universidade no estado da Bahia em seus processos de

mobilidades geográfica, social e cultural, na perspectiva de buscar analisar como as *geo(bio)travessias* se constituem um processo de conhecimento e de (re)invenção de si a partir da reflexividade sobre a vida e como isso possibilita o empoderamento de professores universitários oriundos da roça, a partir da análise interpretativa e compreensiva das histórias narradas.

E, é justamente a necessidade de interpretar o narrado para além do que foi enunciado pelos professores colaboradores que utilizo as histórias de vida, as *geo(bio)travessias* e o tornar-se/ser professor universitário como importantes eixos temáticos para analisar as trajetórias de mobilidades geográfica, social e cultural de professores universitários que têm histórias de vida marcadas por diferentes vivências e experiências em contextos rurais.

Tendo em vista a delimitação deste objeto, o qual versa sobre os processos de mobilidade pelos quais passaram os professores universitários procedentes de escolas rurais, em seus processos de *geo(bio)travessias*, torna-se necessário analisar os percursos de vida pessoal e as trajetórias de formação para compreender como estes sujeitos se constituíram professores de universidades, entrelaçando as histórias de vida, as trajetórias de escolarização e de formação profissional nos mais diversos cenários geográficos.

A opção pelo memorial acadêmico como uma das fontes de recolha de dados justifica-se por entender que ele é um “[...] registro de um processo, de uma travessia, uma lembrança refletida de acontecimento dos quais somos protagonistas” (PRADO; SOLIGO, 2007, p. 55), uma vez que esta escrita singular remete o sujeito-autor a uma reflexão das experiências vivenciadas por ele e, ao mesmo tempo, favorece o pensamento reflexivo da pessoa que lê estes escritos de modo a reconstruí-los a partir das suas interpretações sobre os principais acontecimentos vividos e rememorados pelo sujeito narrador.

Desse modo, o memorial possibilita ao escritor uma tomada de consciência de si e de suas travessias, uma vez que leva o sujeito que escreve, a refletir e compreender as experiências vividas numa dimensão singular-plural, pois os memoriais, enquanto escritas reflexivas, revelam ideias e faz a quem escreve e lê estas histórias conjecturarem sobre os seus percursos realizados e projetarem tantos outros, pois “A história é feita com o tempo, com a experiência do homem, com suas histórias, com suas memórias” (PRADO; SOLIGO, 2007, p. 46).

O memorial acadêmico (PASSEGGI, 2008a; 2008b) como dispositivo metodológico de recolha de dados foi utilizado nesta pesquisa com a intenção de ter acesso às primeiras informações sobre as trajetórias de vida e de formação dos professores colaboradores. Já a entrevista narrativa, como técnica/fonte de recolha de dados, justifica-se pela sua importância e potencialidade no contexto da pesquisa (auto)biográfica porque permite ao pesquisador ter acesso às informações complementares sobre as experiências, vivências e histórias narradas pelos colaboradores participantes da pesquisa, ampliando os enredos das histórias.

As narrativas – escritas e orais – são igualmente fontes de dados porque fornecem detalhes contextuais necessários para a compreensão de um fenômeno singular, como as mobilidades geográfica, social e cultural de professores universitários, oriundos de espaços rurais.

Desse modo, ratifico que o memorial e a entrevista narrativa operaram como dispositivos metodológicos de recolha de dados nesta pesquisa, sobretudo, a entrevista narrativa, por se caracterizar como “uma forma de entrevista não estruturada, de profundidade, com características específicas” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2012, p. 95) no qual há uma presença de um esquema de narração que substitui o de pergunta e resposta, onde a influência do entrevistador é mínima, por isso, esta técnica emprega um “[...] tipo específico de comunicação cotidiana, o contar e escutar história [...]” (*Idem; Ibidem*), centrados em fases que começam com a iniciação, feita a partir de um enunciado narrativo, que se move através da narração e da fase de questionamento e termina com a fase da fala conclusiva. E, de acordo com essas fases, foi feito o registro das entrevistas narrativas individuais com os colaboradores desta pesquisa através de gravações em áudio, com a utilização do recurso de gravador de voz digital.

Assim, os memoriais acadêmicos e as entrevistas narrativas, enquanto técnicas de recolha de dados elucidaram diferentes processos de travessias a partir das histórias de vida de professores universitários que nasceram na roça, vivenciaram o processo de escolarização inicial em escolas rurais e concluíram a educação básica em escolas da cidade.

Foi operando com a análise das narrativas das histórias de vida e de formação relatadas por 6 (seis) professores universitários que viveram, estudaram em contextos rurais e continuaram seus processos de formação nas cidades que as

geo(bio)travessias surgiram como um conceito que pode contribuir para a apreensão das singularidades das histórias narradas.

A partir da análise das narrativas escritas nos memoriais acadêmicos e das entrevistas narrativas que as *geo(bio)travessias* surgiram e deram origem a *geotravessias* e *biotravessias*, principalmente quando me inspirei nos três tempos – Tempo I, Tempo II e Tempo III – da análise compreensiva-interpretativa das narrativas de Souza (2006a).

No primeiro tempo de análise das narrativas centrei na organização e leitura das histórias narradas nos memoriais acadêmicos e nas narrativas concedidas nas entrevistas para construir o perfil dos colaboradores e avançar na leitura a fim de apreender as singularidades e irregularidades das histórias de vida, dos percursos de escolarização e de formação acadêmico-profissional dos professores universitários que viveram e estudaram em escolas rurais.

O segundo tempo foi marcado pela leitura temática, destacando as *geo(bio)travessias*, os processos de mobilidades geográfica, social e cultural, cujas histórias foram construídas entre o espaço rural e a cidade, com ênfase nos processos de escolarização, escolha da profissão e formação inicial e continuada.

Já o terceiro tempo se constituiu como uma leitura analítica do *corpus*, do todo, da construção de redes de significados para compreender o tornar-se/ser professor universitário, cuja história de vida é marcada pelas vivências iniciadas no espaço rural e na escola rural.

Esses “[...] três tempos de análise são tomados numa perspectiva metodológica e mantêm entre si uma relação de reciprocidade e dialogicidade constantes” (SOUZA, 2006a, p. 79), os quais inspiraram o processo de análise das narrativas.

E foi justamente neste processo de dialogicidade entre esses tempos de análise que surgiram as *geo(bio)travessias*, conceito que será discutido na seção a seguir.

3.3 *Geo(bio)travessias*: conceito em questão

Ao consultar dois dicionários da Língua Portuguesa, me encontrei com os seguintes significados para a palavra *travessia*: “ato de atravessar região,

continente, mar [...]” (FERREIRA, 2005, p. 865) e “Ação ou resultado de atravessar região, deserto, mar [...]” (AULETE, 2009, p. 784). Portanto, travessia é o mesmo que atravessar e denota “Passar para o outro lado de; através ou por cima de; transpor [...]; passar, viver [...]” (FERREIRA, 2005, p. 114) ou “Prolongar-se ao longo do tempo [...]” (AULETE, 2009, p. 78). Desse modo, esta palavra me levou a pensar nas *geo(bio)travessias*³⁴ que fazemos ao longo de nossas vidas, uma vez que travessia implica em passagem ou mobilidade.

As *geo(bio)travessias* podem ser classificadas por vários tipos – de situações de risco, de vulnerabilidade (social, econômica e civil), de gênero, de idade, dentre outras situações – por abranger diferentes histórias de pessoas inseridas em diversos contextos, como por exemplo sujeitos que vivem em áreas violentas, de adversidades climáticas e sociais, que vivem em regiões periféricas e de difíceis acesso, mas que mudaram suas vidas através do investimento pessoal possibilitada pelo acesso à educação.

O conceito *geo(bio)travessias* é composta por três palavras – “geo”, “bio” e “travessias” – que possuem significados diferentes, mas que se inter-relacionam. A palavra “geo” indica os lugares que se constituem como cenários que dão enredo a uma história de vida. A palavra “bio” designa os diferentes modos como a vida foi/é tecida ao longo dos anos. Já a palavra “travessias” se refere às mobilidades geográficas, sociais e culturais experienciadas pelos sujeitos, possibilitando o que Pineau e Le Grand (2012) denominam de processos de “auto-re-organização permanente” praticados pelos sujeitos. Portanto, “bio” e “travessias” envolvem a discussão que versa sobre o conhecimento e (re)invenção de si decorrentes das aprendizagens construídas a partir das experiências e vivências durante um percurso/trajetória de vida nos diferentes lugares – “geo”.

Desse modo, a pessoa se constitui e se transforma num espaço e num determinado tempo de uma trajetória em que a vida pessoal se entrelaça com os percursos de formação e de profissão que são tecidos pelo fecundo trabalho em duas dimensões da vida: ser e tornar-se.

³⁴ Neologismo criado durante o processo de investigação do objeto de pesquisa neste estudo de doutoramento que deu origem a outras duas: *geotravessias* e *biotravessias*, o qual foi inspirado nos estudos de Portugal (2013), que operou com o conceito “geo(BIO)grafias”, as quais configuram-se como modos singulares de narrar a vida a partir dos lugares de enunciação [...]. Assim, as *geo(BIO)grafias* são construções biográficas que desvelam histórias de um tempo passado numa dimensão espaço-temporal do presente. (PORTUGAL, 2013, p.35)

Portanto, a constituição identitária do sujeito e as transformações ocorrem num processo de “auto-re-organização permanente” (PINEAU; LE GRAND, 2012) que envolvem as *geo(bio)travessias* e, ao mergulhar em si, lembram o vivido e experienciado, realizam uma reflexividade sobre o que viveu em seus processos de itinerância/vida e possibilitam outros modos de tecer a vida, estabelecendo caminhos de superação para as dificuldades que aparecem durante o trajeto percorrido. E, à medida que ocorrem as superações dos obstáculos, o sujeito se empodera em todos os aspectos que envolvem a vida, a formação e a profissão ao contemplar questões afetivas, socioeconômicas e culturais.

Assim sendo, as *geo(bio)travessias* se constituem como processos que abrangem histórias de vida que são tecidas nos mais diferentes cenários geográficos, sociais, econômicos e culturais que envolvem os sujeitos dos mais diversos lugares, como favelas, áreas periféricas e de riscos, bairros pobres e áreas rurais empobrecidas que possuem pouca ou nenhuma possibilidade de oferta de melhoria das condições sociais, as quais podem promover, a partir de processos de auto-re-organização, a emergência social ascendente dos sujeitos através do acesso à educação, a partir dos incentivos dos familiares e das redes de relações sociais construídas no decurso de uma vida, na pluralidade dos mundos sociais não homogêneos e contraditórios.

Entretanto, neste estudo elas se restringem às histórias de vida e às trajetórias de formação de professores universitários, oriundos de escolas rurais que atuam em universidades no estado da Bahia.

Para operar o conceito “*geo(bio)travessias*” foi necessário recorrer aos estudos de Ferrarotti (2014) e Pineau e Le Grand (2012) sobre “histórias de vida”; Souza (2004a; 2004b; 2006a, 2006b; 2008b) sobre o “conhecimento de si”; de Delory-Momberger (2012a; 2012b; 2014) e Passeggi (2011b) sobre a “(re)invenção de si”; de Josso (2010) sobre “experiências de vida e formação”; a Bourdieu (2013) sobre “capital social e cultural” e Lahire (1997) quando defende a ideia de que os sujeitos se constroem no contexto de uma pluralidade de mundos sociais não homogêneos e, muitas vezes, contraditórios, como a dos sujeitos oriundos das camadas mais populares, para fundamentar o argumento tese defendido neste estudo – As mobilidades geográficas, sociais e culturais (*geo(bio)travessias*) se constituem como importantes movimentos que proporcionam aprendizagens e

conhecimento sobre si, sobre a vida e sobre o mundo a partir das redes de relações construídas e estabelecidas durante os percursos de uma história de vida.

Além de utilizar o conceito *geo(bio)travessias* para se referir às diferentes histórias de empoderamento que constituem os sujeitos de diversos contextos, como a dos colaboradores desta investigação – alunos de escola da roça que se constituíram professores universitários na cidade – utilizo também os termos *geotravessias* e *biotravessias*.

As *geotravessias* são utilizadas para designar os movimentos, deslocamentos entre os lugares/espços onde aconteceram os processos de mobilidade geográfica dos sujeitos, a saber: da roça para a cidade e da escola da roça para a universidade. Desse modo, as *geotravessias* retratam as mobilidades geográficas realizadas nos percursos da vida. Já *biotravessias* correspondem às mobilidades sociais e culturais experienciadas pelos professores, colaboradores da pesquisa, e suas implicações nos percursos de vida, decorrentes das mobilidades geográficas, ou seja, das *geotravessias*.

Para analisar as trajetórias de mobilidades geográfica, social e cultural de professores universitários, oriundos da roça, que atuam em diferentes instituições de ensino superior no estado da Bahia, a partir das histórias narradas, foram definidas 3 (três) eixos temáticos, a saber: Histórias de vida, *Geo(bio)travessias* e Professor universitário, os quais contemplam 6 (seis) dimensões analíticas: Percursos de Vida, Percursos de Escolarização, Percursos de formação acadêmico-profissional, *Geotravessias*, *Biotravessias*, Tornar-se/Ser professor universitário (Imagem 3).

E, para a compreensão das dimensões analíticas dos eixos temáticos desta investigação foram utilizadas as fontes da pesquisa – os memoriais acadêmicos e as entrevistas narrativas – dos 6 (seis) professores protagonistas do enredo que compõem esta história, cujas narrativas centram-se nas memórias do que foi vivido, e apreendido nos seus percursos de vida e formação, nas mobilidades geográficas (*geotravessias*) e nas mobilidades sociais e culturais (*biotravessias*), as quais constituem os principais acontecimentos biográficos, cujos sentidos e significados são atribuídos nas narrativas sobre as situações experienciadas no devir da vida.

Imagem 3 – Eixos temáticos, dimensões analíticas e fontes da pesquisa



Fonte: Memoriais e Entrevistas Narrativas.
Elaboração: Simone Santos de Oliveira, 2016.

4. HISTÓRIAS DE PROFESSORES: percursos de vida

[...] o sentido da vida não se estagna em formas definitivamente paradas, é porque ele é o lugar de uma circulação e de um movimento contínuos que são a própria circulação e o próprio movimento da vida no tempo. A todo momento, os acontecimentos passados da história da vida são submetidos a uma interpretação retrospectiva que é, por sua vez, determinada pela antecipação do futuro, assim como as expectativas, os desejos, as vontades projetadas no futuro são dependentes da rememoração do passado.

Delory-Momberger (2014, p. 221)

Apresento neste capítulo as histórias de vida narradas pelos professores universitários que vivenciaram a escolarização no espaço rural porque elas “[...] documentam experiências pessoais e subjetividades tanto quanto refletem estruturas sociais, movimentos sociais e instituições nas quais os narradores, as narradoras e seus interlocutores estão inseridos” (RIOS, 2011, p. 30). Essas histórias descrevem processos de mobilidades geográficas, as *geotravessias*, bem como as mobilidades sociais e culturais, as *biotravessias*, e possibilitam o entendimento do tornar-se/ser professor universitário, através de seus processos de *geo(bio)travessias*.

Ao me deparar com as histórias de Antônio Dias, Áurea Pereira, Claudene Rios, Edite Maria de Faria, Fábio Josué Santos e Janeide dos Santos e entrelaçar os dados dos seus memoriais com os das entrevistas narrativas percebi que eles carregam consigo um repertório de experiências e subjetividades construídas ao longo de suas vidas e revelam conquistas, sonhos, desafios, enfrentamentos, resiliências, perdas, ganhos, superações e empoderamento e isso me faz pensar sobre: “Como essa realidade marcou a imagem de mestre que carregamos? A pergunta mais concreta: será que a escolha ou opção pelo magistério tem a ver com a condição social? O que nos levou a ser mestres?” (ARROYO, 2009, p. 125).

Ao percorrer as linhas escritas nos memoriais acadêmicos e ouvir as narrativas autobiográficas dos professores deste enredo, me certifico que elas são partilhas, ao descreverem acontecimentos de suas histórias de vida, de formação e de atuação profissional docente. E, ao ouvir essas histórias, ficou claro que, ao reescrevê-las dou um novo sentido e significado ao que foi vivenciado e experienciado por eles.

Assim, as reminiscências, as memórias desses professores colaboradores/interlocutores/narradores, são agora traduzidas em histórias de mobilidades geográficas, sociais e culturais, as quais revelam processos de aprendizagens, resiliências, enfrentamentos e de empoderamento, através de suas *geo(bio)travessias* porque os lugares que constituem suas histórias são cenários de vida e formação, cujos fatos e acontecimentos são interpretados e submetidos a uma retrospectiva que determinou outras vivências e experiências de vida pessoal e profissional projetadas no presente, pois o sentido da vida não se estagna em formas paradas, mas num movimento de circulação contínua, como bem sinalizou Delory-Momberger (2014) na epígrafe que anuncia este capítulo.

4.1 Antônio Dias: dos movimentos sociais à sala de aula

Vivi na roça com os pássaros e sonhando em chegar a serra. Hoje eu passei da serra! [...].
(Antônio Dias – Entrevista Narrativa, 2014)

A serra a qual Antônio Dias se refere na epígrafe que abre esta seção é a de Itabaiana³⁵ que, simbolicamente, ao ultrapassá-la, retrata as superações das dificuldades que surgiram ao longo de suas itinerâncias que compõem as suas *geo(bio)travessias*.

Sergipano de Boquim³⁶, o professor Antônio Dias Nascimento nasceu na roça, com a ajuda de uma parteira, na primavera de 1945, no dia 12 de novembro. Atualmente mora na cidade de Salvador, capital do estado da Bahia e trabalha na UNEB, no mesmo município onde reside.

Técnico em Contabilidade por um colégio da Campanha Nacional de Educação Comunitária (CNEC) do estado de Pernambuco, graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e em Comunicação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), mestre em Ciências Sociais também pela UFBA, doutor em Sociologia pela Universidade de Liverpool, na Inglaterra/UK e pós-doutor em Educação Musical pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e, apesar de estar em processo de aposentadoria compulsória pela Universidade do Estado da Bahia, o professor Antônio Dias ainda mantém algumas atividades acadêmicas.

Este professor é o terceiro de uma família de cinco filhos, sendo um casal mais velho que ele e dois homens mais novos e foi o único que se constituiu professor na sua família nuclear. O irmão mais velho abandonou os estudos quando

³⁵ Esta serra compõe o Parque Nacional da Serra de Itabaiana, uma estação ecológica de 7.966 hectares, administrado pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), cuja área corresponde a uma faixa de transição entre os biomas da Mata Atlântica e da Caatinga, localizado entre os municípios sergipanos de Areia Branca, Itabaiana, Laranjeiras, Taporanga d'Ajuda e Campo do Brito, entre as coordenadas 10°42'36" e 10°50'16" sul, e 37°16'42" e 37°25'14" oeste (Disponível em: <http://serradeitabaiana.blogspot.com.br/>. Acesso em: 1 jun. 2016).

³⁶ Este município possui uma área territorial de 205.939 km², uma população absoluta de 26.759 habitantes (IBGE, 2015), um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,604. Foi criado em 31 de dezembro de 1943 e localiza-se na região do Território Sul Sergipano que, segundo a Secretaria do Governo do estado de Sergipe – SEGOV/SE (2016), junto com o Alto Sertão, Meio Sertão Sergipano, Baixo São Francisco Sergipano, Leste Sergipano, Agreste Central Sergipano, Centro Sul Sergipano e a Grande Aracaju formam os 8 (oito) territórios sergipanos. O Território Sul Sergipano é composto por 11 municípios: Tomar do Geru, Cristinápolis, Indiaroba, Umbaúba, Itabaianinha, Santa Luzia do Itanhi, Arauá, Pedrinhas, Salgado, Estância e Boquim distante da capital sergipana por 81 km e da capital baiana por 281 km.

era adolescente por causa de um problema de saúde, constituiu-se comerciante no município de Ilhéus-BA, onde vive. A irmã mora no município de Itapetinga e concluiu o curso de Turismo depois de casada no município de Vitória da Conquista-BA. O penúltimo filho da família, cego, iniciou o curso de em Pedagogia, mas não chegou a concluir. O irmão caçula, também cego, falecido em 2013, fez os cursos de Engenharia Mecânica e o Superior em Administração e era o mais apegado ao professor Antônio Dias.

Casado com uma médica cirurgiã, não mais atuante, doutora em Música, pai de três filhas, Antônio Dias narra com muito orgulho que a família que ele estabeleceu é composta por mestres e doutores.

A sua filha mais velha concluiu os cursos de graduação em Administração e em Hotelaria, fez mestrado na Universidade de Londres e trabalha atualmente como gerente de um hotel na cidade de Salvador-BA.

A filha do meio graduou-se em Música, fez mestrado e doutorado na área, mora no estado do Rio Grande do Norte e se constituiu professora da Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

A filha caçula fez graduação em Teatro na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e mestrado em Teatro Musical na Universidade de Londres e se tornou atriz, residindo no estado do Rio de Janeiro.

Segundo o professor Antônio Dias, estudar sempre foi uma rotina na sua família e acabou influenciando outras pessoas ligadas à família, pois seus pais sempre se orgulharam dele.

Meus pais sempre tinham uma expectativa de que a nossa vida fosse melhorar com o progresso. Eu fui o primeiro a fazer curso superior na família e o doutorado também [...]. Então, eles sempre valorizavam isso e a expectativa de melhorar a minha vida e a deles também! Eles viam aquilo com muita alegria, minha mãe sempre estava presente nas homenagens que tinham para mim na UFBA, e eu fazia questão de levá-la para que ela pudesse vivenciar aquilo, já que ela não teve essa vivência na escola e ela fazia sempre questão de que todos nós estudássemos, mesmo os meus irmãos cegos, embora muitas pessoas da minha família criticassem isso na época. (Antônio Dias – Entrevista Narrativa, 2014).

Apesar dos pais do professor Antônio Dias terem um baixo capital escolar³⁷, acreditavam que era possível os filhos melhorarem de vida através de investimentos

³⁷ Ao analisar as formas do capital cultural defendido por Bourdieu (2013), o capital escolar (saberes apreendidos na escola) encontra-se imerso na classificação do estado institucionalizado, o qual

na formação escolar. Sobre este aspecto, ele rememora que, assim como ele, os seus irmãos cegos também tiveram a oportunidade de estudar, pois o investimento, sobretudo pedagógico, da família pode tomar formas rigorosas para atingir os objetivos, pois “Os efeitos sobre a escolaridade da criança podem variar segundo as formas para incitar a criança a ter ‘sucesso’ ou a estudar para ter ‘sucesso’, segundo a capacidade familiar de ajudar a criança a realizar os objetivos que lhe são fixados.” (LAHIRE, 1997, p. 29)

O professor Antônio Dias relata que já acolheu outros familiares (sobrinhas) e filho de uma madrinha em sua residência em Salvador e os incentivou a fazerem investimentos formativos. Assim disse:

Lembro que meus pais mandaram os meus irmãos cegos para o internato em Aracajú. Eu me lembro que eu tinha um tio que hospedava a gente e o povo sempre dizia que minha mãe não gostava dos filhos porque ela sempre nos internava, mas ela sabia o que estava fazendo, ela tinha esse projeto de melhoria da nossa vida através da educação, então, o que eu sou hoje, eu devo a minha mãe! Ela ficava muito contente quando via a gente progredir dessa forma, pois era uma espécie de retorno pra ela. E no caso dos meus irmãos, os dois cegos, e as sobrinhas, filhas de minha irmã, que começaram também a fazer carreira no nível superior, eu as acolhi aqui em Salvador [...], antes mesmo de ter meus filhos. [...] Então, eu e minha mulher fomos pais de adolescentes sem ter filhos, pois dias depois de termos casados, elas vieram fazer o ensino médio em Salvador e ficou conosco aqui em casa. Uma das meninas é Psicóloga e a outra fez Arquitetura e sei que eu acabei influenciando. [...] Teve um filho da minha madrinha que eu levei para Brasília para estudar comigo depois ele fez uma seleção, um tipo de programa de intercâmbio e o menino voltou PHD em Física Nuclear e eu influenciei nisso. Minha própria irmã também quando estava fazendo o curso de Turismo, quando tinha os trabalhos da faculdade, ela pegava o ônibus e vinha para minha casa para eu ajudar com os trabalhos dela e se formou. Ela saía de Itapetinga-BA para fazer Turismo em Vitória da Conquista-BA, viajava duas horas para estudar e saía da faculdade meia noite para voltar para Itapetinga e trabalhava durante o dia. [...] Na família, o estudo virou uma alternativa de futuro, e eu era uma referência. (Antônio Dias – Entrevista Narrativa, 2014).

Neste fragmento narrativo, o professor Antônio Dias relatou a importância do acesso à educação e dos investimentos formativos, pois a mobilidade geográfica deste professor, promovida pelos seus pais, nos primeiros anos escolares, ao oportunizá-lo estudar em escolas de regime de internato em diferentes lugares, lhe

abrange títulos e certificados emitidos pela escola aos sujeitos portadores de certas habilidades e competências.

proporcionou realizar outras mobilidades como a cultural e social, o que lhe permitiu adquirir e ampliar o seu universo letrado, influenciando outros familiares seus e pessoas conhecidas a fazerem o mesmo.

Este professor rememorou com carinho a representação de suas conquistas pessoais e profissionais para seus familiares, de modo especial para a sua mãe, ao dizer que ela fazia questão de participar de alguns eventos e premiações quando estudava e trabalhava na UFBA porque não teve a oportunidade de estudar, mas tinha perspectivas de que seus filhos fossem melhorar de vida através da educação e, para isso, Antônio Dias realizou muitas itinerâncias formativas, as quais produzem este belo enredo de história de vida de uma pessoa que viveu e estudou na roça, migrou para a cidade e, ainda criança, saiu de casa aos 10 (dez) anos de idade para se constituir um professor pós-doutor da UNEB, a maior universidade *multicampi* do estado da Bahia, muito embora não tivesse planos para seguir a carreira acadêmica, como afirma no seguinte fragmento de sua narrativa: “*Não era um projeto em minha vida ser professor universitário e nunca foi! Tinha todo compromisso com a minha classe.*”, afirmou o professor Antônio Dias (Entrevista Narrativa, 2014).

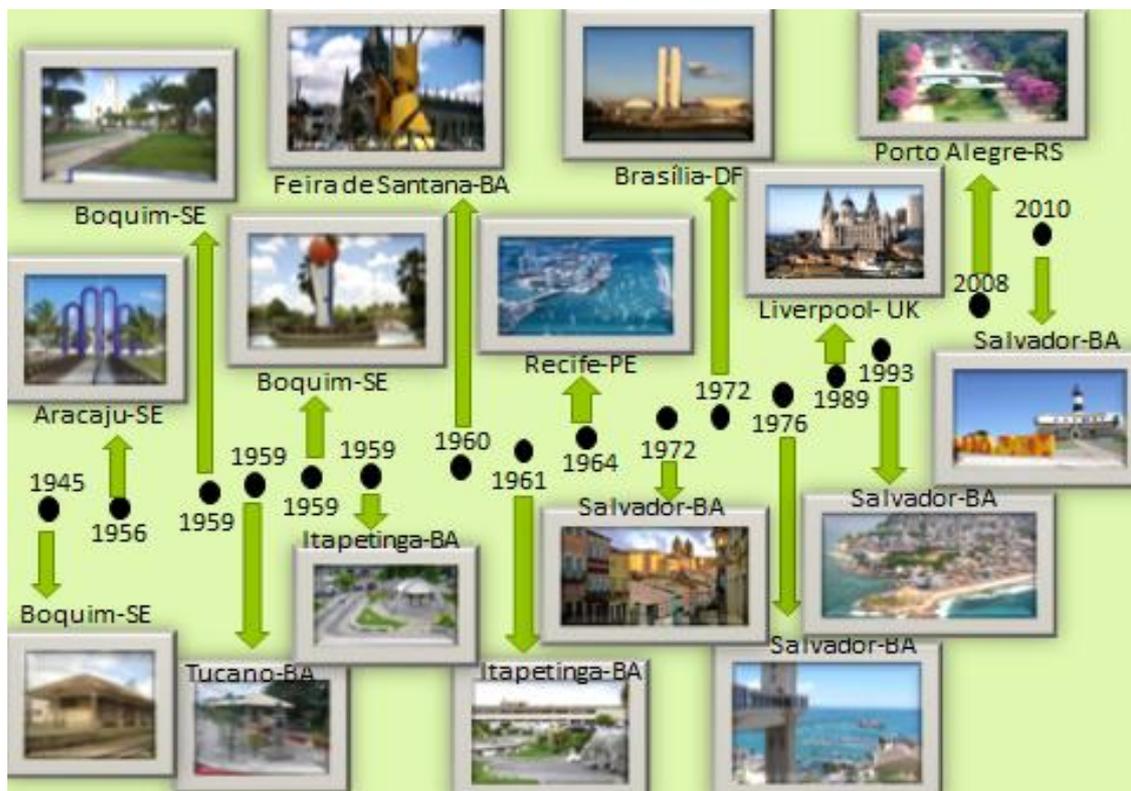
A história que envolveu as mobilidades geográficas (Imagem 4), sociais e culturais do professor Antônio Dias está entrelaçada com outras histórias, sobretudo com aquelas relacionadas com o seu processo de escolarização.

O seu processo de escolarização ocorreu em diferentes escolas, desde a multisseriada, no espaço rural de Sergipe, às escolas de regime de internato localizadas nos estados de Sergipe e Bahia.

Sua formação técnica e acadêmica-profissional, seu modo de ser e sua identidade profissional decorrem de suas *geotravessias*, representadas pelos lugares dessa, do sair da roça, percorrer diferentes contextos espaciais, os quais se reverberaram em suas *biotravessias*, num modo de ser, resultante das aprendizagens adquiridas e apreendidas a partir de seus processos de mobilidades geográficas, do sair de Boquim, onde nasceu, até chegar à cidade de Salvador, onde reside e constituiu-se professor da UNEB.

O motivo da *geotravessia* de Simão Dias para Boquim é desconhecido pelo professor Antônio Dias, apenas lembrou-se que alguns tios começaram a migrar e sair do município de Simão Dias, o que, provavelmente, levou a sua família a fazer o mesmo.

Imagem 4 – Mobilidades do Professor Antônio Dias



Fonte: Entrevista Narrativa, 2014.
 Imagens das cidades: Google Imagens, 2016.
 Elaboração: Simone S. de Oliveira, 2016.

Os pais do professor Antônio Dias se casaram muito jovens e viviam em Simão Dias, no interior do estado de Sergipe, município fundado em 1890 por uma pessoa de seu histórico parental. Depois de algum tempo, seus pais migraram para Boquim, após terem comprado um pedaço de terra na mão de um tio e passaram a cultivar cana de açúcar, além de fumo, mandioca e criar animais.

Seu pai, o Senhor Antero Dias Santa Rosa, era natural de Simão Dias, estado de Sergipe, de uma família de prole numerosa, constituída por 32 (trinta e dois) irmãos, sendo 22 (vinte e dois) do primeiro casamento (irmãos de sangue) e 10 (dez) meio irmãos, oriundos do segundo casamento, após falecimento da avó do professor Antônio Dias. Já sua mãe, Dona Maria Francisca Santa Rosa, era natural de Paripiranga, município limítrofe entre os estados de Sergipe e Bahia, mas que compõe o estado baiano, ambos eram primos, agricultores e de família judaica, pois era comum o casamento entre primos irmãos.

O professor Antônio Dias relatou que seu pai Antero Dias concluiu todo o ensino fundamental porque estudou numa escola rural próxima de onde morava

quando era jovem e que seu avô sempre priorizou os estudos dos seus tios, mesmo tendo tarefas rurais para realizar quando chegava da escola rural, como cuidar dos animais e das plantações.

Já a sua mãe Maria Francisca era dona de casa, possuía uma boa caligrafia, apesar de ter estudado somente até o segundo ano do ensino fundamental I, pois não conseguiu concluir os estudos básicos por falta de oportunidades e porque era comum a mulher ser educada apenas para os afazeres domésticos.

O professor Antônio Dias expôs que, na época em que sua mãe era uma jovem caçula de uma família de 13 (treze) irmãos, as mulheres daquele tempo não se preocupavam em frequentar a escola e não eram incentivadas para a leitura e escrita, cujos afazeres domésticos e familiares eram priorizados em detrimento do letramento e da formação escolar. E, mesmo com histórias escolares diferentes, os pais do professor Antônio Dias valorizavam e incentivavam os filhos a irem à escola e realizar atividades escolares, pois acabaram reproduzindo com os filhos grande parte do que aprenderam nos seus poucos processos de escolarização, perpetuando o pequeno universo letrado adquirido quando jovens.

A infância do professor Antônio Dias foi marcada pelas vivências no mundo rural, no interior do estado de Sergipe, com a presença marcante dos membros da sua família e da comunidade local, conforme o excerto da narrativa:

Eu nasci no estado de Sergipe, em Boquim que fica a 24 km da praia. Então, em Sergipe, o sertão chega muito próximo do mar. A fazenda onde eu nasci ficava no sertão, onde meus pais preparavam a terra, plantavam e esperavam a chuva chegar. Nem sempre a chuva chegava e depois de tantos anos, meus pais decidiram migrar aqui para o sul da Bahia. A família toda, pai e mãe eram agricultores, a minha mãe era mais do lar, era doméstica e tomava conta da gente e o meu pai era agricultor e nós éramos cinco irmãos, dois mais velhos do que eu e dois mais novos, eu sou o do meio e os dois mais novos eram cegos e tivemos uma infância ali naquele mundo rural. [...] Em Sergipe, meu pai tinha um engenho onde ele fazia açúcar. (Antônio Dias – Entrevista Narrativa, 2014).

As relações estabelecidas com o trabalho comunitário na propriedade rural da sua família, que contava com um engenho que produzia o açúcar decorrente do cultivo da cana, são histórias que emergiram das memórias e dá identidade camponesa ao professor Antônio Dias, o que repercute, não somente em seus

percursos de vida e de formação, mas, sobretudo, nas suas itinerâncias profissionais como professor universitário preocupado com questões sociais.

Este professor narrou que a casa onde moravam no espaço rural em Boquim-SE tinha uma infraestrutura simples, embora grande, de taipa, rebocada, continha 4 (quatro) quartos – 1 (um) para os pais, 1 (um) para sua irmã, 1 (um) era dividido com ele e seus irmãos homens e o outro quarto era destinado a guardar mantimentos, salgar a carne e armazenar comida – 2 (duas) salas, 1 (uma) cozinha e 1 (uma) casa de farinha, cujas paredes eram coladas do restante da estrutura da casa.

Quanto às reminiscências da infância, o professor Antônio Dias relatou que ele e seus irmãos brincavam muito de simular os afazeres rurais com búzios de lesmas quando moravam na roça. E, segundo suas lembranças, era comum a criança recolher esses búzios no mato para brincar de curral embaixo de uma árvore, utilizando-se de gravetos para construir a representação dos currais, usar os búzios para simular os animais da roça e fazer buracos para aparentar os poços que davam água aos animais. Essas brincadeiras de crianças aconteciam nos arredores da área da casa onde viviam na roça, os quais se constituíam, também, como espaços educativos e de aprendizagens sociais.

Nas memórias deste professor, as brincadeiras eram as representações da vida cotidiana deles no espaço rural, pois “[...] *a gente copiava a vida que eu via meu pai ter. Fazia a casa de farinha, o roçado, eram essas brincadeiras.*” (Antônio Dias – Entrevista Narrativa, 2014) e continuaram com elas quando mudaram do espaço rural para a cidade de Boquim para dar continuidade aos estudos iniciados na escola da roça.

A vida de menino de engenho em Sergipe não foi marcada pelo trabalho árduo nas lavouras de cana. Segundo Antônio Dias, ele apenas acompanhava os pais e as pessoas da comunidade nos trabalhos coletivos, comunitários, em uma região de agricultura familiar, cuja economia girava em torno da produção agrícola, principalmente do plantio da cana, da mandioca e do fumo.

Segundo o professor Antônio Dias, ele iniciou seu processo de escolarização numa escola multisseriada no espaço rural onde vivia em Boquim, mas depois estudou em várias escolas em regime de internato localizadas nos municípios que compõem os estados de Sergipe e Bahia, pois seus pais queriam que ele tivesse uma boa formação, um bom comportamento e, por isso, acreditava que as escolas de regime de internato, com base na doutrina religiosa, seriam capazes de

discipliná-lo e oportunizá-lo adquirir capital letrado, através de uma educação rigorosa e autoritária. Sobre essas questões que envolvem bom comportamento, a influência da família e o papel da escola, Lahire (1997) certificou que:

Moral do bom comportamento, da conformidade às regras, moral do esforço, da perseverança, são esses os traços que podem preparar, sem que seja consciente ou intencionalmente visada, no âmbito de um projeto ou de uma mobilização de recurso, uma boa escolaridade. Inúmeras características próprias à forma escolar de relações sociais estão próximas desses traços: apresentação pessoal ou apresentação dos exercícios, trabalho ordenado, cuidado com os cadernos e atitudes corretas. O ofício de aluno no curso primário, o tipo de *ethos*, de caráter que a escola exige objetivamente, podem ser parecidos com o *ethos* desenvolvido por essas famílias. (LAHIRE, 1997, p. 26)

Mesmo após concluir o ensino fundamental, os pais do professor Antônio Dias continuaram acreditando que a religião pudesse contribuir com uma melhor educação do seu filho e autorizou que ele acompanhasse e vivesse com o Padre Melo em Pernambuco, de modo a garantir a conclusão da educação básica. E, após concluir o ensino fundamental, este professor foi acolhido pelo Padre Melo, um sacerdote que visualizava neste professor a possibilidade de continuidade de suas atividades sociais, mas que se constituiu numa pessoa charneira que possibilitou que este professor continuasse os estudos da educação básica no estado de Pernambuco e iniciasse sua formação em Filosofia, pois este padre tinha a pretensão de fazer dele um político.

Sobre as memórias do período de vestibular, este professor rememorou:

Eu fui o primeiro aluno desta escola a fazer o vestibular. Nesse tempo, eu fui fazer também Economia porque eu queria trabalhar na SUDENE porque minha visão de mundo já tinha mudado. Tudo isso em Recife. Eu me inscrevi no vestibular para fazer Filosofia por influência do Padre de Melo, pois ele tinha um sonho de fazer uma universidade no Cabo de Santo Agostinho. [...] Eu trabalhava todos os dias, inclusive aos domingos também, exceto aqueles poucos que eu reservava para encontrar com a minha namorada. [...] Por causa do meu empenho, o Padre Melo queria que eu fosse o reitor dessa universidade e por isso ele queria que eu fizesse Filosofia. Eu fiz o vestibular para Economia e Filosofia e passei nos dois. Foi o primeiro aluno daquela escola CNEC a ser aprovado. Passei em sétimo lugar em Economia e em terceiro lugar em Filosofia. Como eu tinha que escolher um dos dois porque eu não podia estudar o dia inteiro, obedeci a indicação do Padre Melo e escolhi o curso de Filosofia. (Antônio Dias – Entrevista Narrativa, 2014)

De fato, o Padre Melo foi uma pessoa charneira, influente, em sua trajetória de escolarização e de formação inicial por vários motivos. Primeiro, porque o acolheu e o direcionou para a universidade, na condição de discente no curso de Filosofia e, segundo, porque o possibilitou experimentar a atividade docente nas turmas escolares onde atuava como professor, quando era obrigado a faltar por causa de outros compromissos religiosos.

O curso de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE foi iniciado em 1966 e concluído em 1970. Segundo o professor Antônio Dias, ele optou por este curso por causa da influência do Padre Melo, pois ele não tinha a pretensão em fazê-lo, mas por influência deste padre, resolveu fazer porque o padre tinha a pretensão de criar uma universidade popular para os camponeses terem acesso e possibilitar a essas pessoas uma mobilidade social e acreditava que ele poderia ajudá-lo nos seus projetos sociais, principalmente no caminho político, como o de ser prefeito da cidade do Cabo de Santo Agostinho, pois a ditadura acabou com os partidos e o Padre Melo ajudou a organizar o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que era um partido brasileiro que abrigou os opositores do Regime Militar de 1964. Sobre essas reminiscências, ele disse:

O Padre Melo começou a me preparar para ser prefeito da cidade e eu tinha 20 anos, uma coisa assim, e ele já queria que eu terminasse a universidade para ser político em Recife. Ele investiu em mim com essa intenção. Só que quando cheguei ao quarto ano do curso, em 1970, eu terminei Filosofia. Então, o Padre Melo quis consagrar mesmo a minha candidatura porque eu era imbatível porque tinha muita influência na juventude, era influente como professor porque eu dava aula às vezes no lugar do Padre Melo quando ele não podia e como secretário dele eu tinha que substituí-lo, pois o Padre Melo também atuava como professor federal de Português nas escolas agrícolas, pois dizia que quem vivia somente para o altar era preguiçoso. Padre Melo era pároco e trabalhava como professor nos municípios de Cabo de Santo Agostinho e de Jaboatão dos Guararapes, dando aulas de Português para sustentar a família dele e dizia que o dinheiro que a igreja recebia era para as obras sociais e que ele trabalhava como professor para sustentar a sua família. [...]. (Antônio Dias – Entrevista Narrativa, 2014)

Mesmo atuando, algumas vezes como professor, substituindo o Padre Melo nos municípios onde ele atuava, Antônio Dias acabou tendo a quinta experiência docente, mas não afirmou isso na sua entrevista narrativa.

Segundo este professor, ele não se via na profissão docente naquela época e, mesmo não querendo, também não se percebia como um futuro político, apesar de estar integrado ao partido MDB e ter sido educado e formado para isso, para se engajar politicamente naquele período onde as pessoas eram aterrorizadas pelo medo dos desdobramentos da ditadura, das perseguições causadas pelo AI-5³⁸ e Decreto 477 que foi criado em 1969 exclusivamente para as universidades, para punir professores, alunos e funcionários considerados culpados de subversão ao regime.

Nesta época, os professores tinham que ter muito cuidado com o que falavam e os que foram atingidos pelo decreto eram demitidos e ficavam impossibilitados de trabalhar em qualquer outra instituição educacional do país por um período de cinco anos e os alunos eram expulsos e proibidos de cursar qualquer universidade por três anos. E, ao narrar sobre as implicações do tempo histórico da ditadura brasileira em sua vida, o professor Antônio Dias ficou emocionado, silenciou-se por alguns segundos, enfatizou alguns bons momentos durante o curso de Filosofia na UFPE, ao relatar a importância do famoso professor Ariano Suassuna num certo período de sua vida acadêmica quando lhe deu conselhos para não expressar tudo o que pensava, para ter cautela com o que falava e acreditava e continuou:

A situação política estava muito difícil, sempre tinha o comando de caça aos comunistas e estavam matando as pessoas. [...] Eu também estava na lista dos perseguidos! Diziam que eu era uma dessas pessoas que estavam na lista dos militares porque estava envolvido nas ações sociais. [...] Eu terminei o curso de Filosofia com muita dificuldade, pois pensava em não dar sequência e nada estava me agradando. Eu queria fugir daquela situação e não queria ser prefeito como desejava o Padre Melo. A atividade política eu sempre achei mesquinha. Então, eu concluí o curso, resolvi vir embora e voltei para a casa dos meus pais que já estavam morando aqui em Salvador [...]. (Antônio Dias – Entrevista Narrativa, 2014)

Sobre a mudança de Recife para Salvador, o professor Antônio Dias narrou que sentiu dificuldade para encontrar uma oportunidade de trabalho em Salvador, antes de se constituir professor universitário do quadro efetivo da UFBA.

³⁸ O AI-5 foi o Ato Institucional nº 5, baixado em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do general Costa e Silva, considerado a expressão mais acabada da ditadura militar brasileira (1964-1985), o que produziu um elenco de ações arbitrárias de efeitos duradouros e vigorou até dezembro de 1978. O AI-5 definiu o momento mais duro do regime militar, dando poder de exceção aos governantes para punir arbitrariamente os que fossem inimigos do regime. (Fonte: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5>. Acesso em: 14 jun. 2016)

O fato é que eu peguei tudo e vim embora para Salvador, pedi aos meus amigos que me conseguissem a transferência do meu emprego de Recife pra Salvador. Fomos procurar o pessoal do Ministério do Trabalho daqui da capital baiana, me apresentei e tal. Eles demoraram um pouco para me dar o emprego, pois ficaram meio desconfiados pelo fato de eu ser recém-formado em Filosofia e ter mudado de Recife para Salvador e eles achavam que eu queria me transferir para cá, em Salvador, porque eu tinha que cumprir alguma ação comunista. Então, o pessoal do Ministério do Trabalho procurou saber de minha família e eu joguei o álibi que precisava cuidar dos meus 2 (dois) irmãos cegos e tal e que todo mês eu mandava meu salário para meus pais para ajudar nas despesas da casa, o que, de fato, eu fazia porque meus pais precisavam dessa ajuda minha. Quando chegou essa ocasião eu vim pra cá e tal e o delegado conhecia minha família, meu avô e meus ancestrais porque ele era de Paripiranga e, então, foi muita sorte, ele me admitiu porque eu era de uma família que ele admirava. [...] Lembro que eu não tinha nem roupa para esse cargo porque precisava de palitô e gravata [...]. (Antônio Dias – Entrevista Narrativa, 2014)

Chegando a Salvador em 1972, além dessa função no Ministério do Trabalho, este professor procurou os padres jesuítas, fez contato com eles e se tornou um voluntário responsável pela divulgação da revista deles – Cadernos do CEAS³⁹ – e depois passou a escrever artigos que envolviam o trabalho dele nas áreas rurais e, ao mesmo tempo, tentou fazer vestibular para Medicina, na tentativa de viver no interior com outra profissão, mas não obteve êxito. Este professor se lembrou que neste período alguns conhecidos seus de Recife estavam indo para Brasília e narrou:

[...] Em 1972, o Brasil fez 150 (cento e cinquenta) anos de independência e o governo obrigou todas as confederações a irem para Brasília naquele ano, ou seja, todas as sedes de banco, os consulados, as embaixadas, as confederações tinham que se mudar pra Brasília porque ela tinha virado mesmo a capital federal do Brasil. E, quando a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura – CONTAG⁴⁰ se mudou, eles precisavam de um assessor de comunicação porque boa parte dos funcionários dela era do Rio de Janeiro e não queria ir para Brasília. Então, eu fui convidado para assumir o cargo de assessor de comunicação na CONTAG que, por sinal, tinha uma baita estrutura. Eles me conheciam pelo trabalho

³⁹ Os *Cadernos do* Centro de Estudos e Ação Social (CEAS) era uma revista impressa publicada ininterruptamente pelo Centro de Estudos e Ação Social entre março de 1969 e junho de 2009, mas passou a ser de edição eletrônica, de acesso livre, a partir de junho de 2015. O objetivo desta revista é subsidiar teoricamente os movimentos populares, entidades de assessoria, pastorais, sindicatos e outras entidades e coletivos comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. (Fonte: <http://cadernos.ceas.com.br>. Acesso em: 8 jun. 2016)

⁴⁰ Criada em 22 de dezembro de 1963, com sede em Brasília-DF, o CONTAG é um sindicato, uma organização coletiva com legitimidade jurídica e institucional para defender os trabalhadores rurais e seus interesses. (Fonte: <https://www.contag.org.br>. Acesso em: 7 jun. 2016)

que eu fazia em Pernambuco. Lá eu fazia mobilização com os sindicatos, com os camponeses, e as lideranças da CONTAG vinham do Pernambuco. Quando eu falei com o delegado de Salvador sobre este convite de ir para a Confederação em Brasília, ele disse que eu não fosse porque os canhões dos militares estavam mirados para a CONTAG e a qualquer hora eles iriam explodir aquele negócio lá, mas o meu coração palpitava, pois aquele trabalho que eu fazia com o delegado José Gonzaga Meneses não era o que eu queria para a minha vida. Então, eu pedi umas férias ao delegado e fui para Brasília para sondar o terreno. As férias venceram e eu mandei uma carta para o José Gonzaga Meneses pedindo demissão. (Antônio Dias – Entrevista Narrativa, 2014)

Assim, o professor Antônio Dias migrou mais uma vez, em busca de outros horizontes que pudessem lhe possibilitar novas aprendizagens e alegria de estar ajudando na luta dos trabalhadores rurais. Sobre a experiência na CONTAG, ele narrou que trabalhou por 5 (cinco) anos e viajou por todo o Brasil, cujo período foi importante porque possibilitou melhorar financeiramente de vida e porque, também, aprendeu muito sobre questões de direito. E, como na CONTAG, ele assumia a função de assessor de comunicação, sentiu necessidade de ter formação na área, mesmo tendo conhecimento na área que envolvia questões sociais ligadas à luta camponesa. Desse modo, iniciou o curso de Comunicação na UNB, que mais tarde foi concluído na UFBA quando retornou à cidade de Salvador.

No retorno à Salvador, resolvi casar com Leila que fazia Medicina nessa época e fui trabalhar na FETAG e eles me convidaram para vir para Federação Regional que coordena os sindicatos no estado da Bahia e foi aí que eu conheci o pessoal do município de Valente, da Região do Sisal. Conheci o pessoal da mutilação do sisal e fui trabalhar com eles enquanto assessor de comunicação e educação da FETAG. Eu vim de Brasília em dezembro de 1976 e me tornei empregado aqui em 1º de janeiro de 1977. E aqui a coisa era séria, matavam os camponeses, expulsavam o pessoal da terra e quem enfrentava isso tinha que arranjar advogado. Fui à faculdade e convenci os estudantes de Direito da UFBA a vir fazer os estágios aqui na FETAG porque nenhum advogado se prontificava advogar para os trabalhadores rurais porque eles só iam como réus, ninguém ia porque movia uma ação. [...] E, se tivesse um advogado que se prontificasse com os camponeses, eles matavam. E, por medo, ninguém aceitava defender os camponeses. [...] No final do ano de 1977, a gente conseguiu fazer uma CPI, uma Comissão Parlamentar de Inquérito sobre o sistema fundiário em Brasília e criaram a comissão Pastoral da Terra e todas CPT's foram intimadas a fazer depoimentos em Brasília e o representante da CPT Nordeste 3, que era o José Brandão, foi intimando também só que ele precisava de um assessor porque o bispo não conhecia bem a região e fizeram o contato comigo para acompanhá-lo no depoimento dele na CPI lá no

Congresso Nacional, em Brasília, e tudo ocorreu na semana do meu casamento, pois casei e menos de uma semana depois eu fui para Brasília para acompanhar o bispo. (Antônio Dias – Entrevista Narrativa, 2014)

Neste fragmento, o professor Antônio Dias rememorou episódios que marcaram as suas *geo(bio)travessias*, as aprendizagens decorrentes das vivências relacionadas às questões da luta camponesa, as quais estão presentes no seu ser e fazer docentes no âmbito do seu exercício profissional como professor da Universidade do Estado da Bahia, embora este docente não tivesse a pretensão de tornar-se professor universitário.

Este docente ainda afirmou que se tornou professor porque não conseguia emprego na área de jornalismo, embora tivesse feito dois cursos graduação com a intenção de melhorar de vida. E, antes de se submeter a concurso público docente numa universidade, o professor Antônio Dias foi convidado a ser professor substituto da UFBA e depois realizou o concurso docente para o quadro efetivo, sendo aprovado, foi ser professor desta instituição e tempos depois se aposentou da UFBA e tornou-se professor atuante somente na UNEB.

Com um pouco mais de 70 (setenta) anos de idade, o professor Antônio Dias pretende continuar com pesquisas, sobretudo com investigações que envolvem a juventude que vive em favelas e a educação no campo, mesmo que esteja fora de sala de aula da UNEB, pois segundo ele, ainda tem muito por fazer. Assim, sobre a idade, a aposentadoria do vínculo com a Universidade do Estado da Bahia e alguns projetos, ele narrou:

Eu já sou aposentado pela UFBA. Pela lei federal, quando faz 70 (setenta) anos você é mandado embora. O pessoal da UNEB pode pensar em criar arranjos para eu permanecer aqui e ficar como professor visitante ou pesquisador associado porque eu gosto de continuar pesquisando. [...]. Eu fui avisado que ao completar 70 anos, eu não posso estar mais na sala de aula. Então, eu fui fechando meus projetos de iniciação científica na graduação que envolveu a produção cultural da juventude de periferia. A gente estava investigando se o jovem da favela só faz crime e encontramos cantores, dançarinos, escritores e eles têm uma produção cultural enorme. No final do primeiro ano desta pesquisa, os jovens da favela achavam ruim quem fazia pesquisa com eles porque não viam os resultados. (Antônio Dias – Entrevista Narrativa, 2014)

Segundo o professor Antônio Dias, para eles da UNEB que estavam envolvidos na pesquisa era bom, mas para aqueles jovens, eles achavam que não

tinham resultados. Com isso, este professor sentiu-se mobilizado a realizar um seminário para socializar a produção desses jovens e relatou:

Para nós, da UNEB, envolvidos na pesquisa era bom, mas para aqueles jovens não. Então, tivemos a ideia de fazer um seminário para eles mostrarem a produção deles e eles vieram na universidade para apresentar e com isso já estamos no terceiro ano desta pesquisa e o último dia do seminário foi lá na Favela da Paz aqui em Salvador, onde as pesquisas foram feitas. Foi tudo uma paz, os meninos da graduação daqui da UNEB foram visitar o centro comunitário deles com treinamento para a computação, o pessoal da favela veio aqui e viram que o sonho de fazer a universidade é possível e tudo isso foi muito bonito. Então, eu fechei essa pesquisa, fizemos o último seminário agora, espero que no próximo ano eles peguem a liderança, se for preciso para deixar o nome eu deixo, mas eles vão se levando a diante. Com o Grupo Educação no Campo e Contemporaneidade, a primeira doutora foi Edite e eu não sei como é que vamos ficar, vamos ter que negociar isso. Eu tenho alguns doutorandos para terminar e eu vou levar até o final porque quero continuar com as orientações deles até finalizar os cursos. Tenho esses trabalhos, fiz alguns contatos com a UFPE e com a UFRN e eles têm interesse com a pesquisa e vamos ver como ficará isso. (Antônio Dias – Entrevista Narrativa, 2014)

Este professor tem feito muitas pesquisas que envolvem pessoas em situações de riscos, tem participado de projetos que abrangem a melhoria da qualidade de vida das pessoas na Região do Sisal da Bahia e se sente reconhecido pelo que faz, mas sempre acha que está apenas no começo e que tem muito por fazer e narrou:

Eu me considero uma pessoa frustrada, pois eu não fiz tudo que eu achava que deveria fazer e o que eu fiz foi insuficiente. Eu acho que eu fiz muito pouco do que precisa ser feito. Espero que essas próximas gerações, das 15 (quinze) turmas que chegaram no programa, possam ampliar o nosso trabalho, pois o PPGEduC formou muita gente e quando eu vou para o mundo a fora os alunos voltam a me consultar. Tem gente que vem aqui para fazer novos trabalhos, publicações e consultorias diversas. Eu me sinto reconhecido, mas percebo que estamos apenas no começo e que tem muito mais para se fazer. [...] Então, o dito não foi o suficiente, mas eu acho que tudo que eu tinha pra dizer eu disse da melhor forma possível. Precisamos ir mais adiante, pois tem muita gente morando na miséria, muita gente precisando chegar à universidade. [...] Eu vejo um Brasil hoje ameaçado pela direita, depois de tantas melhorias sociais [...]. (Antônio Dias – Entrevista Narrativa, 2014)

De fato, por mais que se faça, ainda é pouco, considerando a dimensão territorial do nosso estado e do nosso país, mas o professor Antônio Dias tem

consciência de seu papel como professor formador e tem contribuído academicamente com a Universidade do Estado da Bahia, principalmente no PPGEduC que tem possibilitado uma formação continuada a muitos profissionais, sobretudo aqueles inseridos na docência básica e no ensino superior públicos, formando mestres e doutores em Educação e Contemporaneidade, deixando seu legado para outros jovens profissionais que estão/vão atuar nas mais diferentes instituições localizadas nas diversas regiões do estado da Bahia e do Brasil, tendo em vista a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e com mais oportunidades para os menos favorecidos.

O enredo que compõe as *geo(bio)travessias* da história de vida e de formação do professor Antônio Dias retrata processos de resiliência e empoderamento porque resultou de sua capacidade de superar as adversidades e do desejo de uma melhoria de vida através do acesso à educação, pois os caminhos percorridos, traduzidos em *geotravessias*, do sair do espaço rural de Boquim, iniciados no interior do estado de Sergipe e depois por municípios dos estados da Bahia e de Pernambuco, conduziram o professor Antônio Dias a outras itinerâncias formativas, as quais possibilitaram realizar *biotravessias*, processos de mobilidades social, econômico e cultural, e proporcionaram este professor chegar à docência universitária e se constituir um pesquisador na Bahia na área dos movimentos sociais.

4.2 Áurea Pereira: narrativas escritas com muitas letras

[...] a minha história de vida [...] É uma história de letramentos, de subjetividades e de construção de identidades. É um histórico somado a outras histórias. (Áurea Pereira – Memorial acadêmico, 2009)

A história desta professora é versada com muitas letras, cujo enredo inicia-se com um processo de letramento em casa, com livros antigos herdados dos pais.

Oriunda de uma família de bom capital econômico, composta por médios agricultores que plantavam milho, feijão e criavam animais para o sustento e vendiam o excedente do que produziam, Áurea da Silva Pereira é habilitada em Magistério em nível médio, se graduou em Letras Vernáculas com capacitação em

Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela UNEB, *Campus II*, Alagoinhas, em 1996, tornou-se especialista em Linguística Aplicada ao Ensino da Língua Portuguesa pela UEFS em 1998. Em 2008 concluiu o mestrado em Educação e Contemporaneidade pela UNEB e finalizou o estudo de doutorado, também em Educação e Contemporaneidade, na mesma universidade, em 2014.

Atualmente Áurea Pereira é professora Adjunta do Colegiado de Letras, do Departamento de Educação do *Campus II* da UNEB, atuando na Linha de Pesquisa 2 – Letramento, identidades e formação de educadores do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural da UNEB de Alagoinhas.

As histórias e andanças que envolvem a vida, a formação e a profissão da professora Áurea Pereira estão relacionadas aos modos como vivem/viveram seus familiares, os quais deram forma à sua identidade pessoal e profissional, bem como às influências de algumas professoras durante seu processo de escolarização que impulsionou esta professora escolher a carreira docente como profissão, feita ainda na infância, aos onze anos de idade.

Filha do senhor João Anastácio Pereira (*in memoriam*), agricultor, e de dona Josefa Pereira da Silva, dona de casa, ex-moradores do espaço rural do município de Inhambupe, a professora Áurea Pereira nasceu no inverno de 1966, no dia 18 de julho, no município baiano de Alagoinhas, mas foi registrada em Sátiro Dias, também no estado da Bahia, onde nunca residiu, pois antes desta professora nascer, sua mãe, dona Josefa, sentiu fortes dores de parto na localidade rural onde morava em Inhambupe, no interior baiano e, com medo de acontecer o pior porque não queria ter a filha com a parteira local, pegou um carro de boi e foi até a rodovia mais próxima da localidade rural onde morava em Inhambupe e conseguiu socorro com uma ambulância que estava vindo do município de Olindina-BA com direção à cidade de Alagoinhas-BA e levou dona Josefa para ter Áurea Pereira no hospital do município de destino. Sobre este episódio biográfico, esta professora narrou:

Eu fui registrada em Sátiro Dias, mas nasci em Alagoinhas porque minha mãe ficou com dores por vários dias e naquele tempo só tinha parteira. Quando minha mãe sentiu que ia morrer, ela pegou o carro do boi e foi até a pista e lá vinha uma ambulância de Olindina, ela pediu para parar e a ambulância trouxe meu pai, minha mãe e meu avô. Ai, eu nasci aqui em Alagoinhas na maternidade assim quando ela chegou. Então, o médico disse que ela poderia ter morrido. Eu sempre brinco com minha mãe que eu tinha que nascer e que

aconteceu algo para ela ter vindo para Alagoinhas para eu nascer.
(Áurea Pereira – Entrevista Narrativa, 2015)

Inhambupe, onde residiam os pais da professora Áurea Pereira, é um município baiano localizado a 153 quilômetros de distância da capital Salvador, na mesorregião do Nordeste Baiano, cuja população é de 40.915 habitantes, distribuída pela área territorial de 1.222,578 km². Quanto ao IDHM, Inhambupe possui um índice de 0,565. Este município surgiu através da catequese indígena na margem esquerda do rio Inhambupe entre os anos de 1572 e 1582 quando se estabeleceu um colégio que estimulou o povoamento da região que constitui o referido município. E, quanto à formação administrativa, Inhambupe já foi vila de Água Fria e em 1896 foi elevada à categoria de município, constituído apenas pelo distrito sede, e limita-se com os municípios de Alagoinhas, Aramari, Aporá, Sátiro Dias, Olindina, Crisópolis, Entre Rios e Água Fria (IBGE, 2015).

O município de Alagoinhas⁴¹, onde a professora Áurea Pereira nasceu e reside atualmente, encontra-se distante da capital baiana por 108 quilômetros e faz parte também da mesorregião do Nordeste Baiano.

Já o município de Sátiro Dias⁴², onde a professora Áurea nunca morou, mas foi registrada, encontra-se distante da capital baiana por 205 quilômetros e possui uma população de 20.320 habitantes, distribuídos numa área territorial de 1.010,054 km², cujo IDHM é de 0,527. A região correspondente a este município era ocupada por índios cariris, foi distrito de Inhambupe até 1958 e recebeu este nome em homenagem a um médico que era político nascido na região.

Os lugares estabelecidos pelas *geotravessias*, e as *biotravessias* que possibilitaram a professora Áurea realizar as mobilidades sociais e culturais são constituídos, basicamente, por lugares baianos (Imagem 5) que dão forma a sua

⁴¹ Limita-se com os seguintes municípios baianos: Inhambupe, Catu, Araças, Aramari, Entre Rios e Teodoro Sampaio. Alagoinhas surgiu no final do século XVIII quando um padre português fundou uma capela no seu território e este município recebe este nome em razão dos rios Sauípe, Catu, Subaúma e Quiricó e das lagoas e córregos existentes na região (IBGE, 2015). Em divisão territorial estabelecida em 1991, o município de Alagoinhas é constituído atualmente por 3 (três) distritos: Alagoinhas, Boa União e Riacho da Guia, abrangendo uma população total de 154.495 habitantes, distribuídos numa área territorial de 718,089 km², cujo IDHM é de 0,683 (IBGE, 2015).

⁴² Este município baiano limita-se com Tucano, Nova Soure, Olindina, Água Fria, Inhambupe, Biritinga e Araci e faz parte do Território de Identidade do Litoral Norte e Agreste Baiano, composto pelos seguintes municípios: Acajutiba; Alagoinhas; Aporá; Araçás; Aramari; Cardeal da Silva; Catu; Conde; Crisópolis; Entre Rios; Esplanada; Inhambupe; Itanagra; Itapicuru; Jandaíra; Olindina; Ouriçangas; Pedrão; Rio Real e Sátiro Dias (SEPLAN, 2016).

identidade, pois ela percorreu alguns itinerários de vida e de formação que possibilitaram esta professora chegar à docência universitária.

Imagem 5 – Mobilidades da Professora Áurea Pereira



Fonte: Entrevista Narrativa, 2015.
 Imagens das cidades: Google Imagens, 2016.
 Elaboração: Simone S. de Oliveira, 2016.

A cidade de Alagoínhas foi o primeiro cenário geográfico que marcou/marca a identidade de Áurea Pereira porque foi lá que ela nasceu, se formou e iniciou a carreira docente, mas percorreu outros lugares formativos como Inhambupe, Feira de Santana e Salvador, na Bahia e a cidade de São Paulo, onde realizou em 2011 estudos de doutorado sanduíche na USP.

A professora Áurea Pereira tem 9 (nove) irmãos, sendo 2 (duas) irmãs consanguíneas e 7 (sete) meio irmãos, frutos de um outro casamento de seu pai. Destes filhos do senhor João Anastácio Pereira, apenas Áurea Pereira, uma irmã e um irmão cursam o ensino superior. O irmão formou-se em Bacharelado em Economia, a irmã em Licenciatura em Pedagogia e os demais irmãos concluíram os ensinos fundamental e o médio.

O pai desta professora era agricultor e natural de Sático Dias, falecido há 20 (vinte) anos, estudou até a quarta série, do primário, hoje quinto ano do ensino fundamental. Já a sua mãe tem 82 (oitenta e dois) anos de idade, natural de

Inhambupe, não concluiu o ensino fundamental I, mesmo com esforços de seu avô materno, ao contratar um professor para dar aulas na roça onde moravam em Inhambupe. Atualmente, sua mãe reside na comunidade rural de Quizambu, no distrito de Riacho da Guia, em Alagoinhas.

Sobre a escolaridade dos seus pais, esta professora rememorou:

Meu pai, João Anastácio Pereira, estudou as primeiras séries, naquele tempo era até a quarta série. [...] Já a minha mãe, Josefa Pereira da Silva, tem uma história interessante porque ela tem 10 (dez) irmãos e todos moraram no espaço rural de Inhambupe e o pai dela, meu avô, para não perder tempo, contratou um professor que dava aulas para os meus tios no período do verão, então no período do verão o professor ia dar aula no mês de dezembro a fevereiro. O professor dava aula em 3 (três) dias e meu avô pagava a esse professor. Ela disse que foram dois períodos de aula e ela aprendeu a ler e escrever. Eu lembro que quando eu era criança, minha mãe tinha vários livros didáticos, mas ela não sabe contar exatamente até que série ela estudou. Ela aprendeu a ler e escrever e só sabe fazer carta, bilhete, fazer conta, mas tem o ensino fundamental I incompleto. (Áurea Pereira – Entrevista Narrativa, 2015)

Segundo esta professora, esses livros de sua mãe constituíam parte de suas leituras em casa quando iniciou seu processo de escolarização e atribui ao senhor João Pereira e a dona Josefa da Silva, seus pais, o título de primeiros mestres, pois foram eles que a ensinaram a ler e escrever inicialmente, embora seu pai tenha passado por um processo de letramento que esta professora considera à margem da sociedade.

Meu pai ficou órfão de mãe enquanto era criança e aprendeu a ler de uma forma extraordinária, 'um letramento à margem da sociedade' um letramento funcional, ideológico, mas que não era legitimado pela escola. O meu avô era um comerciante e viajava muito pelas feiras vendendo feijão. E meu pai não teve acompanhamento educacional. A sua madrasta não ligava para ele. E ele desejava muito ir para a escola. Então, por conta disso ele comprou um 'ABC' e ficava esperando os colegas saírem da casa de uma senhora professora que dava aula particular em sua casa para as crianças daquela comunidade rural, lá em 'Baixa Preta', município de Sátiro Dias, BA. E meu pai ficava na estrada esperando os colegas saírem da escola para ensinar a 'lição do dia'. E, foi assim que aprendeu a ler e a escrever. Depois que começou a trabalhar foi para a escola e conseguiu superar parte das dificuldades. Essa é uma cena certamente vivenciada por tantos adultos anônimos que formam as classes dos ditos 'jovens e adultos analfabetos' [...]. (Áurea Pereira – Memorial Acadêmico, 2009)

Esse excerto da professora Áurea Pereira, explícito no seu memorial acadêmico, demarcou o lugar de seu pai nos seus percursos de escolarização, na escolha da profissão e de sua condição de pesquisadora na área de educação, principalmente no que se refere aos processos de alfabetização de adultos e idosos, objetos esses que foram investigados nos seus estudos de mestrado e de doutorado no PPGEduc/UNEB. E, em outro momento, no seu memorial, ao narrar sobre seus processos iniciais de escolarização, esta professora se reportou ao seu pai e afirmou que ele repetiu a história dele com ela, quando comprou uma cartilha de ABC e lhe ensinou as primeiras lições recheadas de castigos e cópias intermináveis para ela aprender a ler e escrever antes de ir para escola. Sobre essas memórias, a professora Áurea Pereira narrou:

Então eu aprendi a ler e escrever em casa mesmo com os meus pais, pois, mesmo com a escolaridade baixa, minha mãe sempre me colocava para ler e como a escola da roça era longe de casa e a gente tinha que andar quase uma hora para chegar à escola rural, meu pai começou a me alfabetizar em casa com a minha mãe por causa da dificuldade de deslocamento da nossa casa para a escola. Então, meus pais compraram o ABC, aquela cartilha pequena, e minha mãe começou a cortar as letras e fazer as rodinhas e começava a estudar o ABC todo e depois ia salteando e sempre perguntava as letras para eu ir aprendendo e assim eu aprendi todo o ABC. Depois meu pai começou a me ensinar a juntar as palavras e nessa cartilha do ABC tinha uma parte que ia juntando as palavras, juntando as primeiras sílabas [...] Então, quando os meus pais descobriram que eu dominava o ABC todo, eles compraram uma cartilha e eu comecei a ler. Eu estudava a tarde em casa com meus pais. O tempo de estudo era dividido entre meu pai e minha mãe. Meu pai ficava responsável em fazer as cópias e minha mãe ficava com a lição do dia. Para descobrir que existiam várias letras, eu escrevia como estava no livro e meu pai vinha e escrevia de outra forma, mas eu não entendia. Depois eu descobri sozinha que ele queria que eu escrevesse da forma normal, aí eu comecei a tentar escrever de forma normal. Quando eu comecei a escrever, eu fazia só o que meu pai mandava. Ele me dava parabéns porque eu tinha entendido o que ele queria que eu fizesse, mas a minha mãe determinava um tempo da tarde para estudar a lição. (Áurea Pereira – Entrevista Narrativa, 2015)

Neste excerto, a professora evidenciou a preocupação que os pais dela tinham com seu processo inicial de escolarização, ao determinar um horário para leitura e escrita em casa, mesmo antes de ir à escola, bem como demonstrou a função social da leitura e da escrita naquela comunidade rural onde viviam no município de Inhambupe.

Sobre a preocupação e incentivo dos pais no processo de formação inicial de escolarização de crianças, Lahire (1997) enfatiza que:

Sem dúvida, uma configuração familiar relativamente estável, que permita à criança relações sociais frequentes e duráveis com os pais, é uma condição necessária à produção de uma relação com o mundo adequada ao "êxito" no curso primário. Através de uma presença constante, um apoio moral ou afetivo estável a todo instante, a família pode acompanhar a escolaridade da criança de alguma forma (por exemplo, através de um autoritarismo meticuloso ou uma confiança benevolente). Neste caso, a intervenção positiva das famílias, do ponto de vista das práticas escolares, não está voltada essencialmente ao domínio escolar, mas a domínios periféricos. (LAHIRE, 1997, p. 26).

De fato, o acompanhamento dos pais no processo de formação escolar é importante, não só para o domínio escolar, mas contribui para outros que vão além da sala de aula, chamados de "domínios periféricos" (LAHIRE, 1997), os quais se relacionam com outros saberes, vivências e experiências.

A intervenção dos pais desta professora foi tão positiva que contribuiu para que ela chegasse à universidade e se constituísse professora graduada em Letras, além de ter realizado pesquisas acadêmicas no campo do letramento por causa da história de vida de seu pai.

Essa atitude dos pais da professora Áurea Pereira, expressa na última narrativa, denotou uma preocupação e inferiu para que a mesma tivesse acesso a certo universo letrado, o que foi primordial para as *biotravessias* desta professora, através de seus processos de *geotravessias*, entre o lugar da roça, onde vivia, até a docência no *Campus* da UNEB na cidade de Alagoinhas.

A professora Áurea narrou que morou no espaço rural em Inhambupe até 1976, pois a escola multisseriada onde ela estudou com a professora leiga Dona Nina havia fechado depois que esta professora se casou e se mudou para Olindina-BA. E, preocupado em dar continuidade ao processo de escolarização de Áurea Pereira, seu pai, o senhor João Pereira, resolveu vender a pequena propriedade rural onde moravam no município de Inhambupe e migraram para outra comunidade rural de Quizambu no distrito de Riacho da Guia em Alagoinhas, onde sua mãe ainda reside.

Sobre algumas lembranças de leituras, esta professora relembrou que a prática da leitura sempre foi algo muito comum porque tinham alguns livros velhos

em casa que eram de seus pais quando estudavam. Segundo ela, depois que começou a estudar na Escola de Dona Nina, sempre que chegava da escola, sua mãe mandava ler algo. Das leituras que fazia, esta professora se lembrou de um especial: livro de Isabel, um livro que era de seu pai que narra a história de uma menina que ganhou um presente de aniversário. Sobre esta memória, esta professora expôs:

Uma cena que eu lembro foram os primeiros livros que meu pai tinha em casa, era o livro de Isabel. Isabel era uma menina que tinha ganhado um presente de aniversário, então, quando eu comecei a ler essa história de Isabel eu me via no livro, eu entrava no livro e me personificava na personagem principal. Essas foram as primeiras cenas de leituras que eu lembro e foi ali que eu me tornei leitora. Eu me tornei o personagem de Isabel e comecei a despertar e quanto mais eu lia a história de Isabel, mais eu delirava com a história dela. [...] (Áurea Pereira – Entrevista Narrativa, 2015)

Neste fragmento narrativo, a professora Áurea Pereira demarcou, de fato, a sua formação leitora iniciada em casa através da influência dos pais, de modo especial, pelo seu pai João Pereira que, mesmo com uma escolarização insuficiente, incentivava seus filhos a adquirir e ampliar o universo letrado, tanto no ambiente familiar quanto no escolar.

Com a migração para o espaço rural de Alagoinhas em meados do ano de 1976, a professora Áurea disse que sentiu um grande impacto ao chegar à escola do distrito de Riacho da Guia, o que a fez ficar sem estímulo na escola porque foi matriculada no segundo semestre do mesmo ano de migração. Além disso, esta professora narrou que inicialmente o ambiente escolar era diferente e isso foi determinante na sua falta de envolvimento com os estudos naquele ano, mas voltou a ser a aluna dedicada no ano seguinte quando a professora Mercês chamou seus pais e informou a sua situação escolar.

Eu faltava a aula porque eu não gostava da escola até o ponto que a professora Mercês chamou meus pais na escola e disse que eu tinha faltado muita aula, mas no ano seguinte minha mãe me matriculou direitinho e aí eu fui para a escola e fui a primeira aluna da classe. Em 1977 eu voltei a ser a primeira aluna da classe, aí eu comecei a gostar da escola. Eu precisei de um tempo na comunidade para me acostumar na Escola Municipal General Osório. Esta escola ficava na comunidade de Quizambu, no distrito de Riacho da Guia aqui em Alagoinhas. Aí eu fui para a escola e fui a primeira aluna da classe, eu ficava na frente, fazia tudo, todas as tarefas com Dona Mercês. Com esta professora estudei a segunda e a terceira séries com ela.

Lembro que era uma escola multisseriada e Dona Mercês ensinava primeira, segunda, terceira e quarta séries [...]. (Áurea Pereira – Entrevista Narrativa, 2015)

Neste fragmento, esta professora narrou elementos que faziam parte da dinâmica de uma classe multisseriada e destaca a professora Mercês as turmas ofertadas por esta escola.

Quanto à estrutura da escola municipal multisseriada General Osório, localizada na comunidade de Quizambu, no distrito de Riacho da Guia em Alagoinhas, onde Áurea iniciou os estudos no ano de 1976, a professora Áurea Pereira narrou que funcionava num prédio que foi construído para ser uma escola, diferentemente da escola que esta professora havia estudado em Inhambupe que funcionava num espaço que era a extensão da casa da professora Nina e, ao lado do prédio escolar no Riacho da Guia, o governo municipal construiu uma casa para acomodar os professores que lecionavam nesta escola, uma vez que eles eram oriundos do espaço urbano de Alagoinhas e a mobilização diária era difícil naquele período. Foi nesta escola que ela conheceu a professora Mercês, uma professora que marcou o seu processo de escolarização no ensino fundamental.

Das lembranças do tempo da escola no distrito de Riacho da Guia, a professora Áurea Pereira descreveu que no início não gostava da escola e acreditava que isso ocorreu porque, talvez, tenha passado por algum tipo de discriminação por não ser daquela localidade rural de Alagoinhas. Esta professora rememorou que, com o advir do tempo naquela comunidade, foi se identificando com o espaço escolar no Riacho da Guia, passando a ter prazer em estudar naquela escola.

Mesmo não tendo problemas de aprendizagem no ginásio, a professora Áurea Pereira narrou que sofreu uma crise de identidade quando foi para o sexto ano do ensino fundamental II porque foi um momento de estranhamento, pois ela estava acostumada a estudar com uma única professora e quando foi para o sexto ano estranhou o movimento de entrada e saída de diversos professores – Português, Matemática, História, Geografia, Inglês, dentre outros – na sala de aula, mas depois se adaptou ao novo contexto escolar, foi líder de sala e se envolveu com a turma.

Das aprendizagens construídas no período da escola localizada no território rural, a professora Áurea Pereira rememorou que a maior delas foi que aprendeu a

ter disciplina, pois era uma criança difícil e mimada, mas isso melhorou muito com o passar dos anos. Além disso, enfatiza as marcas deixadas pela professora Mercês durante a escolarização, o que a fez escolher a profissão docente aos onze anos de idade quando entrou no ginásio, no ensino fundamental II na escola da roça, pois, segundo Áurea, esta professora leiga desempenhava muito bem seu papel como educadora e ao mesmo tempo em que era rígida, emanava felicidade no que fazia, melhorava o desempenho dos alunos, era criativa e dedicada, se articulava com a comunidade de Quizambu, mobilizava as pessoas e encantava os alunos com o seu modo de ensinar.

A professora Áurea relatou que ao final da terceira série, quarto ano do ensino fundamental, por volta dos 12 (doze) anos de idade, acompanhou a professora Mercês em alguns momentos quando vinha para a sede do município de Alagoinhas e em uma dessas vindas passaram em frente do prédio onde funcionava, naquela época, a Faculdade de Formação de Professores de Alagoinhas (FFPA)⁴³ e perguntou à professora Mercês o que era aquele prédio e ela explicou que era a faculdade que formava professores e Áurea ficou encantada pelo espaço e disse que queria ser professora. Sobre essas memórias, relatou:

A FFPA era a faculdade de formação de professores e ficava na Praça Rui Barbosa e hoje é uma biblioteca. Dona mercês sempre me chamava para vir com ela para Alagoinhas quando tinha alguma coisa para resolver. Em uma dessas vindas, passamos pelo prédio onde funcionava a FFPA e eu perguntei a ela o que era aquilo e ela me falou que aquele prédio era a Faculdade de Formação de Professores de Alagoinhas e que para ensinar nesta faculdade tinha que fazer faculdade e eu disse que eu queria fazer faculdade quando eu crescesse e eu estava na terceira série na época, eu tinha 11 (onze) para 12 (doze) anos. Foi neste momento que comecei alimentar esse sonho de ser professora. Então, fui para quinta série e quando eu cheguei lá eu sempre conversando com as colegas e todo mundo queria fazer alguma coisa e eu sempre dizendo que eu queria

⁴³ Os primórdios da FFPA estão inseridos no amplo movimento de expansão do ensino superior que caracterizou a década de 1970 na Bahia. Naquela época, o governo pretendia capacitar professores que pudessem atuar nos chamados “ginásios”, nos “centros Integrados”, na rede pública, visando assim fortalecer os diferentes segmentos da educação no interior do estado. Além disso, a FFPA respondia também aos anseios da comunidade alagoinhense que pleiteava uma instituição de ensino superior no município. Assim, a Secretaria de Educação e Cultura do estado, mentora administrativa e executora, decidiu organizar um curso de especialização de alto nível em 1972, cuja intencionalidade era qualificar os futuros professores da nova faculdade, todos eles licenciados em Letras. Em 1983, quando foi criada a UNEB, através da integração de sete instituições já existentes, tanto na capital como no interior da Bahia, a FFPA passou a integrar a UNEB do *Campus II*. (Fonte: Disponível em: <http://www.revistas.uneb.br/index.php/babel/article/view/214/187>. Acesso em: 3 jul. 2016).

ser professora de faculdade, mas eu não sabia o que uma professora de faculdade. Eu lembro que perto de minha casa em Riacho da Guia construíram uma escola, a escola Ângelo Magalhaes e até fecharam depois e um senhor idoso passou por mim e disse: “Olha, estão fazendo aquela escola para a senhorinha ensinar lá!”, mas eu disse para este senhor que eu não queria ser professora de primário não, eu queria ser professora de faculdade! [...] Quando eu terminei a oitava série, alguns colegas já me incentivavam a fazer o vestibular, pois naquele tempo já se falava em vestibular, em faculdade. E aquele sonho de fazer faculdade foi aumentando, então, eu fui fazer o curso de magistério e quando eu estava quase terminando o curso lá no colégio de Alagoinhas, um dos colégios mais antigos, era particular e bem tradicional, eu decidi mesmo que queria ser professora de faculdade. (Áurea Pereira – Entrevista Narrativa, 2015)

A professora Áurea Pereira também rememorou que dos 13 (treze) aos 18 (dezoito) anos de idade se envolveu com movimentos comunitários religiosos e foi professora na catequese de crianças na faixa etária dos 8 (oito) a 10 (dez) anos. Para ela, esta experiência foi bastante significativa para seu processo de formação identitária, tanto pessoal como profissional, pois agregou conhecimentos e saberes que envolvem a docência, embora naquele período ela não tivesse a consciência da importância desse momento formativo, mas narrou que aprendeu a estabelecer estratégias de ensino, escolher metodologias para envolver as crianças na catequese, conforme excerto de sua narrativa.

[...] Dos 13 (treze) até os 18 (dezoito) anos me envolvi com os movimentos de comunidade e fui catequista. A gente vinha sempre lá da comunidade rural para o centro diocesano que era aqui em Alagoinhas, pois o encontro era mensalmente com todos os professores de catequese com as irmãs do Santíssimo Sacramento do Colégio São Francisco, as sacramentinas. Então, a participação desse movimento foi uma aprendizagem para a vida mesmo, uma formação tão forte em minha vida que naquele momento que eu vivenciava isso, eu não dava tanto valor porque eu queria viver o momento, eu queria mais era aproveitar porque eu gostava de ser professora de catequese, então, eu estava ali para aprender as dinâmicas, aprender as estratégias de trabalhar com os meninos, pois eram crianças, eram crianças de 8 (oito) a 10 (dez) anos. Então, aquele momento eu tinha que buscar estratégias e aprender dinâmicas. Essa formação foi importante para mim, pois eu aprendi a ter sabedoria pra lidar com determinadas coisas que são tão difíceis de resolver que desembocam em outros momentos da vida, principalmente na universidade e isso me ajudou muito a ser o que sou hoje [...]. (Áurea Pereira – Entrevista Narrativa, 2015)

Assim que concluiu o curso de Habilitação para o Magistério em nível médio, a professora Áurea relembrou que iniciou a docência no espaço escolar, mesmo

sabendo que sua atuação profissional não seria a educação básica porque tinha pretensão de exercer a docência no ensino superior. Sobre esses momentos de sua história de vida, ela rememorou:

Quando eu terminei o curso de magistério em Alagoinhas em 1985, em 1986 passei no concurso da prefeitura e comecei a alfabetizar crianças na escola Ângelo Magalhaes. Nunca tinha feito um curso de alfabetização antes, mas tomei um curso e conheci o método de alfabetização, então, eu comecei a trabalhar nesta escola que eu disse que não trabalharia porque eu iria ser professora do nível superior, da faculdade. Fiquei dois anos alfabetizando crianças, depois me convidaram a dar aula e surgiu a possibilidade de fazer o vestibular e eu queria fazer Licenciatura em História e não em Letras. Não sei por que o curso de História me fascinava mais, mas o primeiro vestibular que eu fiz era muito concorrido e eu não passei para História e deixei esse curso de lado. Em 1987, uma colega me chamou pra fazer um curso de adicionais em Língua Portuguesa por um ano na CNEC de Alagoinhas e eu fui fazer porque já estava trabalhando na alfabetização de crianças. (Áurea Pereira – Entrevista Narrativa, 2015)

A professora Áurea Pereira recordou que muitas coisas aconteceram entre 1989 e 1992, pois foi um período de mudanças pessoais, escolhas profissionais e formativas porque casou-se pela primeira vez, tinha que trabalhar e estudar porque havia passado no vestibular. E continuou a rememorar:

Quando eu terminei esse curso, a prefeitura me convidou para trabalhar no ginásio do Riacho da Guia, de quinta à oitava série. A secretária, a professora Edite, me convidou na época para dar aula da disciplina de Química para a quinta e sexta séries e ali foi minha benção porque me achei naquele momento, pois fui dar aula para o ginásio, ao invés do Fundamental I, mas continuei alfabetizando crianças na outra escola [...] Quando Chico Reis foi prefeito da cidade de Alagoinhas, ele instituiu que as escolas deveriam fazer eleições para diretores e eu me candidatei para ser diretora da escola Ângelo Magalhaes, onde trabalhei como alfabetizadora. Nesta escola, eu fiquei dois anos como gestora escolar. Depois disso, em 1990, eu fiz um concurso docente na rede estadual, sendo aprovada depois de mais de 10 anos concursada pelo município. Eu fiz o concurso em 1990 e fui chamada em 1991 [...]. Tinha feito o vestibular e naquele momento, em 1991, foi um momento de muita mudança em minha vida, pois eu era diretora de escola, trabalhava com a quinta e a sexta séries em outra escola, passei no vestibular, o estado me chamou também para trabalhar em 1991, em janeiro eu passo no vestibular e estava também grávida do meu primeiro filho – Silas. (Áurea Pereira – Entrevista Narrativa, 2015)

Segundo esta professora, quando passou no vestibular para o curso de Licenciatura em Letras Vernáculas na UNEB de Alagoinhas, teve que reduzir sua

carga horária na rede municipal de ensino, o que a levou a pedir exoneração do cargo de diretora da Escola Municipal Ângelo Magalhães, ficando apenas com 30 (trinta) horas na escola localizada no Riacho da Guia, espaço rural de Alagoinhas, para assumir mais 20 (vinte) horas de docência na rede estadual de ensino.

Esta professora também narrou que no período em que cursava o Magistério na educação básica sentiu muita vontade de trabalhar com Educação de Jovens e Adultos (EJA) porque já ouvia muito sobre o MOBRAL⁴⁴, mas não teve oportunidade, mas depois conheceu uma professora no *Campus II* da UNEB que ofereceu um curso de extensão universitária e ela participou. Segundo Áurea Pereira, o período em que trabalhou com a EJA foi muito significativo, conforme destacou:

[...] desde quando eu fiz o curso de magistério eu tinha vontade de trabalhar com EJA, quando eu ouvia falar do MOBRAL eu ficava com vontade de trabalhar com essas pessoas idosas, mas não encontrava uma vaga, na verdade, eu estava interessada em dar aula para adultos. E, quando eu fiquei sabendo que tinha uma inscrição para um curso de EJA, na formação de alfabetizadores para adultos, eu me inscrevi e comecei. E, conheci a professora formadora Estela Rodrigues, do Campus da UNEB, que estava organizando o curso e ministrava aula junto com a professora Elizabeth Monteiro que é professora daqui também. Foi nesse momento que eu conheci muitas professoras, como Estela Rodrigues, Nazaré Mota, Elizabeth Monteiro e Yeda. [...] Lembro que depois que terminou esse curso, eu fui aprovada no vestibular e no Riacho da Guia comecei a trabalhar com classe multisseriada e [...] eu não era graduanda ainda. Em 1992, eu fui dar aula para EJA depois que eu pedi ao município que transferissem 20 (vinte) horas da minha carga horária para a sede do município porque eu estava sobrecarregada, pois eu estudava a tarde e dava aula pela manhã. (Áurea Pereira – Entrevista Narrativa, 2015)

Segundo suas memórias, foi na EJA que ela vivenciou o método de Paulo Freire e esta experiência contribuiu com outros momentos de sua atuação profissional porque agregou saberes. Assim, narrou a professora Áurea Pereira:

⁴⁴ O Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) foi um projeto do governo militar brasileiro, criado pela Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967, que propunha a alfabetização funcional de jovens e adultos, que abandonaram a escola, visando conduzir a pessoa a adquirir a leitura, escrita e cálculo como meio de integrá-la a sua comunidade, permitindo melhores condições de vida na sociedade. As metas iniciais previstas, no entanto, ficaram longe de serem atingidas. Isso porque o Mobral não alterou as bases do analfabetismo, calcadas fundamentalmente na estrutura organizacional da educação no país. Além disso, o seu modelo foi bastante condenado como proposta pedagógica por ter como preocupação principal apenas o ensinar a ler e a escrever, sem nenhuma relação com a formação do homem. (Fonte: MENEZES, Ebenezer Takuno de. Mobral - Movimento Brasileiro de Alfabetização. Disponível em: <http://www.educabrasil.com.br/mobral-movimento-brasileiro-de-alfabetizacao>. Acesso em: 14 ago. 2016).

Então, na EJA eu fui vivenciar o método de Paulo Freire. Muita gente me ajudou a trabalhar com este método com esses jovens e adultos. Eu tinha mais adultos do que jovens! A escola ficava na sede de uma igreja batista na cidade, então, eu fiquei nessa escola com EJA em torno de 3 (três) a 4 (quatro) anos. Isso me fortaleceu muito porque era outra dinâmica. Essa experiência que eu tive de ser professora de criança, depois de adolescentes e ser professora de adultos, pessoas que não sabiam ler e escrever foi maravilhosa. Meninos que eram filhos de pais que estavam presos, jovens que queriam aprender minimamente ler e escrever, aprender a fazer as 4 (quatro) operações. [...] Então, esses meninos queriam aprender as coisas mínimas. Uma senhora que trabalhava para as freiras queria só aprender a escrever o seu nome. Cada um da EJA que estavam comigo ali na sala tinha um desejo que era diferente dos adolescentes que eu trabalhava no ginásio [...]. Foi uma boa experiência. (Áurea Pereira – Entrevista Narrativa, 2015)

Durante a entrevista narrativa, esta professora rememorou que adotou algumas práticas de ensino, feitas pelas professoras que tivera, quando passou a exercer a sua profissão docente na educação básica, das quais destacou aquelas ancoradas nas leituras e produções textuais, como expôs na narrativa a seguir.

Quando eu comecei a trabalhar com o ginásio eu não tinha entrado na universidade. Lembro que fiz o curso adicional em Língua Portuguesa pela DIREC que me ajudou muito com as minhas práticas docentes, pois nele discutíamos o que os professores faziam, como é que eram as práticas da Língua Portuguesa, como era que se trabalhava com as regras gramaticais e o porquê de não trabalharmos com a produção textual. Então, ali eu conheci muitos textos que foram apresentados de muitos autores [...]. Eu conheci o material de Wanderley Geraldí, os “textos na sala de aula” e tem um livro desse professor que orienta como trabalhar literatura na sala de aula. Então, depois disso, os meninos tinham uma média de 40 (quarenta) livros por unidade para ler. Ai eu apliquei essa atividade lá no colégio estadual e eu tenho alunos que ainda lembram disso. Lembro que naquele período eu fiz uma campanha de livros na escola, levei os livros de literatura que eu tinha em casa, consegui de colegas e fizemos uma campanha na escola para trabalhar com esses livros, mas era uma coisa maravilhosa porque toda semana tinham 5 (cinco) aulas de Língua Portuguesa e tirava duas dessas aulas para trabalhar com literatura com meus alunos. Então, nessas aulas os meninos liam os livros e trocavam entre eles na sala de aula. Os livros eram colocados na mesa e cada um pegava o seu livro e eu fazia registro no caderno dos livros que eles pegavam para ler tanto na aula como em casa, pois eles tinham um prazo de uma semana para realizar a leitura do livro escolhido na sala. Após esse período, eles diziam o que tinham gostado da leitura. (Áurea Pereira – Entrevista Narrativa, 2015)

A professora Áurea Pereira afirmou que as experiências de leitura vivenciadas na educação básica, a mais marcante foi a proporcionada pelas aprendizagens das ideias de João Wanderley Geraldi⁴⁵, as quais fundamentam o ensino de Língua Portuguesa em três concepções que envolvem a linguagem como expressão do pensamento; a linguagem como instrumento de comunicação e; a linguagem como uma forma de interação. Essas ideias foram aprimoradas, segundo esta professora, quando realizou o curso de Língua Portuguesa pela DIREC, atual NTE⁴⁶. Assim narrou:

Essa experiência foi tão interessante que eles começaram a trocar os livros e isso contagiou e eu comecei a formar leitores na quinta e sexta séries. Para mim, isso foi uma das melhores coisas que ocorreu durante a minha fase de professora na educação básica, pois essa experiência de leitura e outra proporcionada pelo programa da Petrobrás que envolviam biblioteca itinerante na escola. Acho que se chamava biblioteca itinerante, pois umas pessoas vinham para a escola e distribuíam os livros e a gente fomentava o projeto de leitura na escola, criávamos várias atividades e depois de um mês, essas mesmas pessoas vinham à escola, pegava os livros e os meninos apresentavam aquilo que foi produzido naquele período e depois nós tínhamos um encontro para falar dessa experiência. (Áurea Pereira – Entrevista Narrativa, 2015)

Segundo esta professora, os seus alunos tinham um caderno de redação onde eram anotadas todas as produções textuais que eram entregues a esta professora no final da unidade letiva, os quais lia cuidadosamente e depois devolvia para os alunos com as suas observações. Áurea Pereira ainda destacou:

Quando eu fui trabalhar com a sétima e oitava séries, eu mudei a atividade e fazia jornal com os meninos e a gente publicizava esse jornal. Foi um desafio fazer esse jornal porque era uma dificuldade fazer os meninos da oitava série escrever mais e colocar as ideias, mas eu insisti nisso e comecei a fazer jornal mural. Então, eu fiz uma parceria com um colega que foi professor de História que trabalhou no colégio e também com outra professora de português e fizemos um jornal de verdade. Tudo que tinha num jornal tinha nesse. Primeiro estudamos o que era um jornal e eu comprei um livro de Alice Farias que falava como trabalhar com o jornal em sala de aula, estudei esse livro todo e depois fomos aplicar essa ideia. Então, fui explicar o passo a passo do que era um jornal, cada parte, todos os gêneros textuais que se tinha no jornal. Lembro que dividi a sala em grupo e cada um fazia uma pesquisa. Esse jornal chegou à elite do

⁴⁵ Ideias expostas no site: <https://zellacoracao.wordpress.com/2010/03/30/concepcoes-de-linguagem-e-ensino-de-portugues-joao-wanderley-geraldi/>. Acesso em: 09 jul. 2016.

⁴⁶ O NTE é a atual denominação para as Diretorias Regionais de Educação (DIREC), instituída em 07 de fevereiro de 2017 pelo governo do estado da Bahia.

governo municipal da época, pois os meninos teceram várias críticas sobre as estradas que eles percorriam de suas casas até a escola, até à sede de Alagoinhas. Então, lembro que Jorge Mendes era vereador do município e continua até hoje, já tem uns 5 (cinco) mandatos, comentou que o prefeito não estava gostando nada na nossa mobilização na escola com esse jornal.[...] Só sei que o jornal era um sucesso, inclusive fizemos um evento e convidamos a comunidade toda e os alunos autografaram o jornal. Foi muito bom! Foi significativo para a comunidade! Uma outra atividade que marcou o meu percurso de professora nessa escola rural no Riacho da Guia foi o projeto de pesquisa que realizamos entre 1998 e 1999 sobre a origem dos nomes das comunidades de onde os alunos vinham, pois eles não sabiam. Na verdade, eu acho que já estava estudando as histórias de vida das pessoas daquela comunidade, sem saber. Foi aí que eu comecei a estudar a história da comunidade Riacho da Guia e comecei a compreender o significado de “Riacho da Guia”. Então, eu descobri a história de lá e fizemos um projeto e nele fomos estudar a história daquele lugar e depois realizamos uma feira de leitura na comunidade e eu, Maria Helena e Marinalva publicamos um livrinho bem pequeno e foi muito marcante. (Áurea Pereira – Entrevista Narrativa, 2015)

Essas lembranças de práticas de ensino envolvendo leitura e escrita são muito fortes nas memórias de atuação profissional desta professora, durante seu exercício profissional na educação básica, sobretudo no espaço escolar localizado no distrito de Riacho da Guia, localidade rural que marca a identidade profissional desta docente.

Áurea Pereira relatou que, mesmo involuntariamente, já fazia uso da história oral em suas atividades docentes no espaço escolar. Sobre essas memórias, ela disse:

Quando fomos estudar história oral, nós estávamos fazendo história oral e não sabíamos e os alunos foram para as comunidades rurais, e fizeram entrevistas com as pessoas sobre o nome da comunidade, sobre a família, quem foram os primeiros habitantes dali. E com isso, nós já estávamos fazendo a história oral e eles gravavam tudo, depois transcreviam as narrativas. Desse material fizemos um livro que eu tenho até hoje guardado com as histórias de todas as comunidades. Tinha a história de tudo, de todos os coronéis, de quem chegou primeiro lá e tal. Foi a primeira vez que Riacho da Guia começou a ter um documento contendo dados sobre a localidade e [...] foi uma produção produzida pela escola. Fizemos uma feira de cultura e o tema da nossa sala foi discutir a memória da comunidade. Os visitantes da feira sabiam a história toda da comunidade e receberiam também um livrinho. Depois de muito tempo eu fiquei sabendo que aquilo não tinha importância para muita gente, mas eu cumpri a minha parte de fazer o trabalho. Depois de um tempo eu soube que chegou alguém para conhecer a comunidade e um aluno que foi meu, foi em casa e pegou o livrinho que tínhamos feito e

mostrou o que a gente tinha feito e escrito sobre a história do Riacho da Guia. (Áurea Pereira – Entrevista Narrativa, 2015)

Este fragmento narrativo da professora Áurea evidenciou a importância da coleta de dados sobre o lugar onde moramos a partir da técnica da entrevista. Neste excerto, ela demonstrou seu sentimento de pertencimento àquele lugar, como professora e educadora preocupada com questões que envolviam a cidadania e o conhecimento do lugar onde os sujeitos vivem e trabalham.

Sobre inovação pedagógica, a professora Áurea Pereira relatou também que sempre gostou de fazer algo diferente e que durante o período em que estava fazendo um curso de especialização no município de Feira de Santana, durante o trajeto de deslocamento de Alagoinhas para esta cidade, pensava em algumas estratégias metodológicas e colocou em prática algumas aprendizagens adquiridas na universidade, sobretudo quando realizou algumas oficinas. Assim narrou:

A estrada de Alagoinhas a Feira de Santana estava péssima, ai eu vinha pensando que tinha que criar alguma coisa diferente para aqueles meninos do Riacho da Guia. Ai eu tive uma ideia de fazer um projeto de oficina. Eu quis fazer da escola uma Universidade, ai eu fiz um projeto de oficinas de música, de capoeira, de arte, de culinária e eu vim aqui na UNEB e falei com a professora Irís, que era a diretora na época, em 1998, para fazer os certificados para dar aos participantes. Lembro que eu cheguei à UNEB e disse a ela que eu queria fazer um projeto de oficinas e precisava certificar os estudantes e os professores só que nós não temos dinheiro para patrocinar os certificados, mesmo porque o certificado da escola não tinha tanto valor em minha cabeça, então, a gente precisa fazer essa parceria com a universidade. Nessa época, eu já tinha terminado a graduação e estava fazendo a especialização em Feira de Santana. Ai a professora Iris conseguiu emitir todos os certificados e fizemos as oficinas e foi uma semana de festa na escola. Todos poderiam escolher a oficina que queriam fazer, pois se os alunos quisessem fazer uma oficina de cordel, tinha-se uma oficina de cordel com um professor. Nós conseguimos patrocínio com várias pessoas e até a própria prefeitura e várias empresas patrocinaram no sentido de comprar alimentação para dar para os professores que ficaram a semana toda na escola. Tinha alimentação, transporte e tinha um certificado no final do evento. (Áurea Pereira – Entrevista Narrativa, 2015)

As oficinas realizadas na escola foram muito bem sucedidas, mas esta professora afirmou que ficou impressionada com o reconhecimento dos alunos e destacou:

O que mais me alegrou foi a satisfação dos alunos. Um deles escreveu o seguinte para mim: 'professora, eu queria que a escola fosse assim: alegre, feliz e que a gente pudesse escolher o que a gente quisesse fazer'. Fiquei emocionada, mas saí de lá no ano 2000 e eu não sei se fizeram mais trabalhos na escola como este. Mas isso foi um marco também na minha vida por conta daquela formação que a gente possibilitou naquela comunidade, com atividades diferenciadas, principalmente porque naquele tempo estavam discutindo sobre os PCN e, de fato, ninguém sabia ainda o que eram os PCN e eu acho que esse tipo de trabalho na escola é um trabalho que dá sentido aos conteúdos que a gente estudava. Os alunos puderam fazer outras atividades e explorar outras habilidades que eles tinham e que nem sabiam, como por exemplo, cantar, tocar um instrumento musical, recitar poemas [...]. Mas esse meu projeto foi bom inclusive porque me fez conhecer dona Catarina, uma importante colaboradora para as minhas pesquisas de mestrado e de doutorado que sabia da história da comunidade [...]. Ai passou o tempo, eu saí do Riacho da Guia e passei a trabalhar no Colégio Modelo de Alagoinhas, pois a DIREC me convidou e eu vim porque era um momento de mudança política na cidade e o governo do PT estava assumindo a cidade, então havia uma briga da prefeitura municipal com a DIREC, mas eu aproveitei o embalo e vim removida para o Colégio Modelo e percebi uma diferença muito grande entre este colégio e a escola rural onde trabalhava. Eu sentia saudade e, por muitas vezes, eu pedi para voltar para o Riacho da Guia. (Áurea Pereira – Entrevista Narrativa, 2015)

A professora Áurea queria voltar para a escola do Riacho da Guia porque lá eles já tinham organizado o pedagógico, definido os projetos da escola, tinha certa organização, enquanto que o Colégio Modelo estava iniciando e faltavam materiais pedagógicos que pudessem viabilizar práticas de ensino que se assemelhassem àquelas realizadas no Riacho da Guia.

Esta professora lembrou que neste período foi trabalhar no PEI que era um Programa de Enriquecimento Instrumental, cuja função era solucionar as dificuldades escolares que os alunos tinham. Então, a professora Áurea narrou que nesta época fez um curso de formação continuada para trabalhar 4 (quatro) horas semanalmente no PEI, mas não gostou da experiência, sobretudo porque não tinha como atender 50 (cinquenta) alunos numa classe e trabalhar com suas dificuldades individuais e coletivas.

Em 2004, quando a UNEB convocou, através de concurso público, a professora Áurea Pereira para ministrar aula de Estágio Supervisionado ela já tinha experiência no exercício docente superior no curso de Pedagogia na Faculdade Santíssimo Sacramento e teve que reduzir a sua carga horária na educação básica na rede estadual para assumir 40 (quarenta) horas na UNEB.

No *Campus II*, a professora Áurea Pereira trabalhou nos cursos de Biologia, Matemática e Letras com produção textual, mas depois de certo tempo ficou apenas no curso de Letras, conciliando com o Colégio Modelo e a Faculdade Santíssimo Sacramento.

A professora Áurea Pereira lembrou que após a especialização na UEFS, começou a participar de eventos acadêmicos fora do estado da Bahia, o que agregou saberes, principalmente no que concerne às questões didáticas, ao seu processo de formação continuada e a manteve no campo da pesquisa.

Como pesquisadora no mestrado esta professora investigou os “Percurso da oralidade e letramento na comunidade de Saquinho, município de Inhambupe, BA” (SANTOS, 2008) e no doutorado pesquisou o “Tempo de plantar, tempo de colher: mulheres idosas, saberes de si e aprendizagens de letramento em Saquinho” (PEREIRA, 2014).

Como estudante que foi, a professora Áurea Pereira destacou:

Eu poderia ter estudado mais, poderia ter me cobrado mais. Sobre isso, eu sempre digo aos meus alunos que, como aluna na UNEB, eu tinha vergonha de ir para a sala de aula sem a atividade pronta ou o texto fichado. Para mim era vergonhoso uma atitude daquela e eu fazia de tudo para não passar por um vexame de ficar sem responder às atividades até porque tinha uma cobrança em casa, pois embora meus pais não tivessem estudo, eles me mandavam estudar e responder as atividades. (Áurea Pereira – Entrevista Narrativa, 2015)

O olhar para trás nos remete a algo que ficou por fazer e, se pudéssemos voltar ao passado, faríamos algo diferente, seja no âmbito pessoal, formativo ou profissional, mas o certo é que a professora Áurea Pereira tem construído histórias, sobretudo no município de Alagoinhas como professora formadora no Departamento de Educação do *Campus II* da UNEB, no âmbito do Estágio Supervisionado em Letras e, mais recentemente, como gestora reeleita neste mesmo departamento, pois a sua história de vida, de formação e de profissão é repleta de muitas letras porque perpassa por um histórico somado a outras tantas histórias que compõem as identidades pessoal e profissional desta professora.

4.3 Claudene Rios: histórias de uma professora de Matemática

Minha mãe me colocava para dormir e eu ficava escondida só para vê-la dar aula. [...] Eu lembro que eu aprendi a soletrar vendo minha mãe soletrando com os adultos. (Claudene Rios – Entrevista Narrativa, 2014)

Esta professora não somente aprendeu a soletrar observando a sua mãe dar aula no MOBRAL à noite, mas também a contar com seu pai em casa, apesar do pouco capital escolar dele.

Oriunda de uma família de cinco filhos, a professora Claudene Rios é a segunda filha de um casal que se esforçou e proporcionou educação escolar aos filhos e os conduziram à formação no ensino superior.

Dos quatro irmãos desta professora, somente o mais velho não fez curso superior, mas concluiu a educação básica e se constituiu comerciante. Um deles também fez o curso de Licenciatura em Matemática, assim como ela e atua como professor na educação básica; outro se graduou em Direito e o irmão caçula formou-se em Administração.

O pai da professora Claudene Rios era o senhor Valdivino Gonçalves Mendes⁴⁷, um agricultor/lavrador, pequeno proprietário⁴⁸ de uma área de aproximadamente 100 tarefas⁴⁹ de terras, onde plantava batata, feijão, milho e hortaliças. Segundo esta professora, seu pai era um senhor que não teve a oportunidade de frequentar a escola, era um semianalfabeto que lia com dificuldades, mas que fazia contas como ninguém!

Já a sua mãe é Dona Terezinha Ferreira Mendes, uma professora aposentada que iniciou sua carreira docente como leiga do MOBRAL na escola localizada no espaço rural do município de Pintadas-BA, mas que se tornou professora com formação em nível médio tempos depois de casada, de ter sido mãe, o que a possibilitou ministrar aulas nos anos iniciais do ensino fundamental neste mesmo município, antes de se aposentar.

⁴⁷ Falecido no segundo semestre do ano de 2016. Mais conhecido como Senhor Vavá.

⁴⁸ É considerado pequeno proprietário rural a pessoa que possui menos de 50 hectares de terras agrárias, vive no espaço rural ou precisa da terra para sobreviver. 1 hectare de terras equivale a 10.000 m².

⁴⁹ Cada tarefa de terra no estado da Bahia corresponde a 4.356 m². Portanto, 100 tarefas de terras correspondem a 435.600 m².

Nascida em 23 de fevereiro de 1968, na Fazenda Boa Sorte, um espaço rural localizado no município de Pintadas-BA⁵⁰, Claudene Rios é graduada em Licenciatura em Matemática pela UEFS, Especialista em Metodologia do Ensino pela UNIT, Especialista em Educação à Distância pela UNEB e Mestre em Ensino, Filosofia e História das Ciências pela UFBA.

Atualmente esta professora faz parte do quadro de professores assistentes da Universidade do Estado da Bahia, atuando no DEDC do *Campus XI*, Serrinha-BA e professora de Matemática da educação básica no CIEAC no município de Feira de Santana-BA, onde reside atualmente. Esta professora tem experiência na área de formação de professores, fundamentos de matemática e modelos matemáticos.

Ela relembrou que foi na casa onde seus pais iniciaram a família, no espaço rural de Pintadas-BA, localizada próxima à casa de seus avós, adquirida pelo seu pai Vavá logo após ele ter chegado do estado de São Paulo que ela iniciou seu processo de escolarização, pois quando seu pai era jovem, ele foi trabalhar certo período em São Paulo-SP e precisou tirar a carteira de identidade e, como não queria colocar o dedo porque achava muito feio, pediu a um colega de trabalho que o ensinasse a desenhar o nome dele para não usar o dedo. Algum tempo depois, o Sr. Vavá retornou ao município de Pintadas-BA, comprou a terra onde seus pais viviam através do recurso financeiro adquirido no estado de São Paulo.

A professora Claudene Rios narrou que após alguns anos, o seu pai colocou uma venda em sociedade com um tio, uma pequena casa comercial no distrito de Pintadas, destinada a vender desde gêneros alimentícios aos materiais de limpeza, localizado um pouco distante da localidade da casa onde moravam na roça. Nesta época, Pintadas era distrito de Ipirá. Foi justamente neste período que abriu este pequeno estabelecimento comercial, localizado na sede do município de Pintadas, que o Senhor Vavá começou a exercitar a escrita, escrevendo o nome das mercadorias e a fazer contas, exercitando seu letramento.

Segundo a professora Claudene Rios, seu pai (*in memoriam*) mantinha as duas atividades – o trabalho de plantio de produtos de subsistência na pequena propriedade rural e a atividade comercial na sede do município de Pintadas – e,

⁵⁰ Este município faz parte do Território de Identidade da Bacia do Jacuípe, formado pelos municípios de Baixa Grande; Capela do Alto Alegre; Capim Grosso; Gavião; Ipirá; Mairi; Nova Fátima; Pé de Serra; Pintadas; Quixabeira; Riachão do Jacuípe; São José do Jacuípe; Serra Preta; Várzea da Roça e Várzea do Poço. (SEPLAN, 2016). A população absoluta deste município é de 10.742 habitantes, distribuídos numa área territorial de 545,590 km², cujo IDHM é de 0,612 (IBGE, 2015).

quando ela e seus irmãos eram crianças, antes de residirem temporariamente na cidade de Pintadas, para possibilitar a continuidade dos estudos dos filhos, o Senhor Vavá ficava na roça pela manhã, lidando com a terra e à tarde trabalhava na venda, deslocando-se de cavalo da roça para a área que corresponde à sede do município e sempre trazia, ao final do dia, no retorno para casa, doces coloridos para os filhos, como forma de carinho. E, quando passaram a residir na sede de Pintadas, seu pai dedicava parte do dia para as atividades agrícolas e comerciais.

Quando os pais da professora Claudene Rios se casaram, o Sr. Vavá tinha 25 (vinte e cinco) e Dona Terezinha tinha 17 (dezessete) anos de idade. Eles se conheceram através de um tio que achava que o senhor Vavá era bom moço e o convidou a ir raspar mandioca com eles numa localidade rural conhecida por Fazenda do Canto, localizada a 1,5 km da Fazenda Boa Sorte e assim conheceu Dona Terezinha.

Sobre as reminiscências da infância, da casa dos pais na roça, a professora Claudene Rios rememorou:

Eu nasci na roça, numa casa que tem várias janelas. A casa dos meus pais era branca de janelas azuis, mas hoje as janelas são verdes. [...] Tem um varandado bem grande e um terreiro enorme que a gente brincava. Eu me lembro muito bem!. Eu sentia vontade de aprender a ler, mas não lembro quando eu aprendi, não sei se foi com 5 (cinco) ou 6 (seis) anos de idade. Contudo, minha mãe era professora do MOBREAL e eu ficava deslumbrada vendo minha mãe ensinar o pessoal do noturno. Ela ensinava várias pessoas da roça a ler cartas porque era comum os filhos do pessoal da minha região irem para São Paulo e mandar cartas para os parentes. Então, minha mãe lia as cartas do povo e escrevia também, só que tinham algumas pessoas que ficavam com vergonha de expor assuntos que envolviam segredos nas cartas. Então, minha mãe foi ser professora do MOBREAL, pois ela sabia ler e escrever, mas não era professora formada. No MOBREAL, o ensino era para adultos e à noite. Com isso, ela me colocava para dormir e eu ficava escondida só para ver ela dar aula. Sei que vendo minha mãe, eu aprendi a soletrar vendo minha mãe soletrando com os adultos que ensinava. Lá tinha um cartaz no MOBREAL que dizia: “vida.”, eu sempre lembro disso, pois tinha uma mulher dando mama a uma criança de colo e minha mãe ensinava soletrando as palavras do cartaz. Eu nunca me esqueci disso! (Claudene Rios – Entrevista narrativa, 2014)

Essa narrativa da professora Claudene Rios evidenciou a influência da mãe no seu processo inicial de alfabetização, pois as primeiras aprendizagens ocorreram a partir da observação que fazia da sua mãe durante o exercício profissional docente numa turma de alfabetização de adultos, a do MOBREAL, que funcionava numa sala

construída por seu pai, o senhor Vavá, para ser a escola, um espaço agregado à sua casa residencial, na comunidade rural de Pintadas-BA.

Assim, Dona Terezinha se tornou professora na comunidade, pois a leitura e a escrita de cartas se constituíam uma necessidade social de comunicação entre as pessoas que residiam naquela localidade rural e os parentes que migravam em busca de trabalho no estado de São Paulo. Esta situação da mãe da professora Claudene Rios era muito parecida com a de Dora, uma ex-professora, que constitui o enredo da película fílmica *Central do Brasil*⁵¹. Isso mobilizou os pais da professora Claudene a construir uma sala de aula agregada à casa deles, espaço este que se tornou “Escola Boa Sorte”.

A professora Claudene relembrou que o ano de 1978 foi muito difícil conviver no espaço rural de Pintadas por causa da falta de chuva e muita coisa atraía a sua atenção no distrito sede deste município, principalmente o término da feira livre porque ela só visualizava o início da dinâmica da feira na segunda pela manhã quando retornavam para a roça após participar da missa de domingo na sede de Pintadas, fato que ocorria uma vez por mês.

Muitas são as lembranças das vivências na roça, na escola rural e a mudança para o distrito sede do município de Pintadas deixaram marcas identitárias na professora Claudene, principalmente porque lhe foi atribuída a responsabilidade de ajudar a cuidar de seus irmãos muito cedo, bem como se inserir na iniciação à docência, atuando como uma espécie de monitora na escola, ainda na infância, ajudando sua mãe com as atribuições docentes para dar conta da quantidade de alunos que tinha na escola rural Boa Sorte.

Segundo esta professora, essa ajuda que dava a sua mãe na escola era decorrente do fato dela ter repetido a terceira série duas vezes, não por falta de competência, mas sim porque a mãe não queria que ela fosse continuar os estudos sozinha na escola localizada na cidade de Pintadas porque era muito pequena e precisava aguardar seus irmãos crescerem para acompanhá-la, possibilitando-lhe, assim, um certo destaque na sala de aula, pois naquele período, ela já sabia de todos os conteúdos trabalhados nesta escola e isso fez com que ela atuasse como uma espécie de monitora da classe de sua mãe aos 10 anos de idade.

⁵¹ Produção cinematográfica dirigida por Walter Salles Jr. (1998), com roteiro de Marcos Bernstein e João Emanuel Carneiro. A obra fílmica narra a história de Dora (personagem de Fernanda Montenegro – protagonista) uma ex-professora que escreve cartas para pessoas analfabetas na Estação Central do Brasil, no estado do Rio de Janeiro.

Reportando-se às memórias da primeira escola que estudou na sede de Pintadas, a professora Claudene Rios lembrou que Sérgio era uma boa professora, assim como sua mãe e narrou:

[...] a professora Sérgio foi uma mulher que tinha feito o ensino normal em Ipirá. Minha mãe foi trabalhar numa outra escola e eu fiquei na escola sede, só que minha mãe ensinava em uma escola onde tinha o nível infantil, o prezinho, o primeiro e segundo ano. Minha mãe era professora da segunda série e ela passou muitos anos sendo professora dessa série. Todo mundo que passava por minha mãe aprendia a ler, escrever e fazer as operações básicas. Isso era uma marca que ela trouxe da escola da roça. [...] Quando fui para a quarta série, eu sonhava ter uma escola diferente e a professora Sérgio era muito enérgica, foi aí que eu quis ser professora. Com 11 (onze) anos de idade, eu quis ser professora, pois eu ficava vislumbrada com aquela moça que dava uma aula de Geografia como ninguém. Quando ela falava das regiões do Brasil, das coordenadas geográficas, eu ficava me perguntando como ela sabia disso tudo. Ela era formada, muito enérgica e religiosa e era uma professora notável, e ela foi minha professora da quarta série numa turma de 43 (quarenta e três) alunos e todo mundo aprendeu muita coisa com ela, pois esta professora cobrança muito da nossa escrita, de saber fazer essas coisas todas. [...] Por admiração a ela eu quis ser professora! (Claudene Rios – Entrevista narrativa, 2014)

Essas memórias escolares demarcaram o período que a professora Claudene elege, aos 11 (onze) anos de idade, a docência como profissão, ao se sentir seduzida pela forma como a professora Sérgio lecionava Geografia na Escola Santo Antônio e depois foi sua professora no ginásio, nos ensinamentos fundamental II e médio.

Claudene Rios relatou que, além da influência da professora Sérgio, Dona Terezinha, a sua mãe, também foi uma pessoa que a influenciou bastante na escolha da profissão docente e relatou que o espaço escolar a encantava.

Uma lembrança puxa outra e elas se complementam. A professora Claudene Rios rememorou que sonhava, na época da escola, em ter livros, pois só tinha o de Português, mas sempre foi boa aluna, empenhada e gostava de fazer os deveres escolares.

Quando foi para o ginásio, a professora Claudene Rios foi estudar no CNEC, mais conhecido como Colégio Cenecista, única unidade escolar que oferecia o ensino fundamental II e tempos depois passou a funcionar também o Ensino Médio no município de Pintadas, esta unidade de ensino cobrava certo valor, como forma de mensalidade e o Senhor Vavá matriculou a professora Claudene e o irmão mais velho desta professora nesta escola, pois no espaço correspondente à área urbana

deste município, só existia, naquela época, a Escola Santo Antônio que era uma escola da rede estadual que oferecia todo o ensino fundamental I e outra escola municipal, onde Dona Terezinha foi lecionar, onde era ofertado o pré-escolar e o Colégio Cenecista que trabalhava com os anos finais do ensino fundamental e todo o ensino médio.

Então, as famílias, com mais condições financeiras, que podiam pagar, matriculavam seus filhos no Colégio Cenecista e, quem não tinha como ter essa despesa, negava a continuidade da formação escolar aos filhos. Sobre esta questão, narrou a professora Claudene Rios:

[...] tinha muita gente que não podia, eu tenho um colega que estudou depois porque ele foi meu colega até a quarta série e quando ele chegou à quinta série, a família dele não tinha condições, mas ele era muito estudioso, mas ele foi para São Paulo trabalhar na cana e depois ele voltou quando eu já tinha terminado o ensino médio. Quando este meu colega completou 18 (dezoito) anos, ele fez CPA no Colégio Agostinho aqui em Feira de Santana e depois voltou para Pintadas e fez o curso de Magistério. Lembro que em 1990 teve o concurso e ele fez junto comigo e passamos, mas neste período eu já estava na universidade fazendo o curso de Licenciatura em Matemática e tempos depois ele fez vestibular e passou na UEFS para História, inclusive já fez até pós-graduação também. (Claudene Rios – Entrevista narrativa, 2014)

Neste excerto desta narrativa, a professora Claudene Rios rememorou as dificuldades que um colega de escola passou para se constituir professor como ela, dando-nos evidência que pessoas resilientes buscam a “auto-re-organização permanente da vida”, como nos asseguram Pineau e Le Grand (2012, p. 169), ao dizer que “Os indivíduos também constroem sua história a partir de tempos – e contratempos – físicos e sociais, e as sociedades, a partir de movimentos individuais e naturais”, pois naquela época, a do tempo escolar vivido por Claudene e seu colega, era comum pessoas das comunidades que formavam o município de Pintadas interromperem os estudos por falta de oferta de ensino público próximo às suas residências.

A professora Claudene Rios tem boas recordações sobre o longo período escolar vivenciado no Colégio Cenecista – dos anos finais do fundamental II ao ensino médio – e recorda-se dos professores que contribuíram com a sua formação escolar, sobretudo aqueles que gostavam de narrar histórias. Assim relembrou:

Todo professor que gostava de contar histórias eu me aproximava, mais do que aqueles que só faziam dar aula. Eu era muito de ouvir, falava pouco e só tirava nota 10 (dez) na escola. Na quinta série, eu me lembro que tinha a disciplina de Desenho Geométrico e quem ensinava era um farmacêutico da cidade. Na sexta série, foi uma série tranquila, não teve nenhum fato marcante [...]. Na sétima série, era uma série que todo mundo acha difícil principalmente por causa da Matemática. O Português sempre foi uma disciplina tranquila, mas eu tive uma professora que era difícil eu tirar nota 10 (dez) com ela. Eu sempre tirava nota correspondente a 9.9 (nove, nove) ou 9.8 (nove, oito). Esta professora me acompanhou até o terceiro ano do ensino médio e só quando eu estava já saindo da escola, fiz uma prova de Português e esta professora não teve o que tirar da minha nota e me deu parabéns. [...] Ficava encantada com a professora de Ciências na sétima série quando dava aula sobre o corpo humano porque explicava algumas coisas sobre o ciclo menstrual e falava outras para os meninos, coisas que a maioria dos pais não falavam em casa com a gente, principalmente com questões que envolvessem a reprodução humana. [...] A oitava série para mim foi tranquila, embora a professora de Português exigisse muito da gente certas competências porque íamos precisar no ensino médio. (Claudene Rios – Entrevista narrativa, 2014)

Muitas são as recordações de professores marcantes no processo de escolarização, seja por causa das histórias que narravam, seja pela exigência para que a professora Claudene Rios e seus colegas de classe desenvolvessem certas competências.

Esta professora lembrou que era comum, antes da assinatura do decreto do secretário de educação do estado, as colegas que concluíam a oitava série em Pintadas e irem para o Colégio Gastão Guimarães, localizado em Feira de Santana, para cursar o Magistério em nível médio, inclusive rememorou que, no final da década de 1970, quando foi para Feira de Santana e ficou na casa de uma tia que morava próximo a este colégio, admirava a farda escolar das meninas que estudavam nesta escola normal, “*Eu achava a coisa mais linda, as saias de pregas, a blusinha bege com gravatinha [...]*”. enfatizou a professora Claudene Rios (Entrevista Narrativa, 2014).

Ao evocar as memórias sobre o Gastão Guimarães, destino de muitos estudantes de Pintadas que quisessem dar continuidade aos estudos, a professora Claudene Rios confessou que a maioria dos alunos que estudavam neste colégio era de família de capital econômico, como donos de cartórios e comerciantes, pois este colégio era a referência naquela época de uma unidade de ensino que formava

professores para o exercício profissional docente em nível médio para atuar na cidade “Princesa do Sertão” e nos municípios adjacentes.

Após a autorização da oferta do curso profissionalizante de Magistério em nível médio em Pintadas, houve uma diminuição do deslocamento de colegas da professora Claudene Rios para estudar em Feira de Santana.

Sobre o período de conclusão do ensino fundamental e a inserção do ensino médio, a professora Claudene Rios rememorou que os professores que passaram a atuar nos anos finais da educação básica no município de Pintadas eram os mesmos professores que atuavam no ensino fundamental II que não possuíam formação em licenciatura e outros poucos vieram de outros municípios como o de Capela do Alto Alegre com formação em licenciatura e, apesar das dificuldades iniciais para compor o quadro de professores da Escola Normal de Pintadas, a professora Claudene Rios afirmou que esta escola foi fundamental para a sua continuidade de estudos e atribui às aprendizagens adquiridas neste tempo escolar a razão de ser professora da educação básica e do ensino superior, como disse no fragmento a seguir:

O secretário assinou um decreto na época e com isso começou a Escola Normal em Pintadas, sem nada mesmo. Todos os professores da escola que vieram para atuar lá tinham formação em ensino médio. Lembro que outros professores vinham de Capela com graduação e umas freiras que tinham chegado recentemente em Pintadas e que ensinaram Sociologia, sendo assim, começou a escola. Se eu não tivesse estudado nessa escola, eu não estaria aqui hoje nesse status. Foi um divisor de água para todo mundo, a Escola Normal foi importante, mas muitos não queriam fazer o Magistério, contudo, Ipirá não era longe geograficamente, de Ipirá a Pintadas eram cerca de 30 (trinta) minutos de distância e em Ipirá tinha o curso de Magistério e Contabilidade que eram os cursos técnico-profissionalizantes da época. Porém em Pintadas tinha a Escola Normal, então, todo mundo que queria estudar, só teria uma alternativa, ser professor. Meu irmão mais velho fez magistério, mas não quis ser professor. Meu irmão mais novo fez Magistério e fez concurso do estado comigo e passou e hoje é professor. Então, teve a Escola Normal que funcionava no mesmo prédio da escola CNEC só que no turno da noite e minha mãe ficou com um pé atrás porque ela ficava com medo da gente sair à noite para estudar, mas eu ia para a escola nem que eu precisasse fugir e fui estudar à noite. A gente chegava às 18h e 30min na escola e ficava até às 22h e 40min e ninguém filava uma aula e hoje em dia o pessoal que estuda à noite queria ir embora às 21h. [...] Hoje, os professores da Escola Normal de Pintadas são todos os professores da minha época, são todos os meus contemporâneos, eles se graduaram e hoje são professores de lá. (Claudene Rios – Entrevista narrativa, 2014)

A professora Claudene Rios narrou com detalhes o tempo do processo de formação escolar durante o período do curso de Magistério e sua atuação docente no município de Pintadas e lembrou que nos dois primeiros anos desta formação docente em nível médio estudou as mesmas disciplinas que o curso Formação Geral que não era profissionalizante. Além disso, enfatizou que os professores que passaram a atuar no ensino médio eram os mesmos que ministravam aulas no ensino fundamental II e continuou a narrar:

Ai eu passei para o primeiro ano e fui fazer Magistério, mas fiz as mesmas disciplinas de quem fez o primeiro ano de Formação Geral. Quando a gente ia para o segundo ano, ai tinham umas disciplinas do Magistério. Então, como eu já queria ser professora, eu já fazia tudo com muito capricho. A professora que se encarregava das disciplinas da área de ensino, elas selecionavam as alunas mais dedicadas para ir dar aula para a quarta série, que era a série das escolas que a diretora não queria qualquer estagiário, então, tinha que ter uma carta de intenções, indicando quais as características que tinha que ter o estagiário e eu fui selecionada para estagiar numa turma de quarta série, composta por 40 (quarenta) alunos. Então, eu estagiei, a professora SÉrgia era a minha professora de estágio, ai ela cuidava dos nossos relatórios [...]. Como meu irmão era mais preguiçoso, eu disse a minha mãe que não queria ele comigo e com isso eu estagiei sozinha. Eu peguei a turma toda e estagiei sozinha. (Claudene Rios – Entrevista narrativa, 2014)

Esta professora disse que, logo após o período de estágio, foi ser professora no município de Pintadas. Sobre essas lembranças, rememorou:

Nesse estágio eu ganhei o convite para ser professora no ano seguinte, então, eu me formei num ano e no outro seguinte eu fui ser professora da escola que eu estagiei e fui assumir uma turma de quarta série. Lembro que eu sabia Matemática, que eu era boa com a Matemática e fui ser a professora da quarta série. O prefeito da época me contratou porque eu me destaquei no estágio. Quando eu terminei o meu segundo grau, a gente convidou o prefeito para ir ao culto de formatura e o prefeito é o dono da fazenda onde eu estudei, o senhor Eufrásio, ai quando ele estava lá na minha colação de grau, eu disse: 'Eu queria ser professora! Eu queria trabalhar!', ai ele disse: 'Vá na prefeitura que você vai trabalhar!'. Ele disse isso para mim e para mais duas colegas. Só que meu pai votava com meu outro tio que tinha fundado o PT lá em Pintadas, naquela época, que foi no final e 1986. Meu pai tinha tido a primeira eleição e não votou no senhor Eufrásio, ai painho era compadre de seu Eufrásio, mas ele foi lá e me deu emprego e minha mãe reclamava porque eu já falava mal do governo porque tinha que ter concurso, ai eu acompanhei aquele movimento das eleições diretas, eu lia tudo o que acontecia em São Paulo e Rio de Janeiro e eu me lembro que todo o movimento da constituição de 1988, eu acompanhava todinho. Eu

sabia todos os nomes dos ministros e tudo mais. E também era do grupo de jovens da igreja, aí a gente tinha um grupo chamado “Time de Cristo”. (Claudene Rios – Entrevista narrativa, 2014)

Segundo a professora Claudene, ela concluiu o curso profissionalizante de Magistério aos 18 (dezoito) anos e no ano seguinte, aos 19 (dezenove) anos foi trabalhar na Escola Municipal Santo Antônio por indicação do prefeito daquela época, pois ela desejava trabalhar para garantir algumas despesas pessoais, mas quando fazia parte do grupo da igreja “Time de Cristo” fez movimento e conseguiu doações de pequenas porções de terras que possibilitou a construção de uma moradia coletiva para garantir uma casa para acolher as pessoas que vinham das localidades rurais para estudar na sede de Pintadas, embora ela não precisasse porque tinha moradia, mas queria ajudar e garantir um espaço de acolhida para aqueles que quisessem estudar e que não tinham onde ficar na sede do município.

Esta professora lembrou que quando foi se apresentar na primeira escola que foi trabalhar em Pintadas, sentiu certa timidez ao encontrar os professores que tivera na sua primeira jornada pedagógica, pois esses profissionais já tinham sido seus professores e, a partir daquele momento, seriam seus colegas de trabalho naquela unidade de ensino público municipal. Sobre este tempo inicial de atuação profissional docente, a professora Claudene Rios narrou:

[...] meu coração batia fortemente porque era uma alegria muito forte porque eu queria muito trabalhar, mas a vergonha era porque eles tinham sido meus professores. Todo mundo que estava naquele espaço era a minha diretora, minhas professoras de muito tempo e agora seriam meus colegas, tínhamos que fazer o planejamento juntos! Eu queria muito estar ali, então, eu estudava, eu lia tudo que eu podia e me informava sobre as coisas da didática que eu não sabia. A escola tinha uma biblioteca que a gente, quando era aluna não fazia muito uso, mas quando eu fui ser professora, aí nesse tempo eu li bastante, pois eu tinha o cuidado de planejar as minhas aulas. Eu tinha um caderno todo arrumado até a diretora me elogiava. Assim, aquele caderno me dava uma certa confiança, então, eu planejava minhas aulas direitinho. Eu não queria fazer feio porque na escola só tinha os meus ex-professores, então, eu não podia fazer nada errado. Eu me virava! Eu fui ser professora do turno da manhã. Em casa, eu ajudava, principalmente a cuidar do meu irmão caçula que estava com 7 (sete) anos e estava na alfabetização. (Claudene Rios – Entrevista narrativa, 2014)

Em 1987, a professora Claudene fez o primeiro vestibular na UEFS para Administração e ficou aprovada em 55ª colocação, mas não foi convocada. Naquele período, sua mãe colocou empecilho dizendo que ela não iria estudar de jeito algum,

se fosse à noite. Então, esta professora resolveu se inscrever de novo, no meio do ano e tentou outra vez o vestibular, só que agora foi para o curso de Licenciatura em Matemática, obtendo aprovação em boa colocação no segundo vestibular, o que a deixou muito alegre e disse:

Eu tinha consciência que a escola que eu tive era muito distante da universidade porque os conteúdos eram poucos. Fiz o vestibular de julho e fiquei na 14ª classificação e era no curso de Matemática. Foi uma das maiores emoções, foi em saber que eu tinha entrado na universidade. Eu nunca vi meu coração tão alegre [...]. (Claudene Rios – Entrevista narrativa, 2014)

Neste excerto da narrativa desta professora, ela narrou que tinha consciência de que a escola onde estudou naquela época não foi suficiente para prepará-la para a universidade, ao lembrar que os conteúdos escolares eram insuficientes para adentrar o espaço da universidade e fazer uma graduação. Esta situação decorre de inúmeros fatores como, por exemplo, a falta de maiores investimentos públicos na área de educação rural, principalmente na formação inicial e continuada de profissionais, na infraestrutura das escolas e nos recursos pedagógicos. No contexto atual, esta situação tem mudado relativamente nas pequenas, médias e grandes cidades, pois os governos federal, estadual e municipal tem promovido maior investimento, embora ainda insuficiente, mas tem possibilitando acesso à graduação de professores⁵² para atuar nas escolas da educação básica e criando programas para que as escolas possam melhorar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos, mas, apesar disso, ainda há muito por fazer.

Essas memórias do tempo escolar vivido pela professora Claudene Rios retratam um momento da educação brasileira, cujas lembranças vêm à tona e se transformam em experiências vividas porque elas são importantes no processo de conscientização de que um sujeito histórico carrega consigo as memórias de um tempo e das experiências que viveu.

Muitas foram as experiências formativas da professora Claudene Rios. Ela lembrou que no período em que sua mãe estudava para deixar de ser professora leiga, ela estava cursando o Magistério e lia muito os textos de sua mãe para ajudá-la a compreender os assuntos que ela não entendia e isso foi significativo na sua

⁵² Sobre este aspecto, podemos citar o PARFOR, cuja proposta é promover formação docente para professores em serviço, em suas respectivas áreas de atuação.

formação porque aprendeu muito neste processo de qualificação de sua mãe. Assim narrou:

Tem uma coisa também que contribuiu com a minha formação [...] em 1984-1985. A minha mãe estava fazendo um curso preparatório para deixar de ser professora leiga, estudava em casa e fazia a prova em Ipirá, então, eu estudava e lia todos os módulos dela e depois eu ensinava a ela. Tinham vários livros de Matemática, Filosofia, Sociologia e eu lia aqueles módulos todos e quando eu chegava na escola, no período do meu curso de magistério, eu já sabia de tudo. [...] E quando ela ia fazer a prova em Ipirá, a cada 15 (quinze) dias, eu assumia a sala dela. Nessa época eu estava entre o primeiro e o segundo ano do Magistério. Então, eu era uma espécie de mini professora porque assumia a sala de aula de minha mãe quando ela ia fazer a prova em Ipirá. Ai eu fui e me tornei a professora do primário. Era uma turma danada, grande e a minha maior dificuldade era botar ordem no local. (Claudene Rios – Entrevista narrativa, 2014)

Além da atuação nesta sala de aula, substituindo temporariamente a sua mãe nesta turma dos anos iniciais, Claudene Rios narrou também que atuou como professora de Geografia no Ensino Médio, após concluir o Magistério em Pintadas.

Com 19 (dezenove) anos, ainda menina, tudo era novidade para mim e me ofereceram mais uma responsabilidade: ser professora de Geografia do primeiro ano do Ensino Médio em Pintadas [...]. Lá em Pintadas, uma professora pegou mais nove horas no cadastro dela e me deu para eu assumir as aulas de Geografia na escola. Nesta época, tive que estudar muito porque tinha muita gente adulta, ou seja, a cidade toda queria estudar. Quando o magistério ficou comum, até as pessoas mais velhas ficaram com mais vontade de estudar e a escola foi formando mais gente. Lembro que o marido da diretora era professor de Matemática, então, ele estimulava todo para fazer concurso para o cartório e eu até fiz um, mas queria mesmo era o vestibular. (Claudene Rios – Entrevista narrativa, 2014)

Essas experiências foram imprescindíveis para o exercício profissional desta professora após assumir, de fato, sua função docente nas salas de aula como professora de Matemática.

Segundo a professora Claudene, vivenciar a sala de aula, durante a iniciação à docência, ainda em processo de escolarização, a professora Claudene Rios rememorou que esta experiência lhe possibilitou (auto)formação, dando-lhe mais chances de obter melhor êxito no vestibular para o curso de Licenciatura em Matemática, pois ela vivenciou experiências docentes, antes mesmo de concluir o curso profissionalizante em Magistério em nível médio. E continuou a narrar:

Eu fiz o vestibular, na verdade naquele vestibular eu acertei sete questões porque a Matemática que eu tinha estudado no ensino fundamental para ser professora não é a Matemática que cai no vestibular. Hoje até que tem uma volta ao básico, mas na época que fiz o vestibular caía maciçamente o conteúdo do ensino médio, mas eu fiz 90% (noventa por cento) de Geografia, História e Português. As aulas da professora Sérgia foram muito importantes. Então, eu passei no vestibular, eu fiquei muito feliz, só que eu tinha que sair de Pintadas para vir para Feira de Santana. [...] Minha mãe ficava na dúvida se deixava eu vir, mas meu pai não optava porque ele não queria me impedir de estudar. Foi uma dificuldade porque eu sou a única filha mulher, tenho quatro irmãos e a tradição na cidade era sair os meninos e não as meninas porque elas eram educadas para casar. (Claudene Rios – Entrevista narrativa, 2014)

Mesmo que a tradição local seja um elemento importante da cultura do lugar, ela não é determinante nas escolhas e na formação do sujeito, apesar dela agregar valores e estes serem redimensionados no decorrer da existência de uma pessoa. E, se fosse determinante, a professora Claudene Rios não tinha contrariado a tradição local, ao priorizar a formação ao invés de ter se casado primeiramente.

No caso da professora Claudene Rios, a tradição local se constituiu como uma “fronteira biocognitiva” (PINEAU; LE GRAND, 2012) para a construção de um espaço vital para a aquisição de um novo conhecimento num outro lugar geográfico, através de uma “auto-re-organização permanente” (*Idem; Ibidem*) feita de ponderações, reflexões e escolhas – o de sair do município de Pintadas, de uma vida já pré-determinada pela tradição local, para Feira de Santana, uma vida desconhecida, mas com muitas possibilidades de crescimento profissional, pois esta professora quis ter o direito de “Querer fazer da sua própria vida uma história, [...] querer ter acesso à historicidade, ou seja, à construção pessoal de sentidos a partir dos sentidos estabelecidos [...]. (PINEAU; LE GRAND, 2012, p. 111) por ela mesma.

A construção dos sentidos estabelecidos, dos não-sentidos e dos contrassensos que distinguem o vivido pela professora Claudene Rios se referem ao que foi experienciado entre o nascimento no espaço rural de Pintadas, o processo de escolarização iniciado na escola rural e concluído na sede deste mesmo município de origem, a continuidade da formação profissional docente em Aracaju-SE e Salvador-BA possibilitada pela moradia em Feira de Santana-BA e a atuação como professora assistente da UNEB em Serrinha-BA.

Os municípios de Pintadas, Feira de Santana, Aracaju, Salvador e Serrinha, representados pelas fotografias da Imagem 6, compõem os cenários que constituem

as *geotravessias* da história de vida pessoal, de formação e de profissão da professora Claudene Rios.

Imagem 6 – Mobilidades da Professora Claudene Rios



Fonte: Entrevista Narrativa, 2014.
 Imagens das cidades: Google Imagens, 2016.
 Elaboração: Simone S. de Oliveira, 2016.

Sobre as memórias do período da graduação na UEFS, a professora Claudene Rios destacou que não sentiu dificuldades no início do curso e narrou:

Quando eu entrei na UEFS e fiz o primeiro semestre, eu não tive dificuldade nenhuma [...] porque aprendi muito com a minha professora Sérgia [...]. Lembro que tinha um professor na UEFS que tudo que ele ensinava eu já sabia, mas a professora de Matemática Básica me meteu medo. Lembro também que fiquei com medo da disciplina de Metodologia do Trabalho Científico porque no primeiro semestre os professores da UEFS quiseram que a gente pensasse em monografia, só que a minha professora fez um assombro. Ela fez o mestrado na PUC, então, ela voltou com algumas novidades, e sugeriu que o aluno do primeiro semestre fizesse monografia, mas não tinha como fazer uma monografia no início do curso e sim no final, então, ela fez um seminário com um texto escrito e a turma adorou. Eu me lembro que eu fiquei nervosa porque era a primeira vez que eu ia apresentar um trabalho, mas eu tinha estudado e sabia de tudo. E, apesar do nervosismo, eu consegui apresentar, mas teve

gente que não conseguiu e depois a professora me parabenizou pela coragem, apesar do nervosismo, da tremedeira. Primeiro semestre foi moleza, voltei para a casa aprovada. (Claudene Rios – Entrevista narrativa, 2014)

Ao evocar essas memórias durante o processo de formação inicial, a professora Claudene rememorou que sentiu medo, a partir do segundo semestre, de não conseguir concluir o curso e ter que voltar para casa dos pais em Pintadas. Segundo esta professora, ela buscou superar todas as dificuldades relacionadas aos estudos e contou com a ajuda de outros colegas, os quais se constituíram como suas redes de relações.

No segundo semestre foi difícil! Eu peguei a disciplina Cálculo I, Álgebra, Matemática pesada para quem fez um bom ensino médio. Nessa hora eu tinha que pensar porque eu não entendia nada do que o professor falava, pois muita coisa eu já não lembrava e muita coisa eu não tinha nem estudado e minhas colegas diziam assim ao professor: “não precisa falar isso não porque a gente já sabe!”. Eu ficava desesperada sem saber o que fazer porque tinha coisas que eu não sabia. Depois eu descobri que não era só eu que não sabia e tinha muita gente que não sabia também. Eu me lembro que um amigo que fez Magistério no Gastão também tinha dúvidas, a minha colega de Santa Bárbara também tinha dúvidas, aí nós fizemos um quarteto de estudo, para estudar mesmo e não foi pouco não! Eu descobri que meus colegas que tinham uma base melhor, conseguiam superar e aprender mais rápido. Eram 32 alunos que se destacavam na sala da graduação e o restante, como eu, estava lá de gaiato no navio. Então, pensei: “Ou eu aprendo ou eu vou para casa”, mas eu não queria ir para casa sem terminar a graduação e, naquela época, era um privilégio estar na universidade. Então, encarei, de verdade, os estudos e busquei superar algumas dificuldades com alguns colegas [...]. Eu era a primeira da família dos meus avós a entrar na universidade, apesar de que depois eu descobri que um sobrinho do meu pai fazia Direto. Eu não pensava em ser advogada e médica, porque não me chamava atenção. Talvez, no máximo Administração. (Claudene Rios – Entrevista narrativa, 2014)

Além da ajuda dos colegas da universidade, através dos grupos de estudos, esta professora narrou que no segundo semestre do curso fez uma visita aos pais em Pintadas e solicitou ao senhor Vavá, seu pai, que comprasse alguns livros do ensino médio que precisava para os estudos e ele vendeu alguns animais da roça e comprou os livros para esta professora. Além disso, a professora Claudene Rios rememorou que, também, foi à escola onde concluiu a educação básica e pediu alguns livros e a escola lhe concedeu. Os livros de Matemática do ensino médio,

doados pela antiga escola, ajudaram muito esta professora a superar algumas dificuldades de aprendizagem no seu processo de formação inicial.

Sobre essas memórias do processo de formação inicial na UEFS, a professora Claudene Rios se lembrou de algumas estratégias criadas para continuar no curso e narrou:

Eu fui tendo que fazer meu alicerce porque ou eu fazia ou não ia conseguir fazer curso de Matemática. Mas qualquer curso que você quiser fazer vai precisar disso. Eu fiz planos, lembrei a quinta, sexta e sétima e oitava série. Quando eu fui rever os conteúdos do ensino médio, eu estudei as coisas que eu não dominava e agora eu tinha meus amigos, em específico o meu colega de ensino médio de Pintadas que tinha entrado no mesmo vestibular que fiz na UEFS e para ele eu não tinha vergonha de perguntar porque ele era uma pessoa muito tranquila. Já outras colegas do curso nos tratavam como manés porque não sabíamos alguns conteúdos que deveríamos saber quando estudamos o Ensino Médio [...], mas eu fui estudar! (Claudene Rios – Entrevista narrativa, 2014)

Essas lembranças da professora Claudene Rios me fazem lembrar algumas situações que vivi no meu processo de formação inicial no curso de Licenciatura na UEFS também. Lembro-me que no início dos anos de 1990 era incomum filhos de famílias pobres irem para a universidade e fazerem curso superior porque este espaço formativo não era constituído por pessoas de classe populares, depois o Ensino superior se popularizou.

Lembro-me que também senti dificuldades de aprendizagens quando entrei na universidade, mas busquei algumas estratégias, como as elencadas pela professora Claudene Rios para superar as dificuldades. Eu não tinha condições de comprar livros e utilizei o lugar da Biblioteca Central da UEFS como um espaço frequente de busca e de estudo individual e coletivo.

A professora Claudene Rios relatou que viveu alguns momentos de muitos questionamentos no segundo semestre do curso de Licenciatura na UEFS, principalmente quando não obtinha êxito nas disciplinas e era obrigada a fazer prova final e questionava-se muito sobre esta escolha formativa, sobre a sua condição de graduanda no ensino superior e o querer ser professora licenciada e disse:

Eu me perguntava o que eu estava fazendo ali na UEFS? Se meu sonho era mesmo ser professora com nível superior, ser professora de Ensino Médio, até porque eu brincava no segundo semestre que as escolas de Feira de Santana contratavam pessoas de Salvador, como, por exemplo, engenheiros porque não tinham profissionais na cidade. Nessa época que eu estava estudando, eu fui trabalhar no

Colégio Objetivo aqui em Feira, mas um mês depois que iniciei o trabalho lá eu tive que desistir porque eu queria terminar o curso de graduação na UEFS. Então teve o concurso do estado para nível I em Pintadas e passei. Mas o segundo semestre da licenciatura foi o divisor de água, pois eu tinha que aprender, pois era o único caminho. Eu fiz quatro finais durante o curso de licenciatura, pois foram as primeiras e as últimas. Eu fiz as provas inteiras! Era questão de honra! Eu aprendi tudo de função, eu aprendi sozinha e me virei para aprender! Ai eu fiz a prova e o professor disse que a prova era o gabarito e eu disse que esse era o meu objetivo. Quando eu fui fazer a disciplina de Fundamentos II, eu já sabia que eu tinha que estudar a parte de geometria, mas eu tinha consciência disso. Eu não sabia que eu tinha a deficiência nessa aprendizagem. [...] No outro semestre minhas notas aumentaram. Quando eu fui para o terceiro semestre, a UEFS já era coisa consolidada, já era tudo mais tranquilo e eu já me sentia um estudante de universidade. (Claudene Rios – Entrevista narrativa, 2014)

Antes de ser professora formadora em uma universidade, Claudene Rios fez concurso público estadual para o magistério no nível médio em 1990 para o município de Pintadas e em 1991 para a rede municipal de Feira de Santana. Assim destacou:

O concurso da secretaria de educação do estado da Bahia foi em maio de 1990, só que o resultado saiu no final do mandato de ACM e eu assumi em março de 1991 e neste período eu era estudante do sétimo semestre. Na mesma época, também eu fiz o concurso da prefeitura de Feira de Santana [...]. Como eu não tinha perdido em nenhuma disciplina, conciliava o curso e o trabalho com as aulas da manhã e da tarde. Eu tinha aula das 15:30 h até as 18:30 h na universidade. Eu tinha aula de Cálculo, depois de Equação. Nesse tempo eu levava uma marmita para a universidade porque era caro vir almoçar ou às vezes eu comia nos restaurantes universitários [...]. (Claudene Rios – Entrevista narrativa, 2014)

Muitas foram as dificuldades encontradas para conciliar trabalho e estudo no final do curso de graduação. Esta professora rememorou que naquele período da formação inicial foi influenciada por Carloman, um professor dedicado e que a entusiasmou muito com seu modo de ensinar. Sobre essas lembranças narrou:

[...] em 1990, eu conheci o professor Carloman que pra mim foi, de todos os professores que eu tive, o melhor, pois eu nunca vou esquecer dele. Ele era uma pessoa afetiva, acadêmica, um amor de pessoa [...], mas a relação que eu tinha com ele era de pai e filha, [...] ele era muito carinhoso, ele começou a me dar livros. [...] Com este professor da UEFS eu falava que eu não tinha livro, embora naquele período eu já estava trabalhando e começando a comprar alguns livros com o salário da prefeitura. Este professor de Matemática marcou a minha vida porque ele falava de tudo na vida e me

encantava porque era um profissional carregado de cultura. Ele era exigente com o horário, não gostava de desculpa esfarrapada, de aluno preguiçoso, mas isso eu achava um máximo pois eu me enquadrava nas exigências, eu não chegava atrasada, para ler o livro que ele indicava, aí teve um dia que ele disse que nós tínhamos poucas ideias, eu nunca vou esquecer dessa frase, e as poucas ideias ainda eram obscuras, dizia ele. Ele tinha uma maneira interessante de fazer provas, ele dava as folhas de papel pautado e mandava a gente escrever tudo que a gente assimilou desse semestre. A melhor escrita, quando mais informação tiver, essa seria a melhor prova. Então a gente se virava e o que mais eu lembro é que ele me deu uma nota razoável e eu questioneei, mas ele disse que não me deu uma nota melhor para eu continuar em crescimento. Depois disso, ele foi meu professor em outras disciplinas e ficamos amigos [...] e ele me deu vários livros, várias indicações, me emprestava livros. Ele sempre falava que era necessário ter um pouco mais de conhecimento além do que a nossa formação traz. (Claudene Rios – Entrevista narrativa, 2014)

Em seu processo formativo inicial no curso de Licenciatura, o professor Carloman era exigente, indicava livros e leituras pertinentes porque queria que seus alunos fossem bons profissionais e comprometidos.

Para a professora Claudene, o professor Carloman se constituiu como uma importante referência de profissional docente porque se preocupava com sua formação para além dos saberes necessários à sua área de conhecimento. Ainda sobre essas memórias, esta professora relembrou que este professor dizia que era necessário saber mais e que a pessoa não pode ter o conhecimento restrito, limitado à formação profissional e continuou a narrar:

Ele dizia que o conhecimento era muito bom, que nos permitia fazer muitas viagens. Eu lia o livro e ele marcava o dia para ir levar e conversar com ele. Eu ia com o coração apertado e nervosa, mas eu ia. Ele perguntava o que eu achei do livro, qual foi as partes importantes. Nessa discussão vinha cultura, vinha política e questões pessoais e da profissão. Era um processo de análise tudo misturado. Então, uma vez na semana ele marcava um dia e eu ia lá conversar com ele. Depois que ele foi meu professor de Evolução, ele já cobrava mesmo o horário e me mandava ler uns textos das disciplinas que não eram poucos, mas ele sempre me dava uns livros, ele sempre chegava com alguns pacotes e marcava para as discussões na outra semana. Eu ficava nervosa, mas dava conta e lia tudo. [...] Lembro quando eu fui fazer uma entrevista de trabalho, este professor me aconselhou a terminar o curso e depois fazer o mestrado com mais tranquilidade. (Claudene Rios – Entrevista narrativa, 2014)

Após a conclusão da graduação na UEFS, esta professora não retornou a morar no município de Pintadas, mesmo tendo vínculo empregatício estadual,

continuou em Feira de Santana na casa dos tios porque tinha uma relação familiar muito boa com eles. Neste período, a professora Claudene Rios propôs ao tio que continuasse na casa dele e passou a contribuir financeiramente com as despesas domésticas, pois ela passou a ter certa autonomia financeira o que a fez se sentir protagonista de toda a sua história. Assim disse:

Eu falei para o meu pai que a partir daquele dia ele não precisava mais me sustentar. Eu me senti dona de si naquele momento e até hoje eu me sustento. Eu acho que eu levei isso a sério! Quando eu tinha que voltar para Pintadas, eu fui à DIREC e solicitei transferência para Feira de Santana, mas só podia depois de três anos de carreira e eu só tinha um ano, mas conversei lá que a escola onde estagiei não tinha professor e a professora Cedraz, quem comandava na DIREC, naquela época, lembrou de mim, do período do colégio Objetivo, e consegui minha transferência para o Colégio Assis, onde atuo até hoje, pois naquela época faltava professor no Colégio Assis e fui designada para lá. [...] Também fui dar aula em algumas escolas particulares aqui em Feira [...]. (Claudene Rios – Entrevista narrativa, 2014)

Esta professora narrou que mesmo trabalhando na Educação básica em Feira de Santana, tanto na rede municipal, quanto estadual, também atuava na rede particular de ensino, mas sempre mantinha contato com o amigo professor da UEFS, o professor Carloman que a incentivava a fazer muitas leituras, pois depois da graduação ele se tornou um amigo confidente, de consultas e conselhos e a ajudou, de alguma maneira a ser a professora que se tornou, tanto na educação básica como no ensino superior, tornando-se uma pessoa charneira em seus percursos de vida e de formação para o exercício da profissão docente.

4.4 Edite Maria de Faria: itinerâncias marcadas com fibra e empoderamento

Mulher, negra, nordestina e professora, nascida em Capanema, distrito do município de Maragogipe, Recôncavo Baiano [...]. (Edite Maria de Faria – Memorial acadêmico, 2009)

É com estas palavras de identificação que a professora Edite Maria de Faria abriu seu memorial acadêmico, submetido ao processo seletivo para aluna regular do PPGEduC, no ano de 2009 e também iniciou a sua entrevista narrativa realizada no dia 20 de janeiro de 2015.

A professora Edite Maria de Faria nasceu em 25 de setembro de 1972 na localidade rural de Capanema no município de Maragogipe⁵³, situado a uma distância de aproximadamente 155 km da capital do estado da Bahia e localizado no Território de Identidade do Recôncavo Baiano⁵⁴, uma região geográfica estabelecida na Baía de Todos os Santos que abrange não só o litoral baiano, mas o interior circundante à Baía, uma área rica em petróleo, cana-de açúcar, mandioca e fumo, além de frutas tropicais.

A professora Edite Maria é a filha mais velha de quatro filhos do senhor Ricardo Almeida da Silva (*in memoriam*), um carioca nascido na periferia da cidade do Rio de Janeiro-RJ que se aposentou como funcionário público que exercia a função de segurança numa unidade escolar da rede pública de ensino na cidade de Salvador, e de dona Maria das Neves da Silva, oriunda de Capanema, espaço rural do município de Maragogipe-BA, aposentada, também ex-funcionária pública que trabalhava na rede estadual de ensino em Salvador, na função de copeira.

Atualmente, esta professora reside na cidade de Salvador-Ba e atua como Adjunta no Departamento de Educação do *Campus XIV* da UNEB, no município de Conceição do Coité, localizado no Território de Identidade do Sisal da Bahia, distante da capital baiana por 235 km, situado na região do sertão nordestino, na mesorregião do Nordeste Baiano, onde são ofertados os cursos de Licenciaturas em Letras e em História e Bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Radialismo. Sua área de interesse profissional envolve políticas públicas educacionais, educação e trabalho docente, educação de jovens, adultos e idosos, educação popular e do campo e formação de professores.

Dos quatro filhos do casal, a professora Edite Maria de Faria foi a única que estudou para ser professora e graduou-se em Licenciatura em Pedagogia pela UNEB, fez pós-graduação a título de Especialização em Metodologia do Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação pela UNEB e Especialização em Educação pela UFBA, mestrado e doutorado em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia.

⁵³ O município de Maragogipe foi criado em maio de 1850. É composto por 46.106 habitantes, distribuídos numa área territorial de 440,161 km², cujo IDHM é de 0,621 (IBGE, 2015). Possui 5 (cinco) distritos: Maragogipe, Nagé, Coqueiros, Caveiras e Capanema.

⁵⁴ O Território de Identidade do Recôncavo Baiano é composto por 19 (dezenove) municípios circundantes: Cabaceiras do Paraguaçu; Cachoeira; Castro Alves; Conceição do Almeida; Cruz das Almas; Dom Macedo Costa; Governador Mangabeira; Maragogipe; Muniz Ferreira; Muritiba; Nazaré; Salinas da Margarida; Santo Amaro; Santo Antônio de Jesus; São Felipe; São Félix; Sapeaçu; Saubara e Varzedo. (SEPLAN, 2016)

A professora Edite Maria de Faria disse que seu irmão Paulo fez Administração e Teologia e as irmãs Mery e Yara concluíram o ensino médio, embora muito inteligentes, mas não quiseram seguir adiante com os estudos.

Ao evocar as lembranças para escrever o memorial acadêmico e conceder a entrevista narrativa, a professora Edite Maria iniciou a sua escrita e narrativa caracterizando a pessoa que é, onde nasceu e em qual contexto familiar está inserida. Desse modo, ela apresentou traços de sua identidade pessoal, revelando a mulher que é, a região geográfica do Brasil onde nasceu e o lugar que pertence na família.

Esta professora ainda relatou nas primeiras linhas do seu memorial que ouvia muito de seus pais que a leitura e a escrita eram importantes no contexto social e que ela e seus irmãos tinham que estudar, lembranças essas que influenciaram, anos depois, a percorrer o caminho acadêmico, a fazer um curso de graduação na universidade e constituir-se pesquisadora na área de temáticas que envolvem a Educação de Jovens e Adultos e a Educação do Campo, embora seus pais não tivessem concluído o ensino fundamental I.

Ao iniciar a entrevista narrativa concedida na segunda quinzena do mês de janeiro do ano de 2015, a professora Edite Maria de Faria principiou sua narrativa identificando-se e depois narrou que foi uma criança muito desejada por seus pais, principalmente por sua mãe e contou como chegou ao mundo e ao distrito de Capanema, no município de Maragogipe, no Recôncavo Baiano, onde nasceu e viveu os seus primeiros oito anos de vida. Assim ela narrou:

Eu nasci no dia 25 de setembro de 1972, às 9 h da manhã e fui uma filha muito desejada porque a minha mãe, quando me pariu, já tinha 30 (trinta) anos de idade e sou a filha mais velha dos quatro filhos dos meus pais. A minha cidade natal é margeada por um manguezal, então, a minha relação, desde muito pequena, com a água é interessante porque lembra a história da minha travessia. A minha mãe relata que ela foi trabalhar no dia anterior ao meu nascimento montada a cavalo e no dia seguinte ela amanheceu com contrações e falou com meu pai que eu ia nascer, mas não sabia o sexo ainda porque naquela época não tinha a tecnologia de hoje, mas ela sentia que era uma menina. Quando minha mãe começou a ter as contrações, meu pai foi procurar a parteira daquela localidade e, quando a encontrou naquele dia, ela disse ao meu pai que não ia sair de casa porque ela tinha feito um escalda pé e que ela não podia pegar friagem e que minha mãe não ia parir naquele dia. A parteira disse ao meu pai que era para a minha mãe e ele terem calma porque os dois estavam muito ansiosos e que isso era coisa de

principiante. Só que eu vim ao mundo exatamente naquele dia às 9 h da manhã e quem fez o parto inicialmente foi meu pai. Quando a parteira chegou, meu pai já estava me segurando, então, para mim é muito forte isso porque tanto meu pai, quanto minha mãe participou do meu nascimento e naquela época esses momentos eram difíceis de serem registrados com máquina fotográfica, mesmo porque meus pais não tinham, mas o meu pai sempre foi visionário, então, no dia que eu nasci, assim que a parteira chegou para fazer o resto do serviço que meu pai não sabia, ele pediu à parteira para ele mesmo cortar meu cordão umbilical. [...] Uma coisa que ele não estava esperando é que eu fosse muito pequena e as roupas que meus pais tinham comprado eram grandes e não davam em mim, então eles relataram que na agonia do meu nascimento ainda tinha isso para providenciar e me vestiram inicialmente com uma roupa de bonecas e meu pai saiu para a rua do distrito de Capanema comigo nos braços e me apresentou ao mundo. (Edite Maria de Faria – Entrevista Narrativa, 2015)

Ao mesmo tempo em que contextualizou o seu nascimento e chegada ao distrito de Capanema, a professora Edite Maria de Faria fez questão de frisar que era uma criança muito desejada, amada e que viveu os primeiros anos de sua vida com muita alegria neste espaço rural no Recôncavo Baiano. E continuou a narrar:

A minha infância em Capanema foi marcada por muitas alegrias e felicidades até os 8 (oito) anos de idade porque tive tudo que qualquer criança queria ter, como, por exemplo, brincar no quintal, ter alimento, carinho e atenção dos pais, pois o meu pai e minha mãe sempre tiveram essa preocupação de dar a gente o que eles podiam dar, mesmo com as limitações de pessoas da roça e pobres que eram. [...] Então, eu digo que eu fui uma criança muito querida. Eu cheguei ao mundo bem recebida, bem vista e isso me deu e me dará sempre essa segurança que tenho para realizar as travessias que eu faço e, com isso, eu me arrisco a ousar. Eu acho que se fosse atribuir uma palavra para decifrar o meu nome – Edite Maria – certamente seria “ousar”. (Edite Maria de Faria – Entrevista Narrativa, 2015)

A professora Edite Maria de Faria relatou que seus pais e ancestrais eram pobres, mas, apesar das precárias condições de vida, nunca passaram fome e que seus pais eram muito bem vistos na comunidade em que viviam no Distrito de Capanema, em Maragogipe. Seus pais trabalhavam como funcionários públicos numa escola de pequenos infratores, uma instituição de ensino que acolhia crianças e jovens de famílias que não queriam cuidar ou com muita dificuldade para educar, oriundos de diversas áreas do Brasil, localizada um pouco distante de sua residência em Capanema, cujo deslocamento entre a casa e o trabalho era feito a cavalo ou de

carro pau-de-arara⁵⁵. Sua mãe exercia a função de copeira e seu pai era segurança nesta escola. Sobre as lembranças da infância, ela rememorou:

Lá em Capanema, o que eu posso lembrar da minha infância é que, além das brincadeiras e das amizades, meu pai e minha mãe eram muito elucidas no meu município, então, a gente tinha a casa de herança dos meus avós maternos, era uma casa que sempre tinha muita gente, então, a minha infância foi povoada de muita gente, de muita alegria, de muita festa [...]. Minha mãe foi a filha mais velha e criou os 11 (onze) irmãos e moramos nesta casa até ela ser vendida. Então, minha infância foi nessa casa e as brincadeiras eram por ali mesmo. (Edite Maria de Faria – Entrevista Narrativa, 2015)

Das reminiscências do lugar onde morou em Capanema, no espaço rural de Maragogipe, a professora Edite Maria relatou que na infância, no período em que morou no espaço rural de Maragogipe-BA, nunca foi trabalhadora na roça e lembrou muito das brincadeiras de criança. Assim disse:

Nós tínhamos dificuldade de água e meu pai fez um tanque para 5 (cinco) mil litros de água e se tornava uma piscina. E como minha casa era sempre com muita gente e esse tanque era pra lavar as coisas, ele fez uma torneira e a gente ficava ali como se fosse uma piscina. E como ao redor da casa tinham muitos coqueiros, meu pai fazia umas casas de brinquedo, cabanas para a gente brincar. Eu me lembro muito de redes, tinha um coqueiro e ele botava rede e gangorra, então, para mim aquilo era o nosso lugar de brincar. (Edite Maria de Faria – Entrevista Narrativa, 2015)

A lembrança dos pais é muito forte na narrativa da professora Edite Maria. Esta professora rememorou que eles (o senhor Ricardo e dona Maria), seus pais, mesmo sem muita escolarização e, apesar da dificuldade de leitura, incentivavam os filhos a estudar e narrou:

Meus pais, mesmo sem muita escolarização, minha mãe com dificuldade de leitura, meu pai também, mas ele tinha o desenvolvimento da escrita, a caligrafia dele era perfeita e nos incentivava a estudar, a ler e escrever. Eu lembro que fui alfabetizada com meu pai aos seis anos de idade em casa. Foi com ele que eu aprendi a identificar as letras e quando fui para a escola, aos seis anos, eu já sabia ler porque meu pai e minha mãe tinham ensinado em casa porque eles sempre me incentivaram. (Edite Maria de Faria – Entrevista Narrativa, 2015)

⁵⁵ Meio de transporte irregular ainda muito utilizado no interior do nordeste brasileiro, constituindo-se em substitutos improvisados de ônibus, onde as pessoas são transportadas sem as mínimas condições de segurança em cima de caminhões adaptados com bancos em sua carroceria.

Segundo esta professora, seu pai tinha desenvolvido uma boa caligrafia e foi com ele que iniciou seu processo de alfabetização em casa.

Quando foi para a escola em Capanema, a professora Edite Maria disse que já sabia ler e escrever e rememorou algumas estratégias que seu pai utilizou para fazê-la aprender.

[...] meu pai ensinava a fazer cópia da tabuada em casa e ele me alfabetizou com o ABC. Eu lembro que ele fazia um furo no papel e fazia o deslocamento das letras e ele dizia “vamos saltar, não vai ser ABC não” e isso foi muito prazeroso para mim porque pude aprender a ler e escrever em casa. [...] Meu pai dizia “nós não temos riqueza, mas educação e dignidade vocês terão e alimentação também!”. [...] Desde pequena eu ouvi uma frase que até hoje minha mãe diz: “estudem sem compromisso”. Naquela época eu não entendia muito o que ela queria dizer com isso e hoje eu entendo, pois não é estudar sem compromisso, com descaso, mas estudar sem compromisso significava ter o prazer de estudar sem cobrança, sem algo em troca. Por isso, ela dizia para eu estudar sem compromisso e lá em casa todos os 4 (quatro) filhos ouviram isso de minha mãe. (Edite Maria de Faria – Entrevista Narrativa, 2015)

A vida familiar em Capanema era simples e com dificuldades. A professora Edite Maria lembrou que as condições físicas da escola também não eram boas, principalmente porque faltavam materiais pedagógicos básicos, como por exemplo, o mobiliário escolar. Além disso, essa escola funcionava num prédio, composto por uma única sala de aula, que foi construído pela prefeitura do município e próximo a ele se encontrava a capela da localidade. E, para chegar até esta escola, as crianças tinham que percorrer a pé uns 15 a 20 minutos e a unidade escolar só oferecia os anos iniciais do ensino fundamental, o que dificultava a continuidade do processo de escolarização neste espaço rural onde viviam em Maragogipe-BA.

[...] A escola não era muito longe. Levava uns 15 a 20 minutos. E íamos todos juntos. Todos de mãos dadas. [...] Ir para esta escola e voltar dela era uma farra, apesar das condições desta escola em Capanema não serem boas, inclusive eu lembro que quando chegava a quarta série as pessoas tinham que ir para a sede de Maragogipe. Então, tinha gente, por exemplo, como os meus tios e minhas tias que tiveram que repetir várias vezes a quarta série porque na época não tinha como prosseguir com o estudo no Distrito ou se deslocar para a cidade de Maragogipe para estudar e eu estudei nessa escola, a mesma dos meus tios! Lembro que era multisseriada porque tinham crianças de várias idades e eu lembro que, apesar de sermos novas, eu era maior que as outras crianças, mesmo tendo 6 (seis) anos de idade, pois eu sempre fui grandona e era a maior da turma. [...]. Como a gente vivia no interior, na roça mesmo, a gente não tinha condições para além da dificuldade de

deslocamento quando tínhamos necessidade de ir ao médico na sede de Maragogipe e só tinha aquela escola para estudarmos em Capanema. (Edite Maria de Faria– Entrevista Narrativa, 2015)

Na escola multisseriada de Capanema, a professora Edite Maria rememorou que quando terminava as atividades na sala de aula, era comum ela ajudar as outras crianças a concluírem suas atividades, principalmente seus irmãos mais novos que estudavam na mesma sala dela. Segundo esta colaboradora, esta fase inicial de sua escolarização foi fundamental porque tomou gosto pela educação e enfatizou:

Acho que foi ali que eu tomei gosto pela educação. Quando eu terminava a atividade, o que mais me prendia com as tarefas de sala eram aquelas contas enormes de contar até 100, mas quando eu terminava eu ajudava os meus colegas. Como não tinham cadeiras, a gente se ajoelhava e tal e os momentos que eu mais ajudei os meus colegas foi com as atividades de Matemática. [...] mas lá na escola da roça, do interior, não tinha essa coisa de me chamar para ajudar com as tarefas da escola na sala de aula, eu mesmo ia encostando porque eu tinha o meu irmão e minha irmã também na mesma sala e ia ajudando eles e todo mundo. (Edite Maria de Faria – Entrevista Narrativa, 2015)

Quando terminavam as aulas na escola e voltavam para casa, a professora Edite Maria relatou que era comum o acompanhamento dos seus pais nas suas atividades escolares, nas tarefas que vinham para a casa, principalmente seu pai que tinha mais tempo disponível para isso por causa de sua escala de trabalho e relembrou esta professora:

Meu pai fazia muito isso – acompanhar as tarefas de casa que vinham da escola. Minha mãe trabalhava todo dia e meu pai trabalhava um dia e folgava dois, mas os dois faziam o acompanhamento até nas férias tinham cópias. Era uma coisa que a gente fazia, mas não era obrigado, mas tínhamos o compromisso. [...] Chegou da escola, tomou banho, almoçou, tinha a hora da atividade para depois brincar ou descansar. Eu lembro que em época de trovoada, lá chovia muito, e eu tinha muito medo e só íamos brincar depois de fazer a atividade e eu nunca estudava sozinha. A figura do meu pai é muito forte nisso, a minha mãe ajudava, mas meu pai era presente demais. Ele era muito exigente. Ele comprava caderno de caligrafia para a gente e a letra dele era um primor e eu nunca consegui chegar lá, ter uma letra daquela, mas a figura do meu pai era muito forte na minha vida. [...] Na época do mestrado ele já estava bem debilitado. (Edite Maria de Faria – Entrevista Narrativa, 2015)

Neste fragmento narrativo fica evidenciada a influência dos pais da professora Edite Maria no seu processo de escolarização, mesmo eles tendo um baixo capital escolar, ratificando, assim, as ideias de Lahire (1997) quando afirma que os sujeitos se constroem no contexto de uma pluralidade de mundos sociais contraditórios.

A professora Edite Maria rememorou que crianças e jovens que tinham uma situação econômica mais favorável iam estudar na sede do município de Maragogipe que ficava a uma distância aproximada de uns 15 (quinze) quilômetros da localidade onde morava e o deslocamento só era possível de cavalo, de canoa ou no carro pau-de-arara e continuou a destacar:

Os filhos das famílias de classe média de Capanema iam para a cidade de Maragogipe porque tinha um carro para o transporte. Eu lembro que o carro que o pobre tinha acesso para se deslocar de Capanema para a cidade de Maragogipe era um pau-de-arara que eu peguei várias vezes com o meu pai e com minha mãe para irmos ao médico, então, o menino ou a menina pobre de Capanema que quisesse estudar ou dar continuidade aos estudos, do fundamental, tinha que ir para a cidade e voltar dela de pau-de-arara e, como eu era pequena, os meus pais não deixaram. Então, eu saí de lá quando eu tinha 8 (oito) anos de idade, mas lembro nitidamente como era a minha escola. Ela era precária, não tinha cadeiras e carteiras pra todos os alunos. A professora dividia o quadro de giz em quatro partes: para a primeira, a segunda, a terceira e quarta séries. Ela se desdobrava e ia acudir todo mundo, mas ficava mais tranquila com aqueles alunos que já sabiam ler e escrever um pouco. Então, eu lembro que eu mesmo tinha as tarefas que eu fazia e ela guardava, aí ela espera os outros terminarem as atividades para depois ela me dar atenção e passar outra tarefa para mim. O nome da professora nesta escola era Maria do Amparo, eu lembro muito bem dela. [...]
(Edite Maria de Faria – Entrevista Narrativa, 2015)

Nesta narrativa, a professora Edite Maria de Faria destaca elementos do cotidiano escolar no espaço rural, sobretudo enfatiza as estratégias utilizadas pela professora para ensinar alunos de séries/anos diferentes, desdobrando-se para garantir a aprendizagem dos mesmos.

Ainda sobre as reminiscências dos objetos de uso na escola e do seu cotidiano escolar no distrito de Capanema, esta professora relembrou:

[...] a gente levava os acessórios pedagógicos e eram compostos por tabuada, cartilha do ABC, uma lancheira, pois sempre fui gulosa, então, eu levava ki suco ou suco de fruta natural e biscoito para o lanche e dividia com os colegas que não tinham merenda porque na escola, naquela época, não tinha o programa de merenda escolar para as crianças e eu levava a minha merenda de casa e dividia com

os outros coleguinhas. Além desses acessórios escolares, minha mãe fez para cada filho uma almofada bordada com o nome de cada um de nós para ser levada para a escola. Essa almofada servia para a gente se ajoelhar nela para escrever na cadeira porque não tinha carteira suficiente para todo mundo. Então, eu utilizava a almofada como um objeto de apoio para sentar para realizar as minhas atividades na escola por causa da falta de carteiras escolares, pois tinha hora que reversava. Tinha momentos que eu sentava na cadeira e em outros, usava a cadeira como mesa, apoiando os joelhos na almofada para fazer as tarefas escolares na escola. [...] Lembro também que não tinha livro didático, não tinha recurso, então, a professora trabalhava mesmo em cima do ABC e da tabuada, não tinha cópias, lição, leitura individual, coletiva, a gente não tinha o que brincar na escola [...]. (Edite Maria de Faria – Entrevista Narrativa, 2015)

Neste excerto narrativo, a professora Edite Maria de Faria narrou, também as dificuldades que envolvem o ensino nas classes multisseriadas, ao rememorar que a professora priorizava o ABC. Esta professora lembrou que os coleguinhas de escola também eram amiguinhos nas brincadeiras que realizavam próximo a sua casa, pois muitos deles não moravam nos arredores de sua residência e tinham que atravessar o rio para irem para suas casas.

[...] então, quando chegava perto da minha casa tinha uma área e eu lembro que era nessa área que brincávamos quando vínhamos da escola e eu lembro que eu fazia muita brincadeira com os meus colegas, como piquenique, perto da hora do almoço porque alguns tinham que andar muito, pois tinha gente que atravessava o rio Paraguaçu, ai pegava a canoa para ir para o outro lado para ir para a casa, alguns trabalhavam com os pais mariscando, pescando, outros na casa de farinha de lá, pois é uma região que produz farinha e, no meu caso, não tinha tanto trabalho, era chegar da escola e fazer as atividades do dia e brincar. Lembro que naquela época não tínhamos TV e só fomos ter uma quando eu já tinha 8 (oito) anos e quando eu já estava saindo de lá, de Capanema, então, era muita brincadeira. Já à noite tinha aquela coisa de contar história, tinham as brincadeiras de roda, as histórias de fantasma, de lobisomem. (Edite Maria de Faria – Entrevista Narrativa, 2015)

Além dessas brincadeiras, a professora Edite Maria de Faria rememorou que era comum na sua comunidade as pessoas se reunirem para ouvir histórias e fazer reuniões religiosas, o que era comum durante a sua infância, principalmente por causa de sua avó que sempre gostou de contar histórias e de rezas.

Eu tive uma infância muito rica. Eu também tive uma educação doméstica influenciada por minha avó que era membro da igreja presbiteriana da Bahia e ela fazia um trabalho educativo e missionário lá numa escola de menores que era onde meu pai

trabalhava como segurança e aí minha avó fazia uma atividade lá de doação de brinquedos para as crianças, pois ela fazia a arrecadação em Salvador e lavava para lá. Eu lembro que isso era uma farra em Capanema porque eu ia de porta em porta chamando as crianças para distribuir os brinquedos. Além disso, minha avó fazia o trabalho de evangelização, então, tinha uns cultos lá em casa e eu ia à casa das outras pessoas e convidava para participar. Nesse período eu devia ter por volta dos 5 a 6 anos de idade. Na verdade, eu chamava o povo e dizia que ia ter um culto lá em casa e que depois ia ter comida e o povo ia. As pessoas iam muito lá em casa na época das festas juninas. [...] Até os oito anos a minha vida foi muito bacana. (Edite Maria de Faria – Entrevista Narrativa, 2015)

A professora Edite Maria relatou que depois de completar oito anos de idade, sua vida mudou consideravelmente, após o infarto de seu pai, pois ele era fumante, obeso, não cuidava da saúde e tinha problemas de coração, o que a família descobriu depois quando adoeceu. Assim ela disse:

[...] Quando minha mãe estava grávida da minha irmã caçula, meu pai infartou, pois ele era uma pessoa obesa, com problemas de trabalho, fumava, não cuidava da saúde e ele tinha uma anomalia no coração. [...] E, ele teve que ser levado de madrugada às pressas para Maragogipe e de lá levaram ele para o município de São Felix e foi diagnosticado com uma doença muito grave e ele tinha que ir o mais rápido possível para Salvador. Então, assim, de uma hora para outra estava tudo bem, eu estava estudando, brincando, a minha mãe grávida e aí veio essa bomba pra gente sobre a doença de meu pai. Foi por causa desse problema de saúde que tivemos que mudar para Salvador, para ele se tratar. Inicialmente, minha mãe ficou naquele dilema de como iria ficar com 3 (três) crianças e grávida de mais uma e meu pai nessa situação de saúde, precisando dela. Eu lembro que ele ficou um período ainda lá em Capanema e não foi diretamente para Salvador por causa da gravidez de minha mãe. Minha mãe teve minha irmã caçula e uns dois meses depois o estado de saúde do meu pai piorou e ele teve que vir às pressas para Salvador e nem levaram ele para Maragogipe, trouxeram ele direto pra cá e eu fiquei com a minha irmã pequena e os outros dois irmãos com minha tia tomando conta da gente em Capanema, em Maragogipe. (Edite Maria de Faria – Entrevista Narrativa, 2015)

Relembrar este momento de incertezas durante a infância, devido ao problema de saúde de seu pai, fez a professora Edite Maria se emocionar ao recordar o período em que seu pai necessitou se tratar em Salvador e, mesmo assim, continuou a narrar os fatos decorrentes deste episódio.

Naquela época, durante este problema de saúde de meu pai, eu não tinha noção do que vinha depois daquilo tudo e hoje vejo que a minha infância foi interrompida naquele momento. Com o problema de saúde de meu pai, interrompi as brincadeiras e vieram as

preocupações do que vinham depois. Não podíamos ficar em Capanema com minha mãe porque ela precisava ficar em Salvador tomando conta de meu pai no hospital Santa Isabel, pois ele precisava fazer uma intervenção cirúrgica que era a única chance de vida dele. Então, tivemos que mudar às pressas de Capanema para Salvador. Esta foi a travessia mais dolorosa da minha vida! (Edite Maria de Faria – Entrevista Narrativa, 2015)

Foi neste período, de deslocamento geográfico motivado pelo tratamento de saúde do seu pai, que a professora Edite Maria de Faria percebe que a sua vida mudou. Segundo ela, a travessia geográfica de Maragogipe para Salvador não foi planejada e trouxe muitas implicações em sua história de vida porque não teve escolhas, não teve a opção de dizer que não queria fazer esta mudança e disse:

[...] eu não tive a opção de dizer que eu não queria vir para Salvador. Eu fui empurrada para esta cidade. Tem uma cena neste período que é muito forte e eu lembro bem que foi a saída da minha casa, da minha infância, da minha vida, enquanto criança, pra vir para Salvador. Rememorando hoje a cena que eu vivi no passado, quando saímos de Capanema pra vir para Salvador parecia até coisa de cinema, pois existiam duas formas para vir para Salvador: ou era de ônibus ou de navio, pois naquela época existia o navio Maragogipe que era chamado João das Botas e eu lembro bem porque antes do problema de saúde de meu pai, quando vínhamos para Salvador visitar minha avó, passar o dia com ela em Cosme de Farias, bairro onde ela morava, depois ela mudou para Mussurunga aqui em Salvador, vínhamos neste navio. Lembro que passávamos o dia ou alguns dias com ela e depois retornávamos para Maragogipe. Só que desta vez não foi para passeio! Não foi para ver meus tios aqui em Salvador. A travessia de navio era para sair de lá de Capanema mesmo e eu não tinha noção disso, então, a cena que marcou minha memória naquele período foi a de retirantes mesmo, não do sertão, mas o retirante do Recôncavo. Então, eu me lembro de minha mãe segurando minha irmã, meu pai já estava internado aqui em Salvador, ameaçando fugir do hospital, pois ele disse a minha mãe que só ia fazer a cirurgia depois de ver os filhos dele. (Edite Maria de Faria – Entrevista Narrativa, 2015)

Este episódio biográfico deixou marcas que foram evidenciadas no momento da entrevista, principalmente quando se emocionou ao narrar sobre a mudança de Maragogipe para Salvador.

Naquela época a probabilidade de sobrevivência de pessoas com o problema de saúde igual ao do meu pai era muito pequena. De cem pessoas, apenas três sobreviviam, então, era muito delicada a situação dele e ele ameaçava fugir do hospital se não visse os filhos. Minha mãe entrou em pânico e trouxe os filhos de Maragogipe para cá, em Salvador. Então, eu me lembro da cena que passamos na madrugada em Maragogipe quando pegamos o navio e viemos para

Salvador, mas antes minha mãe fretou um carro para nos levar para Maragogipe. Era 4:30 h da manhã, estava chovendo e eu, minha irmã, meu irmão e minha mãe segurando a caçula e minha tia e cada um de nós tinha na mão uma sacolinha, uma coisa bem pouca e eu lembro que minha mãe tinha colocado a TV que meu pai pediu junto com outras coisas e ficou parecendo uma trouxa e éramos, de fato, os retirantes. O navio saía às 5 h da manhã e atrasamos porque estava chovendo e minha tia ficava segurando as crianças e quando chegamos próximos para pegar o navio, começou a buzina do navio, ai alguém disse para a gente correr para não perder o navio porque já estava saindo mesmo, mas não perdemos porque o marinheiro era meu padrinho e ele estava segurando a corda e ele viu que era a minha mãe que estava chegando e mandou o cara segurar o navio. (Edite Maria de Faria – Entrevista Narrativa, 2015)

Esta narrativa sobre a *geotravessia* de Maragogipe para Salvador, ainda na infância, foi concedida com muitas emoções porque envolveu sentimentos de pertencimento ao lugar de origem. Sobre esta travessia, a professora Edite Maria narrou:

Então, posso dizer que esse momento foi a minha travessia – de minha infância sem preocupações para uma infância de muita responsabilidade – porque com a vinda para Salvador eu já não era somente uma criança, eu tinha que cuidar de 3 (três) crianças, além de mim, porque minha mãe ficou cuidando do meu pai e a gente não tinha um lugar para morar e ficamos na casa da minha avó, a mãe do meu pai, pois não era uma relação muito boa porque não era mais uma visita de passeio, era uma ocupação na casa dela e ai minha mãe tinha que cuidar do meu pai, cuidar da gente, ver como ia ser transferida do trabalho dela para Salvador porque nesta época ela já trabalhava como funcionária pública numa escola e ainda tinha que conseguir escola para a gente. Então, ficamos entre 1981 e 1982 nessa situação e foram anos difíceis para a gente porque a gente ficava em transição e não sabíamos o que ia acontecer, mas fomos organizando a vida, mas a primeira coisa que minha mãe fez foi colocar a gente numa banca com alguém para dar aula para a gente porque ela tinha medo da gente esquecer o que tinha aprendido na escola em Capanema e a vizinha da minha mãe, tia Josa, começou ensinar a gente como meu pai fazia em casa e não perdemos o ritmo. (Edite Maria de Faria – Entrevista Narrativa, 2015)

Segundo a narrativa desta professora, foi neste período que ela amadureceu mais cedo por conta da situação vivenciada por seus pais, principalmente decorrente do problema de saúde de seu pai. Ela narrou que, tempos depois, as coisas foram se arranjando e sua mãe conseguiu a transferência para uma creche localizada próximo à Avenida Barros Reis em Salvador. Assim ela lembrou:

Então, esse momento foi muito complicado, minha mãe conseguiu a remoção dela para uma creche e lá ela pediu a diretora para nos matricular lá, menos a minha irmã caçula que ainda era muito pequena e ficou com minha tia em casa porque o ano letivo já tinha iniciado e achar escola em outro lugar era difícil. Além disso, tudo era incerto e não sabíamos onde iríamos morar. A diretora da creche fez um ajuste e inseriu a gente lá. Eu lembro que nesse período minha mãe queria sair da casa de minha avó para alugar uma casa próxima ao trabalho dela, mas o meu pai estava internado e ele teve que ficar muitos meses no hospital porque tinha que perder peso, em torno de 40 kg, para fazer a cirurgia, pois ele não podia ser operado de qualquer jeito e tinha que fazer um regime muito sério para fazer a cirurgia e minha mãe não tinha certeza se saía da casa da minha avó ou não por conta desta situação. Então, eu posso chamar esse período de travessia porque foi de grandes mudanças, mas uma coisa eu lembro bem: a gente não parou de estudar, primeiro estudamos na casa da minha vizinha e depois fomos estudar na creche. Então, na creche minha mãe ficava tranquila porque, além de estudar, nós tínhamos a comida, pois lá na creche estava assegurado o café da manhã, o almoço e o lanche para a gente. (Edite Maria de Faria – Entrevista Narrativa, 2015)

A professora Edite Maria rememorou que, aos poucos, a vida em Salvador começou a entrar nos eixos, principalmente após a transferência do trabalho de sua mãe de Maragogipe para Salvador e a realização da cirurgia de seu pai, o que oportunizou ela e seus irmãos, exceto a caçula que era muito pequena ainda, voltar a estudar. E, para surpresa dos médicos, o seu pai viveu muitos anos, o que não se esperava por causa da gravidade de seu problema de saúde.

Esta professora ainda narrou que seu pai, após se recuperar da cirurgia, conseguiu também a transferência de seu trabalho para a cidade de Salvador.

Das lembranças da época escolar, esta protagonista destacou que seu pai, o senhor Ricardo, era muito presente na vida escolar dos filhos. Segundo esta professora, ele cuidava de tudo, do fardamento aos materiais didáticos e rememorou:

Meu pai plastificava todos os livros e ele ia acompanhando se tinha rasura, se tinha sujeira, ele era assim, era rigoroso com os materiais didáticos e dizia: “olha, eu não tive acesso, mas vocês têm!”. Quando terminava o ano letivo, ele doava nossos livros para outras crianças. Logo no início do meu processo de escolarização, principalmente depois que fomos morar em Salvador, ele pedia muito os livros no final do ano letivo para doar e me explicava que tinha outra pessoa precisando, mesmo eu pedindo para ficar com os livros. Meu pai apagava tudo antes de entregar os livros para doação. Depois de um tempo eu comecei a entender o porquê dele exigir que a gente tivesse cuidado com os nossos livros. Ele se preocupava em não ter

rasura, em estar em boas condições de reuso. (Edite Maria de Faria – Entrevista Narrativa, 2015)

A professora Edite Maria, assim como seus pais, são exemplos de pessoas resilientes, que superaram as dificuldades e conseguiram conquistar uma vida melhor e isso foi evidenciado no seguinte excerto da sua narrativa:

Minha mãe é uma referência para mim porque além de ser a mulher que ela é, a preocupação dela com a questão da educação era muito interessante porque mesmo no caos na vida da gente ela deixava a gente estudar sem compromisso. Aí pronto! Começamos uma vida em Salvador. Meu pai fez a cirurgia e, graças a Deus, conseguiu viver 27 anos após a realização da cirurgia [...]. Então, ele era um guerreiro, me viu entrar no mestrado. Viu minhas irmãs casarem, ele viu os netos. Após a cirurgia do meu pai, resolvemos morar próximo ao trabalho da minha mãe na Avenida Barros Reis e aí começou outra vida da gente. (Edite Maria de Faria – Entrevista Narrativa, 2015)

Aparentemente, a mudança de residência para a Avenida Barros Reis, em Salvador, para aproximar o trabalho de Dona Maria, mãe da professora Edite Maria, e a escola onde ela e seus irmãos estudaram, não foi muito benéfica, pois, apesar da professora Altamira ser muito acolhedora, a escola não era de boa qualidade e quando chovia todos sofriam com a inundação no bairro, decorrente dos bueiros entupidos, o que resultava num martírio para a professora Edite Maria e seus irmãos irem à Escola Rio Branco onde estudavam. Assim relatou esta docente:

A escola que nós tínhamos lá também não era boa, era uma escola de periferia, precária, não tinha área de lazer, a gente ficava o tempo todo em sala de aula, eu ficava numa escola e meus dois irmãos ficaram em outra. Das lembranças dessa escola, eu lembro da professora Altamira. Uma coisa que eu achei interessante é que vindo do interior tínhamos um estigma de não saber das coisas, mas essa professora fez com que eu me sentisse acolhida na escola, eu sentia isso, não sei se ela conhecia a história da minha família, não sei se minha mãe conversou com ela, mas esta professora me acolheu muito bem. Então, fiz a quarta série nesta escola e lembro que minha mãe levava e pegava a gente nesta escola depois que saía da creche e tempos depois passei a ir só com meus irmãos para a escola. Lembro que a Barros Reis ficava inundada quando chovia, então, lá vem outra travessia, eu segurando meus dois irmãos, andando com a água na cintura para ir para casa com essas crianças. [...] Minha mãe falou para meu pai resolver e ver outro lugar para a gente estudar e surgiu aqui no cabula. Estava tendo um loteamento e minha mãe conseguiu uma casa em um terreno para a gente morar. (Edite Maria de Faria – Entrevista Narrativa, 2015)

Com a mudança para o bairro Cabula, em Salvador, os pais da professora Edite Maria tiveram dificuldades em encontrar vagas nas escolas deste bairro, mas sua mãe conseguiu que ela estudasse na Escola Polivalente, uma unidade de ensino público considerada referência e seus irmãos foram estudar na Escola Visconde, no mesmo bairro.

Após a conclusão do ensino médio, em 1989, a professora Edite relatou que ficou sem estudar entre os anos de 1989 e 1991 porque seu pai não tinha condições de pagar um cursinho pré-vestibular. E, como estratégia para se preparar para se preparar para o vestibular passou a estudar em casa e ir à biblioteca da UNEB para ter acesso a livros e estudar, sendo aprovada em 1992 nesta mesma instituição.

A professora Edite Maria disse que a opção pelo curso de Pedagogia ocorreu por um acaso, pois tinha feito a inscrição no vestibular apenas com a intenção de adquirir experiência e acabou passando.

O resultado da aprovação no curso de graduação em Licenciatura em Pedagogia da UNEB, *Campus I*, Salvador, foi recebido pelos pais de Edite com muita alegria e narrou.

Saiu o resultado do vestibular e eu passei na primeira lista e [...] Eu fiquei sem acreditar! Imagine a alegria! Eu lembro que minha mãe, nesse dia, estava em Maragogipe pegando minha irmã que foi passar as férias lá. A alegria do meu pai foi imensa quando eu disse que eu tinha passado no vestibular porque foi ele quem pagou a inscrição no último dia, nos quarenta e cinco segundo do segundo tempo [risos]. Ele me carregou mesmo sem poder pegar peso por causa da cirurgia, pois ele ficou com certas limitações, mas ele me carregava e dizia que eu tinha passado no vestibular, ou seja, foi uma alegria. E tinha outra coisa boa, eu ia estudar perto de minha casa e não ia gastar dinheiro com transporte. (Edite Maria de Faria – Entrevista Narrativa, 2015)

A professora Edite Maria rememorou que, na universidade, não sentiu dificuldades com os conteúdos na graduação, mas com a forma de mobilizar esses estudos porque passou grande parte da graduação estudando com xerox ou livros emprestados porque a condição econômica de seus pais não possibilitava adquirir livros, mas conseguiu um através de esforços de duas amigas que pagaram e presentearam esta professora, o que gerou uma grande satisfação. Sobre este episódio, esta professora alegremente rememorou:

A minha graduação inteira eu estudei ou através de xerox ou de livros emprestado dos colegas, mas o que me ajudou bastante [...] foi a biblioteca da minha universidade porque quando um professor passava o livro eu corria para a biblioteca para pegar. Quando o livro era de reserva, eu pedia as bibliotecárias pelo amor de Deus para me emprestar e eu saía sábado da biblioteca com o livro e chegava na segunda bem cedinho na biblioteca para devolver. Eu estudei assim a minha graduação toda. Comprar livro, eu acho que só comprei um, o de Demerval Saviani porque uma colega me ajudou e me deu um pouco do dinheiro e a outra parte do valor do livro, outra colega completou o dinheiro. (Edite Maria de Faria – Entrevista Narrativa, 2015)

Esta professora afirmou que foi só a partir do terceiro semestre que ela começou a perceber que Pedagogia era o curso que ela queria mesmo porque promovia humanização ao trabalhar com as pessoas e destacou:

Quando eu fui para os estágios, eu peguei uma bolsa e fui ser estagiária da prefeitura de Salvador e fui dar aula num bairro do Arenoso e na época da graduação eu trabalhei na periferia de Salvador, no Arenoso, Tancredo Neves. Trabalhei na região suburbana, no Vasco da Gama, com comunidades, nas periferias em escolas comunitárias. Quando não era isso, era em escolas estaduais pelo REDA, então, eu sempre queria trabalhar em escolas da periferia e eu lembro que em minha turma de Pedagogia na universidade todos eram trabalhadores e a maioria era composta por negros [...] e nós tínhamos um acordo de terminar juntos o curso da graduação e teríamos que fazer o melhor porque nós éramos professores e queríamos ser professores, então, foi ai que eu ouvir falar em Paulo Freire e eu terminei o curso em 1996. Conheci o Paulo Freire pessoalmente em um evento e pra mim foi uma coisa muito importante. Nesse processo da graduação é que eu descobri que eu queria ser professora. Queria ser professora da universidade porque na minha graduação eu tive excelentes professores, como também tive alguns que não tinham nada a ver com a educação [...]. Na universidade eu me deparei com professores que tinham como referência o currículo, a produção intelectual acadêmica, mas eu tive professores que trabalhavam com o humano, com as pessoas, com os sentimentos, com a possibilidade de transformação, então, eram essas pessoas que eu tinha que tomar como referências. Eu não sei se tomei até hoje, mas estou tentando trilhar esse caminho, então, foi na graduação que eu foquei nessa possibilidade de ser professora universitária. (Edite Maria de Faria – Entrevista Narrativa, 2015)

Neste fragmento, a professora Edite Maria deixou claro o que a mobilizou para o exercício profissional docente no ensino superior. Em sua narrativa ficam evidenciadas as lembranças e marcas deixadas por excelentes profissionais durante um processo formativo, principalmente porque são exemplos a serem seguidos por

causa do cuidado e da preocupação que eles tinham com a formação profissional e humana do outro, os quais se constituíram como pessoas das redes de incentivos, mas outros professores deixam marcas negativas que, de certa forma, contribuiu para que esta professora não os utilizasse como modelos de profissionais a seguir. Desse modo, essas observações e vivências conduziram esta professora a fazer reflexões e a escolher outros modos de fazer e de ser uma profissional na área de educação na universidade.

Os pais da professora Edite Maria sempre vibraram com as realizações dela, quando ela concretizava cada sonho, pois eles se constituíram como sua principal rede de apoio e valorização. Sobre a presença e incentivos dos pais durante todo o seu processo formativo, ela disse:

Em 1996 fiz a formatura de Pedagogia e foi belíssima. O meu pai e minha mãe me entregaram o canudo e foi uma realização, uma concretização naquilo que eles batalharam. Eu lembro que no dia da minha formatura da graduação, o meu pai falou: ‘aqui começa uma outra etapa na sua vida e eu sei que você não vai parar!’ (Edite Maria de Faria – Entrevista Narrativa, 2015).

De fato, a professora Edite Maria não parou na graduação. Em 1997 surgiu a oportunidade de fazer uma especialização na UNEB, mas como tinha custo, teve que recorrer ao seu irmão que a ajudou a conseguir um emprego numa escola particular em Salvador e a auxiliou financeiramente com algum custo no final deste curso, pois esta pós-graduação ocorreu da mesma forma que a graduação: sem compra de livros e com muita xerox. Sobre essas memórias, ela narrou:

[...] depois da graduação em 1996, em 1997 surgiu a primeira turma na UNEB do curso de Especialização no Ensino superior e eu estava matriculada nessa turma só que tinha um detalhe: o curso era pago. [...] Então, meu irmão me ajudou e eu consegui um trabalho numa escola particular e eu recebia cem reais naquela época, noventa reais era para pagar a especialização e eu ficava com dez reais nas mãos. Meu irmão teve que me ajudar a terminar o curso porque eu não tinha dinheiro. Nessa época ainda não comprava livro, minha especialização foi no mesmo processo da graduação, ou seja, biblioteca e xerox!. (Edite Maria de Faria – Entrevista Narrativa, 2015)

Após a conclusão da primeira pós-graduação, ocorrida na UNEB, a professora Edite Maria fez outra na UFBA e conseguiu entrar no mestrado nesta mesma instituição, mas não chegou a concluir. Um tempo depois surgiu a oportunidade de atuar como professora substituta na UFBA e rememorou:

Terminei a especialização na UNEB e depois fiz na UFBA e também foi o mesmo processo. Nessa época, na UFBA, eu tentei o mestrado lá, mas passei e eu não consegui concluir porque era muito precoce e eu não tinha noção do que estava acontecendo e era tudo muito rápido. Então, eu preferi fazer a especialização, mas também as portas se abriram nesse processo de inserção na federal que foi ser professora substituta, então, eu fiquei de 1998 a 2000 como professora substituta da UFBA. Eu acho que depois eu prorroguei o meu contrato e fiquei até 2002 e foram 4 anos de atuação lá. A UFBA foi uma escola para mim porque lá eu vivi a docência no ensino superior e o fazer docente. Então, eu trabalhava com didática, eu tinha na minha turma oito licenciaturas, era uma coisa absurda e uma coisa importante e se me perguntarem como era que eu me constituí no ensino superior eu digo que foi no fazer docente, foi na prática alicerçada com a teoria, foi fazendo as coisas no processo de inserção como professora substituta da federal. (Edite Maria de Faria – Entrevista Narrativa, 2015)

Foi atuando na Universidade Federal da Bahia que surgiu o desejo da professora Edite Maria realizar pesquisas nas áreas periféricas de Salvador, sobretudo envolvendo questões que versavam sobre a educação de jovens e adultos. Sobre esses desejos e realizações, ela lembrou:

[...] o meu desejo de pesquisar periferias e pessoas começou a me acompanhar desde a graduação. Eu comecei com crianças trabalhadores e depois eu fui vendo que o problema não era só crianças, mas sim com os pais delas. Então, veio a EJA em minha vida, a Educação de Jovens e Adultos. Eu comecei a trabalhar com freiras, como as irmãs Muriele e Lourdinha, mulheres que me ensinaram a trabalhar em escolas comunitárias. Então, eu tive o contato com crianças e seus pais e foi neste período que eu comecei a me questionar: Por que a gente tem crianças com problemas de aprendizagem, qual a causa? Então, observei que um dos problemas é a família, ou seja, pais que tiveram a infância negada e isso me seduziu e constituiu a minha força motriz e foi por aí que eu comecei a pensar na EJA e com a experiência docente na UFBA isso me reforçou. [...] Em 2000 eu fiz o concurso da UNEB para professora efetiva só que foram me chamar em 2003 e eu fui trabalhar em Conceição do Coité. (Edite Maria de Faria – Entrevista Narrativa, 2015)

Esta professora afirmou que o seu interesse pelas questões sociais que envolvem suas pesquisas, especialmente àquelas que voltadas para a Educação de Jovens e Adultos surgiu ainda na graduação e isso foi sendo amadurecido com o exercício profissional na UFBA quando exerceu a função de professora substituta.

As trajetórias de vida-formação-profissão de Edite Maria são estabelecidas por lugares diferentes (Imagem 7), cujos processos são marcados por resiliências que fizeram esta professora buscar uma maneira de um novo jeito de ser e de viver.

Imagem 7 – Mobilidades da Professora Edite Maria de Faria



Fonte: Entrevista Narrativa, 2015.
 Imagens das cidades: Google Imagens, 2016.
 Elaboração: Simone S. de Oliveira, 2016.

E nesses percursos, nos deslocamentos geográficos, a professora Edite Maria tem buscado um novo jeito de ser e de viver e isso me faz lembrar de Josso (2010) quando diz que este termo – buscar – tem vários significados, como:

[...] a procura de uma nova arte de viver em ligação, capturando a vida em seu movimento; a procura de uma existencialidade encarnada; a aspiração a um sentimento de existência em transformação pela mediação da invenção de um 'si evolutivo'; o desejo de uma identidade em constante vir-a-ser [...]. (JOSSO, 2010, p. 65)

E foi neste movimento de invenção de um si evolutivo, a partir de suas superações, de fatos biográficos e de seus contextos formativos singulares, que a professora Edite Maria se constituiu como pessoa e profissional da educação, entre

o Território do Recôncavo, a Região Metropolitana e o Território do Sisal Baiano, entre os municípios de Maragogipe, Salvador e Conceição do Coité.

Os três municípios que fazem parte dos percursos da história de vida, de formação e de profissão de Edite Maria estão localizados em três espaços geográficos diferentes, mas que se inter-relacionam, sobretudo por causa da identidade de pesquisadora, pois, ao falar de si e do que viveu, esta professora precisou se reportar a esses lugares que lhe dão a identidade de mulher negra e do campo, nascida no distrito rural de Capanema, no Recôncavo Baiano, mas que se formou professora doutora na Região Metropolitana e que se (re)faz no exercício profissional docente e como pesquisadora do *Campus XIV* da Universidade do Estado da Bahia, localizado na Região do Sisal da Bahia.

4.5 Fábio Josué dos Santos: de aluno da roça a doutor na cidade

A ideia do “**tabaréu letrado**” [...] parece-me bem adequada para traduzir um proveitoso trânsito intercultural entre a roça e a cidade, pois expressa um conhecimento do mundo urbano, sem que a cultura da roça seja recusada. (SANTOS, F. J., 2006, p. 192, grifos do autor)

A epígrafe que abre esta seção é de autoria do professor Fábio Josué dos Santos, retirada de sua dissertação de mestrado, e expressa bem a relação que ele manteve entre a cultura rural e a urbana durante os seus processos de formação escolar e profissional, entre as vivências da roça e as aprendizagens formativas na cidade, embora sejam espaços distintos, com cotidianidades diferentes, esses lugares se complementam em vários aspectos, pois este colaborador se constituiu professor doutor na cidade, sem recusar ou negar a cultura da roça.

Nascido em 26 de outubro de 1975, no espaço rural conhecido por Palmeira, o professor Fábio Josué dos Santos é natural de Amargosa.

A região correspondente ao município onde nasceu e vive o professor Fábio Josué dos Santos foi povoada inicialmente por famílias procedentes dos municípios de Santo Antônio de Jesus e Nazaré que estabeleceram atividade de agropecuária e fundaram o Povoado Bom Conselho, que deu origem ao município de Amargosa, composto atualmente por 4 (quatro) distritos: Amargosa, Corta Mão, Diógenes

Sampaio e Itachama (IBGE, 2015). Quanto ao topônimo, o município recebeu este nome porque na região existia uma espécie de pomba, cuja carne tinha sabor amargo, daí o nome, Amargosa.

O município de Amargosa é, para o professor Fábio Josué, o lugar de saída para a realização de alguns percursos formativos, como o da graduação em Licenciatura em Pedagogia, a pós-graduação *Lato Sensu* e as pós-graduações *Stricto Sensu* em Educação e Contemporaneidade e, ao mesmo tempo, este mesmo município se constitui, também, como o lugar de retorno às suas origens, pois é neste município, onde o professor Fábio Josué nasceu, iniciou e finalizou seus processos de escolarização, que ele voltou a residir e a trabalhar como professor formador na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

O professor Fábio Josué dos Santos possui graduação em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), mestre e doutor em Educação e Contemporaneidade pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC) da UNEB. É Professor Assistente da UFRB, atuando no Centro de Formação de Professores (CFP), no *Campus* de Amargosa, onde tem realizado atividades de ensino, pesquisa e extensão, tanto na graduação quanto na pós-graduação.

Este professor tem experiência na área de Educação e atua nos cursos de Licenciaturas em Pedagogia, Matemática, Física, Química, Letras e Filosofia na UFRB e desenvolve pesquisas e atividades de extensão com ênfase na Educação do Campo, privilegiando temas como currículo, didática, formação de professores, formação de professores do campo, escolas de turmas multisseriadas, multisseriação, prática pedagógica, iniciação à docência e história da educação.

Além de sua atuação docente, o professor Fábio Josué dos Santos é líder do grupo de pesquisa Observatório da Educação do Campo no Recôncavo Vale do Jiquiriçá-Bahia (OBSERVALE), no CFP na UFRB. É membro do grupo de pesquisa Currículo, Avaliação e Formação (CAF) na UFRB e do Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral (GRAFHO) da UNEB.

Diferentemente do professor Fábio Josué dos Santos, seu pai, o senhor Josué Presídio, é um lavrador que estudou apenas por uns dois anos. A sua mãe, Dona Rita, é lavradora e, também, professora leiga que concluiu o ensino fundamental I.

Segundo as lembranças deste professor, sua mãe interrompeu os estudos porque, na época, na cidade de Amargosa, não existia escola pública que oferecesse o ginásio, pois o ensino fundamental II só era ofertado na rede privada, o que a impediu de continuar com o seu processo de escolarização e concluir a educação básica, mas não a impossibilitou de ser professora na escola localizada no espaço rural de Palmeira, no município de Amargosa.

Ao mergulhar nos labirintos da memória, o professor Fábio Josué rememorou que convive com a multisseriação desde muito pequeno porque sua mãe era professora leiga da Escola Agostinho Machado que funcionava numa sala anexa à sua casa na localidade rural de Palmeira, em Amargosa, o que lhe permitia entrar e sair dela quando quisesse.

Então, eu nasci nesse contexto, o fato de ser filho de uma professora, eu acho que foi muito marcante na minha trajetória de vida. Desde pequeno, por volta de uns 3 (três) a 4 (quatro) anos, eu convivia numa escola multisseriada. Essa escola funcionava anexa à nossa casa, então, desde pequeno eu já estava por dentro da escola, pois eu ia sempre entrando, eu ia vendo a tabuada com as outras pessoas. [...]. (Fábio Josué dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

O fato de a Escola Agostinho Machado funcionar num espaço agregado à residência rural favoreceu a inserção escolar precoce e o interesse de Fábio Josué pelas questões que envolvem a multisseriação.

Segundo este professor, ele iniciou o seu processo de escolarização na escola de sua mãe, uma unidade de ensino de classe multisseriada, onde dona Rita atuava como professora leiga. Sobre essas lembranças, rememorou:

Essa escola de minha mãe teve seis endereços em sua trajetória. Minha mãe começou a ensinar em 1963, quando ela tinha 16 (dezesesseis) anos e botou a escola na sala de jantar da casa do pai dela. Colocou a mesa, o pai dela fez quatro bancos e ensinou os meninos de lá. Como minha mãe se casou em 1971, ela foi para a casa dela, num pedaço de terra com 5 (cinco) tarefas que meu avô deu de herança, um terreno vizinho ao meu tio. Meu pai não tinha terreno, então, eles fizeram uma casa que tinha dois quartos e um cômodo pequeno que era a escola, cuja área era 3 (três) metros por 3 (três) metros quadrados, só que não era fechado os quatro lados, a frente era aberto, o fiscal chegou lá e reclamou e disse para ela fechar porque aquele espaço não podia ser uma escola daquele jeito. Na verdade, era uma escola improvisada. Essa escola funcionou um ano ou dois lá e depois meu pai fez um anexo à nossa casa, no vão que a gente chamava de escola, que tinha uma área de 6 (seis)

metros por 2,5 (dois e meio). Era ali que eu começo a viver a minha experiência escolar e docente. É nessa escola! Nesse vão maior que a gente chamava de Escola Municipal Agostinho Machado. [...] Lá nesta escola, eu faço até o terceiro ano primário. Depois minha mãe me fez repetir o terceiro ano na escola da cidade. Em 1985 e 1986, o terceiro e o quarto ano, eu fiz na escola da cidade, num bairro da periferia e depois eu vou para o então Colégio Estadual Antônio Carlos Magalhães que a gente chamava de ACM para continuar os estudos. (Fábio Josué dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Segundo as lembranças do professor Fábio Josué dos Santos, a Escola Agostinho Machado, onde sua mãe atuava como professora leiga e onde ele iniciou seu processo de escolarização, naquela época, atendia uma média de 50 (cinquenta) alunos, cujas idades variavam entre 4 (quatro) e 19 (dezenove) anos, todos sob a responsabilidade de dona Rita, sua mãe, pois ela era a única professora desta escola, cujo funcionamento era das 13h às 17h.

O professor Fábio Josué dos Santos lembrou que no ano de 1997 foi aberta outra escola na comunidade de Palmeira e sua mãe ficou preocupada em perder alunos para a concorrente. Durante este período, este professor rememora também que tiveram que mudar de residência nesta comunidade rural por causa de problemas de saúde do seu pai, o senhor Josué Presídio, pois ele tinha alergia a umidade da casa onde viviam, uma vez que a moradia se localizava num brejo e, por causa disso, se deslocaram para uma região mais alta e a escola de dona Rita, sua mãe, foi transferida mais uma vez para outro espaço. Sobre este tempo, o professor Fábio Josué narrou:

Então, veio o quarto endereço da escola de minha mãe. Uma professora resolveu abrir uma escola e minha mãe atendia os meninos da comunidade de Palmeira e de outra região. Uma professora em 1977 resolveu abrir uma escola lá onde estava a maioria dos alunos e minha mãe pensou que ia perder a escola. Minha mãe falou com a sogra que morava bem perto e, com isso, ela transferiu a escola para a sala da sogra porque ficava perto da escola onde a concorrente estava e onde a maior parte dos alunos morava. A escola concorrente não funcionou, parou por 3 (três) meses e os pais preferiram continuar com minha mãe e nenhum aluno saiu porque ela já ensinava a bastante tempo na comunidade e as pessoas temiam que essa professora continuasse na localidade. (Fábio Josué dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

A escola concorrente não funcionou por muito tempo e depois a escola de sua mãe voltou a atender os alunos na sua residência, assim continuou:

Depois a escola volta para o mesmo lugar. Depois meu pai teve um problema de saúde porque essa casa ficava num brejo. O médico mandou ele construir uma casa no alto e meu pai fez um teste na casa do vizinho e alugou a casa no alto. Isso fez com que ele melhorasse as dores significativamente. Desmancharam a casa e fizeram outra no alto. Fez essa casa em cima, desmanchou aquela de cá e a escola funcionou de novo na sala, a única sala da casa era a escola, era apertada. Com seis meses, meu pai fez de novo um vão. Começou aquela dinâmica e nessa época eu já ajudava os alunos, eu ensinava os outros, tomava lição. E quando eu era pequeno, os outros também faziam isso, tinha esse trabalho de monitor. Uns ensinavam aos outros e depois eu continuei ajudando os outros, a ensinar as contas de diminuir que estavam no segundo ano. Quando eu passei a estudar na escola da cidade e principalmente de quinta a oitava série, tinha dia que minha mãe me chamava para ajudar na escola dela. Isso não era muito comum porque eu estudava de manhã na escola da cidade. (Fábio Josué dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Neste fragmento, este professor deixou evidente a forma simples como viviam ao relatar que a casa onde moravam no espaço rural foi facilmente desmanchada, provavelmente a base da construção desta edificação no espaço rural tenha sido de taipa. Além disso, ele relatou a dinâmica que envolvia o cotidiano da sala de aula no espaço rural. Apesar de não ter tido uma infância só de brincadeiras, o professor Fábio Josué lembrou que tem boas recordações deste período, apesar dos poucos amigos que tinha na roça porque a área onde residia não era muito povoada. Além das poucas brincadeiras no espaço rural, ele afirmou que ajudava sua mãe na escola, o que se caracterizou como uma espécie de monitoria, decorrente de uma solicitação dela, fato que demarcou vivências e influências na vida profissional docente.

As pressões exercidas pelo pai do professor Fábio Josué para que fosse um bom aluno e as orientações dadas pelos seus tios sobre os estudos reforçam as ideias de Lahire (1997) quando defende que há uma forte influência das relações familiares no sucesso escolar das crianças. Sobre a influência da família, ele lembrou que:

Quando eu passava de ano, tinha como presente de férias uma semana em Salvador na casa dos tios com a presença de minha mãe, mas em 1990, eu estava com 14 anos e eu vim para Salvador sozinho pela primeira vez. Eu vim para ficar uns 15 (quinze) dias e fiquei na casa de um tio que era solteiro que tinha banca de revistas. Toda a minha família trabalhava com banca de revistas. Minha mãe teve 12 (doze) irmãos, mas apenas ela e outra tia ficaram em Amargosa. Os meus 11 (onze) tios vieram morar em Salvador e

todos eles trabalham com banca de revistas. Então, quando eu vim em 1990 pra Salvador, vim com uma tia e outro tio que me chamou para a casa dele. Ele tinha 3 (três) bancas de revistas e me fez uma proposta de eu trabalhar com ele até depois do carnaval e me pagar dois salários e meio. Para mim, isso era uma fortuna! Hoje seria uma média de dois mil reais. Então, eu comecei a trabalhar e tal e minha meta era ficar aqui em Salvador porque a gente morava em um terreno muito pequeno em Amargosa e a gente não tinha condição de melhorar as condições de lá porque eu não tinha renda e não tinha espaço para plantar, então, eu vivia do pouco que meus pais produziam. Com essa oportunidade, de ter trabalho na banca de revistas, eu ia ter emprego certo, casa e comida, então, eu não queria retornar para Amargosa. Foi uma experiência importante nesse período, pois eu sonhava com esse futuro, só que nesse período chegou um tio que morava no Rio, ele era o mais escolarizado e ouviu essa conversa e disse: 'Não! Você vai voltar para Amargosa, terminar o segundo grau e depois que concluir o segundo grau, você vem morar com a gente, a gente lhe arruma um trabalho e você vai fazer faculdade'. (Fábio Josué dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Com esse conselho do tio mais escolarizado, o professor Fábio Josué retornou para Amargosa para concluir o Ensino Médio. Este episódio foi o divisor de águas, foi justamente este tio que foi a pessoa charneira que ele precisava naquele momento para orientar alguns caminhos, ao sugerir que ele retornasse para Salvador depois que concluísse a Educação básica em Amargosa. E, assim, ele fez. Sobre este período, ele relembrou que foi a primeira vez que pensou em fazer vestibular e continuou a expor:

Aí foi que, pela primeira vez, eu fui apresentado a essa possibilidade de fazer vestibular. Eu volto para Amargosa após terminada as férias e fui decidido a ser um aluno aplicado porque quando você compara o meu desempenho no ensino médio e no ginásio, eu era um aluno muito mais para atender ao que minha mãe determinava. No segundo grau não, eu construir isso, eu queria fazer um segundo grau para eu entrar na universidade. Portanto, tinha que ser bom aluno. Sempre tinha aquelas conversas de ser médico ou, então, ser juiz, advogado. Então, isso parecia muito distante diante do meu contexto e, principalmente, para a minha família. Começa deslumbrar para mim essa outra possibilidade de estudo. Eu fui muito aplicado no ensino médio. Eu não queria ser professor. Quando eu concluí o ensino fundamental II em Amargosa eu fui para outro colégio e tínhamos três opções de curso lá. Naquele ano de 1991 tinha vários cursos na Escola Agrotécnica. Eu, a princípio, queria fazer na Escola Agrotécnica, mas ela se instalou em uma região distante, então, não deu porque era longe e eu não tinha como me deslocar. O curso profissionalizante de Magistério era de manhã e tarde e o profissionalizante de Contabilidade era à noite. Eu queria fazer Contabilidade porque eu era muito tímido e não conseguia pensar na possibilidade de ser professor, mas eu tinha algumas experiências de

algumas tias que fizeram magistério, mas eu não conseguia me enxergar durante dois meses na frente de quarenta alunos dando aula. Para mim, isso era um terror! Eu era tímido [...]. Lembro que eu não ia em casa se tivesse gente estranha lá. Eu era bicho do mato! Então, eu era muito tímido e fazer Magistério para mim era um horror por causa disso. Só que quando eu estava em Salvador, nas férias, minha mãe me matriculou no Magistério. Quando eu cheguei, eu procurei modificar o curso, mas não tinha mais vaga em outro curso. (Fábio Josué dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Segundo o professor Fábio Josué, a opção do Magistério, como curso profissionalizante, no ensino Médio, não foi algo desejado por ele, principalmente porque era muito tímido para seguir a carreira docente, mas o destino lhe surpreendeu!

Então, como não tinha vaga em outro curso, eu fiquei no curso de Magistério e aos poucos fui quebrando essa imagem que eu tinha dessa timidez e me encantando pelo Magistério. Eu tinha um colega, o Manolo, um amigo meu, que não estudou as séries iniciais comigo, e ele já era professor desde a sétima série, então ele falava com um encantamento muito forte. Duas outras professoras passam a ser referência para mim. No quadro de professores do Colégio Santa Bernadete eram pouquíssimos ou quase nenhum professor tinha nível superior. No segundo grau nós tínhamos poucos professores com nível superior e teve dois professores que foram influentes em minha formação. (Fábio Josué dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Sobre essas memórias, este professor relembrou que alguns professores acabaram influenciando ele na escolha da profissão docente, como os professores Manolo e Cátia Marize que atuavam na educação básica e demonstravam ter orgulho pela profissão docente. Além desses, outros professores entusiasmaram Fábio Josué a permanecer na formação docente no Ensino Médio. Assim, ele destacou:

A professora de Língua Portuguesa, Celina, filha de uma família rica, dona de padaria, filha de grande fazendeiro e que era também professora, falava com muito orgulho dessa profissão, pois ela sempre dizia que amava ser professora e com isso eu fui me encantando com a profissão tendo esses contatos. Então, eu tive a oportunidade de um estágio, de ter contato com os professores que eram excelentes profissionais e foram me seduzindo de modo que concluo o segundo grau em 1993 com essa decisão de ser professor. Então, aquele sonho que foi alimentado pela família de ser advogado continuava, mas tinha agora essa opção de ser professor. Eu venho para Salvador porque em Amargosa nós não tínhamos universidade. A universidade mais próxima era o Campus da UNEB em Santo

Antônio de Jesus que ficava a 50 km de distância de Amargosa e tinha os cursos de História, Geografia e Letras, mas minha família não tinha condição de me manter em Santo Antônio, nem condição de pagar esse deslocamento diário de Amargosa até Santo Antônio e eu não tinha oportunidade de emprego em Amargosa. Então, o destino me levou a Salvador, onde eu tinha família que iria me acolher e ia me dar emprego. Então, foi em Salvador que a opção vai se desenrolando através dessa trajetória, onde eu não ouvia possibilidade de futuro na minha vida econômica. Eu vim para Salvador para ter um emprego certo e estudar. (Fábio Josué dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

E concluído o ensino médio, este professor foi morar na capital baiana, atraído pela oferta de trabalho em uma das bancas de revistas de seus tios.

Então, em 1994 [...] eu venho para Salvador e vou trabalhar com a família em um turno e estudar em outro. Estudei por quatro anos, pois eu fiz essa meta de quatro anos. Eu venho e estudo de manhã. [...] Meus avós estavam muito idosos e meus tios propuseram que eles viessem para Salvador e com isso eles venderam a fazenda para um tio meu que morava em Salvador, mas manteve o patrimônio da família e com esse dinheiro compraram uma casa. Em 1994, eu vim ficar na casa de minha avó, morando com ela, meu avó, três tias solteiras e uma prima. Eu estudava pela manhã aqui na UNEB e ia trabalhar à tarde. Foram várias as atividades, então, eu comecei a trabalhar em uma padaria e fiquei cerca de 4 meses. [...] Depois disso, meu tio investiu dinheiro que tinha em oito bancas de revistas e eu fui trabalhar com ele. Então, ele bota uma banca perto dos Aflitos, perto da casa de taipa, era uma banca 24h e eu trabalhava das 23h até as 6h da manhã. Essa foi uma banca de lanche. Às 6 h da manhã eu corria para a casa, tomava café, corria para a faculdade. Eu fiquei nisso uns 4 meses, mas não me agradei muito nisso e eu me encantei com o curso e o meu emprego não estava dando certo e o curso era a minha prioridade. Lembro que teve um projeto de extensão da UNEB que oferecia dois salários e meio de bolsa e eu larguei a banca e vim para cá e fiz o curso de formação sem receber nada e tal e cai pra dentro desse projeto de extensão. Esse projeto consistia no seguinte: nós assumíamos as salas das regentes da rede municipal e elas vinham para aqui [UNEB] para ter a formação. Nele eu trabalhei de setembro até novembro de 1994, mas não recebi nada, nem vale transporte. Então, praticamente eu estava desempregado. (Fábio Josué dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Este professor relembrou as dificuldades para se manter e conciliar estudo e trabalho e, principalmente rememorou o período em que estava em formação inicial e desempregado, com possibilidade de receber bolsa de extensão. Ele narrou, mais uma vez, o apoio recebido pelos membros da sua família, principalmente dos tios que o ajudaram nesta etapa de sua vida.

O tio que me influenciou a fazer o segundo grau, me ajudou muito, foi uma pessoa solidária comigo e meus avós também. Minha despesa de alimentação e de roupa era dada por esse tio que me ajudava. Bom, diante de um sucesso dessa experiência do projeto de monitoria, eu volto para Amargosa no natal e conversando com o pessoal de lá, eles me disseram que tinha um parente que trabalhava na Escola Galdino que era de uma rede de farmácia que tinha mais de 40 farmácias, então, uma professora que tinha sido minha regente me deu essa oferta de emprego. Eu disse que queria e vim trabalhar nessa farmácia e fiquei por 2 anos e comecei como vendedor e depois saí de lá como subgerente da loja no Iguatemi. Ele tinha várias lojas. Eu trabalhei em vários lugares em Salvador, como no bairro Canela, na Pituba, na Barra e depois na subgerência da loja do Iguatemi, só que era um trabalho muito desgastante. Já no final do curso, eu saio da farmácia para trabalhar em uma banca de revista porque um tio meu tinha falecido, o que tinha me dando o primeiro emprego, então, ele tinha deixado um patrimônio significativo que foi dividido entre a família e minha mãe herdou uma banca de revista com minha tia, então, a minha tia trabalhou um ano, e o outro ano eu fiquei para tomar conta, mas depois coloquei uma pessoa no meu lugar porque eu queria mais liberdade para me dedicar aos estudos e fazer o que eu não tive oportunidade de fazer durante os três anos anteriores. (Fábio Josué dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Segundo o professor Fábio Josué, foi neste período que se envolveu mais com os estudos e buscou se aprimorar mais durante a graduação. Assim continuou a relatar:

Fui fazer estudo de espanhol, curso de informática, fui me dedicar mais tempo à leitura, fui fazer o cursinho para vestibular para fazer Direito de novo. E, no meio do ano, eu me dediquei mais ao estágio supervisionado. Já no sétimo semestre teve um concurso da Secretaria de Educação do estado para coordenador pedagógico e eu passei. Aprovado no concurso eu volto para Amargosa. [...] Eu volto e começo a trabalhar a partir de 1998 como coordenador pedagógico, após me formar no dia 09 de janeiro desse mesmo ano. (Fábio Josué dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Após a conclusão do curso de Pedagogia e da aprovação no concurso da rede estadual de ensino, o professor Fábio Josué retornou para o município de Amargosa e passou a trabalhar na escola como coordenador pedagógico, situação que provocou certo estranhamento, principalmente porque ele era bem jovem para trabalhar com seus antigos professores e ter vivenciado seu processo de escolarização básica naquele município.

Então, eu entro no mundo dos profissionais e isso foi um choque porque o curso me deu uma formação teórica muito boa e eu tive excelentes professores. Nós tínhamos quatro disciplinas de Filosofia

da Educação, Sociologia da Educação, mas, nessa dimensão técnica foi muito fragilizada e principalmente no meu caso, como eu não atuei em sala de aula já que eu só tive experiência nesse curso de extensão, então, foi um baque muito grande porque eu saí daqui da universidade para ser um coordenador pedagógico e era um desafio muito grande e principalmente ser coordenador onde eu tinha feito o curso de Magistério e ia coordenar meus ex-professores. Isso criou um mal estar, pois eles não aceitaram bem ter um ex-aluno coordenando eles, mas teve alguns que gostaram. E eu acho que eles pensaram que, como a escola não tinha a figura do coordenador pedagógico na época, na cabeça dos professores, tinha a ideia do delegado escolar, da autoridade que chegou. Acredito que eles pensaram assim, mas eu não tinha esse estilo de trabalhar. (Fábio Josué dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Muitas foram as dificuldades iniciais no exercício da profissão como coordenador pedagógico, principalmente porque a escola tinha uma rotina onde reinava o autoritarismo, mas foi quebrado com o trabalho deste professor. Sobre as imagens-lembranças desse tempo, o professor Fábio Josué disse que:

[...] quando cheguei à escola como coordenador, eu peguei um professor do primeiro e segundo ano do magistério conversando com uma colega e dizendo sarcasticamente que agora ele tinha que mudar o jeito dele ensinar para ouvir “os pedagogos” e dizia que também “vão mandar em mim com 20 anos de experiências e tal”. Mas eu não tinha essa postura de trabalhar com aqueles que não aderiram ao projeto, mas a gente fez uma revolução nessa escola porque eu tinha sido aluno de lá e a escola continuava com a mesma diretora e ela era muito autoritária e quando eu cheguei nessa escola, a gente revolucionou. Eu digo a gente porque eram eu e mais cinco professores que não faziam parte do corpo docente da escola da época que eu estudei. Então, tinha a professora Julinha e todos eram petistas, militantes, fundadores do partido. Professora Andeia também, professora Marcia, Joseildo e eu. A gente fez uma mudança na prática escolar. O meu desejo era voltar para Amargosa para o colégio. Eu fui ser coordenador porque o concurso só podia fazer para a aquela vaga de 20 h. Quando eu cheguei na escola era atuar em 20 h como coordenador e pedi o enquadramento para ter mais 20 h para professor, para atuar na sala de aula. Eu achava interessante ir para a sala de aula, inclusive para experimentar essas diferenças na atuação profissional porque eu ia fazer trabalho de coordenador com a experiência de quem estava na escola, mas não de quem atuava como professor, pois a experiência que eu tinha era a do estágio, da extensão na graduação. Ir para a sala de aula era extremamente importante para esse contexto para eu me aperfeiçoar no trabalho de coordenação. Então, ao propor algo como coordenador, eu ia falar enquanto alguém que vivenciava a sala de aula, até para não ser desautorizado com aqueles discursos de que eu não tenho experiência. Eu vou ser também coordenador e professor da disciplina de Didática. E, começo fazendo um trabalho que incomodava muito por causa da metodologia que eu usava que

se baseava nas produções dos alunos. (Fábio Josué dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

De fato, quando alguém chega e propõe algo novo num ambiente de trabalho, como no espaço da escola, o cotidiano escolar sofre alteração porque está condicionado a um modo de trabalhar.

O professor Fábio Josué disse que houve muitas mudanças na escola a partir de sua inserção como coordenador pedagógico e professor de sala de aula e continuou a relatar:

Os alunos produziam, criavam muito porque eu fazia trabalhos em grupos com os alunos e não dava nada pronto. Eu colocava os alunos para produzir o tempo todo, incentivava a dúvida e fugia daquela lógica de falar e o aluno copiar tudo para depois reproduzir, não, eu coloquei eles para pensar, raciocinar, ter postura crítica. Então, isso começou a incomodar muito [...] o fato de ser alguém que foi ex-aluno que volta para a escola para ser coordenador pedagógico. Talvez isso seja uma coisa simbólica, mas o fato de ter sido aluno e filho de Josué, um lavrador da roça que entrou aqui no concurso, criou um pouco de desconforto. As minhas metodologias, para o contexto, foram revolucionárias. A direção tinha um estilo autoritário, do tipo carlista⁵⁶ e eu não compactuava com muita coisa [...]. Então, isso começou a criar confronto na escola, pois o fato de eu ser petista, juntamente com outras colegas, criou um desconforto político na escola [...]. (Fábio Josué dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Este professor alegou que a sua posição política partidária, contrária à direção da escola, implicou em sua saída da sala de aula, mas continuou na coordenação desta escola, ao mesmo tempo em que assumia outras atividades profissionais na rede particular de ensino em Amargosa e em outros municípios, o que agregou experiência, sobretudo no que diz respeito à multisseriação.

Eu saio da sala de aula e continuo na coordenação. Eu fiquei em 1998, 1999 e 2000 na escola. Fui convidado para trabalhar em uma escola particular que abriu naquele ano. E uma prefeitura vizinha também precisava de um pedagogo para coordenar os 80 professores da rede municipal de ensino. Tudo que eles tinham eram um secretário, duas secretárias, um faxineiro e um pedagogo. Então, eu fazia o trabalho de coordenação desses professores e a gente se reunia nas sextas, no sábado e durante a semana eu visitava o chão da escola. Então, essas são as experiências que eu tive, o

⁵⁶ Carlista ou Carlismo na Bahia é um termo utilizado para designar o grupo político liderado por Antônio Carlos Magalhães (ACM), falecido em 2007, que atuou na Bahia por mais de quarenta anos, cujas particularidades envolviam o clientelismo, o controle dos veículos de comunicação e o conservadorismo político.

reencontro com as escolas multisseriadas, que eu tinha vivido em momentos anteriores à minha formação de Magistério e na minha formação de Pedagogia. No trabalho da rede de São Miguel, uma preocupação muito grande dos professores era a alfabetização, pois os meninos não estavam aprendendo. Então, eles me questionaram enquanto pedagogo, mas eu não tinha noção de sala de aula e eu fui para Feira de Santana fazer um curso de especialização em alfabetização na UEFS. Era um curso modular que eu fiz entre julho de 1998 a janeiro de 1999 e em São Miguel eu fiquei até 2000. (Fábio Josué dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

O professor Fábio Josué narrou que a sua inserção no ensino superior ocorreu paralelamente a estas atividades profissionais na Educação básica em municípios diferentes, bem como à busca por formação inicial e continuada entre os municípios baianos de Feira de Santana e Salvador.

Para o professor Fábio Josué, um outro momento bastante formativo foi o da participação do edital da FAPESB com o projeto Ruralidades Diversas – Diversas Ruralidade, a qual ele atribui o momento exato da sua constituição como professor pesquisador, ao abordar as questões voltadas para a multisseriação. Sobre esta experiência, ele narrou:

[...] essa foi uma experiência muito forte na minha formação. Eu começo a me enxergar não apenas como aquele professor de dar aula, o que fui de 1998 até 2004, o que cumpria bem porque procurava ler os textos para ficar embasado, ter domínio do conteúdo, ter uma dinâmica legal com os alunos, interagir sempre com o contexto da sala de aula. Sei que eu tinha bastante experiência, mas faltava a pesquisa. Então, com essa oportunidade é que eu vou me integrar a essa rede maior, a essas discussões e tal. A gente se envolve com uma experiência lá em Amargosa dentro das ruralidades, com a questão das turmas multisseriadas. Em Valença, eu trabalhava com Currículo e com Didática. Nesse contexto, pelo fato de ter feito o mestrado, Sueli discute classes multisseriadas, Estela discute isso, então, eu levei essa discussão das classes multisseriadas para a educação do campo. Então, fui me aproximando disso tudo e isso foi me fortalecendo. A partir desse projeto da FAPESB a gente já começa a desenvolver projetos de pesquisa sobre isso, orientar TCC sobre isso ainda na UNEB de Valença e vou trazendo os processos de lá para cá. Então, desde 2008 eu venho me engajando nessas questões das classes multisseriadas. (Fábio Josué dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Segundo o professor Fábio Josué dos Santos, é justamente a partir deste projeto financiado pela FAPESB que ele se aproximou das questões relacionadas à multisseriação e, após o término do mestrado, submeteu um projeto de pesquisa

para a seleção do doutorado, intencionando abordar a questão da multisseriação, cujo projeto de investigação ficou embrionado desde a seleção de mestrado, embora no doutorado tenha discutido a multisseriação a partir das histórias de vida de professores de escolas multisseriadas no município de Amargosa, onde nasceu (Imagem 8).

Imagem 8 – Mobilidades do Professor Fábio Josué dos Santos



Fonte: Entrevista Narrativa, 2014.
 Imagens das cidades: Google Imagens, 2016.
 Elaboração: Simone S. de Oliveira, 2016.

Ainda para o professor Fábio Josué, realizar a sua pesquisa de doutorado era uma forma de articular elementos de sua história de vida e o fazer pedagógico em escolas multisseriadas. Sobre o seu objeto de pesquisa, ele narrou:

[...] tematizar esse objeto me permitiu fazer o link com minha trajetória lá, enquanto aluno de classe multisseriada e problematizar essa questão – essa temática. Então, por exemplo, o trabalho que eu tenho feito lá, a gente tem desenvolvido projetos de extensão junto à UFRB e nesse projeto de extensão, uma coisa que eu tenho tensionado muito, um projeto de extensão na formação que a gente

faz no curso de Pedagogia com palestras que a gente dá, então, eu recupero elementos da minha trajetória. A minha professora, que foi minha mãe, só tinha o quinto ano do primário e nunca vi se queixar de trabalhar no contexto da multisséries. Pela heterogeneidade que isso representa, ela se queixava do baixo salário e da indisciplina dos alunos, mas nunca se queixou de ter alunos de 4 (quatro) a 19 (dezenove) anos de idade na mesma sala de aula. Meus alunos de hoje, os professores da rede municipal, a qual a gente faz curso de formação, eles têm graduação em Pedagogia, têm especialização e se sentem extremante desconfortáveis em trabalhar dentro desse contexto da multisseriação. Então, nesse sentindo, é que surge a ideia da tese. Originalmente, eu pretendia ouvir a história de vida desses professores das multisséries para retirar daí o repertório de práticas e a partir disso fazer um trabalho de formação que estão nesses espaços. Esse era o projeto da tese, entretanto, a falta de tempo, a própria condição da pesquisa, me levou a abrir mão desse trabalho de intervenção e estou focando apenas nas histórias de vida dos professores. (Fábio Josué dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Neste fragmento da narrativa deste professor ficou evidenciado que não é fácil associar trabalho com pesquisa. O professor Fábio Josué dos Santos precisou fazer escolhas metodológicas para dar conta do objeto de sua investigação nos estudos de doutoramento, mas reconheceu que pretendia fazer outros procedimentos, com a intenção de elencar, analisar e utilizar o repertório de práticas vivenciadas nessas classes multisseriadas e abordá-las no curso de formação docente na universidade onde atua como professor formador, mas não foi possível, por causa de outras atribuições profissionais.

Durante a entrevista narrativa, este professor foi questionado sobre o que, por ventura, ficou por fazer e o que faria se pudesse voltar ao passado e disse:

Eu acho que esse trabalho mesmo de formação com os professores de classes multisseriadas poderia ter sido feito. Quando eu terminar o doutorado, esse trabalho de formação que estava desenhado para fazer na tese, mas que adormeceu, eu vou fazer depois. É uma meta continuar estudando! Hoje mesmo, eu vim para cá com uma ex-aluna que, por acaso, ela me falou que a tia dela era professora de classe multisseriada em Lajes e isso me deixou atento, pois depois do doutorado, eu vou pedir a ela para me apresentar, porque eu quero continuar estudando essas professoras e depois fazer esse trabalho de formação com os professores que hoje atuam no contexto de classes multisseriadas porque o processo de formação desses professores tem me incomodado recentemente, pois se a gente toma como referência apenas as teorias e o saber produzido no campo da Didática, isso não vai dar conta de formar esses professores porque a Didática e a Pedagogia não se debruçaram sobre essa temática das classes multisseriadas, então, é preciso encontrar outros textos, outras referências pra fazer esse diálogo no processo de formação

desses professores. Aí eu acho que as memórias desses professores, de classes multisseriadas, sejam de fundamental importância no processo de formação docente. Não vai ser com os textos, com as teorias clássicas da Pedagogia e da Didática que a gente vai formar esses professores das classes multisseriadas e eu acho que para enfrentar esses desafios temos que escutar as experiências, as práticas dos professores que tiveram anos de experiência dentro desse contexto. É fundamental fazer isso! E, inclusive, executar a própria trajetória desses sujeitos, por exemplo, eu trabalhei recentemente de 2011 a 2013 no PIBID nas classes multisseriadas em Amargosa e eu tinha 15 bolsistas em 4 licenciaturas – Pedagogia, Letras, Matemática e Física. O projeto chama-se PIBID interdisciplinar nas escolas multisseriadas do campo. Então, em determinado momento do projeto nós produzimos memoriais e muitos deles provenientes de escola do campo e essa escrita sobre essa trajetória deles me permitiu ampliar essa reflexão sobre esse fenômeno, procurar caminhos para superar o desafio das práticas pedagógicas no contexto das multisséries. (Fábio Josué dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Muitos são os planos, os desejos e os desafios, sobretudo no que concerne à formação e à atuação docente para as classes multisseriadas, mas sem sombra de dúvidas, não podemos negar que as experiências dos professores que atuam ou atuaram nas classes multisseriadas podem nos ensinar muito sobre práticas eficazes no fazer docente porque vivenciaram e experimentaram o fazer na sala de aula com alunos de diferentes idades, experiências essas ainda não relatadas na maioria dos livros que fazem parte das leituras básicas e complementares nos cursos de formação de professores, pois essas histórias podem nos ensinar muito, como a do aluno da roça que se constituiu doutor na cidade, que não é nem tabaréu, nem matuto, apenas professor na cidade que expressa um conhecimento do mundo urbano, sem desconsiderar e recusar suas raízes e cultura do espaço rural.

4.6 Janeide dos Santos: de trabalhadora do campo à professora na cidade

Do ponto de vista político, [...] eu vejo que a roça, do modo que ela foi historicamente tratada, ela era o lugar do sujeito obediente, passivo e que não estudava. (Janeide dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014).

A epígrafe que abre esta seção retrata bem a posição política da professora Janeide dos Santos frente às questões que envolvem o espaço rural.

Nascida em 08 de julho de 1975, no município de Irará-BA⁵⁷, a professora Janeide dos Santos é graduada em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), especialista em Supervisão Escolar, também pela UEFS, especialista em Metodologia do Ensino de Geografia pelo IBPEX/FACINTER, mestre e doutora em Geografia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Além de atuar como professora assistente no Colegiado do Curso de Geografia do Departamento de Educação do *Campus XI* da UNEB, localizado no município de Serrinha, a 191 km de Salvador, situado na região do semiárido baiano onde são ofertados os cursos de Licenciaturas em Geografia e em Pedagogia e Bacharelado em Administração, esta professora reside e, também, trabalha em Feira de Santana, atuando como docente na Secretaria de Educação e Cultura do estado da Bahia, numa unidade escolar localizada neste município. Além disso, ministra aulas em outras instituições particulares que oferecem ensino superior neste mesmo município.

Dentre outras atribuições e funções exercidas, esta professora já atuou como professora da Educação básica e coordenadora pedagógica no município de Irará entre os anos de 1998 a 2003 e entre 2007 a 2009 como professora formadora na Faculdade Maria Milza no município de Cruz das Almas.

A professora Janeide dos Santos é pesquisadora do Grupo “A Geografia dos Assentamentos nas Áreas Rurais (GEOGRAFAR)” do IGEO/UFBA e desenvolve trabalhos profissionais e de pesquisa que buscam analisar as implicações da questão agrária na dinâmica socioespacial a partir das conflitualidades estabelecidas pela dialética da relação capital-trabalho e seus desdobramentos na produção do espaço. Tem experiência nas áreas de Ciências Humanas e Sociais com atuação na formação de professores, ensino de Geografia, políticas públicas, trabalho pedagógico e Educação do Campo.

Na área do conhecimento da Ciência Geográfica, esta professora atua com mais ênfase em temáticas como: a questão agrária brasileira e seus rebatimentos na organização socioespacial; ensino de Geografia e produção do espaço; os movimentos sociais de luta pela terra e os impactos de suas ações na reorganização

⁵⁷ Este município faz parte do Território de Identidade Portal do Sertão, composto pelos seguintes municípios: Água Fria; Amélia Rodrigues; Anguera; Antônio Cardoso; Conceição da Feira; Conceição do Jacuípe; Coração de Maria; Feira de Santana; Ipecaetá; Irará; Santa Bárbara; Santanópolis; Santo Estêvão; São Gonçalo dos Campos; Tanquinho; Teodoro Sampaio e Terra Nova (SEPLAN, 2016)

do território. Já na Educação se dedica a estudar os Fundamentos da Educação com ênfase nos temas: trabalho pedagógico, formação de professores, produção do conhecimento escolar e implicações na prática social e educação do campo.

Os trabalhos desenvolvidos por esta professora decorrem de suas experiências empíricas e, tanto no memorial acadêmico, como na entrevista narrativa, ela fez questão de demarcar bem a sua posição de ex-moradora do espaço rural ao dizer:

Nasci e vivi até aos dezoito anos numa comunidade [...] situada na localidade rural do município de Irará, estado da Bahia. Lá vivenciei as conflituosidades inerentes ao espaço agrário brasileiro: disputa por terras; concentração fundiária; privatização dos recursos naturais; valorização da cultura urbana; relação de poder de mando e coerção dos latifundiários sobre os camponeses; preconceito espacial, sociocultural e racial. (Janeide dos Santos – Memorial Acadêmico, 2009).

Foi neste espaço rural, no município de Irará-BA, que principia a história de luta e de superação desta professora. Assim continuou:

[...] minha história começa com a principal e a singularidade do problema que é do campo, que é a questão da terra. Eu sou filha de trabalhadores rurais que são remanescentes de grupo quilombolas. A minha avó materna é natural de um quilombo e meu bisavô paterno também. Eles são de quilombos diferentes por sinal, mas viveram uma história e uma trajetória marcada por um processo histórico de exclusão social. Então, eu venho de uma família que teve sua trajetória histórica marcada pelo processo de exclusão social primária que é a exclusão da terra. (Janeide dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

A professora Janeide dos Santos é a filha mais velha de um casal de pequenos agricultores que viviam num espaço rural em Irará, interior baiano, que se casaram ainda na adolescência e foram morar com seus avós, cujas condições eram precárias. Ela contou que seus familiares sobreviviam do pouco que cultivavam e disse que era comum seu pai se deslocar para outro lugar à procura de emprego temporário em outras áreas rurais. Assim destacou:

[...] O meu nascimento é marcado por num momento em que essa família se une, mas dentro de condições precárias, então, por exemplo, quando meus pais se casaram, eles foram morar na casa da minha avó paterna, onde viviam do trabalho na roça. [...] lá a gente nasce nessa conjuntura onde minha avó herdou do meu bisavô quatro tarefas de terra, e minha avó tinha dois filhos que precisavam se reproduzir socialmente para atender as suas condições básicas ali

naquela terra, então, por exemplo, logo que eu nasci, meu pai teve que sair daquele lugar para trabalhar nas lavouras de sisal. (Janeide dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Segundo esta professora, naquela comunidade existia uma escola multisseriada que atendia alunos do ensino fundamental II e funcionava em dois turnos: no matutino, reservado para os alunos recém-ingressados na escola e oferecia a primeira série e, no vespertino, da segunda a quarta série, pois *“Estruturalmente, a turma era acolhida numa sala por um único professor e, quanto às questões pedagógicas, o ensino era voltado para a aprendizagem do básico [...]”* (Janeide dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014).

Ao evocar as reminiscências da infância, esta professora memorou que, apesar de ter vindo de uma família com baixo capital letrado, sua avó sempre se preocupou em contar histórias e fantasiar narrativas. Assim narrou:

[...] algo que me chamava atenção é que minha avó se envolvia com os nossos livros, ela sentava conosco para ler os livros, e isso era muito interessante porque ela fantasiava todas as histórias dos livros, ela criava todas as histórias dos livros, ela fantasiava as histórias, eu me lembro que eram livros da língua portuguesa que chamavam ‘a comunicação e a expressão’ que vinha uma série de narrativas e de contos, enfim, a gente se envolvia com essas histórias. (Janeide dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Segundo a professora Janeide dos Santos, apesar dos pais terem um baixo capital escolar, a sua avó incentivava as crianças da família a lerem e escreverem a partir das histórias narradas por ela, dos contos, das lendas, das assombrações, das histórias que envolviam seus antepassados, pois a prática de contar histórias fazia parte da tradição daquela comunidade rural quilombola onde vivia e esta prática de narrar histórias era passada de geração para geração, cujo ritual era muito presente nos lugares coletivos que faziam parte daquele espaço rural, como a casa de farinha, onde agrupava muitas pessoas ao mesmo tempo.

Esta atitude da avó da professora Janeide dos Santos reafirmou as ideias de Lahire (1997) quando diz que, apesar da distância que separa os familiares do mundo escolar, eles são imprescindíveis no estímulo e acompanhamento no processo de escolarização, pois:

[...] a maneira como os membros da configuração familiar vivem e tratam a experiência escolar da criança, revivendo, às vezes, através dela, sua própria experiência escolar passada, feliz ou infeliz, se

mostra como um elemento central na compreensão de certas situações escolares. Os adultos da família, às vezes, vivem numa relação humilde com a cultura escolar e com as instituições legítimas e podem transmitir à criança seu próprio sentimento de indignidade cultural ou de incompetência [...]. Mas, ao contrário, podem comunicar o sentimento de orgulho que experimentam diante dos bons resultados escolares da criança, ou então olhar com benevolência a escolaridade da criança, apesar da distância que os separa do mundo escolar [...]. (LAHIRE, 1997, p. 172)

E, mesmo com pouco capital escolar que separava os membros da família da professora Janeide dos Santos do mundo escolar percebia que sua avó era a pessoa que mais influenciava e incentiva a adquirir capital letrado, pois, segundo esta professora, sua avó tinha um sentimento de orgulho ao incentivar as crianças da sua família a irem à escolar e adquirirem as habilidades de leitura e de escrita, ao acompanhar seus netos com as atividades escolares e motivá-los na prática da leitura através da sua oralidade, feita com contos e relatos das histórias de seus antepassados, o que contribuiu com o sucesso escolar da professora Janeide dos Santos.

Desse modo, esta professora lembrou que sua avó narrava:

[...] contos que faziam parte da cultura popular, sem contar aquelas histórias das lendas, das assombrações, e também, da própria memória da família, ou seja, todas essas trajetórias da família. Ela lembrava o passado do avô, do bisavô, os momentos que esse bisavô vivia lá na escravidão do recôncavo, da fuga para o quilombo que ficava próximo a Irará. Então, isso tudo ficou registrado na minha memória porque fazia parte da memória da minha avó, das minhas tias-avós, então elas sentavam e lembravam desses momentos, contudo, elas não conseguiam estabelecer essas histórias de exclusão da terra com as condições sociais que eles viviam naquele momento. (Janeide dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Além de lembrar-se de sua avó e da prática dela de narrar histórias, a professora Janeide dos Santos rememorou que na época da sua infância, eles tinham uma vida simples, como a de muitas famílias que viviam naquela localidade rural.

Esta professora lembrou que ela e seus familiares viviam numa casa que não tinha geladeira, televisão e fogão que pudesse garantir um conforto mínimo para viverem, pois as condições sociais eram alarmantes quando comparada com a fatura da casa do fazendeiro daquela região, onde se localizava a escola onde eles estudavam, inclusive a mulher do dono da fazenda era a professora das crianças.

Após concluir a quarta série nesta escola localizada nas terras do fazendeiro, a professora Janeide dos Santos sentiu dificuldade para dar continuidade aos estudos porque não tinha condições financeiras para se deslocar diariamente para a sede do município para fazer o ensino fundamental II e completou:

Eu tinha 11 anos e a escola mais próxima da comunidade que tinha o ensino fundamental II ficava a oito quilômetros e a cidade de Irará ficava a dez quilômetros. A outra escola que ficava próxima ficava num distrito da cidade de Coração de Maria e nós somos de uma área que faz limite com a cidade de Coração de Maria e a cidade de Irará. Algumas pessoas que iam estudar na sede de Irará eram os filhos de pessoas que tinham condições de comprar uma bicicleta ou pagar ônibus para estudar em Feira de Santana. Então, quem podia pagar as passagens, estudava. Os filhos desses fazendeiros que eu estou falando, todos tinham casa na rua, na cidade de Irará, então, todos estudavam ou então iam para as casas de parentes nos municípios vizinhos. Agora, aqueles que não eram filhos de fazendeiros, as coisas eram mais complicadas, pois não tinham dinheiro nem para comer mesmo, comíamos mal. Comíamos bem o que tinha da roça, o que conseguíamos ter, mas nos períodos de seca, que a gente chamava de verão, era um período seco com poucas coisas da roça. Já os invernos eram ótimos, muitas frutas, todo mundo passava bem, mas quando chegava a estação do verão a comida ficava reduzida, então, já passava necessidade, imagine, ganhávamos roupas uma vez ao ano e quando vinha alguma roupa era doada por algum parente da cidade. (Janeide dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Neste fragmento, a professora Janeide dos Santos caracterizou as dificuldades que as famílias passavam nesta comunidade rural onde viveu ela viveu, sobretudo enfatizou que as estações do ano marcavam o modo como se alimentavam durante o ano.

Quanto à continuidade dos estudos, o ensino fundamental II, esta professora relembrou que havia uma fazendeira, conhecida como Dona Maria, na sua comunidade rural que tinha uma forte influência na política local e, por razões estratégica e partidária, conseguiu implantar o ensino fundamental II numa escola que funcionava na sua fazenda, localizada a 4 (quatro) quilômetros de distância de sua residência, o que a professora Janeide dos Santos considerou coincidência para manter seus estudos. Nesta escola, os docentes eram os filhos e noras desta fazendeira e, segundo esta professora foi nesta unidade escolar que ela desejou seguir a carreira docente por causa da influência de uma professora que tratava muito bem os alunos e disse:

[...] foi nessa escola que eu decidi que ia ser professora de Geografia. Na sexta série por conta de uma professora de Geografia, que por sinal era nora dela. Decidi ser professora não pela forma como ela ensinava os conteúdos da ciência geográfica, mas pela relação de afeto que ela conseguia manter conosco. [...] As aulas começavam muito atrasadas. Eles só conseguiam chegar à escola as duas e meia da tarde ou três horas. Chegávamos lá e ficávamos batendo papo, jogando bola, jogando baleado. A aula para mim foi o que menos teve nessa escola. Foi muito pouca. E aí, a gente concluiu a oitava série, mas nesse percurso de término da escola eu já tinha me posicionado politicamente e essa posição política que a gente toma dentro da escola, confesso que ela não veio da escola ou que a escola contribuiu com a minha formação crítica desse momento. Eu compreendo que meu pai, apesar de ser semianalfabeto de tudo, a experiência de vida dele no mundo do trabalho permitiu que ele conseguisse fazer algumas leituras, inclusive compreender que essa Dona Maria, a fazendeira que implantou a escola do ensino fundamental II e que atendeu às necessidades daquele povo lá, era uma manipuladora da comunidade. (Janeide dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

As memórias da professora Janeide dos Santos revelaram que a população da comunidade onde viveu era influenciada por esta fazendeira que tinha implantado uma escola naquele espaço rural, inclusive ela controlava também as crianças que frequentavam aquela unidade escolar onde ela estudou. Desse modo, esta escola era um lugar de inclusão porque possibilitava os filhos de pequenos agricultores terem acesso ao capital escolar, incluindo-os nesse processo, mas, ao mesmo tempo, os excluía de uma formação mais crítica porque os pais dessas crianças e jovens que frequentavam esta unidade de ensino ficavam sob a influência política da proprietária da fazenda onde esta escola funcionava.

Sobre a escola como espaço de inclusão e de exclusão, Ghedin (2012) afirmou que:

[...] a escola é um espaço de representação simbólica que transgride o jogo de poder, portanto, um lugar de escolhas de inclusões e de exclusões, às vezes bem claras, em outras ocultas, mas sempre representando a vontade de alguém, seja de quem domina, seja do dominado. (GHEDIN, 2012, p. 104)

Observa-se nesta citação que este teórico se reportou à escola como um aparato político para servir aos interesses de classes, tanto no sentido de educar para a omissão social quanto para servir de mão de obra. Sobre essas questões, a professora Janeide dos Santos continuou a relatar a forma como a fazendeira Dona

Maria se utilizava da escola para influenciar e controlar as pessoas que viviam naquela comunidade rural de onde vem.

No período de eleições, nós éramos trancados numa sala, só saíamos depois que Dona Maria chegava de Feira de Santana, dos comitês eleitorais, olha que a gente morava a quatro quilômetros, nós éramos crianças pequenas, se ela não tivesse chegado dos comitês de Feira de Santana com os materiais para divulgar, ou até mesmo da cidade de Irará nos períodos de eleições municipais para definir qual a chapa para votar, pois a maioria das pessoas era analfabeta, então ela deixava a chapa pronta para as pessoas marcarem o voto certo. Então nós ficávamos presos, ela fazia uma reunião com os pais e uma reunião com os filhos, ela era muito assistencialista e em datas comemorativas, como o dia dos pais, os pais ganhavam um corte de tecido para fazer uma camisa. Nos dias das mães tinha uma missa também na escola em comemoração a esta data e todo mundo ia porque no final da missa as mães iam ganhar um corte de tecido para fazer um vestido. No dia que tinha festa dela, todo mundo tinha que ir, pois tinha que ter público para as pessoas que vinham, nós éramos obrigadas a ir para qualquer evento político e religioso que tivesse lá na fazenda dela. Dona Maria observava se estávamos de sapato, se estávamos com os ouvidos limpos, se os meninos não estivessem de cabelo cortado ela levava a tesoura, pois ela passava a tesoura e fazia uma broca no cabelo dos meninos. No outro dia, os meninos chegavam de cabelo cortado, pois senão os meninos não estudavam na escola dela. Ela dizia: 'Na minha escola todo mundo tem que fazer o que eu quero, porque senão ninguém estuda na minha escola'. (Janeide dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Esta memória da professora Janeide dos Santos denunciou um tempo histórico, mas que, ainda, é fortemente marcado pela influência dos fazendeiros no sertão nordestino que conseguiam manejar a população, sobretudo nas pequenas localidades rurais, para eleger seus representantes políticos, mantendo nas mãos o poder manipulador e explorador do trabalho nestes espaços. A escola, dentro desse contexto, era uma ferramenta ideológica que ficava a serviço dos médios e grandes proprietários de terras, bem como dos políticos locais. Sobre este período, esta professora relatou:

O pai que não votasse no candidato dela, o filho era convidado a sair da escola, da Escola Estadual Maria Bacelar. Então, a gente viveu esse processo, foi uma oportunidade de estudar, mas não era tão simples as condições desta escola que a gente conviveu, mas eu acabei terminando a oitava série lá e agora quando eu estudava, eu estudava mesmo, aliás sempre eu estudei, então nesse processo de trabalhar da roça de manhã e sair da roça para ir para a escola, de acordar cedo, de ter que acordar e pegar água antes de ir para a roça. As 7h eu já tinha que está trabalhando. Às seis horas eu já estava na cisterna buscando água e tinha que trazer três ou quatro

baldes para encher o porão de água para lavar prato, para tomar banho quando chegasse para ir para a escola, então, eu acordava às quatro da manhã todos os dias, pois era o meu horário de estudar. Não precisava minha mãe me dizer que eu tinha q levantar para estudar e eu tinha 11 anos e eu fazia isso por livre e espontânea vontade e eu sabia que eu precisava dar conta e como era que eu Janeide ia para a escola sem fazer a tarefa? A professora ia olhar lá e ia me ver sem fazer a tarefa. Todo mundo tinha medo de Dona Maria, pois um aluno que ia para a escola sem fazer a tarefa era motivo para chamar Dona Maria. Como todo mundo tinha medo da fera e eu queria me amostrar como aluna estudiosa eu queria me destacar como aluna estudiosa, embora Dona Maria nunca gostou de mim, porque Dona Maria era uma negra altamente racista, então as meninas brancas que tinham os cabelos longos e bonitos, a Dona Maria sempre pegava como se fosse as melhores da escola para todos os eventos, agora eu, Dona Maria nunca me enxergou, mas também era melhor ela não me enxergar por não me ter feito a tarefa. Eu estudava mesmo, pois eu tinha esse compromisso as quatro horas da manhã todos os dias. Eu estudava de quatro as seis da manhã e de inverno a verão. Quando chegava da escola já era tarde, quando chegava já era escuro, a gente vinha pelos caminhos, pelas estradas, os grupinhos e estava tudo escuro. Nós chegávamos cansados e tínhamos só o tempo de dormir para no outro dia começar tudo de novo, então preferia dormir cedo para acordar cedo para cumprir as tarefas. (Janeide dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Viver no espaço rural e conciliar estudo e trabalho precoce na roça é uma tarefa árdua, sobretudo quando se tem pouca idade, mas a professora Janeide dos Santos sabia que precisava estudar para melhorar de vida. Por isso, manteve uma rotina diária, na qual buscava conciliar o momento de afazeres rurais com suas atribuições de aluna.

Essas questões que envolveram o processo de escolarização desta professora também foram relatadas no seu memorial acadêmico. E, sobre essas memórias escolares, ela reafirmou que as questões vividas por ela e sua família no espaço rural, como a concentração de terras, a privatização da água e o preconceito racial, dentre vários assuntos, nunca foram enfatizadas nos conteúdos do currículo escolar.

Sobre algumas lembranças escolares, esta professora enfatizou o modo como aprendeu a Geografia escolar e narrou:

[...] Todo o meu ensino fundamental foi ministrado por professores leigos: a professora das quatro primeiras séries havia estudado só até a quarta série, enquanto as professoras das quatro últimas séries cursaram o Magistério. [...] Comecei estudar o antigo Ginásio no ano de 1987, numa escola que foi implantada no mesmo ano. Nela, o

currículo era constituído por uma gama de saberes não utilitários, desarticulados do nosso mundo cultural e social. A escola negava todos os elementos da cultura local e os professores seguiam a proposta pedagógica das escolas onde eles haviam estudado. No entanto, foi nesta escola que descobri que queria ser professora de Geografia. Tive uma professora de nome Tatiana Santos Vieira que lecionava Geografia, suas aulas eram baseadas nos apontamentos que escrevia no quadro-negro, dele fazia um questionário com vinte perguntas e delas retirava dez para a prova. Apesar desta perspectiva metodológica, esta professora mantinha um diálogo conosco [...]. Estimulava-nos a decorar os assuntos da disciplina por ela ensinada [...]. Durante as aulas não tínhamos o direito de [...] dizer que não entendeu alguma coisa. (Janeide dos Santos – Memorial Acadêmico, 2009).

Neste fragmento, a professora Janeide dos Santos evidenciou elementos que marcaram o seu processo de escolarização e a escolha da profissão docente, ao afirmar fatos relacionados à prática pedagógica da professora Tatiana nos seus percursos de escolarização. Ainda nas primeiras páginas do memorial ela expôs fatos biográficos marcantes ao relatar o período de mobilidade geográfica para a escola sediada na cidade de Irará-BA e a vivência durante o curso de Magistério em nível médio.

No ano de 1987 ingressei no curso de magistério, numa escola situada na sede do município. Sofri o preconceito de ser oriunda de escola rural e moradora do campo. No entanto, foi neste mesmo período que passei a entender que a condição de negra, pobre, camponesa, moradora de casa de barro não seria motivo de me envergonhar e de me sentir inferior aos outros. Aprendi isto nas aulas de Geografia, e no contato com a Teologia da Libertação via Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica, especificamente nos movimentos da Pastoral da Terra. De modo geral, o curso de Magistério me permitiu pensar criticamente a educação, apontando suas falhas e refletindo e compreendendo o processo educacional como consequência de uma Política Nacional. [...]. Nosso trabalho era refletir a educação no contexto da História, da Sociologia, da Política, da Geografia e da Filosofia numa perspectiva metodológica libertadora. Este fato associado à militância no movimento social me proporcionou consciência política [...], passei a me enxergar como igual aos outros. Isto me fez acreditar que eu também poderia entrar na academia e realizar o grande desejo de ser professora de Geografia e compreender melhor as contradições do espaço agrário brasileiro. Pedi ajuda financeira aos meus professores, me inscrevi no vestibular [...]. (Janeide – Memorial Acadêmico, 2009).

Neste excerto narrativo do memorial acadêmico, a professora Janeide dos Santos expôs a mobilidade diária, a partir de 1987, para a escola da cidade para dar

continuidade aos estudos, uma vez que naquele período quase inexistiam escolas localizadas no espaço rural que ofereciam o Ensino Médio.

Esta professora também afirmou que muitas leituras feitas durante o curso profissionalizante de Magistério em nível médio ajudaram-na a ter uma consciência política, a compreender melhor as contradições vividas por ela e sua família no espaço rural, no município de Irará-BA, o que lhe impulsionou a optar pela Licenciatura em Geografia como curso de formação inicial e posteriormente a ter os objetos de investigação voltados para a questão agrária e educação do campo nos cursos de pós-graduação entre os anos de 2006 a 2015.

Ao evocar as memórias do período que cursou o Magistério na cidade de Irará, a professora Janeide dos Santos afirmou que:

[...] foi ai também que eu tive a oportunidade de ler os primeiros livros da literatura clássica porque, para mim, a escola é um espaço de dar acesso aos conhecimentos clássicos, os conhecimentos de cotidiano nós temos no cotidiano. Se temos no cotidiano nós não precisamos de escola para ensinar o infinito de cotidiano. O conhecimento clássico precisa tomar o conhecimento do cotidiano como referência para ser entendido na escola, então eu digo que na escola eu comecei a ter acesso ao conhecimento clássico, a literatura, porque eu tive uma boa professora de literatura e comecei a ter as primeiras oportunidade de ter a leitura social, a leitura do espaço social, a leitura das relações que imprimiam o espaço. Eu comecei a compreender isso a partir na escola. Apesar de viver tudo isso que eu vivi antes, eu não conseguia entender isso como um processo social. Minha avó sempre me dizia: 'preto e pobre! A gente é preto e pobre, e por isso temos que ficar caladinho'. Isso foi se naturalizando ai eu fui entender algumas coisas e inclusive a dinâmica contraditória do campo-cidade daquele espaço da escola, mas também, foi espaço para eu me divertir muito, foi espaço para a socialização com outros sujeitos, enfim, foram três anos que a gente viveu esse espaço de segregação, esse espaço de contradição porque a gente já tem uma maior maturidade e já consegue compreender as contradições e de negação, de negação do sujeito do campo e espaço de construção porque foi nessa escola que eu descobri que eu era capaz de superar aquela condição social que eu vivia [...].
(Janeide dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Foi nesse período do curso profissionalizante de Magistério que esta professora reafirmou a vontade de seguir carreira docente na área de Geografia, sobretudo quando foi incentivada e se sentia acolhida pela professora Lindinalva. Assim disse a professora Janeide dos Santos:

[...] então, eu conversei muito com uma professora pedagoga, professora Lindinalva, com que eu tenho um grande carinho, ela está

bem velhinha, e falei para ela que eu queria fazer universidade, pois foi numa atividade de inglês que foi perguntado qual era o meu sonho, ai eu disse que meu sonho era fazer a universidade e ela me disse, naquele momento, que se era o meu sonho, eu tinha correr atrás dele e superar as condições que me impediam disso para tentar chegar até lá. (Janeide dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

O processo inicial de empoderamento individual da professora Janeide dos Santos ocorreu a partir de uma reflexividade sobre os fatos e acontecimentos ocorridos entre os espaços da roça onde viveu em Iará e os deslocamentos que realizava diariamente para a cidade do município para continuar seu processo de escolarização, o que a levou a cursar a Licenciatura em Geografia na UEFS no município de Feira de Santana.

A professora Janeide dos Santos ainda narrou que havia certa regionalização na escola da cidade e se sentia excluída pelo fato de ser moradora e trabalhadora do espaço rural e disse:

Bem, o espaço da escola era dividido, então você tinha os sabidos e o não sabidos, os ricos e os pobres, os da roça e os da cidade. Os sabidos eram todos que vieram de outra escola da cidade. Contudo, aqueles da cidade pareciam que tinham uma estrela que sabiam que eles tinham acesso a tudo e já tinham planejado o que iam fazer na universidade e tudo mais. Enquanto os da roça não tinham noção de nada. Não tinham nada de tática planejada para a vida profissional, estavam ali porque precisavam terminar o curso de Magistério para se formar, sem muita coisa definida. É bom salientar, que os déficits de aprendizagem dos alunos do campo que vinham de outras escolas, assim como as da minha, era tamanha que boa parte desistia de estudar porque era difícil estudar naquela escola, mas eu não desisti! Não desisti por conta das condições de preconceitos por ser do campo, pois o desistir de estudar significava jogar fora o tempo que foi disponibilizado para sair de casa tão cedo, ter que ser menos produtivo na roça porque no ano que eu precisava sair de casa às dez horas da manhã, eu saía da roça nove e pouca, então eu produzia menos no meu trabalho na roça. Então, isso tudo foi motivo para alguns alunos abandonarem a escola. (Janeide dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Segundo esta professora, muitos de seus colegas desistiram de estudar, principalmente porque não conseguiam conciliar o estudo com o trabalho na roça, inclusive ela disse que no último ano do curso de Magistério a sua avó faleceu e que a sua família sentiu muito, principalmente porque ela era uma pessoa que ajudava financeiramente a manter muitas das despesas da família, pois, mesmo com o

tempo, as condições de vida não melhoravam. Sobre essas questões a professora Janeide destacou:

[...] eu termino o ensino médio, mas a minha trajetória de trabalho e de vida continuou a mesma, pois as condições de pobreza que tínhamos no início, elas continuavam as mesmas. As condições de vida eram as mesmas! Nada tinha mudado de quando eu entrei na escola em 1982 e saí em 1993 quando eu estava concluindo o ensino médio. Nós morávamos na mesma casa, com as mesmas deficiências, com as mesmas dificuldades, talvez já tínhamos conseguido comprar uma televisão velha de segunda mão já que energia elétrica já tinha chegado, mas isso aí não era nenhuma salto qualitativo nas condições de vida. As condições de vida continuavam as mesmas, as condições sanitárias eram as mesmas, fazíamos as necessidades fisiológicas no mato sem nenhuma estrutura, sem nada! Continuávamos nas mesmas, então, eu quando já estava no terceiro ano foi um dos anos mais difíceis da nossa vida financeira porque em 1991 minha avó tinha falecido de câncer aos 58 anos e ela era o nosso suporte financeiro. Minha vida toda minha avó foi meu suporte. Minha mãe teve cinco filhos e minha avó que cuidava dos mais velhos. (Janeide dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Apesar de todas as dificuldades, após o término do curso de Magistério em Ipirá, a professora Janeide dos Santos mudou para a casa de seu avó no município de Feira de Santana no ano de 1994 para dar continuidade a sua formação e fazer universidade.

Sobre o período que antecedeu a sua entrada na universidade na condição de graduanda, esta professora narrou a dificuldade para estudar para o vestibular da UEFS porque não tinha livros e rememorou que teve que recorrer a um filho de fazendeiro que tinha uma livraria no município de Feira de Santana. Assim recordou:

Eu peguei o programa quando me inscrevi no vestibular. E aí como é que estuda para o vestibular? Lá na comunidade tinha um filho de fazendeiro que gerenciava uma livraria aqui em Feira de Santana e ele tinha uma estante enorme em casa com vários exemplares de livros de ensino fundamental e ensino médio das mais diversas áreas. Então, eu peguei o programa e fui lá na casa dele porque a casa desse fazendeiro era um espaço de lazer da comunidade, pois era onde tinha o campo, o torneio de futebol, os eventos culturais do bumba meu boi, os sambas de roda, as festas era nessa fazenda que era próximo a escola inicial. Aí eu fui lá, ele me emprestou os livros e eu comecei a estudar para o vestibular. Eu me dediquei para estudar para o vestibular mesmo! E nesse primeiro vestibular eu cometi um erro na redação e fui reprovada. No processo de passar a limpo teve alguns problemas e eu fiquei nervosa e eu não passei nesse primeiro vestibular. Aí eu disse: 'eu não vou desistir não!'. Isso foi início de 1994 e saiu o resultado e eu não passei. Em 1994 eu vim morar em Feira de Santana com meu avô. Eu sofri com a mudança

para Feira. Eu me lembro do quanto que eu sofri porque brincava muito com meu irmão mais novo que tinha cinco anos, pois ele era o brinquedo da gente. Meus pais choraram, meu Deus foi um sofrimento quando eu tive que sair de casa de meus pais em 1994. (Janeide dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Para esta professora, o ano de 1994 representou o período de mudanças do município de Irará para Feira de Santana, cuja mobilidade geográfica (Imagem 9) possibilitou realizar as mobilidades sociais e culturais e chegar à docência na Universidade do Estado da Bahia e constituir-se professora doutora.

Imagem 9 – Mobilidades da Professora Janeide dos Santos



Fonte: Entrevista Narrativa, 2014.
 Imagens das cidades: Google Imagens, 2016.
 Elaboração: Simone S. de Oliveira, 2016.

Ao narrar sobre as reminiscências da mobilidade geográfica realizada, do sair de Irará para Feira de Santana, esta professora se emocionou e disse:

A minha mudança foi feita da seguinte maneira: em uma mochila, eu coloquei uma peça íntima porque eu só tinha duas, uma vestida e outra na mochila e, no máximo, cinco roupas, eu acho que não tinha

sapato, a sandália estava no pé! E ai mudei para Feira de Santana. Foi fácil demais a minha mudança! Eu chego aqui em Feira e vou estudar para o vestibular. Meu avô já estava adoentado, com quem eu vim morar em Feira de Santana e foi esse um dos motivos que meu pai pediu para eu vir morar com ele, antecipando a minha vinda para Feira, antes de passar no vestibular porque eu precisava acompanhar ele nos médicos, pois meu pai tinha encontrado ele na fila do SUS passando mal, então meu pai pediu para antecipar minha vida. Eu estudava, ajudava em casa, na casa dele com a esposa que eu chamava de vó, mas não era a minha avó e estudava. Eu me lembro que ele entrava no quarto e dizia: ‘menina tu para de estudar!’ e preocupado o tempo todo comigo. Eu tinha que passar no vestibular e me questionava: o que tinha pra fazer agora? Voltar para a roça? Trabalhar na roça? Qual vai ser o meu destino? Eu preciso estudar! Naquele momento eu não tinha mais perspectiva de nada, eu não tinha planejamento de nada, mas a minha vinda para Feira de Santana e essa transição para a universidade também só aconteceu porque eu tinha aonde ficar, eu tinha o meu avô em Feira. Se não existisse o meu avô, com muita certeza, eu não teria chegado até a universidade. Tenho muita convicção disso porque as nossas condições econômicas eram as mesmas e, se eram as mesmas, eu não tinha condição nenhuma de enfrentar um aluguel em Feira. [...] Naquela época, as licenciaturas eram altamente concorridas. Todo mundo queria entrar na universidade, pois só existia UEFS naquele tempo. (Janeide dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Apesar da concorrência no vestibular da UEFS, esta professora narrou que foi aprovada em quarto lugar no vestibular do ano de 2000 e isso marcou muito a sua vida porque naquela época ninguém havia sido aprovado no vestibular vindo de uma roça do município de Irará. Sobre este episódio, a professora Janeide dos Santos rememorou:

Foi algo inédito porque ninguém naquela comunidade nunca tinha passado por isso, eu me lembro quando eu fazia o segundo ano do Ensino Médio, eu fui estagiar naquela escola, na minha escola que eu estudei, que já tinha crescido, já tinham duas salas, já tinha quatro turmas. No processo, a escola também mudou e funcionava quatro turmas e uma das professoras me perguntou se eu queria continuar estudando já que agora eu era vista como uma suposta inteligente, eu disse para ela que eu ia fazer universidade, aí essa professora riu de minha cara e disse: ‘Menina, tu tem condições de ir para a universidade o que menina?! Tu sabe o que é estudar numa universidade?’ Ela ria quando eu falava que ia para a universidade porque ela achava impossível uma pobre como eu ir para a universidade. (Janeide dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

O comentário desta professora na escola por onde estudou e estagiou a professora Janeide dos Santos fez com que ela acreditasse ainda mais na possibilidade dela chegar à universidade, superar todas as dificuldades, sobretudo

de ordem econômica, e se constituir uma professora doutora e atuar na formação de outros profissionais na sua área de conhecimento, pois, como Delory-Momberger (2008a), “É na forma de consciência de si que define o indivíduo da sociedade [...]” (p. 49). Essa consciência de si como um sujeito possuidor de uma história demanda um devir individual de transformação que integra concorrência, risco, superação e luta pela vida, mas também esta consciência de si e de seu contexto histórico abre um leque de possíveis alternativas e escolhas, embora elas não sejam tão fáceis, sobretudo quando envolve a questão econômica e elas as definem na maioria das vezes.

As dificuldades que envolveram a história de vida da professora Janeide dos Santos foram muitas, mas o fato é que ela foi resiliente e chegou à condição de professora doutora e faz parte do quadro efetivo de professores assistentes da Universidade do Estado da Bahia, cuja história de vida e de formação abrange questões ligadas à exclusão da terra, o trabalho rural e a vida de pequenos proprietários rurais.

5. HISTÓRIAS DE TRAVESSIAS DA ESCOLA RURAL À UNIVERSIDADE: percursos de formação

Tornar-se professor é um exercício, uma aprendizagem experiencial e formativa inscrita na visão positiva que os sujeitos têm sobre si, sobre suas memórias de escolarização e na superação e acolhimento dos modelos formativos que viveram nos seus percursos de escolarização.

Souza (2011b, p. 88)

A escola rural e a universidade se constituem como espaços e tempos de travessias de experiências de vida e de formação porque permitem “[...] uma geografia pessoal que não se sobrepõem a nenhuma outra; [...] faz sentido em uma sequência temporal e existencial particular, em uma relação com um passado [...]” (DELORY-MOMBERGER, 2008b, p. 107) porque se configuram como lugares que possibilitam ocorrer as *biotravessias*, as mobilidades sociais e culturais, mediante o acesso aos saberes e conhecimentos escolares e acadêmicos construídos nesses espaços.

Embora a escola rural e a universidade sejam espaços e tempos formativos, eles tiveram sentidos diferentes para cada sujeito que viveu experiências nesses lugares porque permitiram que os enredos das vivências e experiências fossem tecidos a partir de uma interpretação de si porque “O espaço é, [...] tanto um reservatório de formas e sentidos [...], quanto um recurso e uma produção” (DELORY-MOMBERGER, 2008b, p. 106).

Este capítulo está organizado em três seções, nas quais são apresentadas excertos dos professores colaboradores que evidenciam a roça e a escola rural como importantes espaços de aprendizagens, a partir das histórias narradas e da realidade brasileira. Além disso, nas seções que o compõe são identificadas, nos percursos de vida e nas trajetórias de formação, as estratégias utilizadas pelos professores Antônio Dias, Áurea Pereira, Claudene Rios, Edite Maria de Faria, Fábio Josué dos Santos e Janeide dos Santos para chegar à universidade, na condição de professores e são descritas como eles se compreendem nesses processos de constituição profissional, a partir de suas *geo(bio)travessias* porque compreendo que a formação do professor universitário ocorre em “[...] múltiplos lugares e em diferentes modalidades e formatos [...]” (CUNHA, 2010, p. 34). A atividade docente é complexa e exige uma preparação cuidadosa e singulares condições de exercício, muito embora esta formação para o ensino superior no Brasil não esteja regulamentada sob a forma de um curso específico como nos outros níveis de ensino.

Ao abordar histórias de vida dos 6 (seis) professores universitários protagonistas desta pesquisa, posso afirmar que a maioria deles não pretendia exercer a profissão no ensino superior, mas a oportunidade surgiu no devir das travessias, das mobilidades, e tornaram-se professores a partir de uma aprendizagem experiencial e formativa inscrita na visão que eles têm sobre suas

histórias de vida, sobre os percursos de escolarização e sobre a superação dos modelos formativos que vivenciaram, como bem nos assegurou Souza (2011b) na epígrafe que abre este capítulo.

5.1 A roça e a escola rural: espaços e tempos de aprender

Nesta seção discuto a roça como um lugar singular, carregado de identidade, onde se localizam importantes espaços escolares rurais que se constituem como o primeiro lugar para a aquisição de um universo letrado, apesar das dificuldades e fragilidades que envolvem o seu funcionamento.

A roça como categoria teórica, segundo Santos, F.J. (2006), pode ter muitos sentidos e significados como, por exemplo, ser sinônimo de propriedade ou de um terreno plantado por um ou mais produtos de subsistência, cujas relações de trabalho são, em sua grande maioria, marcadas pela agricultura familiar de milho, feijão, mandioca e batata doce. E, apesar dos múltiplos sentidos que podem ser atribuídos à roça, enquanto categoria espacial, ela não deixa de ser:

[...] um rural específico, um rural retalhado em pequenas ou mesmo minúsculas propriedades, destinadas à agricultura de subsistência. Propriedade, lugar de trabalho, de labuta, onde, em conjunto, a família lavra a terra e dali tira o seu sustento, e, ao mesmo tempo, plantação, fruto da lavra da terra, lavoura, a roça, é, digamos o paradigma de uma forma de vida marginal que define as populações rurais empobrecidas. (SANTOS, F.J, 2006, p. 92)

Por muito tempo, ser da roça significou, e ainda significa, um espaço de onde vem o sujeito inferior, o matuto, o ignorante, o diferente, com pouca ou nenhuma escolaridade, com uma linguagem e um modo de ser inferiorizados, estereótipos construídos no processo histórico, sobretudo pela educação que priorizou um discurso urbanocêntrico, principalmente no período da constituição do Brasil urbano/industrial.

A compreensão de roça como espaço singular de relações cotidianas, familiares e de vizinhança foi mencionado pelos professores Fábio Josué dos Santos, Edite Maria de Faria e pelo Antônio Dias em suas narrativas.

Lá na roça, de amigos eu só tinha uma vizinha que era prima de um casal conhecido por Cláudia e Cleber que eram uns 4 (quatro) anos

mais novos que eu. E mais adiante tinha uma outra família composta por oito filhos adolescentes já se casando, mas tinha mais duas crianças que eram nossos amigos, Valmir e Mimi. Com esse Mimi, eu ia para escola da cidade de pé. Íamos andando em torno de 8 km. A gente não tinha transporte, então, a gente ia de pé. [...] Um filho na roça tinha que ajudar o pai, então o que eu fazia, catar café, pegar cavalo, dá banho em cavalo, prender o bezerro, tirar o cacau, carregar o cacho de banana, catar castanha. (Fábio Josué dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

[...] Na minha casa tinha a casa grande, tinha uma casa de farinha que estava desativada e não funcionava mais e em toda a extensão da roça tinha legumes, frutas, verduras e criação de animais como pato, galinha, peru e porco. Então, minha mãe tinha uma agricultura familiar ali e era comum fazermos escambo, pois trocávamos alimentos e funcionava da seguinte forma: as comadres de minha mãe davam peixe e camarão e a gente retribuía com quiabo e abóbora, pois meu pai plantava quiabo, jiló [...] e essas trocas eram muito comuns em Capanema. (Edite Maria de Faria – Entrevista Narrativa, 2015)

[...] O período da moagem da cana era o mais alegre, com muita gente em volta e eu me criei assim, nesse mundo comunitário, então, todo mundo tomava conta da gente, os filhos da vizinhança eram cuidados por todo mundo, e minha mãe com frequência tinha os meninos em casa para cuidar da gente (Antônio Dias – Entrevista Narrativa, 2014).

Nestes excertos, o professor Fábio Josué dos Santos rememorou que desde muito cedo era comum ajudar seu pai nos afazeres da roça, como catar café, pegar e dar banho em cavalo, prender bezerros, tirar o cacau, carregar cacho de bananas, catar castanhas, dentre outras atividades ligadas à vida em contextos rurais. Já a professora Edite Maria de Faria narrou que as lembranças mais marcantes que guarda sobre o espaço rural são aquelas que tratam da vida em comunidade, na qual todos se ajudavam no processo de subsistência da vida cotidiana. Do mesmo modo, o professor Antônio Dias enfatizou na sua narrativa que a roça era um espaço comunitário de partilha entre os sujeitos que ali viviam.

Ao considerar a roça como uma ruralidade que apresenta características específicas próprias, implicando no sentimento de pertencimento e afetividade com o lugar, ela também delinea a construção da identidade do sujeito que ali vive. Portanto, ser da roça significa pertencer a um determinado lugar que tem peculiaridades, onde os sujeitos têm um modo de ser e de fazer específico, um modo de existir intercedido por uma maneira particular de inclusão no espaço onde vivem, trabalham e constroem seus processos sociais, suas vidas e suas histórias.

Estas questões também estão presentes nas narrativas das professoras Áurea Pereira, Claudene Rios e Janeide dos Santos que, ao revisitarem as suas memórias de infância na roça, enfatizaram as aprendizagens construídas neste lugar. Assim narraram estas professoras:

Eu não posso negar quem eu sou, esses meus traços rurais, esses percursos todos no espaço rural fazem parte de minha vida, [...] de toda essa identidade rural forte que eu tenho [...]. Eu utilizo o que eu aprendi na roça em vários contextos. A primeira coisa que aprendi foi sobre a humanização porque no espaço rural a gente tem essa coisa de pé no chão mesmo, então, você tem os pés no chão. Eu tive uma infância simples, de comer fruta – caju, manga – tirada na hora da árvore. Vivenciei essa coisa de acordar de manhã e comer uma fruta ali sem agrotóxico. Esse pé no chão do espaço rural mesmo é muito real, ao mesmo tempo em que é real, é fantasioso e poético. E, isso eu trago para a universidade essa questão da professora humana, de compreender as dificuldades que cada um traz, das trajetórias que a gente sabe que a gente teve até chegar porque para chegar até aqui a gente teve que driblar muita coisa, teve que se fazer respeitar em alguns lugares para ter o respeito das pessoas e eu acho que hoje eu digo aos meninos daqui da universidade o seguinte: esse parâmetro de escola certa ou errada não existe. O melhor professor é aquele que dar aula debaixo de uma árvore, numa praça ou onde quer que ele esteja. E, para dar aula, devemos fazer um bom trabalho e eu tive essa experiência como estudante e falo da professora Mercês que tive e digo aos meus alunos que existem outras Mercês por aí, assim como ela, professora leiga, competente que foi e depois se formou. Eu tive professores excelentes [...], mas nenhum deles chegou a ser como a professora Mercês por conta do compromisso que ela tinha, então, esse compromisso que eu tenho e que eu herdei dela, um compromisso, uma determinação que eu aprendi muito no processo formativo da infância e Dona Mercês foi essa mulher que eu tenho como referência, embora ela tenha ficado como minha professora por apenas 2 (dois) anos, mas pareceu ser muito mais [...]. (Áurea Pereira – Entrevista Narrativa, 2015)

[...] quando eu penso nesse tempo que eu fiquei na roça, eu acho que eu tenho a possibilidade de compreender esse lugar, as potencialidades que a roça tem, de uma vida tranquila, de ter tempo para ler, para estudar, que a gente acabava tendo, então, tinha tempo para brincar, para conversar mais com as pessoas, ouvir histórias [...]. Então, a roça para mim foi um lugar significativo [...]. (Claudene Rios – Entrevista Narrativa, 2014)

[...] eu venho de uma família que teve sua trajetória histórica marcada pelo processo de exclusão social e a exclusão primária desse processo que foi a exclusão da terra. Eu sou filha de trabalhadores rurais que são remanescentes de grupo quilombolas [...] que viveram uma história e uma trajetória marcadas por um processo histórico de exclusão social. Os espaços que eles viviam eram bem singulares, bem pequenos mesmo e tinham que trabalhar e sustentar a família. Falar da roça tem que falar do que representa

esse espaço em termos de condições de retirada da sobrevivência. A roça é o lugar que planta, é o lugar que colhe, é o lugar onde se retira os elementos básicos para a sobrevivência de uma família [...]. Do ponto de vista político, eu vejo que a roça é muito singularizada e hoje eu me denomino do campo e não da roça. (Janeide dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

A condição de ex-moradora do espaço rural possibilitou a professora Áurea Pereira uma identidade singular, pois as vivências e aprendizagens adquiridas no contexto rural, do viver na roça e estudar em escolas rurais multisseriadas contribuíram para que a mesma pudesse entender melhor os problemas com as quais chegam os seus alunos oriundos do espaço rural, ao enfatizar que tem seu “pé no chão” do espaço rural e, por isso, compreende as dificuldades que cada aluno seu traz porque vivenciou muitos deles durante os seus percursos de escolarização e de formação.

A professora Claudene Rios narrou que a vida no espaço rural era mais tranquila, onde as pessoas tinham mais tempo para realizar algumas atividades como conversar, ler e ouvir histórias. Na perspectiva, a profa. Claudene sinalizou uma das construções simbólicas que a roça, enquanto fração do território rural, é concebida, o lugar bucólico. Já a professora Janeide, a partir do olhar de outro lugar, concebe a roça como um “*espaço em termos de condições de retirada da sobrevivência. A roça é o lugar que planta, é o lugar que colhe, é o lugar onde se retira os elementos básicos para a sobrevivência de uma família.*” (Entrevista Narrativa, 2014)

Ao caracterizar o espaço rural como um lugar onde sua família retirava o sustento, representado pelo plantio, pela colheita e pela subsistência, a professora Janeide dos Santos relatou que a roça é um espaço de contradições porque vivenciou o processo de exclusão da terra como um bem, como um capital econômico gerador de renda.

Além das atribuições de subsistência atribuídas à roça, para a professora Janeide dos Santos, este espaço também é visto como o lugar “[...] *do sujeito obediente, passivo e do sujeito que não estudava.*” (Janeide dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014), muito embora, na atualidade, já começamos a perceber o surgimento de algumas políticas educacionais e de certos investimentos públicos voltados para a população rural, como implantação de escolas que oferecem turmas

para que os alunos possam concluir toda a educação básica, bem como transporte escolar para garantir a continuidade dos estudos na cidade.

No excerto a seguir, esta professora narrou a dificuldade econômica de seu pai para manter a sua família, neste lugar.

Quando eu nasci, meu pai tinha 19 anos e com 20 anos ele teve que sair para trabalhar nas lavouras de sisal para conseguir recursos para manter a família recém-formada. Então, já começa a trajetória de que você vive em um espaço, mas que precisa sair para adquirir recursos em outro lugar, porque ali não dava para retirar os elementos básicos para a sobrevivência, como a alimentação, a moradia, o vestuário. (Janeide dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Filha de trabalhador rural, cuja trajetória de vida foi marcada por mobilidades, a professora Janeide, neste excerto conta um pouco da história de luta vivida pelo pai, que precisou migrar do seu lugar em busca de emprego para sustentar a familiar recém-formada. O fato de não possuir terra para plantar e colher, foi obrigado a percorrer caminhos em busca de emprego. Esse deslocamento geográfico imposto pelas condições de vida, em busca de melhores condições, também, em outra ocasião, por outro motivo mobilizador, também foi vivido por Janeide.

O espaço rural é composto por uma gama de ambientes que se constituem como lugares formativos – a área de plantio/o roçado, a casa, o avarandado, o terreiro, a casa de farinha, o açude, a venda (pequeno espaço comercial na roça), a capela/igreja e a escola – os quais são formados por subjetividades, significados e representações para os sujeitos que viveram neste espaço por um determinado tempo ou que ainda vivem nele.

Sobre as reminiscências de um período vivido na roça no município de Iará e as memórias da escola, a professora Janeide dos Santos, na sua narrativa, faz uma denúncia sobre o modo como as escolas construídas em propriedades particulares eram concebidas como territórios privados e de articulação política. Vejamos:

Então você tem toda uma relação entre a escola, a casa grande, a fazenda, ai você tem do lado dessa fazenda a casa de farinha, o armazém com toda a fatura, toda a riqueza, o carro, o gado. E afastado disso você vai ter as rocinhas. Ai você vê a divisão sócio espacial. Eu compreendo que a Geografia entendida na sua essência pode nos explicar os conflitos sócios espaciais. Porque você vê que tem ai esse espaço organizado e nessa fazenda tem os trabalhadores e tem a escola. Para quem é essa escola? É para essas pessoas que estão atreladas a esse processo que vivem nas

pequenas propriedades e para aqueles que vendem a força de trabalho para aqueles fazendeiros que estão naquele entorno. Então, tínhamos de um lado uma realidade do campo rico, da roça de grandes produções, com safras, com gente que comia bem e, do outro lado, o campo pobre, da roça pobre, das pessoas que viviam em minúsculas propriedades. Então, você já vê daí um problema de ordem sócioespacial seríssimo, de um lado as pessoas que concentravam o poder político, o poder econômico e que tinham influência com o prefeito e com isso traziam as escolas para as propriedades deles já que lá tinham espaços e também a escola acabava sendo um local de assegurar os votos da comunidade. Toda candidato apoiado por 'seu fulano', a comunidade votava, pois a escola estava na fazenda dessas pessoas e foram eles que trouxeram a escola, ou seja, tem todo um jogo político por detrás nessa trajetória. (Janeide dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Nesta narrativa, a professora Janeide dos Santos evidenciou a questão da problemática social no espaço rural, ao relatar a configuração socioespacial do lugar de onde vem, bem como situações que envolvem as escolas localizadas neste contexto espacial, pois muitas dessas escolas servem como uma estratégia para os mais fortes (fazendeiros) estabelecerem poder e controle sobre os menos favorecidos. Neste contexto, a escola, espaço público, mantido com os recursos públicos, localizadas em propriedades particulares rurais se constituíam em espaços de poder, de manipulação e controle político.

Diferentemente da situação vivida na infância pela professora Janeide dos Santos, filha de trabalhadores rurais, a professora Áurea Pereira, primogênita, membro de uma família de proprietários de terras em Inhambupe que empregavam a mão de obra local, ao ecoar as suas memórias sobre o mundo rural, enfatizou que ela e seus familiares viviam economicamente bem na roça, ao se reportar às lembranças dos períodos de plantio e de colheita. Assim descreveu:

[...] meus pais tinham uma condição social boa. Eles eram agricultores e o meu pai plantava milho, feijão que vendíamos também. [...] Eu não trabalhava na roça porque eu era criança, mas minha mãe era quem administrava tudo e meu pai administrava trabalhadores. Era uma casa muito cheia de gente e meu pai chamava muita gente para trabalhar. Ele sempre matava um carneiro para dar comida para todo mundo. Às vezes matava um porco para também quando tinha muita gente para comer e para trabalhar. Na época quando eles iam bater feijão era um momento festivo e eles cantavam e tinha na casa a comida para alimentar todo aquele povo. Ele era um médio proprietário rural e eu nunca passei dificuldade, eu nunca vi ninguém falar de dificuldade naquela época. (Áurea Pereira – Entrevista Narrativa, 2015)

Diversamente da professora Áurea Pereira, a professora Janeide dos Santos, ao rememorar o espaço rural narrou os rituais que envolviam o trabalho e as relações sociais existentes naquela localidade rural, o que refletiu no seu modo de ser e de viver, ao relatar a origem quilombola de seus membros familiares e as dificuldades vivenciadas e experienciadas no mundo rural do município de Iará onde viveu. Assim a professora Janeide dos Santos continuou a narrativa:

[...] nós tínhamos o ritual muito presente na comunidade como os encontros na casa de farinha, da raspagem da mandioca porque era um trabalho coletivo. A cada tarde íamos ajudar um membro da família na casa de farinha, então, tinha a reprodução das histórias, contos que faziam parte da cultura popular, de histórias de lendas, das assombrações, e também, a própria memória da família, ou seja, todas essas trajetórias da família de lembrar o passado do avô, do bisavô, os momentos que esse bisavô vivia lá na escravidão do recôncavo, a fuga para o quilombo que ficava próximo a Iará. Então, isso tudo ficou registrado na minha lembrança porque fazia parte da memória da minha avó, das minhas tias-avós, pois elas sentavam e relembravam desses momentos, contudo, elas não conseguiram estabelecer essas histórias de exclusão da terra com as condições sociais que eles viviam naquele momento, por exemplo, todas as pessoas viviam submissas àquelas pessoas ditas que tinham mais poder econômico, que tinham mais terras, que tinham mais tudo isso, e as pessoas não entendiam que ali se tratava de um processo social e que a questão da pobreza, da falta de acesso à terra, a falta de moradia em boas condições, a falta de acesso a água já que nós íamos buscar a água nas cisternas das casas dos outros. Eles não entendiam que ali era um processo social criado por processos sociais decorrentes da concentração de riqueza nas mãos de uns em detrimento das condições de exploração de outros. (Janeide dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Essas memórias retratam o modo de viver da comunidade quilombola a qual pertencia a família da professora Janeide. As vivências e aprendizagens decorrentes deste espaço repercutiram na construção da identidade pessoal e profissional desta professora, sobretudo no que concerne aos objetos de suas pesquisas voltadas para as questões ligadas à Geografia Agrária e à educação do campo.

Narrar as reminiscências dos espaços rurais é mergulhar no passado e devanear nas lembranças de um tempo de vida que revelam identidades rurais, cujas marcas estão relacionadas, muitas vezes, ao modo de produção da terra – plantio, colheita e beneficiamento dos produtos –, as brincadeiras, às amizades, as histórias narradas por avós e tios, o trabalho comunitário, às redes de relações e sociabilidades construídas nesses territórios.

Ao rememorar os primeiros momentos escolares e relacioná-los com o modo de vida rural, a professora Janeide dos Santos narrou que iniciou seu processo de escolarização no mesmo período que começou a trabalhar na roça, por volta dos oito anos de idade.

Eu comecei a trabalhar na roça com mais ou menos oito anos de idade. Eu fazia o que dava para eu fazer. Não era uma tarefa que cabia para eu fazer com minhas forças, mas eu já ia pra roça. Eu estudava a tarde [...] porque as produções na roça são mais pela manhã porque a tarde se trabalha menos e dava para tirar a criança da roça e colocar na escola que funcionava neste horário. Então, nesse processo, era natural na minha comunidade todo mundo estudar até a quarta série e repetir a mesma série porque não tinha escola na comunidade para dar continuidade aos estudos e repetiam duas ou até três vezes, pois não tinha mais outra escola para prosseguir e acabava repetindo a mesma série. Então, o meu processo inicial na escola se deu dessa forma (Janeide dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014).

Ao rememorar a condição de trabalhadora rural precoce e evidenciar a dinâmica existente na lida do campo, a professora Janeide lembrou a dificuldade de conciliar os horários de trabalho na roça com os de estudo na escola multisseriada e, segundo esta professora, muitas vezes foi obrigada a faltar aula. Assim destacou:

Então no dia que eu não ia para a escola porque tinha que fazer algum trabalho da roça, meu Deus! Era o pior dia para mim porque eu não podia acompanhar os conteúdos, eu me preocupava, eu pegava o conteúdo com os colegas [...]. (Janeide dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Este excerto da narrativa da professora Janeide sobre a difícil tarefa de conciliar a vida escolar com os afazeres na roça, na labuta diária com a terra, evidenciou como a escola rural não contempla um calendário que considere as especificidades e singularidades das crianças e jovens escolares que trabalham e vivem neste contexto, embora, na LDB nº 9394/96, no seu Art. 28 determine a possibilidade de adequação da organização escolar, incluindo o calendário às fases do trabalho agrícola e às condições climáticas.

O tempo dividido entre o trabalho na roça e às atividades na escola também foi uma reminiscência evocada pelo professor Fábio Josué dos Santos, que desde cedo experienciou tal situação. Filho de pai trabalhador rural e mãe professora leiga que também trabalhava ajudando o marido na roça, este professor narrou:

Desde pequeno, por volta de 4 (quatro) anos, eu já estava na enxada, tinha uma enxada pequena. Eu lembro que eu fui contar para todo mundo que meu pai tinha me dado uma enxada. A mesma tinha 80 cm, muito pequena. Então, quando eu voltava da cidade, depois das aulas, era trabalho na roça, a minha infância não teve muita brincadeira, até porque a gente não tinha muitos vizinhos próximos. (Fábio Josué dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

A infância e a adolescência marcadas pela intersecção entre o trabalho na roça e as atividades escolares narradas pelos professores Janeide dos Santos e Fábio Josué dos Santos retratam a realidade vivida, ainda hoje, por muitas crianças neste país, mesmo após a publicação do Estatuto da Criança e do Adolescente e os programas oficiais do governo que intencionam erradicar o trabalho infantil.

Ainda, sobre a vida no espaço rural, a professora Janeide dos Santos recordou que o cotidiano dela e das pessoas de sua comunidade quilombola se resumia às atividades na roça e não tinham o hábito de ir à cidade. Portanto, a vida cotidiana rural era marcada pela junção das brincadeiras com os afazeres domésticos/trabalho diário na lida camponesa e pela tradição das rezas, pelos encontros na casa de farinha e pelas partidas de futebol, nos fins de semana. Sobre essas memórias, a professora Janeide rememorou:

[...] tínhamos também alguns atos de lazer que acabavam sendo sempre no trabalho. Um dos momentos de maior diversão para a gente era ir para o tanque lavar a roupa no sábado de manhã. [...] Eu vivi isso. Tudo para mim era momento de trabalho. A gente associava uma coisa com a outra. Então, quando eu ia para o tanque era um momento de lazer, de interagir com a comunidade já que ela toda se encontrava no tanque e era assim que a gente se divertia. Mas, além disso, tinha as rezas como espaço de lazer. Durante o ano todo sempre tinha rezas, os meses de agosto, setembro e outubro eram os mais intensos. Era nas rezas que a comunidade se encontrava. Tinha também as missas, as via sacras, o encontro estava muito ligado ao culto religioso na verdade. A tradição religiosa da comunidade, então, os encontros eram mais assim nessa conjuntura. Esporadicamente era um aniversário, um casamento, mas de modo geral, as festas do calendário da comunidade eram as rezas e as festas de uma grande fazendeira que se realizava no dia de São Cosme e Damião que tinha um grande caruru que ela dava. Além das rezas, tinham os jogos de futebol, as corridas de cavalo ou as brincadeiras no terreiro que ocorriam na casa de uma amiga. Então, o ritual era esse, pois o acesso à cidade não tinha, não tinha cultura de ir à cidade. (Janeide dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Além desse modo de viver que caracteriza bem a vida na roça, nos tempos da infância e adolescência da professora Janeide dos Santos, destacando a vida em comunidade, através das brincadeiras, dos momentos de lazer atrelados ao trabalho no tanque, na casa de farinha, nos jogos de futebol e os encontros sociais nas rezas, este espaço rural também é marcado por diferentes histórias que abordam outras relações construídas em diferentes lugares/espços sociais como a escola.

Muitas são as recordações-referências que tecem a história de vida da professora Claudene Rios, uma das mais marcantes se refere às lembranças da escola multisseriada vivenciada no espaço rural de Pintadas, sobretudo quando reafirmou que foram muitas as aprendizagens adquiridas com sua mãe que foi professora leiga na escola da roça neste mesmo município.

[...] O meu processo de alfabetização foi numa escola de roça multisseriada, de uma professora leiga, [...] a sala era composta por muitos alunos de idades diferentes. De um contexto que não tinha material didático e contávamos apenas com a professora, um caderno, um lápis e uma cartilha. E a gente saía da escola da roça alfabetizado mesmo! Lendo, escrevendo, fazendo ditado, fazendo as contas necessárias que hoje meu aluno da oitava série não faz. (Claudene Rios – Entrevista narrativa, 2014)

Esta professora narrou também que ficou incomodada quando ouvia críticas negativas na universidade sobre a escola multisseriada porque estudou nela e desabafou dizendo:

[...] estando na universidade, a gente ouve muitas concepções de educação dos colegas, então, uma coisa que me angustia muito, ainda hoje, é a crítica que fazem sobre a escola multisseriada porque eu acho uma crítica sem fundamentos. É claro que existem problemas na classe multisseriada, mas também tem virtudes, e muitos só criticam, apontando só os defeitos e me incomoda muito. esses discursos porque eu vim dessa escola e sei da importância que ela teve na minha vida. [...] Então, essa crítica gratuita à escola multisseriada que se faz na universidade me incomoda. Hoje, eu já saio em defesa da escola multisseriada e trago esse respeito pela escola da roça porque eu vivenciei isso [...].(Claudene Rios – Entrevista narrativa, 2014)

Muitas são as relações estabelecidas com a escola localizada no espaço rural por causa das aprendizagens adquiridas nelas, na interação com sujeitos de idades e tempos de aprendizagens diferentes. Na sua narrativa, a professora Claudene Rios ressalta a importância das classes multisseriadas nas escolas rurais,

destacando o seu papel social na formação de muitas crianças, adolescentes e jovens, através do acesso ao mundo (cultura) letrado.

A escola rural como espaço de aprendizagem e de conhecimento não está desligada da sociedade, sendo ela “[...] uma instituição importante, uma forma de elevação do status social, uma forma de melhorar a vida [...]”. (TRINDADE; WERLE, 2012, p. 32) de uma pessoa, pois a escola rural deveria ser “[...] encarada como muito mais do que uma simples instituição de ensino, para ser olhada como um importante polo local de promoção das comunidades”. (AMIGUINHO, 2008, p. 11) Entretanto, conforme já sinalizado num excerto da professora Janeide dos Santos, a escola em muitos contextos rurais é concebida como um instrumento político que possibilita a manutenção de grupos políticos no governo local. Mesmo compreendendo que tal situação é verídica, sobretudo, aquelas escolas, cujos prédios foram construídos em propriedades particulares para a oferta do ensino público, ainda hoje, essa escola desempenha um relevante papel social, no que concerne à formação escolar de muitas crianças, adolescentes e jovens moradores da roça.

Sobre as memórias da escola rural e sua importância na sua trajetória de escolarização, a professora Áurea Pereira disse:

A escola funcionava em um prédio escolar com salas, tudo arrumado, com salas grandes, e Dona Mercês, a professora, morava do lado da escola e trabalhava lá. Era uma escola construída com o dinheiro público pelo governo municipal. As professoras naquele tempo tinham dificuldades de se fixarem nas comunidades e eles se uniram e solicitaram do prefeito a construção de uma casa para os professores. Essa casa foi construída ao lado da escola. E Dona Mercês era uma professora feliz e eu fiz com ela a segunda e a terceira séries e ela dizia que eu era uma aluna excelente. Eu fui muito bem na terceira série e naquela época se o aluno aprendesse a ler, escrever e fazer as 4 (quatro) operações era adiantado. Fui aprovada e, no ano que ingressaria na quarta, ela me colocou direto para a quinta série. Para a professora Mercês, se o aluno tivesse atingindo o que ela queria, ele avançava. [...] Então, eu fui para o ginásio e não tive nenhum problema ou dificuldade. Conclui o ensino fundamental II na Escola Municipal General Osório, na comunidade de Quizambu, no distrito de Riacho da Guia, em Alagoinhas (Áurea Pereira – Entrevista Narrativa, 2015)

Ao evocar memórias da escola rural, a professora Áurea Pereira descreve o prédio, sua localização e tamanho das salas. Além da estrutura física, a professora

Áurea ressalta a presença marcante da professora Mercês, cujas características foram evidenciadas na narrativa a seguir:

Dona Mercês era uma professora feliz [...]. Esta professora trabalhava com muita leitura e escrita e fazia muito movimento na comunidade, festas e tal. Ela fazia recital de poesia, ela era muito criativa e querida na comunidade. (Áurea Pereira – Entrevista Narrativa, 2015)

As memórias da escola rural e as lembranças da professora Áurea sobre o trabalho desenvolvido pela professora Mercês reafirmam aspectos diversos sobre as escolas rurais e, especificamente, sobre a práxis pedagógica desta professora que atuava no Riacho da Guia, território rural de Alagoinhas, ao destacar a ênfase de seu trabalho com a leitura e a escrita, conforme narrado:

[...] Toda semana tinha uma atividade prazerosa, por exemplo, as produções textuais, ela distribuía os melhores textos da sala e a gente escrevia redação mesmo, era chamado de composição de texto. Ela pegava os melhores textos da sala e fazia o mural. Isso fazia com que a gente se sentisse importante e quando chegávamos ali e via os textos publicados era uma alegria para nós. Ela também pedia os cadernos e entregava todos corrigidos, e, com isso, a gente sabia o que tinha de errado nas atividades. Tarefa de casa sempre era corrigida no mesmo dia e tínhamos tarefa para levar para casa sempre. Os cadernos – Português, Matemática, Estudos Sociais e Ciências – ficavam na escola e ela corrigia todos, era uma coisa bonita e hoje é difícil ver o professor corrigir em casa e colocar as observações para entregar para os meninos. Lembro ainda que ela revisava tudo para corrigir a tarefa que tinha mandado para a casa. Isso me dava prazer na escola. (Áurea Pereira – Entrevista Narrativa, 2015)

Ao narrar sobre o começo da sua trajetória de escolarização, cujas histórias centram-se nas situações experienciadas na Escola Municipal General Osório e tem como protagonista a professora Mercês e suas práticas, as quais potencializavam a escrita e a leitura. Segundo a narrativa da professora Áurea Pereira, as estratégias utilizadas pela professora Mercês valorizam o desempenho dos alunos que se dedicavam a fazer as tarefas corretamente. Essa ênfase nas práticas da escrita e leitura, bem como o incentivo e o acompanhamento em casa, potencializaram o seu desenvolvimento cognitivo e a sua paixão pelas letras. Além disso, a professora Áurea fez questão de destacar a relação que a professora Mercês mantinha com aquela comunidade rural quando enfatizou que ela era querida naquele lugar porque se envolvia com as pessoas daquele espaço rural, a partir das ações desenvolvidas

na escola e com a participação da comunidade. E, o principal elo de articulação eram as festas planejadas e realizadas, as quais aproximavam as famílias da escola e vice-versa. Segundo a professora Áurea Pereira, “[...] *A dona Mercês adorava fazer festas, festa dos pais, festas das mães, festa junina, do dia das crianças e sempre contava com a ajuda dos pais e alunos [...]*”. (Entrevista Narrativa, 2015)

Ao evocar as memórias dos tempos de escola, a professora Áurea Pereira se reporta ao tempo presente ao articular as aprendizagens e saberes apreendidos na roça e na escola rural, os quais, segundo ela, se materializam no ser e fazer docente no ensino superior.

Eu tive excelentes professores na escola, mas nenhum se compara à professora Mercês porque ela tinha muito compromisso e eu aprendi isso com ela, a ter compromisso com meus alunos, a ter determinação na profissão. [...]. Essa professora, mesmo leiga, me ensinou muito a ser a professora que sou hoje. A gente acaba se espelhando nos bons professores e a professora Mercês foi a professora mais marcante e foi com ela que eu me espelhei para ser a professora na escola e na universidade. Se eu não tivesse tido uma professora como Mercês na minha vida, com certeza, eu não seria a professora que sou hoje. (Áurea Pereira – Entrevista Narrativa, 2015)

Para Pinho (2012), o tempo escolar se expressa no tecido narrativo e sua construção se dá na interação com o outro. Assim sendo, posso afirmar que a escola é um lugar de encontro de saberes produzidos por diferentes culturas, mesmo que o prédio escolar se constitua simplesmente por uma única sala de aula, como ainda é a realidade de muitas unidades de ensino que estão localizadas em contextos rurais.

Muitas dessas escolas localizadas na roça são multisseriadas e reúnem crianças de idades diferentes numa única sala de aula e, embora agrupe meninos e meninas de localidades próximas ou do mesmo ambiente rural, elas fazem parte de famílias que possuem costumes, valores e culturas diferentes porque são sujeitos constitutivos de uma história pessoal e familiar singular e na interação com o outro, tanto no espaço e tempo escolar, como no lugar onde vivem, produzem outras culturas, outros saberes, que são agregados a outros que serão construídos em outros espaços.

Recordar processos de escolarização em contextos rurais é abordar questões que envolvem os diferentes modos de aprendizagens porque abrangem tempos e espaços diferentes, uma vez que “Os tempos de escola, os tempos de escolarização

e os elaborados na escola são construções histórico-sociais e culturais efetivados por sujeitos num tempo e num espaço específicos”. (PINHO, 2012, p. 22)

A presença marcante de professoras nas histórias narradas pelos colaboradores da pesquisa e sua influência nas trajetórias de escolarização e atuação profissional também foi enfatizada pela professora Claudene Rios, cuja itinerância teve início com a sua mãe, professora leiga no distrito de Pintadas, hoje município emancipado de Ipirá. A professora Claudene Rios rememorou que, antes de ser aluna na escola de dona Terezinha, sua mãe, foi alfabetizada em casa, inicialmente por dona Edite, sua tia paterna, e depois passou a estudar com a professora Edenaci por um tempo numa escola localizada a alguns quilômetros de sua residência rural, mas depois que esta professora se casou e foi morar em outra localidade, ela foi estudar com dona Terezinha, sua mãe, na Escola Boa Sorte, cuja dedicação era surpreendente para uma professora com pouca formação.

Ao evocar as lembranças desse período da Escola Boa Sorte, onde sua mãe lecionava, a professora Claudene Rios relembrou que:

Em 1976, eu estava com 8 (oito) anos, ai eu já sabia ler e escrever, só que eu estudava com meu irmão e ele era mais velho um ano, ai eu lembro que eu repeti o terceiro ano duas vezes porque minha mãe não era professora da quarta série e ela achava mais difícil de ensinar. [...] Como meu irmão era um pouco mais lento do que eu no processo de aprendizagem, minha mãe não me colocou para estudar na escola da rua porque eu era a mais nova e não podia ir sem meu irmão. Eu fiquei com uma raiva danada, mas nunca verbalizava isso e quando minha mãe fazia as provas, eu sabia de tudo e o povo achava que eu tirava dez porque eu pescava as respostas, já que minha mãe era a professora. Ela era cuidadosa com essas coisas e tinha um armário trancado que ela guardava tudo da escola. Só ela mexia e eu ficava danada porque era eu que ensinava meu irmão e os meninos da escola, eu era uma professora monitora. (Claudene Rios – Entrevista Narrativa, 2014)

Neste fragmento, esta professora demarca, no tempo, o período precoce de ensaios na iniciação à docência, ao lembrar momentos em que ensinava seu irmão e alguns colegas da classe na Escola Boa Sorte, onde dona Terezinha, sua mãe lecionava, ao dizer que ela era uma espécie de monitora. Esta atuação docente precoce também foi vivida em outros momentos, quando sua mãe necessitou se afastar da sala de aula por um período e delegou a função de ensinar à professora Claudene, ainda criança, quando estava na terceira série do ensino fundamental. Essa atitude da mãe, ao delegar tal função a sua filha, foi a estratégia utilizada para

garantir que as crianças e adolescentes da localidade continuasse tendo acesso à escola, já que, o poder público não tinha providenciado a indicação de uma professora substituta. Essa foi a única possibilidade de permanência das atividades escolares. Essas memórias foram assim narradas:

[...] Em 1978, minha mãe foi fazer um curso de aprofundamento. Aí minha mãe e minhas duas tias que eram professoras, cada uma no canto do município de Pintadas, foram estudar juntas na Escola Normal de Pintadas. Nesse período minha mãe engravidou do meu terceiro irmão e minha mãe voltou a dar aula na escola da comunidade e eu já sabia o que ia acontecer. Ela me delegava algumas tarefas na sala de aula, eu tomava a lição dos meninos. Eu tomava a lição de todo mundo da segunda série e eu já estava fazendo a terceira série pela segunda vez, por isso a minha mãe confiava em mim. Sabia que eu podia dar conta da missão [...]. (Claudene Rios – Entrevista Narrativa, 2014)

A função de monitora na escola da roça, desempenhada pela professora Claudene Rios, ainda na infância, possibilitou a sua mãe se qualificar, ao ter acesso à formação em magistério, em nível médio, na Escola Normal de Pintadas.

Minha mãe se tornou professora das séries iniciais. Ela ensinava de manhã; à tarde cuidava da casa e da gente e à noite ela ensinava de novo. Meu pai construiu esse salão para minha mãe dar aula e ela se tornou a professora Terezinha da região toda. [...] minha mãe passou vários anos sendo professora leiga. Depois ela fez o curso de formação e se tornou professora formada. Ela se aposentou como professora primária há uns 4 (quatro) anos. [...] Ela dava aula para alunos do MOBREAL e para alunos da segunda e terceira séries. [...] Minha mãe era uma professora de classe multisseriada. (Claudene Rios – Entrevista Narrativa, 2014)

A escola no espaço rural, onde a mãe da professora Claudene Rios, iniciou a sua trajetória profissional foi construída pelo marido (Sr. Vavá), na comunidade de Pintadas, então distrito de Ipirá. Era uma sala agregada à casa da família. Desse modo, dona Terezinha se tornou a professora daquela localidade, cuja escola foi nomeada ‘Escola Boa Sorte’.

Sobre os ecos de uma memória que envolve a preocupação do senhor Vavá (*in memoriam*) com a comunidade rural em Pintadas-BA e a atuação profissional docente de dona Terezinha, a professora Claudene Rios disse:

O nome da escola que ela atuava era a ‘Escola Boa Sorte’. No tempo que eu estava lá na roça e que minha mãe era professora, eu aprendi a ler com ela. Meu pai só fazia o nome dele e quando ele

passou a fazer contas, lembro que meu pai fazia uns números grandes, bem marcados, e ele sempre fazia as contas com a gente, então, Matemática para mim sempre foi tranquilo, nunca foi um problema, pois ele brincava com a gente quando chegava do trabalho. Minha mãe passava o dia todo com a gente e a noite com a luz de candeeiro, meu pai brincava com a gente. Eu lembro que eu aprendi a tabuada sem nenhuma dificuldade. (Claudene Rios – Entrevista narrativa, 2014)

Neste excerto da narrativa da professora Claudene Rios ficou evidenciada a contribuição social do senhor Vavá, ao construir um espaço que servia de escola para dona Terezinha atuar como professora leiga e alfabetizar, inicialmente, adultos daquela comunidade rural e depois passou a ministrar aulas durante o dia em classe multisseriada. A professora Claudene Rios ainda lembrou:

[...] a terra onde eu nasci se chama Fazenda Boa Sorte, então, minha mãe ensinava todo mundo da redondeza, todo mundo conhece meu pai, seu Vavá, e ai ele fez um campo de bola, de futebol para os meninos brincarem. A escola da minha mãe era concorrida, pois tinha 50 (cinquenta) alunos. Quando eu comparo com a escola que se tem hoje com aquela que eu estudava no espaço rural em Pintadas e fico me perguntando: por que a gente conseguia aprender com tanta tranquilidade num contexto repleto de limitações? Por que minha mãe dava aula para alfabetização, primeira e segunda série? Tinha hora da gente ir para a mesa, para ver o quadro, para fazer o dever e ficar nos bancos. Quem era da segunda série ensinava o da primeira, que era da primeira ensinava quem era da alfabetização. Isso era tão bem planejado que todo mundo saía da escola de minha mãe, saía lendo, escrevendo e fazendo as operações fundamentais e isso era um critério para ser uma boa escola e minha mãe era uma professora enérgica, embora lá existisse a palmatória e régua que eram comuns como objetos disciplinares, mas ela não fazia uso disso. Estes objetos ficavam em cima do quadro e na prateleira. Esses eram os instrumentos – palmatória e régua – faziam parte do ‘ser professor’, mas minha mãe não fazia uso disso, [...] a gente cresceu nesse sistema e estudamos nesta escola nos anos de 1976, 1977, 1978. (Claudene Rios – Entrevista narrativa, 2014)

Nas memórias da escolarização, a professora Claudene Rios rememorou alguns objetos disciplinares (palmatória e a régua) que faziam parte do cotidiano daquela escola e do ser professor. Além disso, ela narrou que era comum os colegas se ajudarem mutuamente, bem como enfatizou a dedicação de sua mãe, professora leiga, para que os alunos tivessem um bom aprendizado durante o período que estudaram na escola onde ela atuava como docente.

As lembranças dos primeiros anos do processo de escolarização, realizados na escola da roça, onde a mãe da professora Claudene atuava como professora

deixaram marcas na constituição da sua identidade docente, as quais se reverberam no modo como se tornou professora e como exerce a profissão docente como professora assistente da Universidade do Estado da Bahia, pois ela narra que também tem a preocupação com o aprendizado de seus alunos nos cursos de Licenciaturas em Pedagogia e em Geografia no Território do Sisal.

As memórias evocadas pelo professor Antônio Dias sobre um tempo escolar contam histórias sobre as experiências escolares, as quais são protagonizadas pela sua primeira professora que não possuía formação específica na área e, também, pelas lembranças do espaço físico e sua organização, bem como de outros rituais que constituíam a cultura daquele lugar.

[...] naquele tempo, a professora tinha o curso primário completo, e por conta disso ela se tornou professora, ela era a mulher que mais sabia ler naquela região, fora a minha mãe e meu pai. A primeira escola que estudei funcionava numa sala de residência, provavelmente foi o fazendeiro que fez aquela casa e a sala de aula era a sala de estar da casa. Na época, ninguém morava naquela casa e só era utilizada a sala de estar como sala de aula. [...] lá tinham bancos compridos, a sala tinha alunos de várias idades, então, eu e meus coleguinhos pequenos ficavam no primeiro banco da frente, depois viam a sequência até chegar nos maiores que ficavam nos últimos bancos. [...] Bom, todos os dias a gente tinha que dá a lição, aí a gente levava a tarefinha, tinha a cartilha popular, e todo dia a professora marcava as partes para a gente fazer e a minha mãe me acompanhava quando eu chegava à nossa casa. Depois que eu almoçava, a minha mãe me acompanhava e eu deixava a lição pronta, mas a escola me assustava porque tinha uma história de sabatina e a professora bota os colegas maiores em volta dela, mas eu tinha medo que aquilo chegasse em mim também porque tinha uma palmatória, um pedaço de madeira redondo com o cabo e ela fazia pergunta aos meninos da roda e quem não soubesse a professora passava a pergunta para o outro e quem acertasse dava uma palmada com palmatória na mão de todo mundo que errou e se ninguém acertasse a professora fazia isso com todo mundo e eu morria de medo daquela palmatória. (Antônio Dias – Entrevista Narrativa, 2014)

Na sua narrativa, o professor Antônio Dias evocou memórias que contam histórias de um tempo da educação brasileira, destacando elementos, características, rituais, práticas que compõem a cultura escolar daquele momento. A escola improvisada numa sala de uma residência rural, a organização da sala de aula em filas de bancos de madeiras, nos quais sentavam os menores na frente e os maiores atrás, a prática das sabatinas e o uso da palmatória são as primeiras

experiências e as mais significativas lembranças do começo de seu processo de escolarização.

Esta situação vivida pelo professor Antônio Dias sobre o uso da palmatória pela professora da escola onde iniciou seu processo de escolarização também foi vivenciada pela professora Claudene Rios, embora a sua professora não fizesse uso deste instrumento na sala de aula, mas ela existia e se fazia presente nas prateleiras do armário da escola como forma simbólica de intimidação e controle da disciplina e verificação das aprendizagens, sobretudo da tabuada.

Além da palmatória, era comum o uso de cartilhas no processo de alfabetização. Sobre as memórias do processo de letramento e alfabetização e a articulação com a atuação docente, sobretudo no que concerne à forma de alfabetizar, cujas práticas apreendidas na infância foram reproduzidas com os seus alunos, no começo da carreira, as quais, segundo esta professora, foram práticas exitosas. Sobre esta questão, a professora Claudene narrou:

[...] quando eu me lembro da escola que estudei na roça, lembro como um espaço que para mim foi muito significativo. Quando eu penso no meu aprendizado inicial, penso naquela escola onde a minha mãe era professora, e nos livros de Estudos Sociais que não tinham respostas, que eu lia e respondia no meu caderno e depois minha mãe ia lá e via que minha resposta estava certa. [...] as cartilhas, do material do MOBREAL que minha mãe guardou, que depois que eu já estava um pouco maior, ela deixava eu manusear, a memória do 'VA-VE-VI-VO-VU', dela ditando para mim. Era um momento de alfabetização que, aonde eu for, eu falo isso. [...] Ao meu ver, o método de soletração funcionou e não sei porque esse método foi tirado da escola. Eu também fiz isso nas turmas de alfabetizações. Eu trouxe esse método de lá da escola de minha mãe e usei quando fui professora dos anos iniciais e digo que todos os meus alunos aprenderam a ler, o que muitos só conseguem hoje, em escola particular. (Claudene Rios – Entrevista narrativa, 2014)

Esta narrativa da professora Claudene Rios retratou memórias do começo da sua itinerância formativa na década de 1970⁵⁸, apresentou elementos comuns, como a improvisação da estrutura física para o funcionamento da escola rural, o uso da cartilha e a dificuldade de acesso à escola. Sobre este último aspecto, num outro contexto temporal, o professor Antônio Dias relatou também que era difícil estudar, principalmente porque as escolas se localizavam distantes de sua residência.

⁵⁸ Justamente no momento de implementação do MOBREAL, em 1971.

Sobre o modo de funcionamento das escolas localizadas em muitos territórios rurais, o professor Fábio Josué destacou que seu processo inicial de escolarização ocorreu numa escola improvisada, construída por seu pai. Assim narrou:

Iniciei meus estudos numa classe multisseriada, na localidade de Palmeira, espaço rural do município de Amargosa-Ba, distante cerca de 10 km da sede do município. Minha mãe era a professora, por isso, desde cedo, ainda bebê, frequentei a escola. Estudávamos na Escola Municipal Agostinho Machado, uma sala de aula feita de taipa (pau-a-pique), construída por meu pai no oitão de nossa própria casa. A escola não tinha nome afixado na porta. Utilizava-se este nome só nos momentos formais de preenchimento de dados de matrícula e notas dos alunos que eram enviadas à Diretoria de Educação, na cidade; ou quando 'Seu Rosalino', o Fiscal Escolar, visitava a escola uma vez por mês, checava se a professora estava dando aula, a presença dos alunos, e a professora assinava numa lista para comprovar sua presença. No mais, era a 'escola da professora Rita', 'a escola de Rita de Josué Presídio' (uma alusão ao meu pai, marido da professora), ou ainda 'a escola de Rita de Graciano' (numa alusão a uma outra figura masculina, seu pai, meu avó). Era desta forma que as pessoas se referiam a esta sala-escola. (Fábio Josué dos Santos – Memorial Sobre a Escola Agostinho Machado, 2010)

A ausência do poder público no espaço rural, no que concerne à instalação e manutenção da escola nesses territórios rurais, em ambos os casos, foi um fator decisivo para que a escola fosse improvisada por uma ação de um fazendeiro ou de algum membro da comunidade para atender as necessidades das crianças, adolescentes e jovens que ali viviam. Possivelmente, isso justifica a existência de classes multisseriadas⁵⁹.

Sobre as escolas localizadas em territórios rurais, Portugal e Oliveira (2012) afirmam que elas são caracterizadas como:

[...] espaços que agregam no seu interior, numa mesma classe, crianças e adolescentes com idades, séries, níveis de aprendizagens e conhecimentos variados. Portanto, são espaços educativos heterogêneos, tendo a diversidade como fator preponderante, sendo muitas vezes chamada de 'escola da roça', termo bastante utilizado como sinônimo em diversas áreas do interior do nordeste brasileiro. (PORTUGAL; OLIVEIRA, 2012, p. 304)

Para muitos sujeitos que vivem em territórios rurais, a escola da roça, a multisseriada, como aquelas que foram frequentadas por Antônio Dias, Áurea

⁵⁹ As classes multisseriadas, neste contexto, se constituíram como o lugar que garantia a aquisição do capital escolar – leitura, escrita e cálculos matemáticos.

Pereira, Claudene Rios, Edite Maria de Faria, Fábio Josué dos Santos e Janeide dos Santos, se constitui como um único lugar que os possibilitaram ter acesso ao capital letrado, fator que contribuiu para algum tipo de mobilidade social e cultural. Portanto, é necessário valorizá-la, pois a escola, improvisada em contextos rurais foi, por muito tempo, negligenciada pelos governantes, os quais não tinham compromisso com as populações que ali viviam e a educação escolar não era um direito de todos. Situação que foi alterada a partir da Constituição Federal de 1988 e posteriormente, com a LDBEN – Lei nº 9394/96, que determinam que a educação é um dever do Estado e direito de todos.

Por estas questões coaduno com a posição de Leite ao afirmar que “Pensar a escola rural é pensar o homem rural, seu contexto, sua dimensão como cidadão, sua ligação com o processo produtivo” (LEITE, 2002, p. 14), mesmo porque, para muitos, a escolarização é um “[...] processo de independência sociocultural, política e econômica” (*Ibidem*, p. 38).

Sobre essas questões, Demartini (2012) afirmou que:

A educação das populações rurais foi relegada a segundo plano, não só pelo estado, mas também pelos estudiosos, que historicamente pouca atenção têm dado a elas e ao seu processo de escolarização. A migração de grande parte da população para as chamadas zonas urbanizadas parece ter atraído mais a atenção dos pesquisadores do que a mais reduzida parcela dedicada às lides agrárias, ainda moradora do campo. As atenções voltam-se para os graves problemas enfrentados pelo avanço da agroindústria, dos grandes projetos envolvendo a mecanização das atividades rurais, com eliminação dos trabalhadores manuais e a migração maciça para as periferias urbanas, em condições precárias de vida. (DEMARTINI, 2012, p. 10-11)

Esta pesquisadora ainda coloca que as pesquisas que envolvem os contextos rurais têm se preocupado mais com os movimentos de luta pela terra (MST) e suas reivindicações, em detrimento de outras discussões que envolvem as diferentes ruralidades, sobretudo no que concerne às questões que se relacionam à educação rural, aos sujeitos que veem a escola rural como uma oportunidade, senão a única, de melhoria de qualidade de vida, seja para mantê-lo no mesmo espaço de vivência com uma melhor instrução para lidar com a terra ou para possibilitá-lo realizar “travessias” geográficas, culturais e/ou profissionais via educação, realizando a

mobilidade social⁶⁰ vertical (mudanças nas condições socioeconômicas) e lateral (mudanças de ordem espacial/geográfica), pois o censo demográfico de 2010 mostra uma numerosa presença da população rural em todas as regiões do país, embora este quantitativo populacional rural venha se reduzindo de maneira drástica nos últimos cinquenta anos, mas, em termos de escolaridade, a população rural ainda apresenta os menores índices, retratando assim o seu esquecimento.

Assim, é necessário buscar outros modos de narrar histórias sobre a escola rural porque ela se constitui como um importante espaço/tempo de *geo(bio)travessias*, pois as vidas de professores que exercem a docência em universidades baianas, aqui narradas e interpretadas, envolvem trajetórias de formação e de profissão, cujas histórias podem ajudar a reescrever outras tantas sobre a escola e a educação rural, bem como sobre os processos de mobilidade geográfica, social e cultural de professores.

Essas histórias podem, sobretudo, nos ajudar a compreender como ex-alunos de escolas rurais chegaram à docência no ensino superior público, contribuindo também para ampliar os estudos sobre percursos de vida e de formação docente a partir das histórias de vida de professores oriundos de contextos rurais, pois é preciso olhar para o espaço rural “[...] como lugar de sujeitos, seres humanos, sujeitos sociais [...], como vivem, como se constituem como pessoas [...] de cada lugar, de cada tempo. (CALDART, 1997, p. 27), uma vez que nestes espaços “[...] existem diferentes gentes, como diferentes identidades, mas também uma identidade comum” (*Idem; ibidem*) que se reverbera num modo de ser e de fazer e de se constituir professor universitário, através dos processos que envolvem as *geotravessias* e suas *biotravessias*, tornando-se/sendo professor universitário.

Desse modo, a roça e a escola rural se constituíram como os primeiros e importantes espaços e tempos de um aprender a ser, a fazer, cujas aprendizagens resultaram de um modo de viver, de conceber estes espaços e as relações neles existentes.

⁶⁰ Para Giddens (2005, p. 248), “o termo mobilidade social refere-se ao deslocamento de indivíduos e grupos entre posições socioeconômicas diferentes. A mobilidade vertical significa o movimento de subida ou de descida dentro da escala socioeconômica. Aqueles que apresentam ganhos em propriedade, renda ou status são os que demonstram mobilidade ascendente enquanto os que se deslocam para a direção oposta possuem mobilidade descendente. Nas sociedades modernas, existe também bastante a mobilidade lateral, a qual refere-se ao deslocamento geográfico entre bairros, cidades ou regiões.”

5.2 Geotravessias: da roça para a cidade

O título desta seção remete a uma discussão sobre os deslocamentos geográficos realizados pelos professores a partir dos seus lugares na roça, espaços onde viveram e iniciaram seus estudos, e os das cidades, espaços demarcados pela continuidade da escolarização, formação e exercício da atividade profissional docente, os quais se constituem como verdadeiros cenários onde aconteceram importantes e singulares processos de *biotravessias*, os quais retratam ganhos sociais através das mobilidades entre os lugares (*geotravessias*), ocorridas durante os percursos de uma vida que se reverberaram em movimentos sociais e culturais experienciadas pelos professores e suas implicações no decurso de uma existência, decorrentes das aprendizagens adquiridas através das itinerâncias nos diferentes espaços geográficos.

Discutir as *geotravessias* realizadas pelos professores Antônio Dias, Áurea Pereira, Claudene Rios, Edite Maria de Faria, Fábio Josué dos Santos e Janeide dos Santos é apresentar e analisar a importância dos diferentes espaços geográficos onde viveram, estudaram e exercem a profissão docente e suas implicações na constituição pessoal.

As mobilidades entre os lugares (*geotravessias*), sobretudo da vida e da formação, se constituem como verdadeiros cenários e perpassam pela compreensão dos sentimentos de pertencimento, identidade e afetividade do sujeito ao seu lugar de origem e suscitam modos de ser, de viver e de agir (*biotravessias*) em seus cotidianos.

Sobre os lugares, M. Santos (2007) afirmou que eles são espaços vividos, resultantes da manifestação singular e plural, mas, também, reproduzem formas particulares de ser e estar no mundo.

Os lugares são, pois, o mundo, que eles reproduzem de modos específicos, individuais, diversos. Eles são singulares, mas são também globais, manifestações da totalidade-mundo, da qual são formas particulares. [...] não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro. A existência naquele espaço exerce um papel revelador sobre o mundo (SANTOS, M., 2007, p. 112-114).

Nesta perspectiva de Santos, M. (2007), torna-se pertinente pensar a dimensão simbólica dos deslocamentos entre os lugares, os quais possibilitaram as mobilidades sociais e culturais pelos quais passaram os professores universitários oriundos de territórios rurais, pois “[...] o lugar é o palco onde são caracterizadas todas as dimensões da existência humana.” (PORTUGAL, 2013, p. 225), em seus processos de *geo(bio)travessias*.

Ao evocar os lugares da vida e da formação (a roça e a cidade), os professores, protagonistas dos enredos que constituem esta história, apresentaram os espaços e as temporalidades de seus contextos histórico-culturais, a partir do presente, com um olhar no passado, de modo a possibilitar conhecer os percursos de escolarização e as trajetórias de formação, bem como identificar as estratégias utilizadas para chegar ao exercício profissional docente nas universidades.

Segundo Almeida (2011), as experiências vividas por caipiras, roceiros, ribeirinhas, quilombolas, indígenas, dentre outros substantivos atribuídos às populações que vivem em espaços rurais, sobretudo os pequenos agricultores pobres, como a maioria dos familiares dos professores deste estudo, sempre ficaram situados na marginalidade das intenções das políticas públicas, tornando-os esquecidos, cujas vozes foram silenciadas pelas esferas municipal, estadual e federal, excluindo-os “[...] do contrato social da modernidade⁶¹” (ARAÚJO, 2012, p. 157), sobretudo a partir do século XX, do processo de industrialização brasileira e do “[...] projeto de educação escolar pública homogeneizante que incluía indistintamente os povos do campo” (*Idem; Ibidem*), pois “As ideias urbanistas que invadem a zona rural, por todos os meios possíveis, tendem sempre a solapar as raras tentativas de afirmação da cultura e identidade do homem rural” (TRINDADE; WERLE, 2012, p. 33), desconsiderando as diferenças socioculturais que acabaram por culminar com os “refugos humanos”, os quais são considerados por Bauman (2005) como aqueles sujeitos que não se inseriram no processo da globalização, da modernidade, o que gerou exclusão e que permaneceram desassistidos e afastados das melhorias educacionais.

Sobre este aspecto, Souza (2012b) afirma que:

⁶¹ Para Boaventura de Sousa Santos (1999, p. 33), o contrato social da modernidade “[...] se funda na obrigação política moderna, uma obrigação complexa e contraditória porque foi estabelecida entre os homens livres [...] para maximizar e não minimizar essa liberdade. Assim, o contrato social é a expressão de uma tensão dialética entre regulação social e emancipação social que se reproduz pela polarização constante entre a vontade individual e a vontade geral, entre o interesse particular e o bem comum”.

Migrações, deslocamentos, mobilidade social, fixação na terra, lugares de origem, intervenção social, dinamismo local e função da escola são marcas que acompanham, historicamente, os lugares destinados às escolas rurais no contexto educacional brasileiro. Muitas vezes pensada, a partir da transposição da lógica urbanocêntrica para o contexto rural, desconsidera os sujeitos, suas práticas cotidianas e as especificidades de um projeto pedagógico que atenda, verdadeiramente, os territórios rurais e suas singularidades. (SOUZA, 2012b, p. 17)

Corroboro com Souza (2012b) e Almeida (2011) quando pontuam que as nossas referências são essencialmente urbanas porque a cidade assumiu, a partir da industrialização, “[...] uma posição de guia, de condutora das populações, indicando os caminhos a serem seguidos” (ALMEIDA, 2011, p. 279), uma vez que o Brasil deixou de ser nitidamente um país agrário até meados das primeiras décadas do século XX para ser urbano-industrial, período em que a população urbana crescia em detrimento de um esvaziamento rural, atraídos pelo novo contexto econômico daquela época, cujas mobilidades geográficas foram decorrentes, principalmente, por causa do processo de industrialização.

Vale salientar que a escola da roça não está desligada da sociedade, embora o projeto de modernidade tenha ignorado e silenciado “[...] as formas diferentes de ser e estar no mundo [...] devido principalmente ao conhecimento produzido, que gerou consequências desestabilizadoras [...]” (PINHO; SOUZA, 2012, p. 253), sobretudo para quem vive em contextos rurais, pois as unidades escolares localizadas no espaço rural se constituem como importantes ambientes educativos que podem possibilitar a elevação de um *status* social, uma melhoria de qualidade de vida, configurando-se também como um espaço de compreensão e de mobilização para a modernidade que podem ser introduzidas na vida do mundo rural, através da escolarização e instrumentalização para o trabalho, além de ser também um espaço público para a troca de opiniões e de experiências, principalmente para a compreensão da vida política, mesmo com suas especificidades e singularidades.

Sacristán (2000), ao abordar a educação que temos e a educação que queremos, coloca que não é possível discutir o que indivíduos e sociedade são e o que poderão ser, sem serem ponderados os efeitos dos sistemas educativos, considerado como condição essencial neste século.

Ao tratar do sistema educativo na sociedade, este mesmo autor aponta três aspectos que merecem atenção. O primeiro trata da universalização da escolaridade

formal como um projeto secundário, uma vez que a educação é um enriquecimento da subjetividade que dá certo poder sobre a ação. O segundo trata da educação escolar como um fator de primeira ordem nas relações interpessoais dos indivíduos por meio de diferentes vias. O terceiro aspecto que merece atenção é o fato da educação incidir na estruturação das relações sociais em geral.

Tais aspectos expostos por este autor relacionam-se com os três estados do capital cultural de Bourdieu (2013): *estado incorporado*, cuja acumulação demanda tempo e um trabalho de inculcação e assimilação, o que demanda investimento pessoal no decurso de uma vida; o *estado objetivado* que decorre da aquisição de bens culturais como quadros, livros, dicionários, equipamentos tecnológicos, dentre outros, muitas vezes herdados ou adquiridos nos percursos da vida e da formação e o *estado institucionalizado* que existe a partir da aquisição de títulos e certificados escolares e profissionais, decorrentes do acesso ao sistema de educação formal.

Assim sendo, esses três aspectos apontados por Sacristán (2000) sobre a educação e os três estados do capital cultural, apresentados por Bourdieu (2013) estão diretamente relacionados ao universo letrado e aos processos de mobilidades geográficas pelos quais passaram os professores protagonistas do enredo dessas histórias de travessias que ocasionam mobilidades sociais e culturais, ao possibilitar sair da condição de aluno da escola roça para se constituir professor na cidade e atuar numa universidade, cujas conquistas decorrem de suas *geo(bio)travessias*.

Embora alguns estudiosos, segundo Pastore e Silva (2000), afirmem que o acesso à educação não seja fator preponderante para a mobilidade social, o certo é que a escola localizada no território rural foi um espaço de aprendizagem e de conhecimentos para os 6 (seis) professores protagonistas deste estudo.

Ao refletir sobre o que viveu no espaço rural, bem como sobre a importância que a escola localizada na roça teve no processo inicial de escolarização, a professora Janeide dos Santos lembrou que as questões voltadas para a exclusão da terra e exploração do trabalho rural não foram discutidos como conteúdos curriculares pelos professores que tivera naquela época. Segundo esta professora, o que mais importava era a prática da leitura e da escrita e a maioria dos seus colegas, constituída por homens, acabava abandonando a escola para ajudar seus pais na labuta diária na lavoura, como forma de melhorar o orçamento familiar.

As práticas que eram desenvolvidas na escola eram voltadas para as práticas da leitura e da escrita, do domínio técnico, dos cálculos matemáticos, em síntese, por exemplo, eu me lembro das minhas provas e nenhuma dessas provas fazia a correlação entre as condições de vida daqueles alunos, inclusive a maior parte dos meus colegas abandonou a escola no meio do ano porque tinham que ir para a roça dos outros trabalharem, até porque boa parte deles não tinha terra, então, precisavam trabalhar nas roças dos outros. Então, se os pais tinham que ir 'vender o dia', a maioria dos filhos homens ia porque eles precisavam trabalhar para aumentar a renda da família. (Janeide dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

A professora Janeide dos Santos também relatou que as mulheres tinham mais tempo para estudar porque não migravam temporariamente de uma localidade para outra em busca de trabalho de roça como faziam os meninos, seus colegas, e seus 3 (três) irmãos. Por isso, na sua família, apenas ela e sua irmã Jucélia deram continuidade aos estudos, chegaram até a universidade e se constituíram as professoras⁶² que são. Assim narrou:

As mulheres geralmente ficavam no terreno da casa mesmo, nas roças que faziam nas pequenas propriedades. Com isso, as mulheres estudavam mais porque ficavam mais tempo em casa. Por isso, na escola onde estudei na comunidade Saco do Capim no município de Irará, na década de 1980, somente eu e minha irmã conseguimos adentrar a universidade. Todos os meus colegas daquela época, alguns conseguiram estudar depois, mas naquela época a maioria abandonou a escola para trabalhar, então até hoje eu tenho colegas que são semianalfabetos por conta das poucas vezes que iam à escola e não conseguiam acompanhar o processo porque precisavam sair da escola e ir trabalhar na roça, então por conta disso, os pais não estimulavam essas crianças a irem para a escola, pois a escola era um passatempo para esses pais, pois a coisa certa mesmo era ir trabalhar. (Janeide dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Sobre as dificuldades dos processos de deslocamento geográfico, do sair da roça para a cidade para dar continuidade à formação, o professor Fábio Josué dos Santos relembrou que ia a pé para a escola e percorria diariamente 8 (oito) quilômetros de distância entre a casa onde morava na roça até a escola da cidade porque naquela época não tinha transporte escolar. E, como estratégia, sua mãe,

⁶² Segundo dados do INEP (2014), dos 21.016 professores baianos, 10.761 deles são do gênero feminino e 10.255 são masculino, o que podemos afirmar que, apesar da diferença ser mínima, ainda sim, prevalece no estado da Bahia o grupo de professores constituídos por mulheres. Já nos dados gerais sobre os professores brasileiros, dos 396.595 docentes, em exercício e afastados, 216.775 são homens e 179.820 são mulheres. Sobre os dados de docentes atuando em diferentes IES, como universidades, centro universitários, faculdades e institutos federais de educação, o gênero masculino é superior ao feminino, variando pouco entre os estados da federação brasileira.

que era professora leiga na antiga escola onde ele estudou, segurava os alunos, fazendo-os repetir a mesma série na escola onde lecionava, como uma forma de possibilitar formar duplas de alunos para serem parceiros e companheiros nestes deslocamentos diários entre o espaço rural e a escola da cidade.

Durante o período que estudou na escola de sua mãe, o professor Fábio Josué narrou que ela sempre foi muito preocupada com os estudos dos filhos e, graças a sua dedicação, ele não sentiu dificuldades durante os primeiros anos escolares. Assim rememorou:

[...] a minha mãe era muito preocupada, ela monitorava muito, ela ensinava a gente fora do horário da escola, então, eu fui alfabetizado com tranquilidade. Foi rápido o processo, eu não tive problemas na alfabetização, nem na primeira, segunda ou terceira séries. Eu não tive dificuldades com os conteúdos, pois eram muito bem trabalhados, principalmente as operações matemáticas, então, eu conseguia fazer isso com muita facilidade. Também não tive dificuldade com a leitura e a escrita. Sobre as cartilhas, a gente começava com o ABC, depois mudávamos de etapas. Depois eram livros de uma autora chamada Joanita Souza, a coleção era chamada 'Ainda Brincando'. Então, foi muito tranquilo. Eu fui o melhor aluno da terceira série na escola da roça, mas minha mãe me fez repetir esta série na escola da cidade, onde eu fiz o quarto e o quinto anos na Escola Bernadete e fui um bom aluno, antes de entrar na escola ACM. Entrar lá foi desafiante, pois eu estou falando em 1987-1988. Era uma escola que atendia os filhos dos comerciantes, de professores, de fazendeiros e eu era um menino da roça sem posses. (Fábio Josué dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Ao evocar as memórias sobre os movimentos entre o espaço rural e o espaço urbano; entre a escola da roça e a escola da cidade, o professor Fábio Josué narra experiências, as quais sinalizam questões específicas que caracterizam os lugares vividos e o modo como experienciou os processos de mobilidade. O sair da escola da roça para a escola da cidade fez com que este professor criasse certas estratégias, como estudar muito para se destacar na sala de aula como bom aluno e assim, superar as dificuldades de aceitação e se inserir no novo espaço escolar, pois a sua condição social era diferente da maioria dos alunos matriculados.

No estudo realizado por este mesmo professor, ao investigar sobre a identidade de alunos da roça na escola da cidade, afirmou que:

A cultura da roça orienta prudência: calam-se, agem compenetradamente; dedicam-se apenas a observar, olhar, 'espionar'. Diante desta atitude cautelosa, os/as alunos/as da cidade, para quem o ambiente da escola é mais familiar, recorrem a estereótipos

presentes no imaginário social para demarcar a diferença, denominando os/as alunas/as da roça de 'otários', 'tabaréus da roça', 'ignorante', 'bobo', 'besta', pois 'não sabem nada'. Isso provoca um sentimento de tristeza e envergonhamento, fazendo com que estes/as alunos/as vá rejeitando a roça e os marcadores de identidade que trazem consigo. (SANTOS, F.J, 2006, p. 190)

Mesmo obtendo esta confirmação em suas pesquisas, o professor Fábio Josué dos Santos destacou em sua narrativa que não se envergonhou, nem rejeitou sua origem quando adentrou o espaço da escola da cidade. Este professor veio da roça, não era oriundo de uma família de posses no município de Amargosa, mas criou estratégia para se sentir incluído no novo espaço escolar ao demonstrar que era bom aluno e isso foi decisivo para colocá-lo numa situação privilegiada naquele contexto, naquele tempo, pois tinha que superar àquela ideia de quem vem da roça era matuto, ignorante e que possuía muitas dificuldades de aprendizagens.

Neste processo, vivido pelo professor Fabio Josué dos Santos, dona Rita, sua mãe, foi muito presente, acompanhando o filho no seu percurso de escolarização. Segundo Fábio Josué, ela sempre ia à escola para saber sobre o seu desempenho escolar. Sobre a presença da sua mãe, este professor narrou que:

Ela nos acompanhou o tempo todo. Ela nos levava, ia fazer matrícula, ela ia periodicamente à escola até quando eu estava no segundo grau – atual ensino médio – [...], ela chegava à porta da sala e pedia licença à professora e perguntava sobre o meu desempenho. Então, ela pegava na minha mão e ia para a porta da sala dos professores e perguntava como eu estava. Ela sempre tinha essa preocupação e acompanhava a gente, então foi muito incisiva. Eu estudava, procurava ser bom aluno, muito por conta da influência dela [...]. Eu estudava, tirava boas notas por conta da pressão de minha mãe [...]. (Fábio Josué dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

A presença dos pais no acompanhamento do processo de escolarização também foi uma questão destacada nas narrativas dos professores Antônio Dias, Áurea Pereira, Edite Maria de Faria, Claudene Rios e Janeide dos Santos, sobretudo nos movimentos e deslocamentos para estudar na cidade, pois o apoio e o incentivo dos seus familiares, sobretudo, no que se refere ao cumprimento das atividades e lições escolares, mesmo com pouco nível de escolarização, foi decisivo para a permanência e continuidade dos estudos, bem como, para garantir o 'sucesso' escolar desses professores.

Sobre a influência doméstica no sucesso escolar, Lahire (1997) diz que:

A regularidade das atividades, dos horários, as regras de vida estritas e recorrentes, os ordenamentos, as disposições ou classificações domésticas produzem estruturas cognitivas ordenadas, capazes de pôr ordem, gerir, organizar os pensamentos. (LAHIRE, 1997, p. 26).

A presença, o acompanhamento e a fiscalização dos pais na vida escolar dos filhos – frequência na escola, cumprimento das tarefas solicitadas, definição de agenda, rotina de estudos, dentre outras – são ações importantes no processo de escolarização porque influem em outros momentos da vida e se reverberam nas dimensões pessoais e profissionais.

Os professores sinalizaram, nas suas narrativas, que mesmo sem um grande capital escolar, os sujeitos se constroem no contexto de uma pluralidade de mundos sociais não homogêneos e contraditórios.

Sobre a influência e apoio da família, a professora Edite Maria de Faria também rememorou a presença de seu pai nos seus percursos de escolarização e disse: *“Meu pai sempre foi muito preocupado com o nosso estudo. Lembro que ele era cuidadoso com tudo, com o fardamento, com os materiais que eu levava para a escola, a tabuada e o ABC. Ele arrumava tudo.”* (Edite Maria de Faria – Entrevista Narrativa, 2015)

E, mesmo que o acesso à educação não seja considerada por muitos pesquisadores como um elemento determinante para a mobilidade social, como afirmam Pastore e Silva (2000), o fato é que a permanência na escola e a continuidade dos estudos, promovidas e/ou impulsionadas pelos incentivos dos pais/familiares, ou por uma vontade própria do sujeito, possibilitam a aquisição de bens culturais que viabilizaram uma mobilidade econômica.

A expressão “[...] gente da roça não carece de estudos. Isso é coisa de gente da cidade.” (LEITE, 2002, p. 14) inferioriza e exclui as pessoas que moram e sobrevivem na/da roça e, ainda, é muito forte e facilmente percebida nas salas de aulas das escolas nos pequenos, médios e grandes centros urbanos porque isso tem uma razão histórica, pois a educação rural brasileira sempre foi relegada a planos inferiores, instalada pelos jesuítas e pela oligarquia agrária do Brasil.

Por vários anos letivos, atuando como professora de Geografia no Colégio Estadual Wilson Lins, no sertão baiano, onde iniciei a profissão docente, na educação básica, identificava e percebia o quanto esta expressão era forte, ao observar os modos de olhar, falar e agir dos alunos oriundos da roça, pois em

Valente-BA convivi com alunos que residiam tanto na sede do município, como aqueles que viviam em territórios rurais que eram obrigados a migrar diariamente para a cidade em busca de estudos porque na roça não havia escola que atendesse as necessidades dessa população, sobretudo porque até o início dos anos de 2000 não existia escola no espaço rural que oferecesse o ensino médio, situação essa que mudou nos últimos anos com a criação de alguns programas/políticas governamentais que minimizaram as lacunas deixadas no espaço rural que inviabilizam uma educação de qualidade.

Ao evocar as memórias escolares, sobre o ir e vir da roça para a cidade, para dar continuidade aos estudos, a professora Janeide dos Santos narrou as dificuldades enfrentadas com relação ao transporte escolar naquela época durante esses deslocamentos e disse:

Nós saíamos de casa por volta de 10 h da manhã porque tínhamos que fazer um roteiro enorme no município todo. A gente chegava 12h da manhã, sentávamos em uma praça e ficávamos lá até uma hora da tarde quando a aula começava. A gente tinha que almoçar antes de 10 h e chegávamos à cidade com os cabelos, o pescoço todo sujo de poeira porque o transporte era feito em caminhão e ficávamos parecendo mendigos na praça sentados aguardando o horário de descer para a escola. A gente almoçava cedo, não tinha dinheiro para comprar um lanche e tínhamos que ficar na cidade até perto das 18h quando as aulas terminavam para voltar para a casa. (Janeide dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Neste fragmento da narrativa da professora Janeide dos Santos fica evidenciada a forma de transportar os alunos da roça para a cidade, retratando bem a precariedade e falta de assistência do estado no que concerne às condições de segurança nos transportes escolares durante uma época da história da educação no Brasil.

O fato de não ter uma unidade/prédio escolar na comunidade rural para garantir a continuidade dos estudos, muitas crianças e adolescentes migram diariamente, ainda hoje, em veículos inadequados para transportar os estudantes. Outro elemento que aparece na narrativa da professora Janeide dos Santos são as condições impostas para ter acesso ao transporte e frequentar a escola: almoçar no horário do lanche matinal, não ter acesso à merenda escolar no intervalo das aulas, e retornar tarde para casa com fome.

Sobre as questões que envolvem as escolas localizadas no espaço rural, Leite (2002) faz algumas considerações sobre alguns aspectos que influem diretamente na escola rural, como os sociopolíticos, bem como a situação do professor, a participação dos sujeitos da comunidade na escola, além dos aspectos físicos e estruturais da escola rural, dentre outras. Sobre estas e outras questões, este autor nos mobilizou a refletir:

1. *quanto aos aspectos sócio-políticos*: a baixa qualidade de vida na zona rural; a desvalorização da cultura rural; a forte infiltração da cultura urbana no meio rural; a conseqüente alteração nos valores sócio-culturais camponeses em detrimento aos valores urbanos;
2. *quanto à situação do professor*: [...] formação essencialmente urbana do professor; questões relativas a transporte e moradia; clientelismo político na convocação dos docentes; baixo índice salarial; função tríplice: professora/merendeira/faxineira.
3. *quanto à clientela da escola rural*: a condição do aluno como trabalhador rural; distâncias entre locais de moradia/trabalho/escola; heterogeneidade de idade e grau de intelectualidade; baixas condições aquisitivas do alunado; acesso precário a informações gerais;
4. *quanto à participação da comunidade no processo escolar*: um certo distanciamento do país em relação à escola, embora as famílias tenham a escolaridade como valor sócio-moral;
5. *quanto à ação didático-pedagógica*: currículo inadequado, geralmente estipulado por resoluções governamentais, com vistas à realidade urbana; estruturação didático-metodológica deficiente; salas multisseriadas; calendário escolar em dissonância com a sazonalidade da produção; ausência de orientação técnica e acompanhamento pedagógico; ausência de material de apoio escolar tanto para professores quanto para alunos;
6. *quanto às instalações físicas da unidade escolar*: instalações precárias e na maioria das vezes sem condições para o trabalho pedagógico.
7. *quanto à política educacional rural*: são raros os municípios que se dispõem a um trabalho mais aprofundado e eficiente, devido à ausência de recursos financeiros, humanos e materiais. (LEITE, 2002, p. 55-56) (grifos do autor)

Diante de tantas problemáticas relacionadas às escolas localizadas no espaço rural, Leite (2002) ainda questionou: – “Para onde caminha a escola rural no Brasil?” (p. 56). Talvez remexer o baú de memórias de ex-alunos dessas escolas, hoje professores universitários, e narrar suas histórias, traga pistas para compreendermos, de fato, o que mudou na educação rural e quais caminhos levaram os sujeitos desses contextos rurais a se constituírem professores universitários, uma vez que a escola da roça ainda é, para muitos, a única

possibilidade de melhoria de vida e de mobilidade social e cultural, como ficaram evidenciadas nas histórias narradas pelos professores deste enredo.

O professor Antônio Dias começou a sua trajetória de escolarização numa escola multisseriada, na área rural do município de Boquim, aos 5 (cinco) anos de idade. Entretanto, iniciou-se no mundo da leitura com a intervenção de uma prima mais velha, em casa, através de brincadeiras de crianças, e, posteriormente, com a sua mãe, a qual atribuiu o título de primeira professora, conforme o excerto da sua narrativa:

Quando chegou a idade escolar, por volta dos cinco anos, eu tinha uma prima que já estava indo para a escola e sabia ler e ela me inventou a brincar de escola com a gente em casa, na fazenda. Daquele dia em diante eu cheguei e comecei a aprender o alfabeto e essa brincadeira chegou até a minha mãe. Então, minha mãe continuou me ensinando e rapidamente eu aprendi o alfabeto. Eu acho que aprendi rápido. Eu sei que quando eu fui para a escola eu já sabia as letras, até juntar as palavras e tal. A minha primeira professora foi minha mãe. A escola da localidade ficava um pouco distante e eu era muito pequeno para acompanhar meus irmãos mais velhos, então ela preferiu me deixar em casa até que eu ficasse um pouco mais ativo para eu ir andando para a escola. Havia muitos cachorros pelo caminho. [...] Da minha casa até a escola, no percurso tinham uns cachorros valentes. A gente tinha muito cuidado com ladrões, retirantes e os cachorros também e cada vez que eu passava por aquele caminho, eu chegava em casa transtornado na eminência do cachorro pegar a gente. Só o barulho que eles faziam, me deixava transtornado, então, eu esperei o tempo até que minha mãe me deixasse ir para a escola. A escola ficava a uns 3 (três) km da minha casa. Bom, a minha mãe me autorizou a ir à escola, combinou lá com a professora e eu comecei a ir para aula lá. Eu fui com cinco anos. Eu tenho essa data na minha cabeça porque quando eu vim para a cidade eu estava maiorzinho, eu acho que eu tinha uns 10 anos. (Antônio Dias – Entrevista Narrativa, 2014)

Segundo o professor Antônio Dias, na localidade rural em que morava em Boquim-SE, tudo que eles precisavam era comprado na “bodega”, uma pequena casa comercial que vendia de tudo, desde produtos alimentícios a materiais escolares, como os cadernos de caligrafia, cartilhas e a lâmina de ardósia que as crianças utilizavam para fazer as tarefas da escola. Ao evocar essas lembranças, ele narrou:

O português era no livrinho, a leitura a gente exercitava ali e fazíamos as cópias das lições. Usávamos uma pedra com moldura, meio cinza, tipo ardósia. Era uma lâmina grande como se fosse uma cerâmica, com a mesma textura, bem polida e emoldurada, ela devia

ter uns 30cm (trinta centímetros) por 20cm (vinte centímetros) retangular e isso era vendido em todas as bodegas e cada criança tinha que ter uma porque a professora mandava a gente fazer o dever de Matemática nessa pedra, botava as continhas de somar, subtrair, multiplicar e dividir. [...] Havia meninos na escola que não tinham condições de ter a pedra. E, no outro lado da pedra, a gente fazia as cópias que a professora mandava e a gente tinha que levar a lâmina todo dia para casa para fazer a atividade e trazer de volta para a escola no dia seguinte. Escrevíamos diretamente na pedra com um lápis próprio para pedra, era bem primitivo. E depois tinha o mato quebra-pedra⁶³ que a gente molhava e apagava o que tínhamos escrito na pedra naquele dia. No outro dia, na escola, tínhamos que fazer nela novos exercícios e novamente limpava. (Antônio Dias – Entrevista Narrativa, 2014)

Este fragmento narrativo deste professor me faz lembrar da história de leitura de Sanches Neto (2004), na obra “Herdando uma biblioteca”, ao dizer que “Tudo [...] virava pozinho de borracha, sujo de grafite [...]” (p. 12), ao se referir às atividades escolares apagadas quando terminava o ano letivo, durante o seu período escolar, pois o caderno era reaproveitado no ano seguinte. E, no caso do professor Antônio Dias, tudo era apagado na lâmina de ardósia com o matinho quebra-pedra ao final das correções das atividades de Matemática ou das cópias de Português solicitadas pela professora na escola da roça, ficando-as apenas registradas na sua memória porque tinham que ser apagadas diariamente para a realização de novas tarefas, já que não existiam cadernos escolares naquela época de seu processo de escolarização nesta escola localizada no espaço rural em Boquim.

Ainda sobre as lembranças infantis e escolares, no espaço rural de Boquim, o professor Antônio Dias narrou que as leituras faziam parte do cotidiano da família, principalmente porque possuía alguns livros em casa, herdados de seu pai quando estudava em Simão Dias, os quais se constituíram como uma pequena biblioteca particular, mesmo incipiente, mas muito valorizada no ambiente familiar. Este professor lembrou que, mesmo com essas dificuldades, foi assim que iniciou sua história de leitor e escritor, ao se debruçar principalmente nos textos do livro “Meu Pequeno Escolar” e no caderno de caligrafia. Assim narrou:

Mas eu fui desenvolvendo, passei do primeiro livro, o ‘Meu Pequeno Escolar’. Não havia livraria na cidade de Boquim, eram livros que

⁶³ O nome científico é *Phyllanthus*. Popularmente chamada de quebra-pedra, esta planta é uma herbácea rasteira com pequenas folhas elípticas, verde azuladas que se constitui como um dos mais populares chás medicinais utilizados no Brasil, cujos benefícios são voltados aos rins. (Disponível em: www.plantasquecuram.com.br/ervas/quebra-pedras. Acesso em: 29 de maio 2016).

meu pai estudou no estado de Sergipe. Em casa ele tinha livros da Geografia e História de Sergipe e 'Meu Pequeno Escolar', onde eu fazia as leituras dos textos. E [...] como não havia também cadernos, e só tinha o caderno de caligrafia que era onde a gente aperfeiçoava a escrita e achava nas bodegas onde vendiam café, sabão, o caderno de caligrafia e, às vezes também, tinha as cartilhas. O livro 'Meu pequeno escolar', meu pai tinha em casa, então, os livros que meu pai tinha em casa foram aqueles que a gente usava para estudar. (Antônio Dias – Entrevista Narrativa, 2014)

Segundo as reminiscências do Professor Antônio Dias, o livro “Meu Pequeno Escolar” reunia um conjunto de pequenas histórias, algumas crônicas e poesias que abordavam elementos geográficos, como florestas, montanhas e principalmente rios, o que chamava muito a atenção dele porque a região onde morava era muito seca e a água que possuíam em casa era escassa e a família tinha que cuidar com muito carinho, mesmo depois de seu pai ter construído um poço no fundo da residência para abastecer a casa e os animais.

Além do livro “Meu Pequeno Escolar”, o professor Antônio Dias recordou-se também das leituras que fazia na bíblia em quadrinhos que era de seu pai, mas o que mais lhe agradava mesmo eram os livros que seu irmão mais velho ganhava da escola que estudava quando competia, pois era atleta e a unidade escolar premiava os ganhadores com livros. Assim ele disse:

[...] meu irmão mais velho era um excelente aluno, era atleta, muito inteligente e todo ano ele tirava o primeiro lugar nas competições e ganhava livros. Então, [...] os livros dele me enriquecia muito, pois eu tinha sempre alguma coisa diferente para ler. Eram uns livros da história sagrada, esses contos orientais, tipo Simbá, essas coisas assim, e eu ficava fascinado e os livros eram bem ilustrados. (Antônio Dias – Entrevista Narrativa, 2014)

A professora Áurea Pereira também rememorou que era comum fazer leituras durante a sua infância e diz que a sua mãe era muito rígida e exigia disciplina e dedicação durante seu processo de escolarização, determinava que ela lesse e escrevesse corretamente todas as palavras, inclusive das rezas que faziam diariamente em sua residência.

[...] Se não acertasse todas as palavras, eu voltava novamente até acertar, pois minha mãe era muito disciplinada e muito rígida nesse sentido. [...] Até as rezas eu tinha que rezar para ela – a Ave Maria, a Salve Rainha – e se não acertasse tinha que voltar novamente do início até ela observar que estava tudo certo. Foi assim que eu comecei essas leituras e foram provocantes para mim porque quando eu comecei a ir para a escola, eu já sabia ler e escrever com

meus pais em casa. Quando as vizinhas descobriram que eu tinha começado a escrever, me convidavam para anotar as coisas e nessa época eu não tinha ido para a escola ainda. Lembro que eu era convidada para ler as cartas que chegavam e minha mãe me autorizava a ler essas coisas. (Áurea Pereira – Entrevista Narrativa, 2015)

Este excerto narrativo evidenciou também a importância social da escrita ao ratificar pela professora Áurea Pereira que era convidada a ler e escrever cartas e fazer anotações para as vizinhas da comunidade rural onde vivia quando descobriram que ela já lia e escrevia, mesmo antes de ir para a escola, uma vez que foi alfabetizada em casa através da orientação dos seus pais e das práticas leitoras.

O professor Antônio Dias relatou que sempre gostou de ler e recordou-se que no âmbito familiar tinha acesso ao universo letrado, materializados em alguns livros como de Machado de Assis. Ler textos literários e fazer caligrafia eram obrigações impostas pela escola, como aquisição de capital escolar. Segundo ele, o hábito de leitura foi fundamental para sua formação escolar e acadêmica, o que permitiu que ele se constituísse filósofo e jornalista.

Após alguns anos estudando na escola da roça na localidade rural de Boquim, a família deste professor se deslocou para a cidade (sede) deste município para garantir a continuidade dos estudos, pois seus pais não estavam satisfeitos com as práticas escolares desenvolvidas na escola rural, principalmente seu pai Antero Dias, ao perceber que os meninos que frequentavam a escola eram explorados como mão de obra na prática do plantio nas áreas pertencentes à escola onde o filho mais velho estudava. Sobre as reminiscências sobre essa mudança na vida escolar, ao sair da roça para a cidade, em seus processos de *geotravessias*, o professor Antônio Dias narrou:

Eu frequentava uma escola para crianças mais novas e tinha uma escola rural para os mais velhos. Na residência da professora tinha um espaço para as crianças brincarem e outro para a escola. Foi uma escola que Sergipe criou. Em volta da escola tinha um terreno maior onde as crianças eram orientadas para a prática do plantio. Tinham várias hortas onde a professora se alimentava. Os meninos plantavam tudo que a professora precisava. Teve um momento que meus pais se revoltaram porque percebiam que as crianças/adolescentes só faziam trabalhar nessa escola. O meu irmão era um bom atleta e, também, na enxada para fazer as hortaliças. Na verdade, a horta que tinha nesta escola tinha o sentido de manter a cultura do pessoal da região com a agricultura familiar, mas meu pai se revoltou com essa escola e ele não quis que nem eu e minha irmã estudássemos nessa escola. Meu pai comprou uma

casinha na cidade. Eu me lembro que eu fui lá a pouco tempo e a casa tinha metros de largura, muito comprida, com um grande corredor. Meu pai comprou os terrenos dos fundos que dava saída para o beco. Não tinha rua do lado dessa casa, só tinha a rua principal e o beco que ligava essa rua a outra rua. Geralmente os becos eram fundos de casas. Todo mundo era rural, não tinha calçamento e quando passava um carro na cidade era um acontecimento. [...] Quando meu pai comprou esta casa fomos todos para lá. A cidade mudou bastante. Lembro que meu pai comprou esta casa e perto dela tinha o grupo escolar onde eu estudei. (Antônio Dias – Entrevista Narrativa, 2014)

Fica claro neste fragmento da narrativa do professor Antônio Dias que seus pais, mesmo com pouco capital escolar, valorizavam os estudos, por isso, migraram para a sede do município de Boquim para possibilitar a continuidade dos estudos de seus filhos, reafirmando, desse modo, que “[...] é através do capital cultural adquirido ou conquistado que podemos explicar o ‘sucesso’ escolar dos filhos.” (LAHIRE, 1997, p. 30)

Esta justificativa também está presente nas narrativas da professora Claudene Rios, ao afirmar que seus pais se deslocaram da roça para a cidade de Pintadas para dar continuidade aos estudos dos filhos, mas a razão principal do movimento geográfico está relacionada às condições climáticas que assolavam a região devido à escassez hídrica, pois a vida no espaço rural, sobretudo, para os pequenos proprietários, sempre foi dificultada pelas condições naturais decorrentes da falta de chuva. Esta situação natural mobilizou a família desta professora e seus familiares a se deslocarem da roça para a cidade de Pintadas. Sobre este episódio de sua vida, ela relembrou:

No ano de 1978 teve uma seca muito grande lá em Pintadas, era tudo muito difícil, a gente morava na roça e não tinha água, meu pai buscava a 1 km e meio de onde minha mãe nasceu e, neste período, eu já sabia ler e não queria ficar mais na escola porque já sabia de tudo. Eu acho que naquele período, por causa dessas dificuldades, minha mãe ficou com mais coragem e clareza e resolveu com meu pai a mudar para o distrito sede de Pintadas. (Claudene Rios – Entrevista narrativa, 2014)

A mudança da roça para a cidade não foi fácil para a família da professora Claudene, nem tampouco para os demais professores, colaboradores desta pesquisa. Para a maioria dos professores, as razões dos deslocamentos espaciais são justificadas pela continuidade do processo de escolarização.

Sobre os reais motivos que impulsionaram a mudança para a cidade, a professora Claudene Rios mencionou:

[...] A gente passou o ano de 1978 todo, pensando em se mudar para Pintadas porque minha mãe não queria mais ensinar a quarta série, e junto com meu irmão, minha mãe tinha uns 20 (vinte) alunos que estavam na terceira série, então, ela tinha a opção de ensinar a quarta série na escola dela ou então a gente ia ter que ir para a sede de Pintadas de jegue, de cavalo, a pé e aí meu pai não concordou que a gente fosse todo dia de um desse jeito de transporte. Naquela época, Pintadas não era município ainda, era só distrito de Ipirá e com isso minha mãe foi lá em Ipirá falar com o prefeito da época e ele transferiu minha mãe da escola da roça que morávamos e, assim, minha mãe fechou a escola dela [...]. Os alunos foram transferidos da Escola Boa Sorte, de minha mãe, para outra escola que funcionava em outra localidade rural e os que estavam para cursar a quarta série foram para a sede do município que é a cidade hoje. [...] Quando foi em 1979, a gente foi morar em Pintadas, no distrito sede, que hoje é a cidade do município. Então, fomos estudar em uma escola convencional. Eu fui para a quarta série na Escola Santo Antônio e a minha professora foi a Sérgia Rosa da Silva. Nesta escola tinha mais de 40 (quarenta) alunos na sala de aula e o meu irmão foi o meu colega de escola [...]. Lembro que meu irmão caçula era pequeno e eu era a babá dele quando eu não estava na escola. Quando eu chegava da escola, eu ajudava em casa, arrumava a casa, brincava, fazia um monte de coisas em casa, o que é novidade para as meninas de hoje e não me cansava. Achava tudo muito normal e não me questionava porque eu tinha que cuidar do meu irmão mais novo, mas depois minha mãe teve outro filho e eu já estava com 12 anos, eu já era uma mocinha e fazia tudo em casa mesmo, cuidava da criança, dos meus irmãos, aí a minha mãe começou a trabalhar quarenta horas na escola e neste período já éramos 5 (cinco) filhos e as condições não eram boas. [...]. (Claudene Rios – Entrevista narrativa, 2014)

Para Lahire (1997), esses afazeres domésticos, narrados por esta professora, relacionados à ajuda dada para cuidar da casa e dos irmãos menores, dentre outras atribuições do lar, fazem parte do universo doméstico da maioria das classes populares e contribui para que o aluno adquira certa organização cognitiva. Ainda, sobre esta questão, o autor destacou:

O aluno que vive em um universo doméstico material e temporalmente ordenado adquire, portanto, sem o perceber, métodos de organização, estruturas cognitivas ordenadas e predispostas a funcionar como estruturas de ordenação do mundo. (LAHIRE, 1997, p. 27)

Entre as sincronias de desejos, a professora Claudene Rios narrou que gostava muito de morar na roça, mas queria conhecer uma escola diferente da qual tinha no espaço rural, pois desejava conhecer outra realidade escolar e disse:

Pra mim era uma alegria imensa morar na cidade, não que eu não gostasse da roça, mas, eu gostava de brincar na roça, dos porcos que a gente cuidava, do tanque, do quintal, pois eu me lembro de tudo isso com tranquilidade e era bom tudo aquilo, mas eu tinha vontade de conhecer uma escola diferente, eu queria saber como era sentar numa cadeira só para você, de não ter uma professora para tantas turmas, eu queria viver uma experiência diferente! Ai quando eu fui para a quarta série em 1979, a diretora da escola perguntou a minha mãe se ela não queria me botar no ginásio, na escola CNEC. Minha mãe disse que não, pois meu irmão poderia ficar triste e eu era a irmã mais nova, etc. (Claudene Rios – Entrevista narrativa, 2014)

Foi justamente mobilizada pelo desejo de vivenciar outras realidades, a partir do querer conhecer outra escola, diferentemente daquela do espaço rural, que a professora Claudene Rios acreditou que podia ir além do que era imposto pelas condições de seus pais e tornou-se professora licenciada de Matemática e, posteriormente, ingressou na UNEB de Serrinha-BA, como professora concursada.

Enquanto Claudene demonstra a alegria de viver e estudar na cidade, o professor Antônio Dias narrou que seu deslocamento para a cidade houve um estranhamento de ordem cultural, sobretudo do modo como falavam para se referir às coisas do cotidiano. Assim relatou:

Eu estranhei muito. Nós tínhamos uma linguagem comunitária, então muitas palavras que eram da minha comunidade, por exemplo, era diferente na cidade. Eu me lembro de uma briga que a gente teve por conta da palavra tapioca, pois lá onde eu morava na roça, onde eu nasci e me criei, a tapioca era um produto manipulado na casa de farinha. A manipueira era um líquido que vinha da extração dessa mandioca e aquele pó sedimentava. Passava horas a fio para você tirava aquele líquido decantado, o pó, jogava fora com todo cuidado porque ele era perigoso porque se um animal bebesse aquele líquido, morria. A gente recolhia aquele sedimento branco que chamávamos de tapioca. Então, a tapioca tinha que ser lavada de novo para tirar o resto daquele líquido, colocava para secar, fazia o beiju e usava em casa para fazer mingau, etc. Quando eu cheguei à cidade, a tapioca já era o beiju pronto, os meninos da cidade chamavam de tapioca o beiju. E para mim aquilo já era o beiju, então, na cidade eles chamavam de beiju porque seus pais comparavam na feira, então, tinha essa briga. Eu sei que eu via certa agressão física por estar falando errado, mas não me lembro da palavra matuto. O fato é que o que falávamos estava errado. (Antônio Dias – Entrevista Narrativa, 2014)

O professor Antônio Dias disse que foi difícil se adaptar à realidade da cidade porque ele era muito fiel ao mundo rural. A situação vivida na escola da cidade narradas por esse professor, sinaliza as diferenças existentes entre o rural e o urbano.

Ainda, sobre esta questão, a qual sinaliza que o universo letrado das pessoas que vivem em contextos rurais é diferente de quem nasceu e viveu uma vida toda na cidade, o professor Antônio Dias narrou:

[...] Na escola da cidade tinha uma coisa que me encrencou, que se tornou bastante complicado, é que as coisas começavam a ter outros nomes. Por exemplo, coisas que não existiam antes no meu universo e que passaram a existir, como por exemplo, o quadro negro, o mapa, as salas cheias de mapa na cidade e lá na roça não tinha mapa. Eu não conseguia fazer essa ligação de estabelecer as localidades ao mapa, eu não fazia a ligação do mundo do papel ao mundo da vida. Era uma confusão! Eu acho que, provavelmente, outras crianças da minha origem também tinham essas dificuldades. (Antônio Dias – Entrevista Narrativa, 2014)

As memórias sobre as diferenças e as adaptações culturais, do sair da escola da roça para ir para a escola da cidade, este professor considerou que:

Foi um tempo difícil. Eu me lembro que eu era considerado uma criança complicada porque tinha essa coisa de ser fiel ao meu universo simbólico e quando eu me encontrava com outros universos, às vezes as coisas para mim tinha um nome e aquele objeto tinha outro nome em outro universo e começava aquela coisa de que eu estava errado. Lembro que quando minha mãe viajava, ela sempre me mantinha por perto porque eu era muito rigoroso e quando eu chegava em casa eu sempre trazia uma novidade porque eu sempre aprontava alguma coisa com a vizinhança e, por conta dessas coisas, ela não deixava eu brincar na casa dos outros, ela preferia que os meninos viessem para a nossa casa porque ela já me conhecia. (Antônio Dias – Entrevista Narrativa, 2014)

Apesar dos estranhamentos e das dificuldades para se adaptar a este novo contexto escolar e à vida urbana, das diferenças culturais e dos modos de viver da roça e da cidade, o professor Antônio Dias disse que não foi discriminado pelos colegas pelo fato de ter vindo da roça porque naquela época que era jovem não havia muita diferença entre o espaço rural e urbano, mesmo tendo em vista que:

A cidade era um aglomerado urbano, um adensamento demográfico, mas todo mundo vivia da atividade rural, inclusive a forma como ela se organizava, pois o fundo das casas eram becos, onde eram

colocados os animais, como numa roça. Era outro contexto histórico, e eu acho que isso ainda se manter no interior dos estados da federação. Muitas cidades são apenas adensamentos demográficos rurais, aliás, depois desse encontro com a literatura e os organizamos internacionais só consideram cidades acima de 20 mil habitantes. Só é cidade se ela tem autonomia na produção do setor primário, se tem indústria, se tem comércio. Fora disso tudo, ainda continua sendo um espaço rural. A população brasileira é constituída, por grande parte, de pessoas que moram em espaços rurais. (Antônio Dias – Entrevista Narrativa, 2014)

Mesmo mudando para a cidade de Boquim, a família do professor Antônio Dias continuou mantendo o vínculo com a agricultura e com a cultura do mundo rural. Moravam na cidade, mas constantemente voltavam à roça, à antiga moradia, principalmente nas férias escolares.

As migrações na vida do professor Antônio Dias sempre foi uma prática recorrente. Além da primeira migração do espaço rural para o espaço urbano de Boquim, ainda na infância, a sua família migrava temporariamente de uma região para outra em busca de trabalho na lavoura. Isso também ficou evidenciado não só nas narrativas de Antônio Dias, como também nas memórias da professora Janeide dos Santos. Assim eles relataram:

[...] Naquela época, era comum os pais migrarem para colher cacau na região da Bahia e levavam uma semana para chegar a Ilhéus-BA, vindo de Sergipe e muitos iam de trem até Monte Azul, em Minas Gerais, e passava em Caetité, na Bahia [...]. Iam trabalhar no café em São Paulo. Muitos dos meus amigos de infância acompanhavam seus pais nessas migrações, ou então, os pais viajavam e deixavam os filhos com a mãe. Não era uma coisa que deixava a gente feliz e sossegado e que dava futuro e tal, era uma situação complicada e, apesar de não piorar a nossa condição de vida, não progredíamos, mesmo com as safras que o meu pai tinha porque naquele tempo pagava imposto alto para transportar uma matéria de um município para o outro. Os juro da alfândega comia praticamente tudo que se produzia na roça. (Antônio Dias – Entrevista Narrativa, 2014)

[...] logo que eu nasci, meu pai teve que sair de onde morávamos, daquele lugar, para trabalhar nas lavouras de sisal para conseguir recursos para manter a família recém-formada, pois quando ele casou, com minha mãe, ele tinha 19 anos. Então, já começa a trajetória de que você vive em um espaço, mas que precisa sair para adquirir recursos em outro lugar porque ali não dava para retirar os elementos básicos para a sobrevivência, como a alimentação, moradia, vestuário. (Janeide dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Nestas narrativas dos professores Antônio Dias e Janeide dos Santos ficaram evidenciadas as dificuldades que seus pais enfrentaram para garantir as necessidades básicas das famílias, uma vez que o trabalho na lavoura é movido pelas condições climáticas, por isso, as migrações temporárias e pendulares eram frequentes, sobretudo no período de estiagem na sub-região do sertão do nordeste brasileiro e na época de plantio e colheita na zona da mata nordestina.

Com o processo de mobilidade geográfica, do sair da roça para morar e estudar na cidade, os professores Antônio Dias e Áurea Pereira rememoraram que sentiram dificuldades para se adaptar nas escolas da cidade porque o cotidiano era diferente, principalmente porque na escola da cidade não reunia na mesma classe crianças com idades tão diferentes como já estavam acostumados com as escolas multisseriadas da roça. Vejamos:

[...] eu sofri um pouco na adaptação do jeito da cidade. Na escola da cidade, as classes não tinham crianças com grandes diferenças de idade, então, tinham os meninos da minha idade ou um pouco mais velhos, no máximo 2 (dois) anos, mas estavam todos no mesmo nível escolar. No quarto ano sempre tinha a formatura para ir para o ginásio que também tinha uma espécie de vestibular, uma seleção. Nesse grupo escolar eu não sei se eu aprendi algo porque eu já sabia ler, mas eu comecei no primeiro ano. É provável que os estudos que eu fiz no espaço rural não foram aproveitados, pois eu comecei no primeiro ano lá. As crianças já chegavam lá alfabetizadas. (Antônio Dias – Entrevista Narrativa, 2014)

[...] Quando eu cheguei à escola em Alagoinhas, eu achei tudo estranho e diferente da outra em Inhambupe porque funcionava em uma sala de uma residência de uma professora. Eu comecei a ficar indisciplinada e a faltar aula porque eu não gostava da escola, nem da professora e nem do lugar. Ai eu faltava aula e minha mãe ficava no meu pé para estudar. Meu pai comprou todos os livros que pediram, e ele tinha uma grande preocupação com a educação. Naquele tempo os pais compravam os livros [...]. Ele tinha muito gosto de comprar os melhores materiais. Então, meu pai comprou tudo, pegou a lista com a professora Mercê, que ainda está viva, e comprou. (Áurea Pereira – Entrevista Narrativa, 2015)

Do mesmo modo, os professores Fábio Josué dos Santos e Janeide dos Santos relataram dificuldades de adaptação ao espaço urbano porque a escola da cidade tinha uma dinâmica diferenciada da qual já tinham se acostumado nas vivências rurais, sobretudo porque eles não se sentiam daquele lugar, uma vez que seus modos de ser caracterizavam o espaço rural e, na visão urbanocêntrica, o aluno da roça não sabe nada, supervalorizando os saberes e vivências dos sujeitos

que vivem nas cidades em detrimento daqueles oriundos de contextos rurais. Assim rememoram estes professores:

A escola ACM era uma escola que abarcava os filhos dos comerciantes, de professores, de fazendeiros. Era o final de um contexto de escola pública que recebia parte de uma elite de Amargosa. Nós tínhamos alunos da roça, mas eram poucos. Mas eu sofri um processo muito forte nessa escola pelo fato de ser da roça, de ser de uma família sem nome de peso no contexto da cidade, e a minha alternativa para me sobressair foi justamente procurar ser um bom aluno, ter boas notas. Lembro que a escola tinha esses filhos de papai que discriminavam a gente e ficávamos assustados. Quando os professores devolviam as provas, anunciando as notas e eu tirava 9.0 e 9.5, foi utilizando nesse mecanismo que fui superando a discriminação. Agora isso tudo veio da minha mãe, pois ela foi decisiva na minha trajetória estudantil. (Fábio Josué dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Eu senti a maior ruptura quando cheguei à cidade. Primeiro, porque historicamente a roça era o lugar bucólico, o lugar do pobre, do atrasado, de quem não tinha dinheiro para ser arrumado, de quem não sabia falar corretamente, então, dentro da escola, a gente viu naquele momento a divisão do espaço da sala de aula. Você tinha uma linha imaginária dividindo os dois lados. De um lado os alunos da roça e de outro, os alunos da cidade. Os alunos da cidade eram falantes, participavam de todas as aulas, conversadores, gaiatos e os alunos da roça eram todos mais retraídos, sentados juntos, tinha uma rede de solidariedade, alguns levavam umbus para amenizar a fome à tarde na hora do intervalo e a gente foi se inserindo. Eu senti a maior dificuldade de estudar quando cheguei à cidade porque eu passei a ter referências de estudo que eu não tinha tido. Estava muito no nível elementar mesmo, contudo, essa escola onde fui fazer o curso de magistério ela ainda tinha uma série de precariedade em relação ao quadro docente [...]. (Janeide dos Santos, Entrevista Narrativa, 2014)

Ao evocar as memórias escolares, a professora Áurea Pereira, narra uma situação vivenciada na Escola de Dona Nina, uma escola rural que funcionava num cômodo da casa desta professora que dava nome à escola. Esta unidade escolar localizada distante da sua casa, cujo acesso necessitava caminhar uma hora para ir e uma hora para retornar para sua residência.

No primeiro dia de aula a minha mãe mandou uma carta para a professora, mas assim, na primeira semana de aula eu me lembro de uma cena interessante de uma professora que estava dando aula sobre o descobrimento do Brasil. Eu nunca esqueci essa aula porque ela começou a falar como foi que os portugueses chegaram no Brasil e que os índios se alimentavam da caça e da pesca assim como de raízes, aí eu criei um imaginário dessa coisa, dos índios se

alimentando da caça, dos peixes e das raízes também. Essa cena até hoje ficou marcada na minha memória. [...] Depois de umas duas semanas minha mãe mandou uma carta para saber como eu estava na escola e a professora respondeu a carta para a minha mãe que eu ia muito bem, que eu já sabia ler e escrever e que eu tinha um desenvolvimento muito bom e que eu só estava revisando aquilo tudo, que eu era uma das melhores alunas que ela tinha, mas isso tudo foi resultado dos meus estudos com meus pais em casa antes de ir para a escola. Além disso, em casa, eu tinha o acompanhamento familiar. (Áurea Pereira – Entrevista Narrativa, 2015)

Este acompanhamento familiar, narrado por esta professora sinalizou a importância da presença dos pais na formação escolar, o que se reverberou no seu sucesso escolar. Sobre este aspecto, Lahire (1997) asseverou que:

[...] a família e a escola podem ser consideradas como redes de interdependência estruturadas por formas de relações sociais específicas, então o ‘fracasso’ ou o ‘sucesso’ escolares podem ser apreendidos como o resultado de uma maior ou menor contradição, do grau mais ou menos elevado de dissonância ou de consonância das formas de relações sociais de uma rede de interdependência a outra. (LAHIRE, 1997, p. 19).

Em outro excerto da narrativa do professor Antônio Dias, ele lembrou que sentiu dificuldades para se adaptar a uma nova cultura principalmente porque seu irmão mais novo era cego e muito apegado a ele e tinha que deixá-lo em casa para ir à escola e narrou:

O meu irmão que morreu ano passado [2013], eu tinha muito cuidado com ele, pois ele não enxergava, eu não sabia o que era um cego e como eu vivi minha infância e crescemos juntos, era preciso que a gente ficasse em casa perto dele. Tudo que eu fazia, ele fazia também. Ele segurava a mão no meu ombro e a gente fazia tudo junto, como ir ao riacho e montar cavalo. Tivemos uma separação quando fui estudar na escola da cidade e isso foi uma coisa ruim. Ele passava a manhã toda sozinho em casa esperando eu voltar para eu poder brincar com ele e isso foi ruim porque eu sentia a falta dele e ele sentia a minha. Quando eu chegava da escola, eu contava para ele tudo que aprendia. Tinha umas latas de uns doces de goiabada que tinha umas letras impressas em alto relevo. Eu me lembro bem da goiabada Cica, tinha outro nome mas eu me esqueci, com as letras em alto relevo e eu passava o dedo do meu irmão cego em cima da letra para ele entender. Uma vez fiz uma confusão com a minha mãe porque eu queria que ela arranjasse um livro daquele jeito para eu ensinar meu irmão, pois as latas de doces em alto relevo não eram suficientes para meu irmão aprender todas as letras, bem como aprender o que eu aprendia na escola e minha mãe dizia que não tinha, mas eu insistia dizendo que ela não procurava e eu

enchia mesmo o saco até quando ela perdia a paciência comigo.
(Antônio Dias – Entrevista Narrativa, 2014).

Nessa narrativa deste professor, ele deixa claro o modo seriado do processo de escolarização para quem vive em contextos urbanos, diferentemente da escola da roça onde o professor Antônio Dias convivia com crianças de idades/séries/anos escolares diversos numa mesma classe – a multisseriada. Além disso, a ida para a escola da cidade fez com que ele se separasse um pouco de seu irmão mais novo, mas para diminuir um pouco a falta da presença dele durante o tempo que ficava na escola, quando ele voltava dela, tentava ensinar as letras e as palavras ao irmão cego, num processo de alfabetização através de situações cotidianas. Este período demarcou bem a preocupação do professor Antônio Dias com o próximo. Neste contexto, ajudou o seu irmão cego que precisava ser alfabetizado e criou estratégias, ainda na sua infância, para ensinar as letras do alfabeto. Tal situação pode ser considerada como a primeira ação da iniciação à docência, embora este professor não reconheça isso nas suas narrativas.

Depois de certo tempo, um pouco antes de concluir o ensino fundamental I, o professor Antônio Dias se lembrou de que apareceram alguns padres na cidade de Boquim, oriundos de Salvador, da Santa Missão, convidados pelo bispo de Aracaju para fazer atividades missionárias e isso sempre acontecia a cada dois anos em algumas cidades de Sergipe e uma tia materna que era muito carola, tinha contato com os padres, inclusive os hospedavam na sua casa e dizia que o professor Antônio Dias tinha que estudar na escola dos padres em Aracaju e o encaminhou juntamente com seus pais. A partir desse contato com os padres, o professor Antônio Dias saiu de casa aos 10 (dez) anos de idade para estudar e ultrapassou os limites da Serra de Itabaiana que tanto sonhava em conhecer um dia.

Os padres levaram o professor Antônio Dias para estudar na escola deles em Aracaju, no Colégio Diocesano de Aracaju, decisão apoiada por seus pais que não queriam que ele fizesse o ensino fundamental II no Ginásio Santa Terezinha, onde o irmão mais velho tinha estudado. Sobre estes acontecimentos biográficos, o professor Antônio Dias narrou:

Meu pai concordou em me mandar para Aracaju, para o colégio dos Padres que era em regime de internato porque meus pais moravam no interior e em Aracaju eu não conhecia ninguém. Eu era uma criança com dez anos no meio daquele povo e foi quando eu senti muitas transformações em minha vida, foi um momento terrível para

mim porque a minha casa era a minha escola. Então, na escola dos padres eu tinha um horário para acordar, para dormir, para estudar, tudo marcado por um sino, pois quando o sino tocava, todo mundo sabia o que fazer naquele horário e como eram muitos alunos, tinha a turma dos maiores que estavam perto de ir fazer a faculdade para fazer Filosofia e depois tinha uma turma de crianças, de adolescentes e a minha turma que era dos meninos pequenos. Para cada uma dessas turmas, tinha um prefeito – um aluno mais velho – que tomava conta da gente no internato. Então, era tudo disciplinado. Nós aprendemos a jogar futebol, a fazer muito esporte, ou seja, a vida inteira era na escola e não tinha essa coisa de você sair. Na quinta a gente podia sair à tarde, pois os que tinham bom aproveitamento na escola podiam sair para dar uma volta na cidade de Aracaju. (Antônio Dias – Entrevista Narrativa, 2014)

Na narrativa do professor Antônio Dias há descrições sobre o cotidiano da escola em Aracaju, as rotinas disciplinadoras e as imposições do internato coordenado pelos padres.

Segundo o professor Antônio Dias, na escola dos Padres em Aracaju, todos os alunos eram tratados da mesma forma, sem discriminação social, pois esta escola reunia crianças/adolescentes de vários contextos sociais, muitas delas com um bom capital econômico e outras desprovidas economicamente. Além disso, a vida na capital sergipana era muito diferente da vida na roça. O principal elemento destacado pelo professor Antônio Dias foi a energia elétrica, conforme a sua narrativa.

Quando cheguei à escola dos padres, em Aracaju, me senti completamente perdido, então os hábitos, as perguntas que faziam, tudo eu queria saber o porquê, era um mundo novo. Lá na roça não tinha luz elétrica e quando eu cheguei em Aracaju estava tudo iluminado e podia ficar até mais tarde porque tinha luz o tempo inteiro, então foi choque violento na minha vida. Era como se tivesse colocado uma parede entre as duas realidades que vivi. Eu me lembro de um episódio em minha vida ali [...] eu só queria vir embora, voltar para a minha fazenda, para a minha vida no campo, mas eu era forçado a ficar naquele lugar. (Antônio Dias – Entrevista Narrativa, 2014)

Além da estrutura física do Colégio Diocesano de Aracaju, nas narrativas do professor Antônio Dias, as memórias mais marcantes são dos professores que faziam parte do grupo de docentes.

Quase todos os professores eram padres. Lembro-me do professor de História que não era padre, do professor de Música que era maestro da orquestra da cidade de Aracaju, o senhor Orfeu, e do professor de Português que mandou fazer uma carta como tarefa

escolar e eu escrevi para meu pai. Nesta carta eu perguntava por mamãe, se ela já tinha melhorado, ficado boa da cabeça porque tinha fortes dores na época em que morávamos na roça e quando chegávamos mais cedo da escola papai pedia para fazermos silêncio por causa da dor de cabeça de mamãe. Quando li a carta em voz alta, um colega gaiato perguntou se minha mãe era doida. Não ficou pedra sobre pedra na sala! Eu aprontei, avancei no professor, nos alunos e eu virei um brinquedo nas mãos deles. Todo mundo me pirraçava, me irritava, fazia piada. Depois disso até que chegou um momento que eu não quis mais ficar lá. Eu fui para esta escola dos Padres em 1956 e fiquei até 19 de março de 1959 e quando acabaram as férias e estava começando o ano letivo, eu já estava pré-adolescente e falei que eu não queria mais ficar na escola dos Padres, pois lá também não podia namorar. [...] Então, pedi para chamar meu pai para eu ir embora desta escola. (Antônio Dias – Entrevista Narrativa, 2014)

As mobilidades geográficas do professor Antônio Dias só estavam começando com a chegada da adolescência. Saiu desta escola/internato em Aracaju e voltou para Boquim.

[...] meu pai não queria que eu voltasse para o colégio que meu irmão mais velho havia estudado, então, procurou o padre que me batizou e que conhecia a nossa família para indicar outra escola. Este mesmo padre tinha fundado um colégio na cidade de Tucano, na Bahia e ele me levou para estudar naquela escola em março de 1959. Nesta nova escola, eu tinha o padre como referência. Mas o colégio era uma pobreza muito grande. A gente comia o que plantava. [...] Chegamos lá em Tucano e eu era o menino que mais sabia ler, então, eu dava aula para os outros, inclusive para as pessoas mais velhas indicadas pelo padre para fazer estudos religiosos e, como eu era um pouco mais instruído, fui designado a dar aula e ensinar o que sabia. Acho que isso foi a minha primeira experiência enquanto atividade de ensino. Eu tinha 13 anos. Eu fiz 14 anos no final do ano de 1959. Não tinha professores na cidade e eu ensinava todos àqueles que não sabiam inclusive gente mais velha que eu! Este padre tinha dois colégios, o colégio dos meninos e outro vizinho das meninas que tinha uma cerca que os separavam. As freiras tomavam conta das meninas e os padres dos meninos. Nesse período, eu recebia bilhete das meninas, pois eu era bonito e tal [...] eu guardava todos os bilhetes porque eu achava aquilo um máximo! Um dia a gente estava jogando ping-pong [...] e eu dei uma cortada lá num cara e [...] ele partiu para cima de mim e [...] à noite procurou o padre lá e contou que eu tinha vários bilhetes, cartas de namoradas, mas não era de namorada porque eu não tinha o contato com essas meninas da escola onde elas ficavam com as freiras. Eu via as meninas na igreja, nos passeios da cidade e no coral. (Antônio Dias – Entrevista Narrativa, 2014)

Nesta narrativa sobre a mobilidade de Boquim para Tucano no sertão da Bahia, o professor Antônio Dias relatou o cotidiano da nova escola, as dificuldades

enfrentadas e as diferenças em relação à escola dos padres de Aracaju. Foi nessa escola que ele reconhece as primeiras ações da iniciação à docência, ao ensinar os colegas que apresentavam dificuldades na escrita e leitura. Por conta das suas vivências em Aracaju, e o fato de ter mais experiência que os demais, o professor Antônio Dias se destacou na escola/internato em Tucano. Além disso, neste fragmento, este professor narrou o episódio que o levou à expulsão desta escola, principalmente porque negou ao padre que não tinha intenção de seguir o sacerdócio.

O episódio da expulsão da escola de Tucano-BA ficou marcado na memória do professor Antônio Dias, principalmente por causa do modo como ocorreu, numa madrugada, num lugar de difícil acesso, sem comunicação prévia aos seus pais, sem transporte, numa noite fria e, principalmente, porque ele era um adolescente. Sobre este episódio, o professor Antônio Dias disse que já fez terapia e que já ressignificou este fato biográfico na sua vida, mas descreveu que naquele momento ele estava:

[...] completamente desprotegido. Até que apareceu um carro tanque que vinha para Tobias Barreto-BA, perto de Boquim-SE e só tinha lugar para mim na bulé⁶⁴, [...] eu ficava agarrado nos ferros [...]. O vento estava frio naquela noite do sertão, até que eu cheguei nessa cidade e passei um telegrama para o meu pai, mas eu cheguei em casa primeiro que o telegrama, pois consegui uma alma caridosa num jipe, me conheceu e resolveu me levar para Boquim. Quando eu cheguei em casa meus pais tomaram um maior choque com a irresponsabilidade do colégio por ter me soltado nesse mundo sozinho, ter ficado com minha cama e com muita coisa minha lá. Depois o padre mandou uma carta explicando porque eu estava sendo devolvido para casa [...]. (Antônio Dias – Entrevista Narrativa, 2014)

A saída de Tucano e o seu retorno para Boquim, foi mais uma migração praticada pelo professor Antônio Dias, ainda criança. Após ter sido expulso do colégio em Tucano, na Bahia, o professor Antônio Dias descreveu que quando chegou em casa, seus pais e irmãos estavam previamente preparados para migrar de Boquim-SE para a mesorregião do Centro-Sul da Bahia⁶⁵ por diversos motivos, principalmente por causa da seca e por questões políticas que envolviam até

⁶⁴ Refere-se à carroceria do caminhão.

⁶⁵ Segundo a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – SEI (2016), o estado da Bahia possui 7 (sete) mesorregiões, a saber: Extremo Oeste Baiano, Centro-Sul Baiano, Centro-Norte Baiano, Metropolitana de Salvador, Nordeste Baiano, Sul Baiano e Vale São Franciscano da Bahia, subdivididas em 32 (trinta e duas) microrregiões baianas.

ameaças de morte, o que descobriu, tempos depois, quando se tornou adulto. Assim, eles acabam se instalando no município de Itapetinga⁶⁶, no sudoeste da Bahia, muito longe de Boquim, distante da capital baiana por 562 km, considerado atualmente como um dos municípios mais urbanizados do interior baiano, cuja economia é movimentada principalmente pela pecuária, além da indústria e outros serviços. Naquele tempo, Itapetinga era um município meramente rural-agrícola, não tinha calçamento, com linguagem e costumes bem diferentes dos dias de hoje. Sobre esta migração, Antônio Dias disse que:

Impulsionado pela seca, pela questão agrícola mesmo e pelas brigas políticas no meu município, tivemos que mudar. Lá em Boquim a política era acirrada. Tinham dois partidos no Brasil na época que era o PSD-Partido Social Democrático e tinha o UDN-União Democrática Nacional. O PSD a gente chamava de rabo branco e a UDN que era o partido de Carlos Lacerda e tal. O PSD era ligado a Juscelino Kubitschek. Quem era de um partido não comprava nem uma galinha de uma pessoa que era do outro partido, era um tremendo preconceito. Então, tinha esse fundamentalismo. Havia muitas mortes na cidade e todo mundo que se posicionava recebia ameaça e meu pai recebia ameaça de morte, ele nunca conversou isso com a gente. Aquilo que podia deixar a gente mal, ele não conversava com os filhos. Eu vim saber dessas ameaças muito tempo depois quando eu me encontrei com algumas pessoas que conheciam meu pai, mas nós saímos da cidade em função da seca e em função dessa animosidade política que tinha em Boquim e nós migramos. (Antônio Dias – Entrevista Narrativa, 2014)

Com a saída de Tucano-BA e a chegada em Itapetinga-BA, no final de 1959, o professor Antônio ficou sem estudar. Segundo ele, a instalação da família em Itapetinga foi muito difícil, pois o dinheiro que seu pai Antero Dias tinha levado para este novo município não foi suficiente para manter as mesmas condições de vida que tinham no estado de Sergipe. Neste contexto, o professor narrou que ele, seu pai e o irmão mais velho tiveram que fazer, eles próprios, com a ajuda de um pedreiro, alguns ajustes nesta nova casa porque eles não tinham dinheiro suficiente para pagar esses serviços de construção e reforma da casa. Este episódio de chegada difícil no município de Itapetinga, na Bahia, demarcou o momento inicial do trabalho braçal de Antônio Dias ao envolver-se com a reforma/adequação da casa, pois por conta das poucas condições econômicas da família neste novo contexto,

⁶⁶ Município do estado da Bahia que faz parte da mesorregião do Centro-Sul Baiano, que integra a microrregião de Itapetinga, composto por nove municípios: Encruzilhada, Itambé, Itapetinga, Itarantim, Itaroró, Macarani, Maiquinique, Potiraguá e Ribeirão do Largo. (SEI, 2016)

ele ajudava seu pai em tudo que era necessário e isso ficou marcou a memória deste professor, situação que o deixou muito mal naquela época porque, até então, Antônio Dias achava que sua obrigação era somente estudar e não tinha o hábito de trabalhar, mesmo os trabalhos domésticos.

Alguns dias depois que chegaram a Itapetinga e ajudar seu pai em tudo que era necessário, apareceram alguns frades convidando crianças e jovens para estudar no Colégio Santo Antônio em Feira de Santana-BA, em regime de internato e o professor Antônio Dias foi, em 1960, mais uma vez, influenciado pela mesma tia carola a ir para a escola dos padres, pois esta tia também havia migrado para Itapetinga. Nas lembranças do professor Antônio Dias, naquela época, muitos familiares migraram também junto com seus pais e irmãos, pois eram judeus e era comum todas as pessoas que faziam parte da mesma família migrar junto.

O Colégio Santo Antônio, localizado no bairro dos Capuchinhos, em Feira de Santana-BA, era considerado uma referência de escola na região, com bons professores e boa infraestrutura física. Como o professor Antônio Dias já tinha estudado em outros colégios em regime de internato, a exemplo dos colégios em Aracaju-SE e em Tucano-BA, adquiriu um bom currículo, cujas aprendizagens o qualificaram como um dos melhores alunos do primeiro ano do ginásio no Colégio Santo Antônio.

A mudança de Itapetinga para Feira de Santana se constituiu a mais importante migração na trajetória de escolarização do professor Antônio Dias, conforme sinalizado na sua narrativa:

O Colégio Santo Antônio me fez muito bem! Tenho uma profunda admiração pelo colégio. Lá eu mantinha uma relação profunda com os livros e os professores contavam histórias desafiadoras de padres franciscanos e isso me impressionava muito. Tinha o Frei Serafim que era o professor de música, ele ensinava a gente a cantar e me ensinou a ter gosto pela música erudita. [...]. Então, como eu estava na adolescência, eu pensava em ficar com eles lá, ir para a Itália porque eles tinham conexão com este país. Eu sei que foi lá que eu comecei a sonhar e pensar no futuro, mas eles decidiram me expulsar novamente do colégio, pois os padres de Tucano e de Feira de Santana eram muito próximos e não sei se alguém me viu na igreja e noticiou em Tucano que eu estava estudando com os Capuchinhos em Feira de Santana. Um belo dia em Feira de Santana chega o padre de Tucano para visitar o padre do Colégio Santo Antônio e nós estávamos na capela lá, ele entra e eu comecei a achar que aquela visita não era boa para mim, eu senti mesmo que aquele homem foi lá para me prejudicar. Só sei que depois disso,

este padre foi embora e quando chegou o final de ano quando acabaram as aulas, todo mundo conversava com o padre e tal e naquela conversa eu fui dispensado pela escola. (Antônio Dias – Entrevista Narrativa, 2014)

Sobre as lembranças nesta escola, Antônio Dias disse que foi neste colégio em Feira de Santana que aprendeu o gosto pela música erudita e afirmou que não consegue trabalhar hoje sem ouvir música clássica, sem ouvir Brahms e Mozart, por exemplo, e, mesmo ter repetido o primeiro ano do ginásio nesta escola, em 1960, por causa da inconclusão do ano letivo de 1959 em Tucano-BA, decorrente da expulsão naquela escola, o Colégio Santo Antônio fez muito bem para ele e recorda-se com carinho de muitos professores que eram padres, principalmente do Padre José Alberto Mutuípe que ensinava Português com muita facilidade e se preocupava com a aprendizagem dos alunos e com o professor de Latim que o encantava com o jeito de ensinar.

Nas narrativas dos professores Antônio Dias e Claudene Rios, a iniciação à docência ocorreu precocemente, sem intenção e sem preparação para tal função em diferentes contextos geográficos e sociais. Enquanto a Claudene Rios foi obrigada a substituir a mãe na Escola Boa Sorte, no espaço rural, o professor Antônio Dias iniciou na cidade de Tucano/Bahia.

Conforme verificado nas narrativas, todos os professores colaboradores da pesquisa realizaram *geotravessias* para garantir a continuidade dos estudos, exceto a professora Edite Maria de Faria. Para alguns, essas mobilidades geográficas, marcadas pelas constantes migrações diárias e/ou temporais, possibilitaram experienciar múltiplas situações em diferentes contextos. Alguns demonstraram que algumas situações vividas exigiram enfiamentos e elaboração de táticas e estratégias para superar as diferenças sócias, culturais e econômicas e conseguir seguir em frete e escrever as suas *biotravessias*, *tema que será abordado a seguir*.

5.3 Tornar-se/Ser professor universitário: *biotravessias*

Eu sou responsável pelo o que sou, como também as pessoas que estão ao meu redor, mas a responsabilidade maior do que eu me tornei é minha, pois não adiantava ter a professora Mercês e pais rigorosos se eu também não fosse essa pessoa determinada. [...] Quando eu comecei a ser professora eu imaginei o que eu queria e

como eu poderia ser professora. Ai eu comecei a visualizar aquilo tudo e projetar. (Áurea Pereira – Entrevista Narrativa, 2015)

A narrativa da professora Áurea Pereira que abre esta última seção que compõe este capítulo nos remete às seguintes questões: Como uma pessoa se torna professor universitário? Quais experiências de vida marcam os percursos e as trajetórias de formação dos professores? Quais sentidos são atribuídos aos percursos de vida, nos processos de mobilidades geográficas que deram significado ao ser professor de universidade? Estas são questões que nos remetem à identificação, descrição e análises dos fatos ocorridos durante os percursos de vida, de escolarização e das trajetórias de formação para compreendermos o processo de tornar-se/ser professor universitário, sobretudo quando eles têm histórias marcadas por fatos e acontecimentos iniciados em contextos rurais, já que, conforme Lahire (1997), nenhum fato isolado justifica um acontecimento biográfico de sucesso escolar/acadêmico na vida de uma pessoa, uma vez que somos o resultado de um conjunto de histórias, vivências e experiências que compõem a trajetória de vida.

Segundo Lahire (1997),

As análises estatísticas de alguns percursos escolares de 'êxito' em meios populares fazem, aliás, realmente evidenciar-se dois pontos fundamentais. Por um lado, nenhum fator explica por si só o 'sucesso' dos alunos: avós não-operários, uma relativa estabilidade profissional e uma comodidade financeira de um pai mais para operário qualificado, uma mãe ativa ou com uma situação profissional mais elevada do que o pai, uma família pouco numerosa, uma trajetória de imigração dos pais ..., tudo isso pode contribuir para explicar certas trajetórias escolares, mas nenhum desses investimentos se mostra claramente determinante. Por outro lado, quando se tenta ver se o acúmulo de investimentos mais sólidos pode possibilitar uma melhor compreensão dos casos observados, constata-se que raras são as famílias que acumulam os fatores mais favoráveis, e encontram-se até casos de alunos que acumulam mais investimentos do que outros e que são ou foram escolarizados em escalões menos nobres. (LAHIRE, 1997, p. 287)

Tornar-se/ser professor universitário abrange diferentes aspectos que perpassam, sobretudo, pela iniciativa de investimento pessoal que mobiliza a formação profissional para o exercício da profissão, a qual ocorre a partir das aprendizagens e experiências vividas e, no caso dos professores desta pesquisa, o tornar-se/ser professor ocorreu a partir dos fatos e acontecimentos experienciados nos processos de mobilidades geográficas (*geotravessias*), realizados em tempos e

espaços diferentes, que os possibilitaram, no devir da profissão, as mobilidades sociais, econômicas e culturais (*biotravessias*), tendo a família (os pais) como seus principais incentivadores.

Segundo Soares e Cunha (2010), a formação docente para o exercício profissional no ensino superior perpassa pela:

[...] escolha e investimento, e, desta forma, resulta no desenvolvimento pessoal e profissional. Assim, a formação acentua o caráter imprescindível do engajamento consciente, voluntário e responsável do sujeito no processo de sua formação [...]. (SOARES; CUNHA, 2010, p. 31)

Sobre este aspecto do engajamento consciente, a professora Claudene Rios relatou o momento decisivo da sua escolha profissional.

Eu tinha facilidade de aprender todas as disciplinas e, além do mais, queria ser professora de Matemática porque uma vez eu fui ao banco e o pessoal não sabia preencher cheque, aí quando eles viam alguém que estudava, eles pediam. E, eu me lembro de que eu preenchi um cheque para o senhor de idade e ele me elogiou bastante. E com isso eu fui juntando situações como essas e associei ao meu gostar de Matemática. Por isso decidi ser professora de Matemática e dizia que, se fosse escolher entre as disciplinas, eu iria ser professora de Matemática. Foi uma decisão que tomei no decorrer do processo de escolarização [...], mas eu acho que o período que passei como professora do primário no primeiro semestre de 1987 eu aprendi muito, muito mais que todo o meu ensino porque estudava muito para dar aulas e isso fortaleceu o meu aprendizado por toda a minha formação de estudante porque eu estudava para dar uma aula legal, coisas que eu não prestava atenção quando eu era estudante, eu prestei enquanto professora. Então, quando eu vim prestar o vestibular no mês de junho, eu vim com outra qualidade, sabendo o que estava fazendo. O vestibular de janeiro, quando tentei Administração, eu fiz pelo desejo de querer fazer e tal, mas não tinha muita consciência do que eu estava fazendo, então para mim esses seis meses como professora do primário foram essenciais para a minha formação pessoal e profissional, pois me deu outra consciência da profissão e um monte de coisas que eu sentia e não sabia explicar. (Claudene Rios – Entrevista narrativa, 2014)

Do mesmo modo que a professora Claudene Rios narra situações que implicaram nas suas escolhas, as memórias evocadas pela professora Áurea Pereira sobre os seus percursos de escolarização exemplificam as marcas de uma trajetória de escolar que nos levam a compreender que o tornar-se professora, para as duas, está relacionado ao que vivenciaram e experienciaram em casa e na escola.

Segundo a professora Áurea Pereira, a vida na roça e as aprendizagens adquiridas na escola rural agregaram saberes ao exercício da docência, tanto na educação básica como no ensino superior porque elas se espelharam no modo como os seus professores se relacionavam com os alunos e como ensinavam. Como exemplo, a professora Áurea Pereira citou a Dona Mercês, uma professora dedicada e comprometida com o magistério.

No ginásio eu tive professores muito bons, como Joana e Regina de Matemática que foram excelentes que nos fizeram querer ser igual a eles quando estivéssemos no exercício profissional docente porque foram competentes. Elas ensinavam, mas, ao mesmo tempo, cobravam e Dona Mercês foi a professora marcante em minha vida escolar. [...] ela foi a professora que incentivava a gente e puxava o seu tapete quando merecíamos, mas ao mesmo tempo, ela dava todo suporte, então, Dona Mercês foi uma professora ótima. Se eu não tivesse tido uma Mercês em minha vida, eu não sei se eu seria essa profissional que sou hoje. Se eu não tivesse uma professora daquele tipo que me cobrou, que não me deu moleza, que não passou a mão na minha cabeça, não seria a professora que sou. Eu lembro que na época que a professora Mercês mandou chamar minha mãe na escola, eu prometi para mim mesma que Dona Mercês ia conhecer o meu lado mais competente! (Áurea Pereira – Entrevista Narrativa, 2015)

Ao rememorar o passado, o vivido e o experienciado nos seus percursos de escolarização, a professora Áurea Pereira afirmou que se baseou nos modos da professora Mercês, sua principal referência, para exercer a profissão docente na educação básica. Sobre este aspecto, ela expôs:

[...] lá na educação rural eu acho que, como professora, eu pude fazer tudo. Na educação básica e na alfabetização eu pude fazer tudo que quis e quando eu vejo o que fiz, percebo que eu fiz além do que foi exigido na época. A minha referência no começo da profissão foi a dona Mercês. Eu lembro muito bem das suas práticas. [...] Eu queria muito ser igual a ela. (Áurea Pereira – Entrevista Narrativa, 2015)

Este excerto da narrativa da professora Áurea Pereira sobre as memórias da escola e dos professores evidencia o que Portugal (2013) afirma quanto à relevância dos “bons” professores nas trajetórias de escolarização, cujos modos de ensinar se constituem modelos para muitos professores ao iniciar a sua trajetória profissional.

No começo da carreira, a tendência natural do professor iniciante é imitar professores que marcaram as suas histórias de escolarização.

A reprodução das práticas e o modo de ensinar dos seus professores são atitudes recorrentes, [...]. (PORTUGAL, 2013, p. 275)

As memórias da professora Áurea Pereira sobre a presença marcante da dona Mercês nas suas trajetórias de escolarização, cujas práticas reverberaram no seu começo da sua carreira no magistério docência, se aproximam das reminiscência da professora Claudene Rios ao alegar que a principal referência de professor que carrega consigo, ainda hoje na docência foi construída no período inicial da sua formação acadêmico-profissional na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), no curso de licenciatura em Matemática. Embora, também destaca as memórias da escola no espaço rural de Pintadas, sobretudo, na Escola Boa Sorte, ao se reportar à maneira com o a sua mãe ensinava.

Para a professora Claudene Rios, o professor da universidade Carloman Borges foi a sua principal referência no começo da profissão.

O professor Carloman era um homem muito culto, inteligente e responsável. Ele era muito respeitado na UEFS. Tinha um domínio dos conhecimentos matemáticos e exigia muito dos seus alunos. Na sala de aula, ele cobrava a apreensão dos saberes [...]. Muitos colegas tinham medo dele, mas eu sempre gostei das suas aulas e ele foi minha referência de professor na universidade [...]. Quando ele notava um bom aluno na sala, quando ele percebia que alguém se destaca nas tarefas e explicações, ele logo se aproximava. Na sala de aula, o professor Carloman era uma pessoa que eu tinha o maior respeito porque era um profissional que cumpria o horário, conhecia todos os alunos, cobrava dos alunos o cumprimento de horários de aula, dizia que tínhamos que ter responsabilidade, mas o que mais me encantava nele na maneira que dava aula sala de aula era a forma que ele ministrava as aulas, ensinava os conteúdos matemáticos de uma maneira interessante, ele articulava os conteúdos com a realidade, dando sentido aos conteúdos [...]. Ele foi o meu professor referência na universidade. (Claudene Rios – Entrevista narrativa, 2014)

Neste fragmento, a professora Claudene Rios narrou o modo como o professor Carloman ministrava as aulas, o cuidado que ele tinha com os alunos que demonstravam interesse nas aulas. Segundo esta professora, este docente foi um professor referência para ela e aprendeu muito com ele, não somente como ensinava os conteúdos da disciplina que ministrava, como também a forma de lidar com os alunos.

Ainda sobre a presença de um professor-referência no começo da trajetória profissional, o professor Antônio Dias narrou que, logo após a conclusão do curso de

graduação (bacharelado em Jornalismo), na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA) em Salvador, um ex-professor o indicou para assumir o cargo de professor colaborador nesta unidade de ensino. A indicação do professor foi aceita pelo colegiado e, a partir daí, começa a sua carreira no magistério superior. Sobre este começo, o professor Antônio Dias disse:

Concluí o curso de Comunicação da UFBA em 1977 e a formatura foi em 1978. Lembro que em 1979, recém-formado em Jornalismo, um professor da UFBA me indicou pra ser professor colaborador porque eu tinha sido bom aluno dele e levou meu nome para o colegiado e eles aprovaram a indicação. Eu fui por indicação mesmo! Foi o meu primeiro contato com o ensino superior. E como eu estava desempregado, era tudo muito incerto, eu aceitei o convite e assumi o cargo. [...] A nomeação era o ato para que eu me instalasse na universidade, mas eu nunca tinha pensado em minha vida em ser professor, mas fui lecionar, pois eu não tinha condições de arrumar emprego nos jornais locais porque era mal visto por causa do meu envolvimento com ações voltadas ao combate da grilagem e eu era considerado um forasteiro também porque tinha vindo de Brasília, então, o jogo de mercado era bem fechado aqui em Salvador e não permitiu nunca que eu entrasse nele. (Antônio Dias – Entrevista Narrativa, 2014)

Conforme narrado pelo professor Antônio Dias, o magistério, enquanto profissão nunca foi uma opção pessoal. O seu ingresso na carreira do magistério foi uma oportunidade que surgiu num contexto social e político desfavorável à sua inserção nos meios de comunicação como jornalista formado. O fato de participar de grupos que combatiam a grilagem de terras em defesa dos pequenos proprietários e dos trabalhadores sem-terra, as portas das entidades e empresas ligas aos meios de comunicação sempre estiveram fechadas para ele. A sua inserção na docência foi um acaso, um convite aceito por conta da situação que vivia: casado e desempregado.

Considerando que a docência universitária resulta de um investimento pessoal que se reverbera num modo de ser, de saber ser e de poder ser docente, os professores Antônio Dias, Áurea Pereira, Claudene Rios, Edite Maria de Faria, Fábio Josué dos Santos e Janeide dos Santos narraram que seguiram a carreira acadêmica porque foram estimulados e mobilizados, principalmente, por suas redes de relações sociais (familiares, amigos e professores) em seus percursos de vida, de escolarização e de formação inicial profissional.

Analisando que o “ser professor” aponta uma complexidade de discussões que envolvem a formação docente e que o exercício profissional abrange a “[...] transmissão de saberes, de saber-fazer ou de saber-ser [...]” (GARCIA, 1999, p. 19), muitos profissionais adentram a carreira docente na universidade a partir de uma decorrência natural de suas atividades no magistério e/ou formação continuada em cursos de pós-graduação (*lato sensu e stricto sensu*), além de outras razões de interesses e motivos variados.

Muitos dos cursos de pós-graduação se configurem formalmente como os responsáveis pela formação docente para o nível superior, mas, o certo é que, seus currículos enfatizam “[...] fundamentalmente a formação do pesquisador e se omitem em relação à formação para a docência” (SOARES; CUNHA, 2010, p. 17), mesmo que a LDB 9394/96 assegure que a formação para a docência no nível superior deva ser realizada mediante os cursos de pós-graduação *lato sensu e stricto sensu*, muito embora o objetivo central destes não seja a preparação pedagógica do professor para atuar em sala de aula no ensino superior, mas sim para a pesquisa e produção de conhecimento. Sobre este aspecto e, principalmente sobre a formação pedagógica, Almeida (2012) afirmou:

Os aspectos relativos à preparação pedagógica para o ensino raramente são parte desses cursos, em que pesem alguns avanços importantes, ainda que insuficientes, como a disposição de alguns cursos de pós-graduação *stricto sensu* de incluir nos seus currículos a disciplina de Metodologia do Ensino superior e a criação do estágio de docência, iniciado pela Universidade de São Paulo (USP) em 1992 e instituído pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) como obrigatório a todos os seus bolsistas a partir de 1999. (ALMEIDA, 2012, p. 63-64)

São muitos os cursos *lato sensu e stricto sensu* oferecidos e que contribuem com a formação continuada e profissional, mas descrever como os professores compreendem os seus processos de mobilidades sociais e culturais (*biotravessias*) decorrentes das mobilidades geográficas (*geotravessias*), pode ajudar outros estudos que versam sobre a profissão docente, buscando identificar nos percursos de vida e nas trajetórias de formação as estratégias utilizadas para chegar à docência no ensino superior, bem como pode nos auxiliar na compreensão como os professores se tornam docentes para o exercício profissional nas universidades, sobretudo se eles têm histórias de vida marcadas por vivências rurais, objeto desta pesquisa.

A professora Janeide dos Santos ressaltou que sair da roça para a cidade e tornar-se uma professora universitária não foi um movimento fácil ao descrever:

A roça tem uma história, tem contradições, têm lutas, o movimento de sair da roça, ser trabalhadora rural e chegar à universidade, como professora, não é um movimento simples, não é um movimento que foi naturalizado, não foi a natureza, não foi um processo natural, de travessias [...], pois vivi momentos de rupturas, momentos de tensão [...]. (Janeide dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

De fato, sair do mundo rural e ir para a cidade, cujos lugares possuem singularidades, particularidades e dinâmicas diferenciadas e constituir-se professor universitário não é uma tarefa fácil, um processo natural, planejado, sobretudo, para aqueles que vêm de famílias com pouco ou nenhum capital escolar e econômico que pudessem viabilizar um acesso melhor ao mundo letrado como a dos professores que constituem essas histórias de travessias.

Para a maioria dos professores, protagonistas das *geo(bio)travessias* que compõem o enredo desta tese, tornar-se professor universitário não foi algo planejado, intencional, desejado nem nos processos de escolarização, nem tampouco durante o período da escolha da formação inicial. Com a inserção nos espaços formativos (escolas) como profissionais e o investimento nos cursos de pós-graduação, ingressar na universidade e tornar/ser professor universitário foi uma meta estabelecida no devir dos percursos experienciados.

As narrativas que compõem o enredo das histórias de vida e de formação dos professores Antônio Dias, Edite Maria de Faria e Fábio Josué dos Santos evidenciam escolhas profissionais diferentes daquelas relacionadas à docência. Já as professoras Áurea Pereira, Claudene Rios e Janeide dos Santos já pensavam na possibilidade de exercer a profissão docente, muito embora a professora Áurea Pereira tenha sinalizado o desejo de ser professora universitária, ainda criança, ao passar em frente de uma faculdade e externalizar a sua admiração por aquele espaço e verbalizar que seria uma professora para trabalhar naquele lugar onde era ofertada a educação superior.

Para esses professores, sair da roça para a cidade foi uma possibilidade árdua de continuidade dos estudos que viabilizou mobilidade social, econômica e cultural, pois o espaço urbano possui um movimento incessante, em suas relações sociais cotidianas, familiares, de vizinhança, de trabalho, nos conflitos e no calor dos

encontros e reencontros com os outros sujeitos que vivem neste lugar, uma vez que a paisagem urbana reúne uma gama de elementos culturais diferentemente do rural, como bibliotecas, teatros, cinemas, faculdades e universidades, dentre outros, que contribuem para a incorporação do universo letrado.

A cidade é um mundo social com características de vida própria, instituída por seus próprios ritmos, ritos, linguagem, modos de regulação e de transgressão, os quais produzem diferentes formas de vida materializadas nas relações ali expressas, marcadas por uma cultura própria, porém articulada com uma dinâmica socioespacial global, cujas diferenças e desigualdades são produzidas socialmente para o desenvolvimento da vida coletiva, de modo que as pessoas possam conviver e dela usufruir, expressando, no entanto, um jeito de viver, o qual resulta de um conjunto complexo e diverso de vivências e experiências humanas aglutinadas num determinado espaço ou fração dele, como asseverou Cavalcanti (2012) ao afirmar que:

As cidades, em suas várias configurações, são arranjos produzidos para que seus habitantes – diferentes grupos, diferentes culturas, diferentes condições sociais – possam praticar a vida em comum, compartilhando, nesses arranjos, desejos, necessidades, problemas cotidianos. Elas se formam na e pela diversidade dos grupos que nelas vivem. Elas são o espaço da vida coletiva, pública. São, em si mesmas, um espaço público. (CAVALCANTI, 2012, p. 148-149)

Como espaço público, as cidades oferecem vários lugares onde se desenvolvem atividades educativas, como escolas e universidades, pois elas se configuram como um espaço complexo, de produção social, no qual o cotidiano das pessoas e de seus grupos é mediado pela dinâmica dos lugares que é instituído pelos processos que o envolvem na configuração das paisagens.

Neste sentido, Cavalcanti (2015) disse que a cidade é:

[...] um espaço que contraditoriamente abriga seus diferentes sujeitos, os diferentes segmentos sociais, e os segrega, os separa, em processos dessa produção social. Nesses processos, há apropriações dominantes dos 'pedaços' e práticas valorizadas da cidade, por grupos dominantes e, conseqüentemente, há limitações para essa mesma apropriação para os outros grupos, que em condições específicas ficam excluídos do usufruto dos resultados da produção social. (CAVALCANTI, 2015, p. 22)

Mais do que um lugar de conflitos e de manifestação de contradições, para esta autora, a cidade, enquanto forma, é o concreto, sendo a materialização de

determinadas relações sociais que resultam num conjunto de objetos visíveis resultantes de ações – casas, ruas, prédios, faculdades, universidades –, enquanto que o espaço urbano é o abstrato, o conteúdo, as próprias relações sociais que se retratam um modo, um estilo de vida.

É a partir dessa compreensão sobre cidade, como um espaço produzido social e historicamente, resultante da expressão das condições de vida que expressam a contradição entre a produção do capital e a produção da vida das pessoas que são apresentadas nesta seção alguns fragmentos e análises das narrativas dos professores deste estudo, os quais revelam experiências vivenciadas em diferentes contextos para tornar-se/ser professor universitário, as quais retratam suas *geo(bio)travessias*.

Segundo as memórias de infância, narradas pela professora Áurea Pereira, representar uma professora ensinando, era a sua brincadeira predileta. Após aprender a ler e a escrever em casa com seus pais, e, quando passou a ir para a escola, era comum brincar também com os vizinhos e primos simulando o cotidiano da sala de aula de uma escola. As brincadeiras infantis e os momentos iniciais de sua inserção na escola, dentre outros fatores, influenciaram esta professora a escolher a profissão docente. Sobre estas questões, ela narrou:

Eu brincava muito de escola. Lembro que eu levantava, dava aula e quando eu comecei a vir para a escola de Dona Nina, aos 8 (oito) anos, eu já me via como professora. Quando eu cheguei à escola, eu não tinha referência de professora porque até ali a minha professora era minha mãe, então, quando eu comecei a ir para a escola de Dona Nina eu comecei a brincar com os meus primos, imitando uma professora de verdade, pois eu queria ser Dona Nina porque ela era muito bonita. Eu tinha um vestido azul que quando usava, eu pensava que eu era uma professora, pois aquele vestido azul era um símbolo que me remetia à docência [...]. Eu sempre tive uma relação muito boa com a escola, eu gostava muito de escola. Quando vim para a escola, eu me lembro daquelas cenas que a gente guarda como aquelas dos primeiros contatos com a leitura e a escrita. [...].
(Áurea Pereira – Entrevista Narrativa, 2015)

Na infância na roça, com os primos e irmãos, a brincadeira predileta da professora Áurea Pereira era imitar dona Nina, a sua professora. Brincar de escola, desempenhando a função de professora, é uma prática muito recorrente na infância de muitas crianças, sobretudo, das meninas. Segundo a professora Áurea Pereira, desde esse período, já manifestava o desejo de vir a ser professora. Assim, a sua

escolha profissional aconteceu de modo muito espontâneo, embora a intenção já estivesse presente desde a sua infância, através de brincadeiras.

Nas brincadeiras, a parede branca da varanda de nossa casa era o quadro onde eu escrevia com um pedaço de carvão e os meninos, primos e vizinhos, eram os meus alunos. Isso era uma brincadeira, mas algumas daquelas crianças, os filhos de Maria Pequena, uma vizinha nossa, não estudavam naquele momento, e, eu acho que ajudei muito eles a aprenderem alguma coisa, principalmente quando comecei a estudar na escola de Dona Nina que funcionava na casa desta professora, mas depois ela foi embora para outra cidade e a escola fechou. (Áurea Pereira – Entrevista Narrativa, 2015)

Em 2004 quando a UNEB convocou a professora Áurea Pereira para ministrar aula de Estágio Supervisionado, ela já tinha experiência no exercício docente superior no curso de Pedagogia na Faculdade Santíssimo Sacramento e teve que reduzir a sua carga horária na educação básica na rede estadual para assumir 40 (quarenta) horas na UNEB. No *Campus II*, a professora Áurea trabalhou nos cursos de Biologia, Matemática e Letras com produção textual, mas depois de certo tempo ficou apenas no curso de Letras, conciliando com o Colégio Modelo e a Faculdade Santíssimo Sacramento.

Sobre o tornar-se/ser professora do quadro efetivo da UNEB Áurea Pereira narrou que a escolha profissional docente para o exercício no ensino superior ocorreu aos 11 anos, ainda criança, quando era aluna da professora Mercês no ensino fundamental II, uma professora muito dedicada e que a estimulava bastante.

Ao evocar as reminiscências que demarcam o período desta escolha profissional, a professora Áurea Pereira destacou que foi impulsionada para esta profissão porque admirava o trabalhado que a professora Mercês desenvolvia na escola que estudava, pois era uma excelente educadora, uma profissional comprometida com o que fazia. Além disso, Áurea lembrou que certo dia estava com a professora Mercês e elas passaram em frente ao prédio onde funcionava a Faculdade de Formação de Professores de Alagoinhas e ficou encantada pelo espaço e comentou que queria ser professora de uma IES. Assim, após concluir o curso de Licenciatura e atuar como professora da educação básica, ela fez concurso para o exercício docente na UNEB e narrou:

Então, fiz o concurso em 2004 e entrei como professora auxiliar porque só tinha a especialização. Antes de concluir a graduação na UNEB, eu e alguns colegas tínhamos comentado sobre voltar à

instituição como professores formadores. Lembro de uma conversa que tive com a colega Fátima sobre voltar à UNEB e ela sacramentou esse desejo porque nós determinamos que íamos voltar para dar aula aqui. Ai nós fizemos o concurso. Fátima fez para o Campus XIV, o de Conceição do Coité, e passou. Eu me inscrevi para o Campus de Itaberaba, mas meu marido não deixou eu fazer porque minha menina era muito pequena e, na época, Fátima, minha colega, entrou sem o título de especialista porque a única exigência naquele período era ter somente a graduação. Fábio, outro colega meu, fez concurso também para a UNEB, para a área de Literatura e eu me inscrevi para a área de Educação em Itaberaba em 1998 e, nesta época, eu já estava na especialização em Linguística Aplicada ao Ensino da Língua Portuguesa na UEFS, mas não fui fazer a prova do concurso, pois meu ex-marido começou a falar que eu estava com uma criança de um pouco mais de um ano e eu não tinha como deixar e que não tinha necessidade de fazer este concurso, já que eu já tinha 40 (quarenta) horas de trabalho no estado. Eu chorei a noite toda porque tinha estudado todos os 10 (dez) pontos do concurso e estava tudo pronto para eu fazer a prova. Na época, a minha amiga Fátima disse que eu ia me arrepender, mas eu não quis contrariar meu ex-marido e a minha filha precisava mais de mim naquele momento. (Áurea Pereira – Entrevista Narrativa, 2015)

Nesta narrativa, a professora Áurea Pereira relembrou da época da sua formação inicial, ao rememorar uma conversa com alguns colegas sobre os encaminhamentos futuros para o exercício profissional após concluírem a graduação em Letras. Também ficou evidenciada a dificuldade pessoal/familiar que esta professora enfrentou para realizar seu desejo de voltar à UNEB como professora formadora no Departamento de Educação. Assim ela continuou:

Um tempo depois, surgiu a seleção para professor substituto de Literatura e eu me inscrevi para testar meus conhecimentos, mas perdi na seleção porque não era a área que eu queria atuar, pois Literatura, para mim, só servia para dar aula no ensino médio e encarar Literatura no ensino superior eu não queria e isso serviu para definir o que eu não queria como área de atuação na universidade, mas, mesmo assim, eu queria tentar os concursos. Ai eu fiz o concurso para o Campus de Conceição do Coité para Língua Portuguesa, mas eu fiquei em sexto lugar. Depois surgiu a oportunidade de fazer concurso para o Campus de Ipiaú e fiquei em quinto lugar. Assim, fiquei aprovada nos dois concursos. Em 2004, Adilson, um colega, que trabalhava comigo na Faculdade Santíssimo Sacramento me avisou que o concurso de Conceição do Coité iria chamar os aprovados e o de Ipiaú também. Naquela época, para mim, qualquer Campus que me chamasse primeiro estava bom! Então, Ipiaú me chamou, mas uma colega me mandou ligar para a PROGRAD para ver a possibilidade de alteração de Campus de atuação e pedi para Alagoinhas porque fiquei sabendo que tinha vaga disponível. [...] Na época, o diretor me deu a declaração de existência de vaga e foi assim que vim parar no Campus daqui de

Alagoinhas. [...] Assumi a vaga de Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa há mais de 10 (dez) anos [...] e foi uma maravilha. Aqui estou trabalhando com estágio e formação de professores. (Áurea Pereira – Entrevista Narrativa, 2015)

Tempos depois, dessas experiências docentes, principalmente com a EJA, a professora Áurea Pereira foi impulsionada para a pesquisa envolvendo o letramento de adultos, o que a levou a realizar a pesquisa de mestrado “Percurso da oralidade e letramento na comunidade de Saquinho, município de Inhambupe, BA” (SANTOS, 2008) e a de doutorado “Tempo de plantar, tempo de colher: mulheres idosas, saberes de si e aprendizagens de letramento em Saquinho” (PEREIRA, 2014), cujos objetos de investigação são decorrentes de suas vivências iniciadas no território rural.

Sobre o mestrado na cidade de Salvador, a professora Áurea Pereira afirmou que entrou no Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade como aluna especial em 2006, mas antes tinha feito uma especialização em Linguística Aplicada ao Ensino da Língua Portuguesa na Universidade Estadual de Feira de Santana em 1998 discutindo letramento e teve a ideia de continuar com essa discussão no mestrado, mas o seu pré-projeto estava mais voltado para a área de linguística, o que a eliminou nos dois processos de seleção para aluna regular no PPGEduc na UNEB.

Vale salientar que essa continuidade dos estudos decorreu dos processos de mobilidades, sobretudo geográfica, ocorridas no decurso de uma vida entre os lugares, tendo a cidade como uma importante categoria de análise geográfica, concebida como o lugar de formação e de atuação profissional dos professores deste enredo, pois foi/é o lugar onde pessoas exercem intelectualmente a profissão porque é o *locus* de concentração de inúmeros serviços, dentre eles, o do exercício profissional docente no ensino superior. Desse modo, a cidade induz a determinados comportamentos e mobilidades social e cultural ao apresentar aos sujeitos os diferentes lugares e atividades urbanas que agregam elementos culturais à vida das pessoas.

Diferentemente da professora Áurea Pereira que havia pensado em se tornar professora numa IES ainda na infância, a professora Claudene Rios afirmou que o tornar-se professora da Universidade do Estado da Bahia ocorreu por um acaso e, também, mediante a influência do professor Carloman, um docente que marcou a

sua trajetória de formação universitária, na graduação – curso Licenciatura em Matemática –, na UEFS.

Claudene Rios recordou-se que em 1994 foi fazer uma visita a este amigo professor da UEFS e ele estava com um Diário Oficial que continha o edital para concurso público no ensino superior e sugeriu que ela fizesse o concurso. Sobre esta cena memorialística, ela narrou:

[...] em 1994, na época da copa que o Brasil foi tetra campeão, eu fui visitar o professor Carloman lá na UEFS e este professor tinha acabado de fundar o NEMOC e ele tinha recebido o Diário Oficial com esta publicação. [...] Ai eu olhei o diário e vi o edital do concurso docente da UNEB e ele percebeu que eu vi e ai ele falou assim: 'Quer ficar professora do ensino fundamental o tempo todo? Que tal ser professora de universidade?' Eu disse que nem passava ser professora universitária, mas ele insistiu dizendo que eu podia ser porque eu já tinha conquistado muitas coisas e que nada me impediria de ser professora de uma universidade, mas precisava estudar mais para me preparar para o concurso. Ele insistiu e disse naquela época que eu podia, só bastava eu querer. Nesse encontro, lembro que ele ficou falando da vida acadêmica e dizia para eu ser logo professora de universidade para eu desistir de casar e falou que eu tinha que estudar, mas eu pensava comigo que eu não ia desistir de casar nunca. Na oportunidade ele disse: 'Senhora, pega esse diário aqui, tome, vá lendo no ônibus e vá pensando'. Eu peguei o Diário Oficial e vim no ônibus olhando e desci próximo à biblioteca municipal e fui à casa de minha colega Marta, uma amiga com quem eu estudava muito, falei com ela sobre um concurso na universidade e chamei-a para fazer comigo [...] e ela riu dizendo que a gente mal dava conta dos meninos daqui da escola básica. (Claudene Rios – Entrevista narrativa, 2014)

Esta professora rememorou que foi um grande desafio fazer este concurso, sobretudo porque nunca havia pensado em ser professora de uma universidade, mas que se sentiu mobilizada pelo amigo professor Carloman. Na oportunidade, incentivou também uma amiga a fazer o mesmo concurso e continuou:

Então, ao ler o edital, verificamos que o valor da inscrição e concluímos que dava para a gente pagar. A gente sentou e foi olhar o edital e vimos uma vaga para Serrinha e outra para Itaberaba e ela disse que não iria concorrer na mesma vaga que eu e combinamos de eu fazer para Serrinha e ela para Itaberaba. [...] A inscrição foi em junho, fui à UEFS e mostrei os pontos para o professor Carloman e ele me emprestou vários livros para eu ler, ai ele falou com um monte de gente que ele conhecia e que me forneceram textos, livros, etc. Para minha surpresa, no dia do concurso encontrei o professor Carloman que estava na banca. Eu lembro que naquela época muitos alunos que estudaram com este professor se inscreveram naquele concurso, inclusive eu que fui aprovada em primeiro lugar.

Tirei média final de 7,58 pontos. Lembro que fiquei com medo porque eu conhecia o professor Carloman e me senti na obrigação de fazer um excelente concurso, de fazer uma boa prova, de mostrar que eu era capaz! [...] Quando a gente conversou antes do concurso, o professor Carloman me disse que era para eu fazer o concurso porque era uma experiência, pois quando a UEFS abrisse edital para o concurso, que mesmo que eu não fosse chamada na UNEB, mas sendo aprovada, isso contaria ponto no currículo, pois a gente não tinha nada no currículo porque naquela época não era uma exigência de ingresso no magistério superior a pessoa ter curso de pós-graduação. Lembro que naquela época, logo depois que graduei, não tinha pós-graduação na região, só em Salvador. [...] eu passei, fui nomeada como professora na UNEB. (Claudene Rios – Entrevista narrativa, 2014).

Nesta narrativa da professora Claudene Rios ficou evidenciado que muitas pessoas são movidas por desafios, sobretudo aqueles sujeitos resilientes, que vivenciaram dificuldades, realizaram mobilidades geográficas e sofreram segregação cultural. Além disso, neste fragmento ficou exposta a importância de uma rede de relações sociais que possam servir de estímulo para a realização de mobilidades sociais, como a influência do professor Carloman e da amiga/colega Marta com quem Claudene Rios estudou e se preparou para o concurso que a projetou para o exercício profissional na docência universitária.

Ainda, no começo da profissão, após a nomeação para exercer o cargo de professora do magistério superior na UNEB, a professora Claudene ficou preocupada porque não tinha experiência em dar aulas na universidade. Até aquele momento, já docente na educação básica, só tinha vivenciado a universidade na condição de discente e teve que recorrer à experiência do amigo professor Carloman na UEFS. Sobre essas memórias, relembrou:

Lembro que as minhas pernas tremiam, com medo, porque eu não sabia como dar aula na universidade, vou para a UEFS pedir ajuda ao professor Carloman porque eu não sabia o que fazer na universidade. Ele mandou eu me virar, ele ficava me desafiando. Eu pedi ajuda para ele e me disse para fazer um plano de aula e levar para ele ver. Ele me questionou várias coisas do plano, me botou para dar aula para ele lá na UEFS e quando eu engasgava, ele me mandava voltar e começar de novo a minha fala. Este professor me ajudou muito a ser a professora que sou hoje. (Claudene Rios – Entrevista narrativa, 2014)

A professora Claudene Rios rememorou que ficava nervosa nos primeiros momentos das aulas na UNEB em Serrinha, para onde foi nomeada, mas com o tempo, na medida em que conhecia a turma, o nervosismo diminuía.

Meu coração batia forte, era tudo novidade para mim, mas depois que eu entrava na sala, que eu conhecia a turma, o processo era mais tranquilo, mas, várias vezes os meninos não me reconheciam como professora, pois sempre brincavam comigo dizendo que eu parecia uma aluna porque era nova. Marta, minha amiga que fez o mesmo concurso comigo, lá em Itaberaba, vivia esta mesma situação. Lembro-me que eu fazia os planejamentos das aulas e avaliações com ela e discutíamos muita coisa juntas em Feira de Santana. [...] Foi assim que a gente foi se tornando professoras universitárias. A cada dia íamos nos (auto)avaliando na perspectiva de melhorarmos como professoras e fui lendo todos os livros de Pedagogia que eu não tinha com a intenção de melhorar como professora. (Claudene Rios – Entrevista narrativa, 2014)

Apesar da experiência docente na educação básica, ao assumir o cargo de professora em Serrinha, no ensino superior, esta professora se preocupava com o seu desempenho profissional, cuja iniciação foi vivida com insegurança e incertezas. As estratégias utilizadas para superar o medo foram a busca de ajuda do ex-professor da UEFS e as sessões de estudos e planejamento com a amiga Marta, que experienciava os mesmos dilemas do começo da docência na UNEB/*Campus* de Itaberaba. Também investiu muito tempo com a compra de livros e as leituras de obras cujos temas contemplavam questões referentes à pedagogia. Além disso, ela buscou dar continuidade à sua formação, o que a levou a realizar estudos numa pós-graduação em Aracaju, no estado de Sergipe durante o ano de 1995, na área de Metodologia do Ensino. Assim narrou:

Eu entrei na UNEB em 1994, passei o ano de 1995 procurando uma pós-graduação porque eu me sentia na obrigação de continuar com a minha formação. Eu tinha uns amigos em Aracaju e um certo dia eu fui lá na UEFS e conheci o professor Danilo da UFS que estava lá e ele me falou que tinha uma pós-graduação na UNIT que era paga. Ele me chamou e disse que era para eu investir em minha formação. Lembro que ele sentou e me ajudou a traçar um planejamento para este investimento formativo para eu ter uma ideia de quanto eu iria gastar [...]. Segui os seus conselhos e fiz a especialização em Metodologia do Ensino na UNIT. Fui para Aracaju, me inscrevi, fiz a pós-graduação e viajava uma vez por mês para estudar em Sergipe. Eu tinha aula sexta à tarde. Chegava lá e ia direto da rodoviária para a universidade, assistia às aulas e descobri um hotel pertinho que eu ficava sempre. Eu tinha aula no sábado inteiro e no domingo até meio dia. Depois eu pegava um ônibus que saía às 14 horas de Aracaju e chegava aqui em Feira de Santana umas 19 horas. No outro dia era vida normal, eu trabalhava no Colégio Assis e na UNEB. Nesse tempo, eu ficava com muito pouco dinheiro por causa desse investimento na pós-graduação e em fui obrigada a voltar a trabalhar na escola particular em 1996, e só sair em até 2005,

quando eu fui fazer o mestrado em Metodologia de Ensino, Filosofia e História das Ciências na UFBA. (Claudene Rios – Entrevista narrativa, 2014)

Preocupada com a sua qualificação profissional no exercício da docência, a professora Claudene Rios, ainda no começo da profissão no ensino superior, resolve investir na sua formação e, em 1996 matricula-se no curso de pós-graduação em Metodologia do Ensino, numa universidade privada, na cidade de Aracaju/SE. A continuidade dos estudos, sobretudo na pós-graduação, requer investimento de tempo e de recursos financeiros, bem como de dedicação. Sobre dilemas e escolhas no devir da profissão, a professora Claudene destacou:

Nesse período que eu entrei na UNEB, como professora, eu abdiquei do meu cargo de professora na Secretaria Municipal de Educação de Feira de Santana. Tive que fazer escolhas. Lembro que eu fui pedir exoneração da prefeitura chorando porque a prefeitura, para mim, representava uma conquista pessoal porque eu fiz concurso sem conhecer ninguém, [...] eu era uma professora bem vista na comunidade que dava aula. Eu tinha um maior respeito por meus colegas. Então, foram quatro anos de um processo de construção e eu alfabetizava direitinho os meninos. Neste mesmo dia que pedi exoneração, eu fui conversar com o meu amigo professor Carloman na UEFS, pois era comum ele almoçar na universidade com os demais professores de lá. Quando eu cheguei à UEFS e encontrei o professor Carloman, ele me perguntou o porquê de eu estar de cabeça baixa e triste e eu contei que tinha acabado de pedir exoneração da prefeitura e ele me alegrou e me incentivou dizendo que há momentos que temos que abrir mão de algumas coisas porque fazia parte do crescimento profissional e que a universidade era uma possibilidade para mim, não desmerecendo a educação básica, mas que o ensino superior era melhor porque abria outras possibilidades profissionais. (Claudene Rios – Entrevista narrativa, 2014)

Quando a professora Claudene Rios foi aprovada no concurso da UNEB, já atuava na educação básica, em escolas do Estado e do município de Feira de Santana. Por conta da legislação brasileira que não permite o acúmulo de funções no setor público e a carga horária do professor não pode exceder 60h (sessenta horas semanais), essa professora teve que fazer escolhas e optou pela exoneração do vínculo com a escola do município de Feira. Neste processo, o seu ex-professor da UEFS, Carloman, mais uma vez esteve presente na sua vida, como conselheiro.

Em vários momentos da entrevista narrativa, a professora Claudene Rios narra recordações-referências (JOSSO, 2010) ao destacar episódios de fatos biográficos que envolveram a influência do professor Carloman, pois ele era uma

pessoa e um profissional docente que marcou a formação inicial e a entrada profissional desta professora no magistério no nível superior porque a incentivava a melhorar nos estudos, bem como a aconselhava profissionalmente, tornando-se uma pessoa-charneira nos “momentos-charneira” (*Idem; Ibidem*) desta docente.

Tecendo reflexões entrelaçadas com memórias escolares, da graduação e do exercício da profissão, a professora Claudene Rios afirmou que na universidade, no seu fazer docente, ela presenciou situações muito parecidas com algumas que viveu, principalmente com aquelas relacionadas e advindas das experiências vividas no espaço rural porque muitos alunos em processo de formação inicial no Departamento de Educação da UNEB, *Campus XI*, são oriundos de localidades rurais e filhos de pequenos agricultores e/ou trabalhadores rurais que, assim como ela, estudaram em escola rural.

Esta professora, na medida em que ensina, busca articular o vivido em seus diferentes espaços e tempos formativos com o seu fazer docente, principalmente para compreender os modos e as dificuldades de aprendizagens de seus alunos, ao relembrar suas estratégias de superação no tempo de sua graduação e, ao mesmo tempo em que rememorou estes fatos, ressignificou o vivido no passado com o tempo presente, tornando as lembranças como recordações-referências para atuar como professora, tanto na escola básica como na universidade, sobretudo no contexto da formação de outros professores.

O processo duro veio mesmo foi na universidade. Eu tinha que estudar tudo que eu não sabia, na certeza de que eu ia superar, então assim, essa formação da superação do segundo semestre, pra mim, me serve porque como eu digo para o meu aluno que se ele está com preguiça de ler um texto, que conta a sua história com entraves, então parece que minha história de aluna não é diferente. Eu tive esses momentos de desafios, então assim, eu não falo de uma coisa que eu vi nos livros, mas eu vivenciei isso. Então, quando você fala de uma vivência, eu sinto a verdade. Eu sentei na cadeira dias e dias para entender o assunto de Função, um conteúdo da Matemática. Olha, tem coisas que eu não aprendi na universidade porque ao entrar na universidade pressupõe que eu sabia, mas eu não sabia, então já teve uma ousadia de eu entrar sem saber. Uma vez que eu entrei sem saber, a universidade não estava preocupada com isso e eu entendia que eu tinha que saber mesmo! Então, eu fui correr atrás porque eu deveria saber. Eu não achava que na escola eu fui relapsa não, tanto que eu fiz a escolha de ser professora que ensina e eu sei que a escola do magistério que me fez uma professora em nível médio dava conta do recado. Eu fiz um concurso público do estado com o que eu aprendi no Ensino Médio e eu fiz o concurso da prefeitura com os saberes do que eu tinha. Então, eu sei

que minha escolarização fluiu e que vim da roça mesmo, da escola multisseriada. (Claudene Rios – Entrevista narrativa, 2014)

Durante a entrevista narrativa, em nenhum momento a professora Claudene Rios negou sua origem rural, pelo contrário, ela defendeu a escola multisseriada como um importante espaço formativo no espaço rural porque vivenciou este lugar, admitiu que sentiu dificuldades em seus processos formativos, principalmente durante a graduação e sua inserção como professora concursada para o magistério superior, mas durante os seus percursos, algumas pessoas contribuíram com sua formação pessoal e profissional e a ajudaram a superar tais dificuldades.

Segundo esta professora, ainda há outros caminhos a serem percorridos no seu processo de formação e de atuação docente universitária, como, por exemplo, fazer o doutorado, mas ressaltou que fez escolhas depois que concluiu a primeira especialização, optando por casar-se e ter filhos e disse:

Quando eu entrei na universidade, eu só tinha a graduação, aí eu tinha a obrigação de fazer uma pós-graduação. Aí eu fiz entre 1995-1996. [...] Depois desse processo eu fui casar, ter meu filho e tal. Eu sempre gostei de estudar e gosto até hoje. Adoro ler. [...] Eu já tenho duas décadas de UNEB, eu já tenho alunas que são doutoras. Aí eu volto e penso que eu fiz algumas escolhas e aí cada coisa tem seu tempo. Quando eu fico angustiada porque eu ainda não fiz o doutorado, aí eu penso que eu já fiz o mestrado e creio que eu dou conta do recado como professora, como pesquisadora da educação, mas eu fico achando algumas justificativas para não ter feito o doutorado ainda. O doutorado para mim é um projeto mesmo e me interessa fazer pra que eu melhore a minha prática como professora formadora. Então, o doutorado para mim, além de ser um título, o meu grande objetivo é a possibilidade de eu compreender mais a Matemática que eu ensino porque a cada dia que passa é necessário que o profissional dessa área tenha mais consciência de como o outro aprende porque a construção da dificuldade de aprender Matemática é questão cultural. Não posso negar que tem uns entraves, algumas dificuldades, mas tem uma questão cultural muito forte e as construções culturais demoram de ser quebradas, de serem amenizadas. Precisa de um trabalho de muito tempo. Então, eu tenho a consciência disso. Interessa-me fazer um programa de doutorado onde eu possa, de fato, estudar por prazer, pra me tornar ainda mais uma professora com mais conhecimento pra que esse conhecimento apareça mais no meu fazer na sala de aula. [...] Então, o doutorado é um projeto que eu quero vivenciar. (Claudene Rios – Entrevista narrativa, 2014)

Para a professora Claudene Rios, fazer o doutorado é uma continuidade formativa que contribuirá para o seu fazer docente, mas, as coisas têm seu tempo, como ela mesma destacou:

Vou ver se eu consigo me articular como mãe, mulher, dona de casa e esse outro lado de estudante-pesquisadora [risos]. Eu quero cuidar da minha família junto com a minha carreira. Então, tem horas que eu tenho que fazer escolhas, mas pra um, menos para o outro, e é assim que eu vou levando nessa corda bamba. Tem dia que eu acho que eu só estou na família, tem dia que eu acho que eu estou focando só nas coisas da profissão. Quando a gente está no processo de correção, por exemplo, e quando você quer dar o retorno, então, a minha filha me cobra que eu não levo ela ao shopping. Meu marido me reclama porque eu leio muito. Eu penso que nesses momentos eu estou abandonando a ideia do doutorado. [...] essas cobranças particulares que a gente tem, não é que sejam menores, mas acho que dá para aguentar mais um tempo [...].
(Claudene Rios – Entrevista narrativa, 2014)

Neste fragmento, a professora Claudene Rios relatou as diversas funções exercidas no seu cotidiano, o de ser mulher, mãe, dona de casa e professora, cujas atribuições são árduas, sobretudo, quando o exercício profissional requer mobilidade geográfica, com deslocamentos semanais frequentes, como é seu caso, o de ir e vir entre os municípios de Feira de Santana, onde reside e também trabalha na educação básica, e Serrinha, espaço de complemento de sua jornada de trabalho docente na UNEB.

Apesar de todas as dificuldades que passou para chegar à docência universitária, esta professora afirmou que, se pudesse voltar no tempo, faria tudo de novo, porém, com mais intensidade, mas relatou que poderia ter lido mais, mas naquela época não tinha acesso aos livros e narrou:

Se eu voltasse no tempo, eu faria tudo o que eu fiz com mais intensidade. Eu acho que eu iria ler alguns livros de literatura clássica para ter mais cultura, ao invés de ter lido alguns como os da coleção de Sabrina e Bianca que falavam de histórias românticas entre homens e mulheres em que eles somente são felizes na última página, mas naquela época eu não tive acesso a outros livros. Se eu tivesse a oportunidade de voltar no tempo e ter acesso aos livros da literatura clássica como “Grande Sertão Veredas e Macunaíma”, que eu só li depois da universidade, eu acho que eu teria uma cultura maior, não sei, talvez. Sobre as leituras e sua importância na formação de uma pessoa culta, lembro da conferência de abertura do CIPA de Porto Alegre há alguns anos quando a conferencista comentou o livro ‘Oscar Wilde – O retrato de Dorian Gray’ e eu li este

livro depois que saí da universidade porque eu já estava trabalhando e comprei para ler. (Claudene Rios – Entrevista narrativa, 2014)

De fato, a professora Claudene Rios não tem remorso pelo que não viveu, embora as lembranças de leituras feitas e de outras ainda não realizadas façam parte de um repertório de histórias que constituem as *geo(bio)travessias* desta professora, pois é através da recolha, seleção e reflexividade biográfica de fatos e acontecimentos marcantes de um tempo vivido que ela tem se constituído professora formadora nos cursos de Licenciatura em Pedagogia e em Geografia do DEDC da UNEB, *Campus XI*, Serrinha, que aprendeu a soletrar vendo sua mãe, uma professora que era leiga na Fazenda Boa Sorte, que ensinava adultos a ler à noite na escola construída pelo seu pai, no espaço rural do município de Pintadas-BA, cujo objetivo era alfabetizar os adultos para ler e escrever cartas.

Do mesmo modo que a professora Claudene Rios, a professora Edite Maria de Faria não pensou na docência no ensino superior como profissão. A sua inserção na universidade como profissional ocorreu sem planejamento. Ao evocar suas memórias, a professora Edite Maria narrou que, ainda na infância, queria ser médica, influenciada por sua avó, nutriu o desejo fazer o curso de medicina com a intenção de ajudar as pessoas.

No Colégio Polivalente, para mim foi uma maravilha, tinha merenda, tinha professor, dava livro, tinha caderno, tinha reforço escolar, [...] Quando chegou à oitava série, um professor chegou pra gente e falou: 'Vocês querem ser o que quando saírem daqui?'. Na minha cabeça era só estudar e não tinha muita preocupação e, quando chegou à oitava série, eu dizia que queria fazer alguma coisa para ajudar as pessoas. Quando eu era pequena, eu queria ser médica por influência de minha avó. Quando começou a oitava série caiu a ficha de começar a pensar em futuro, mas ser professora nunca foi um desejo até a oitava série. [...] Quando cheguei no terceiro ano, o professor de Itaparica, da disciplina de História, chegou para a gente e falou: 'Vem cá, vocês vão terminar o terceiro ano e vão fazer o que?'. (Edite Maria de Faria – Entrevista Narrativa, 2015)

Após a conclusão do ensino médio, em 1989, a professora Edite Maria de Faria relatou que ficou sem estudar entre os anos de 1989 e 1991 porque, após a conclusão da educação básica, seu pai não tinha condições de pagar um cursinho pré-vestibular e começou a estudar em casa sozinha com os módulos de pré-vestibulares emprestados dos colegas do Colégio Polivalente. Além desta estratégia usada para se preparar para o vestibular, era comum ir à biblioteca da

UNEB/*Campus* I, quinzenalmente, para estudar os conteúdos de Matemática e Língua Portuguesa com um grupo de estudos formado por ex-colegas do Colégio Polivalente. Segundo esta professora, foram essas estratégias que a ajudaram a se preparar para o vestibular de Pedagogia em 1992 e ser aprovada.

Sobre a escolha do curso de Pedagogia, a professora Edite Maria de Faria narrou que foi por um acaso, sem muito planejamento, pois queria saber como era fazer um vestibular e, por isso, escolheu o curso de Pedagogia e passou. Naquele período, a inscrição do vestibular em Pedagogia foi incentivada pelo irmão, sem saber ao certo o que era o curso, para que servia, qual a sua função, mas acabou gostando do mesmo nos semestres iniciais e destacou: “*No terceiro semestre de Pedagogia, eu comecei a perceber que o curso era o que eu queria no sentido da humanização, de trabalhar com pessoas.*” (Edite Maria de Faria – Entrevista Narrativa, 2015).

Foi justamente mobilizada pela questão da humanização que a professora Edite Maria se tornou docente e pesquisadora. Assim rememorou:

[...] o desejo de tornar-me professora e, acima de tudo, pesquisadora, ocorreu desde o ingresso na graduação em 1992, no curso de Pedagogia, na UNEB. Mesmo depois da conclusão do curso em 1996, esse desejo permaneceu latente, pois na minha trajetória acadêmica e profissional a pesquisa é vista como elemento constitutivo fundamental dentro do meu fazer docente. Durante a graduação, participei ativamente de atividades científicas ligadas às questões sociais, particularmente com pesquisas na área da escola pública e movimentos sociais em vários municípios baianos [...] desenvolvendo capacitações, formação de professores leigos e alfabetização de jovens e adultos em diferentes contextos. Estive sempre procurando ampliar e aprofundar meu olhar de pesquisadora para compreender os contextos históricos, sociais, culturais, políticos e organizacionais nos quais se davam a minha atividade docente, como condição para nela intervir. (Edite Maria de Faria – Memorial Acadêmico, 2009)

A professora Edite Maria de Faria demarcou bem os momentos-charneiras (JOSSO, 2010) que despertaram o seu interesse pelas questões sociais que envolvem suas pesquisas e diz que antes de ser nomeada como professora do Departamento de Educação da UNEB/*Campus* XIV na cidade de Conceição do Coité já tinha uma história com a periferia e com o campo, pois durante a graduação foi bolsista, trabalhou em algumas escolas periféricas de Salvador e trabalhou na

Escola Polivalente, localizada no bairro do Cabula, muito acolhedora, principalmente a direção escolar que a ajudou muito.

Durante a entrevista narrativa, a professora Edite Maria relatou que sempre contou com pessoas acolhedoras, apesar das dificuldades que teve antes da sua autonomia profissional-financeira. Com relação ao seu envolvimento e interesse em fazer pesquisas com a Educação de Jovens e Adultos (EJA), ela destacou:

[...] Com a minha inserção no Território do Sisal, eu já tinha história com periferias e quando a gente faz o cruzamento das coisas, percebe que essas pessoas com quem eu trabalhava na periferia de Salvador, a maioria era de origem do campo e isso tinha relação direta com a minha história, pois a opção de estudar com o povo da periferia, com as pessoas pobres, era estudar as pessoas excluídas e que, muitas vezes, vinham do campo para morar na periferia de Salvador. Então, a minha opção em estudar a EJA ficou mais forte quando eu entrei na UNEB de Coité, quando eu comecei a trabalhar com programas de alfabetização de adultos. Em 2003, praticamente, eu começo isso na UNEB e até hoje nós temos o trabalho com a EJA no Território do Sisal e por conta disso é que vem a minha formação na pesquisa, como pesquisadora. (Edite Maria de Faria – Entrevista Narrativa, 2015)

Neste excerto da sua narrativa, a professora Edite Maria relatou a sua relação com a EJA e o modo como se tornou professora formadora e pesquisadora no Território de Identidade do Sisal, no interior baiano e complementou:

[...] a minha inserção na UNEB e no mestrado, enquanto aluna no PPGEduC, foi um celeiro de possibilidades como pesquisadora, como professora e como pessoa humana. O meu fazer docente está muito atrelado, pelo menos faço muito esforço para isso, na perspectiva da humanização. No meu fazer docente, na graduação, eu trabalho muito com esses sujeitos professores humanizadores e humanizados. Teorias são importantes, pesquisas são importantes, mas as pessoas precisam dessa constituição de ser humano, de respeitar o outro e respeitar a si mesmas, então, eu estou nesse caminhar. (Edite Maria de Faria – Entrevista Narrativa, 2015)

Ao narrar sobre a sua constituição profissional, a professora Edite Maria deixou clara a importância de fazermos escolhas e a necessidade de uma formação mais humana. Destacou também a sua inserção na UNEB, enquanto professora e posteriormente, na condição de aluna no Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC), no *Campus I* da UNEB em Salvador, eventos biográficos que potencializaram a pesquisadora que existia na professora, cuja prática está ancorada na humanização dos processos educativos. Este princípio de

humanização, enfatizada em muitos momentos da sua entrevista narrativa, ficou mais forte quando ela se reportou à presença de sua família em seus processos formativos.

Um episódio que retratou a presença de membros da família nos seus percursos de *biotravessias*, narrado pela professora Edite Maria de Faria ocorreu durante os estudos do mestrado em Educação e Contemporaneidade, a professora Edite Maria narrou que sua mãe foi sua companheira no trabalho de campo na região do Sisal e disse:

Na pesquisa do mestrado, na Região do Sisal, minha mãe me acompanhou, inclusive foi para o campo comigo. Minha mãe era minha assistente [risos]. Na defesa do mestrado, minha mãe fez questão de dizer a todos os professores doutores que eu era mestre, que eu era merecedora porque passei por muitas dificuldades para estar ali. (Edite Maria de Faria – Entrevista Narrativa, 2015)

Sobre essas questões que envolvem a família, o sucesso escolar e, posteriormente, na vida adulta, o sucesso profissional, Lahire (1997) enfatiza a importância das relações de interdependências construídas ainda na infância, ao dizer que:

[...] a criança constitui seus esquemas comportamentais, cognitivos e de avaliação através das formas que assumem as relações de interdependência com as pessoas que a cercam com mais frequência e por mais tempo, ou seja, os membros de sua família! (LAHIRE, 1997, p. 17)

Esta relação de interdependência dos professores, autores destas *geo(bio)travessias*, sobretudo com os membros de suas famílias, ficou evidenciada não somente nas narrativas da professora Edite Maria de Faria, mas também nas memórias evocadas pelos demais colaboradores da pesquisa – professores Antônio Dias, Áurea Pereira, Claudene Rios, Fábio Josué dos Santos de Janeide dos Santos.

Ao evocar as reminiscências sobre o período da escolha da profissão e o tornar-se professor, Fábio Josué dos Santos narrou que durante a sua escolarização no ensino médio não pensava em ser professor porque era muito tímido, mesmo tendo feito o curso profissionalizante de Magistério, influenciado por sua mãe, que era professora, este professor resistia em seguir a carreira do magistério.

Mobilizado pela possibilidade de continuar com os estudos na capital baiana, através do apoio dos tios, o professor Fábio Josué pretendia fazer o curso de Direito ou de Medicina e se inscreveu no vestibular em duas IES em 1994, na UFBA tentou o vestibular para Direito e na UNEB, se inscreveu para o curso de Pedagogia, obteve êxito, realizou a matrícula e se tornou graduando em Licenciatura em Pedagogia e concluiu o curso em 1998.

Segundo o professor Fábio Josué, a sua inserção como docente no ensino superior ocorreu paralelamente às atividades profissionais que desempenhava na educação básica em diferentes municípios. Assim ele narrou:

Eu retorno à Amargosa em janeiro de 1998, após a minha formatura. Começo a trabalhar como coordenador pedagógico numa escola da rede estadual, após aprovação no concurso. Logo em seguida, recebo e aceito o convite para ir para São Miguel para trabalhar numa escola particular. No mesmo ano, no dia 09 de março foi realizada uma seleção da UNEB de Santo Antônio de Jesus para professor substituto na área de ensino. Eu fui, mas não era muito a minha, eu não gostava muito, mas eu tinha tido uma boa estrutura para ser professor substituto, mas fui aprovado em segundo lugar. Tinha uma vaga só, fui chamado para trabalhar na UNEB da Lapa porque disseram que precisavam de um professor lá. [...] Eu cheguei à Amargosa em janeiro, em fevereiro eu começo trabalhar em São Miguel, em 09 de março eu faço a seleção da UNEB e no dia 28 de abril eu já estava dando aula na UNEB de Bom Jesus da Lapa com 22 anos de idade. (Fábio Josué dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

A inserção do professor Fábio Josué, na universidade, enquanto professor aconteceu, praticamente, no mesmo momento em que ingressava na educação básica como professor, na cidade São Miguel das Matas, e como coordenador pedagógico na cidade de Amargosa, situadas no Território de Identidade Vale do Jiquiriçá.

Para o professor Fábio Josué, constituir-se professor no ensino superior também não foi tarefa fácil por vários motivos, dentre eles, o medo de assumir uma classe sem experiência e qualificação profissional, já que a própria formação inicial não possibilita esta atuação profissional, conforme a sua narrativa.

Eu era novo, inexperiente, e assumi a primeira turma de Pedagogia da UNEB/Campus de Lapa. [...] Foi um desafio muito grande porque eu era inexperiente para essa atividade profissional porque eu não sabia o que era ser professor universitário, mas ao mesmo tempo, tinha esse desejo e expectativa, mas tinha também muito medo, pois

eu não sabia se ia me sair bem e foi tanto que eu não abandonei meu trabalho em Amargosa. (Fábio Josué dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Sobre esse começo da carreira profissional em diferentes municípios e regiões da Bahia, o professor Fábio Josué narrou a suas *geotravessias*, as quais sinalizam as dificuldades em conciliar as atividades na educação básica e na educação básica e, sobretudo, os deslocamentos geográficos pelo território baiano, retratando a vida de muitos professores itinerantes que atuam nos 29 (vinte e nove) Departamentos instalados em 24 (vinte e quatro) *Campi* da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Eu viajava mais de 1.300 km. Eu trabalhava de segunda até quinta de manhã. Quinta à tarde eu pegava um ônibus, que fazia linha de Santo Antônio à Itaberaba. Chegava às 17h e 30min em Itaberaba. Eu ficava esperando até às 22h 30min da noite quando vinha o ônibus que saía de Salvador para Lapa. Era a única linha disponível de ônibus para essa cidade. Esse ônibus passava a partir das 23h, em Itaberaba. Das 17h e 30min até às 23h eu ficava na casa de uma amiga em Itaberaba. Eu tomava um banho, descansava e às 22h eu pegava a moto táxi e seguia para a rodoviária de Itaberaba para pegar esse ônibus que chegava à cidade da Lapa na sexta por volta das 8 h da manhã. De tarde eu ia para a UNEB preparar as minhas aulas e trabalhava sexta à noite, sábado pela manhã e tarde. Terminava a aula às 17h e 30min e o ônibus saía às 18h e 30 min com destino à cidade de Salvador. Eu pegava esse ônibus e descia em Itaberaba por volta de 2h e ficava esperando na rodoviária até às 6h para pegar o ônibus para chegar à Amargosa. [...] Então, eu ficava na rodoviária lendo e corrigindo trabalhos. Então, foi essa minha experiência na Lapa e foi muito desafiante. (Fábio Josué dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

O professor Fábio Josué disse que, além dessa formação inicial que não o qualificava para atuar como professor no âmbito da docência universitária, a dificuldade de locomoção entre o lugar de moradia e de atuação profissional na educação básica (Amargosa) e o de trabalho quando iniciou sua carreira docente no município de Bom Jesus da Lapa, no *Campus* da UNEB, na condição de professor substituto, foi outra questão que provocou desafios para superar as dificuldades concernentes ao exercício da profissão como estudar, planejar, ministrar aulas e se deslocar semanalmente, num processo de mobilidade geográfica entre os lugares onde exercia a profissão na educação básica e no ensino superior.

Sobre esta experiência do tornar-se/ser professor de uma universidade, Fábio Josué rememorou:

Eu era novo, inexperiente, e assumi a primeira turma de Pedagogia da UNEB/Campus de Lapa. Eles estavam no terceiro semestre e eu fui convidado, quando a UNEB me contrata, para dar aula de Estrutura e Didática. Então, eu tinha 12 horas de aula por semana por turmas na sequência. Então, foi um desafio grande, pois a disciplina de Estrutura era uma disciplina chata e eu fui desafiado a inventar novas metodologias. Primeiro eu tinha que ler porque era a primeira turma de nível superior naquela região grande. Então, eram alunos que tinham uma carga de experiência de leitura muito grande, eram secretários de educação, funcionários de bancos, pois lá tinham vários bancos, gente que era do Rio de Janeiro, de Minas Gerais que fez concurso na década de 1980 e passaram nesses bancos federais e estavam lá no curso. Vieram para Bom Jesus da Lapa e sempre desejavam ter o curso superior e viram no curso de Pedagogia essa oportunidade. Tinha também diretores de escola, professores de escola com 10 anos de serviço, tinham alunos com 65 anos de idade, tinha casos de mãe e filha estarem na mesma sala de aula, então eu tive que dar conta e me aprofundar em Didática e Estrutura para ter conteúdo para ensinar porque eram alunos preparados, com experiência profissional, inclusive na própria área de educação, então, eu tive que dar conta do conteúdo e da metodologia, de inventar metodologias dinâmicas e criativas para não saturar. Pois eram 12 h seguidas com uma turma só, com Estrutura no meio disso. Então, numa semana a gente dividia em 4 h aula de Didática e 8 h aulas de Estrutura e na outra semana invertia porque eu peguei a disciplina no meio do semestre, aí seguimos. Eu inventava atividades em grupo, seminários, simulados e eu aprendi muito com esses alunos. (Fábio Josué dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

O professor Fábio Josué relatou que teve que estudar e planejar muitas atividades nas estações rodoviárias, nos intervalos dos deslocamentos geográficos, para poder desenvolver um bom trabalho como professor formador no curso de Licenciatura em Pedagogia. Além disso, ele também destacou a importância de dialogar com alguns colegas mais experientes no exercício docente na universidade, os quais o ajudaram muito.

Então, eu sempre recorria aos meus colegas mais experientes e tinha uma amiga minha aqui de Salvador que ela fez Pedagogia na UFBA e que era minha vizinha lá na casa de minha avó, ela se chamava Vera. Ela sempre me dava umas dicas de dinâmicas de grupo, de como fazer dinâmica de integração, de soprar bola, de cordão, etc. Eu fui comprando livros e eu fui inventando também, foi uma experiência muito interessante. O que talvez tenha contribuído na docência universitária foi a minha experiência de formação no curso de Magistério, [...] com sua carga horária muito grande de componentes teóricos, mas eu aprendi as técnicas, então, por exemplo, a Didática que nós tínhamos no Magistério era como apagar o quadro, como dividir o quadro, como dar aula e isso foi

fundamental quando eu começo a minha trajetória profissional na UNEB e no Pedro Calmon (Amargosa). Eu estava sempre interagindo com o aluno. Então, eu conseguia prender a atenção do aluno. E nessa minha experiência, a técnica aprendida no curso de Magistério me ajudou e o que, talvez, me espelhou aqui na universidade, foi esse embasamento teórico [...]. (Fábio Josué dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Neste fragmento da narrativa do professor Fábio Josué dos Santos ficou evidenciada a importância dos saberes aprendidos durante o curso profissionalizante de Magistério em nível médio, do domínio do conteúdo dos temas abordados na sala de aula, bem como do uso das técnicas utilizadas para dinamizar as aulas, articulando-as com os saberes cotidianos dos alunos.

Ainda, sobre o tornar-se/ser professor universitário, este professor elencou algumas características que devem estar relacionadas com a docência numa IES. Dentre elas, ele destacou a didática e disse:

A preocupação com a didática e com o saber ensinar sempre existiram. Era um desafio trabalhar com 12 horas de aula com uma disciplina árida, mas fui melhorando como professor, principalmente, quando fui tomando como ponto de partida a experiência dos alunos. [...] e sempre foi muito bacana isso porque tudo era paralelo com a experiência de Bom Jesus da Lapa, de São Miguel das Matas e do Colégio Estadual Pedro Calmon, em Amargosa, onde atuei como professor e coordenador [...]. O fato de vivenciar esses três espaços diferentes e simultâneos, eu acho que foi fundamental para a minha formação. Eu convivia com professores de classes multisseriadas, de escola da roça, eu era coordenador e era professor de Didática do primeiro ano de Magistério, coordenador pedagógico do Pedro Calmon e professor da UNEB da Lapa. Então, eu aprendi muito com essas experiências [...]. (Fábio Josué dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

O trabalho concomitante em três espaços geográficos (Amargosa, Bom Jesus da Lapa e São Miguel das Matas) foi fundamental para que o professor Fábio Josué apreendesse os saberes docentes para o exercício profissional no curso de formação de professores de Pedagogia na universidade. Segundo este professor, a sua atuação docente no *Campus* da UNEB do município de Bom Jesus da Lapa lhe possibilitou outros trabalhos profissionais e sua inserção no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, no *Campus* I da UNEB de Salvador. Assim continuou:

[...] Então, começou a aparecer os convites de possibilidade de assessoria pedagógica e era muito distante de Amargosa para a Lapa, cerca de 650 km, então, não dava. No primeiro ano deu para fazer isso [...], conciliar tudo, com muita dificuldade, mas depois saio da Escola de Pedro Calmon em Amargosa, peço demissão na escola particular de São Miguel para me dedicar à UNEB da Lapa. Foi aí que eu comecei a fazer alguns trabalhos na região e depois eu volto para São Miguel com uma empresa de assessoria pedagógica em 2001-2002. Em 2001 termina o meu contrato na Lapa e eu fico desempregado porque eu tinha abandonado a minha função na Secretaria de Educação do Estado da Bahia. Logo teve uma seleção para a UESC e eu participei, passei e fiquei um ano em Ilhéus e, paralelamente a isso, eu trabalhava na Rede UNEB⁶⁷, desde 1999. Vou para a UESC em 2002 e fico um ano e depois eu passo no mestrado e concorro a uma bolsa e ganho e tive que largar tudo, em 2003, para estudar. (Fábio Josué dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

O professor Fábio Josué ingressou na Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, em Ilhéus, em 2002 e, no mesmo ano, é aprovado na seleção de mestrado no PPGEDuC. Inicia os estudos no mestrado como bolsista. No ano seguinte, em 2003 houve uma seleção para professor substituo na UNEB, *Campus* de Itaberaba e ele participaram, foi aprovado, mas não assumiu o cargo.

Em 2005, a Universidade do Estado da Bahia – UNEB realiza um concurso com muitas vagas para professores auxiliares, assistentes e adjuntos para os diversos cursos e *campi* da instituição. O professor Fabio Josué participou deste concurso da UNEB para o cargo de professor auxiliar, pois ainda não tinha concluído o mestrado, concorrendo para a vaga docente no curso de Pedagogia para o município de Valença, foi aprovado em e convocado para assumir uma vaga no *Campus* de Valença e ele aceitou. Trabalha no *Campus* de Valença durante o período de 2005 até 2009 quando pediu demissão para se dedicar exclusivamente à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB/*Campus* Amargosa, decorrente da sua aprovação no concurso realizado em 2006, cuja convocação e

⁶⁷ “O Programa REDE UNEB 2000 é como ficou conhecido o Programa Intensivo de Graduação desenvolvido pela UNEB desde 1998, em parceria com as prefeituras municipais de várias regiões do Estado da Bahia. O desenvolvimento deste Programa se dá através de convênios com as referidas prefeituras, onde é oferecido o Curso de Pedagogia para professores em exercício da rede municipal de ensino. Com ele, a UNEB além de cumprir as exigências legais propostas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996 que prevê a graduação superior para todos os profissionais atuantes na educação, desenvolvendo assim uma qualificação em serviço, a UNEB enfatiza também um dos seus objetivos: a interiorização do ensino superior.” (Disponível em: <http://www.uneb.br/prograd/programas-especiais-de-graduacao/>. Acesso em: 22 fev. 2017).

assunção se deram em 2008. Sobre estas experiências, o professor Fábio Josué dos Santos narrou:

[...] no governo Lula houve uma mobilização, em 2006, em Amargosa para implantar a Universidade Federal do Recôncavo. Eu fiz o primeiro concurso na UFRB. Lembro que eram três vagas para Currículo e Didática, eu fui aprovado na quarta colocação. Quando eu já estava esgotando o prazo, teve um outro concurso da UFRB e eu ia me inscrever, mas eles me chamaram. Eu entrei na UFRB em julho de 2008. No período inicial, comecei com 20h de regime de trabalho e conciliei UFRB e UNEB, e a partir de março de 2009, eu fiquei só na UFRB com dedicação exclusiva. [...]. (Fábio Josué dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Nesta narrativa, este professor rememorou acontecimentos marcantes que ocorreram concomitantemente à sua nomeação docente na UFRB, o que se constitui como *biotravessias*, experiências e vivências sociais decorrentes de sua formação profissional.

Nas memórias narradas pelo professor Fábio Josué dos Santos, atuar no ensino superior nunca foi uma meta, mas surgiu essa oportunidade no caminho, inclusive, ele recorda um episódio bastante interessante e que tem relação direta com sua origem e história de vida. Segundo este professor, quando estava atuando no curso de Pedagogia da UNEB na cidade de Bom Jesus da Lapa, surgiu a oportunidade de atuar com uma disciplina voltada para discussões sobre o espaço rural e ele foi indicado para ministrar. Sobre este episódio e a sua relação com a discussão que envolve educação no espaço rural relatou:

[...] no meu terceiro ano da UNEB da Lapa, o curso estava começando, a gente tinha um conjunto de professores substitutos. No semestre posterior ia ter as disciplinas de Didática, Arte e Educação e Currículo e surge o questionamento sobre quem ia assumir as disciplinas. Tinha também uma disciplina optativa que era Educação no Meio Rural e ninguém queria e o diretor do departamento me incumbiu, já que eu era da roça e disse que eu era a pessoa credenciada para ministrar a disciplina pelo fato de eu ter vindo de uma roça, eu sei que eu topei o desafio. A gente não tinha material nenhum em 2001. Eu lembro que eu vasculhei a internet e encontrei só dois livros sobre essa temática. Então, a oportunidade de lecionar a Educação no Meio Rural me permitiu constatar o verdadeiro silenciamento sobre essa temática e me permitiu refletir sobre essa realidade e enxergar a minha realidade. A discussão de educação no campo não perpassou pelo meu curso de Magistério, nem pelo meu curso de formação inicial e nem pela especialização em alfabetização na UEFS. Então, na hora que eu sou deparado a ensinar essa disciplina, eu começo a me atentar para esse

movimento, para a existência dessa realidade. Eu me encontro comigo mesmo nessa trajetória [...]. Fábio Josué dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Foi justamente na necessidade da oferta da disciplina Educação no Meio Rural no curso de Pedagogia do *Campus* da UNEB de Bom Jesus da Lapa que o professor Fábio Josué começa a pensar nas questões voltadas para a multisseriação e a se perceber como sujeito desta realidade, muitas vezes silenciada, e passou a pensar nesta perspectiva como objeto de pesquisa no mestrado em Educação e Contemporaneidade e continuou a narrar:

Na UESC eu fui trabalhar em um determinado momento com a disciplina de Currículo e Programa. Quando eu começo a fazer as leituras no campo do Currículo é que eu percebo uma forte emergência no campo do multiculturalismo, portanto, do respeito à diferença das classes dos negros, das pessoas com necessidades especiais e os sujeitos do campo são um desses sujeitos que estão silenciados. Então, eu faço esse campo da disciplina de Educação no Espaço Rural e Currículo para perceber que as discussões de Currículo eram poucas para compreender o tema multiculturalismo e uma das diferenças era o sujeito do campo que estava diferenciado. Escrevo um projeto para concorrer ao mestrado justamente tematizando o aluno da roça na escola da cidade. (Fábio Josué dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Foi a partir da oportunidade de lecionar a disciplina Educação no Meio Rural na UNEB do *Campus* da Lapa que o professor Fábio Josué passou a constatar o verdadeiro silenciamento sobre a temática que envolve a educação nesse contexto. Além disso, passou a refletir sobre essas questões e enxergar melhor a realidade vivida por ele, na condição de aluno da roça / classe multisseriada e suas singularidades e que também experienciou a discência na escola da cidade, pois, segundo este professor, essas discussões que envolviam a educação no espaço rural não perpassaram pelo curso de Magistério, nem pelo curso de formação inicial (Licenciatura em Pedagogia), como também não perpassou pela pós-graduação *lato sensu* na UEFS, mas foi no fazer docente, na condição de professor substituto, que esse tema **veio** à tona e tornou-se objeto de pesquisa no mestrado em Educação e Contemporaneidade.

Eu começo constatar no campo do Currículo o Multiculturalismo, mas não falava nada de Educação do Campo. Era um silêncio total sobre isso e sobre esses sujeitos da roça, sobre essa experiência que eu tinha vivenciado de sair da escola da roça para a universidade e a

minha dissertação vai tematizar isso que eu chamo de migração de alunos que vivem na roça nas escolas da cidade. A partir disso, eu tive a oportunidade de me reencontrar no mestrado, de me reencontrar no caminho inverso, essa trajetória de ser da roça, que contribuiu com tantas implicações no ser professor, na verdade, o ser professor me desafia a fazer esse reencontro com a minha história, com minha trajetória. (Fábio Josué dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Essas lembranças do período do mestrado possibilitou ao professor Fábio Josué rememorar fatos e acontecimentos que estão ligados ao tornar-se/ser professor universitário, ao lhe possibilitar um reencontro com suas *geo(bio)travessias*, principalmente com a sua história de vida, as trajetórias de escolarização, formação e atuação profissional, a partir do ensino e da pesquisa no curso de pós-graduação *stricto sensu* para pensar no objeto de investigação. Sobre as questões que envolviam a pesquisa no mestrado, este professor relatou que:

Eu participo da primeira seleção. O meu primeiro projeto era sobre classe multisseriada, foi sobre isso. Só que eu não passei. O projeto estava muito ruim, sem muito embasamento. Nem na minha experiência de graduação eu não passei em pesquisa e não sabia como fazer um projeto, então saiu um projeto ruim. Eu lembro que eu conversando com o professor Valdélío, que era diretor do Departamento da UNEB da Lapa, hoje diretor do Departamento de Educação do Campus I daqui da UNEB, eu dei o rascunho para ele ler e tinha algumas afirmações como, por exemplo: ‘não existe produção teórica sobre a educação do campo’. O professor falava que isso era muito pretencioso e que eu fosse mais cuidadoso. Eu falava para ele que na internet não existia nada. Lembro-me que na época ele disse que eu não ter encontrado era uma coisa e não existir é outra. Pronto, eu acho que eu tomei pau na primeira seleção por causa disso. Quando eu vou pra UESC e começo a ser provocado por esse fenômeno da migração dos alunos da roça para a cidade, continuo a pensar sobre este objeto de pesquisa porque em Amargosa tinha isso, em São Miguel também no final dos anos de 1990, no contexto das reformas educacionais, do FUNDEF. Os municípios começam a instituir transporte escolar e os meninos da roça começam a estudar na cidade. Quando eu vou para Lapa eu vivencio esse movimento em 1998, 1999 e 2000. Quando eu chego em 2001 na UESC eu vejo a mesma coisa. As minhas alunas da região sempre falavam que eram alunos da roça, então, eu disse que ia pesquisar isso. [...]. Ter mestrado era fundamental para o meu exercício profissional. Outra pessoa que me ajudou bastante nesse processo foi Terciana, que na época era a minha namorada. (Fábio Josué dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Sobre o objeto de pesquisa no mestrado, este professor ressaltou que foi um processo de construção que necessitou uma volta ao começo, um encontro de si, ao

revisitar as memórias dos tempos da infância e adolescência na roça, os estudos na escola rural, nas classes multisseriadas e os deslocamentos diários da roça para continuar os estudos na escola da cidade.

Sobre o ingresso à universidade, agora na condição de professor concursado, Fábio Josué dos Santos narrou como retornou à UNEB/Campus de Valença.

Depois que eu termino o curso de mestrado, eu entro como professor efetivo da UNEB e volto para o Campus de Valença. Lá não tinha projeto de pesquisa, não tinha projeto de extensão, então, essa estrutura de pesquisa não tinha. Então, eu convidei alguns alunos e ex-alunos, colegas do PPGEduc que tinha discutido a educação do campo para elaborarmos um projeto de pesquisa para acompanhar o edital da FAPESB. Ana Sueli, que tinha sido minha colega no mestrado, Sandra Regina Magalhães e mais três colegas e o professor Elizeu Clementino acolheram o convite-proposta e a gente construiu o projeto Ruralidades Diversas – Diversas Ruralidades. (Fábio Josué dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Nesta narrativa ele evidenciou como ele se constituiu um professor pesquisador, ao elaborar em coautoria o projeto *Ruralidades Diversas – Diversas Ruralidades*, para concorrer o edital da FAPESB. Tais experiências acadêmicas, agregadas a outras pessoais, mobilizadas pelos constantes deslocamentos geográficos, contribuíram para que Fábio Josué se tornasse o professor universitário que é e realizar pesquisas que discutem a educação no contexto rural, com ênfase nas classes multisseriadas.

A professora Janeide dos Santos narrou que não foi fácil se constituir uma professora de universidade. A escolha pelo magistério como carreira profissional, na área da Geografia, foi decidida por volta dos seus 11 (onze) anos de idade por causa da influência de uma professora que ministrava aulas desta disciplina no sétimo ano do ensino fundamental II, na escola pública na cidade de Irará. Esta escolha não foi feita pelo fato dela ser uma boa professora, mas pela forma carinhosa de tratar os alunos, conforme excerto da sua narrativa:

[...] decidi que ia ser professora de Geografia por conta de uma professora de Geografia [...], pois a relação de afeto que ela conseguia manter conosco nenhum outro manteve [...]. Os conteúdos abordados eram mortos, sem significado para a minha vida. Foi naquela época que decidi ser professora para fazer diferente do que aprendi naquele momento. (Janeide dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

A professora Janeide dos Santos rememorou que sair da roça para estudar na cidade foi uma mudança difícil por vários motivos, dentre eles, a falta de escola no espaço rural que oferecesse o ensino médio, a precariedade no sistema de transporte, o sentimento de exclusão social e cultural pelo fato de ser pobre, negra e da roça, dentre outros aspectos, mas, segundo esta professora, sair da roça, do espaço rural do município de Irará, e entrar numa universidade na cidade de Feira de Santana também foi um momento de grande ruptura e disse:

Eu comecei a estudar na universidade e encontro outra ruptura. É uma ruptura enorme porque você traz uma conjuntura e uma história dentro de concepções culturais que entram muito em choque com a dimensão do que era a universidade, pois eu não fui preparada para a universidade. Eu não sabia o que eu ia encontrar e o que era uma universidade. Na minha cabeça, a universidade era a continuidade do estudo, eu ia ter uma formação que iria me possibilitar ingressar no mercado de trabalho e que eu poderia ter o reconhecimento social melhor, até ai tudo bem. Mas o que é em si universidade eu não tinha dimensão! A concepção de ensino, de mundo, eu não tinha noção. (Janeide dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Em vários excertos narrativos, a professora Janeide rememorou que as mudanças decorrentes das *geotravessias* foram enormes e não foi fácil adaptar-se a elas, mas quando entrou na universidade, no curso de Licenciatura em Geografia da UEFS, teve que romper paradigmas porque era um espaço cultural muito diferente do qual estava acostumada no território rural. Mesmo com esse estranhamento, era necessário se adaptar, seguir o caminho, viver essa trajetória, decisões que lhe possibilitaram ter acesso a uma formação acadêmica para realizar as mobilidades sociais e culturais realizadas.

Entrar na universidade foi romper paradigmas. Paradigmas que historicamente eu aprendi como verdades, inclusive atitudes, comportamentos, regras sociais que você passa a quebrar todas, falando de um processo a partir do que se tem naquele espaço. Embora eu diga que minha formação tenha sido péssima, enquanto professora, pois o próprio espaço da universidade foi algo assim assustador para conviver. Talvez tenha sido muito mais assustador do que sair da escola da roça para a escola da cidade. Você sai de uma conjuntura muito diferente, então para mim, você tem dois grandes momentos ai, mas o momento para sair dali para a universidade, para chegar aqui, para conviver com essas concepções, com esses paradigmas novos, para mim foi difícil para compreender e eu digo sempre que meus filhos hoje, eles têm um conhecimento de mundo bem maior, inclusive a minha filha de oito anos tem muito maior do que eu tinha naquela época quando eu entrei na universidade. Coisas que se falavam, discussões que se

tinham, coisas simples que faziam parte de um cotidiano letrado que eu não tinha. É impressionante! Eu senti muita falta disso, do conhecimento de fato no âmbito da universidade, mas não era aquele conhecimento escolar só, mas o conhecimento de mundo. Porque meu conhecimento de mundo era muito pequeno para o conhecimento de mundo que se tinha no âmbito da universidade. O conhecimento da cultura, mas não era só da minha cultura! O meu mundo era muito pequeno e quando eu cheguei ao mundo da universidade, aí que eu vi a diferença. (Janeide dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Quando uma pessoa relata fatos vividos por ela mesma, como fez a professora Janeide dos Santos, neste fragmento sobre o seu conhecimento de mundo, ao afirmar que ele era pequeno quando comparado ao conhecimento de mundo exigido pela universidade, no curso de Licenciatura em Geografia, em meados dos anos noventa, esta professora reconstruiu a trajetória percorrida antes de adentrar este espaço de formação e deu novos significados ao que viveu e provocou mudanças na forma como compreende a si mesma e os outros, pois:

As experiências de vida e o ambiente sócio cultural são componentes-chave na explicação de desempenho atual do professor [...]. O conjunto de valores e crenças que dão escopo à performance dos docentes são frutos de sua história e de suas experiências de vida dão contornos ao seu desempenho. (CUNHA, 2005, p. 53, grifo da autora)

Portanto, os percursos de vida, por mais que tenham sido provocativos de mudanças, ao entrar na universidade, a pessoa se depara com novas situações, saberes e culturas. Assim continuou a professora Janeide dos Santos ao narrar:

Eu nunca me esqueço do dia quando alguém falou de ‘Che Guevara’ na sala de aula na universidade, uma brincadeira com Che, aí eu dizia: meu Deus o que é isso? Do que esse povo estava falando? E todo mundo falando nisso na maior naturalidade. E eu me perguntado: ‘Meu Deus, quem é esse Che?’ Eu não tinha conhecimento, conhecimento do mundo. O meu conhecimento era muito pequeno, então para mim foi muito difícil. Então, eu pensava: ‘Nesse contexto, preciso me direcionar para tentar superar essas barreiras’, inclusive, as barreiras da oralidade, da fala, não que eu falasse errado, eu já tinha aprendido como era o uso correto das palavras, do ponto de vista verbal. Enfim, eu já não usava mais a linguagem do cotidiano, eu disse para mim mesma: ‘eu já estou estudando para me apropriar das coisas!’ Naquele momento, eu aprendi que a escola era para dar a gente o que tinha de conhecimento clássico para a gente trazer para a nossa vida e o clássico para mim ali era o uso correto da língua portuguesa. Então, se é clássico, eu devo saber que ‘nós vamos’ não tinha o porquê de eu falar ‘nós vai’. Na minha comunidade, apesar da minha mãe falar

assim, eu já falava ‘nós vamos’, eu já usava todos os “s” em seus devidos lugares. Ai uma colega minha, a Zezé, foi colega até o ensino médio, eu me lembro que Zezé falava: ‘Janeide, porque também você tem que falar esses “s” todos?’ [...] Ai eu dizia: ‘Zezé você está estudando para que? Se você aprende assim, porque vai continuar falando errado?’. (Janeide dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Neste excerto, fica evidenciado que os espaços formativos são imprescindíveis na formação dos sujeitos porque provocam mudanças, agregam saberes e conhecimentos, os quais compõem o universo letrado do lugar onde a pessoa está inserida.

Para Delory-Momberger (2014),

[...] o sujeito se constitui verticalmente na relação que ele mantém com sua própria temporalidade, sua identidade se constitui horizontalmente na relação com os outros. As experiências e as significações da vida não agem sobre a relação única consigo mesmo; elas devem seu conteúdo e sua validade às relações subjetivas que o sujeito encontra desde as primeiras redes de pertença. (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 222)

De fato, o conteúdo e a validade das experiências estão relacionados com as relações subjetivas que a pessoa encontra e estabelece no devir de sua existência. Portanto, estamos sempre fazendo uma interpretação retrospectiva do que foi vivido de modo que essas experiências sejam transformadas e projetadas no futuro e isso foi demonstrado em várias narrativas dos professores colaboradores desta pesquisa, pois, as memórias evocadas e narradas foram utilizadas para conhecer os percursos de escolarização e as trajetórias de formação dos 6 (seis) professores investigados, intencionando identificar, nesses percursos de vida e nas trajetórias de formação, as estratégias utilizadas para chegar ao exercício profissional docente numa universidade, estabelecendo conexões com a compreensão que estes professores têm de suas *geo(bio)travessias* no processo de constituição profissional.

A professora Janeide memorou que pouco tempo depois que iniciou os estudos no curso de Licenciatura na UEFS, seu avó faleceu e não ficou fácil se manter em Feira de Santana e contou com uma ajuda de um tio e teve que começar a dar aulas de reforço escolar e depois surgiu a oportunidade de lecionar em Iará, no segundo semestre do curso de formação inicial. Assim narrou:

Em 1995, eu já estava no segundo semestre, Iará, a Escola Cenecista, em Iará, onde eu estudei o ensino médio, me chamou

para ser professora, então, eu só passei um semestre sem um emprego fixo. Então, em 1995 eu já entro na escola como professora. A escola disponibilizava um transporte e eu ia duas vezes por semana para Irará para dar aula de Geografia porque eu era a primeira pessoa do município a fazer este curso e antes não tinha professor desta área. (Janeide dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

A professora Janeide dos Santos afirmou que trabalhou, ministrando aulas na educação básica, na cidade de Irará, durante todo o seu processo de formação inicial na UEFS. Insatisfeita com a sua formação, mas em 1998 sentiu necessidade de voltar a estudar devido a algumas inquietações que surgiram após ser aprovada em concurso público no município de Irará, quando assumiu a coordenação pedagógica e disse:

[...] eu comecei a perceber que eu precisava voltar para a universidade para eu entender a dinâmica do processo educacional, para entender uma série de coisas que me inquietavam, principalmente, no âmbito da coordenação pedagógica. Em 2002, eu volto para a UEFS para fazer uma especialização em supervisão educacional. Eu tive acesso a compreensão da educação com essa especialização que durou dois anos. Quando eu terminei a especialização, eu não tinha ambição de ser professora universitária, minha ambição era ser professora da rede estadual. Meu sonho, meu objeto de consumo, do ponto de vista profissional, era trabalhar 60 horas, 40 horas no estado e 20 na prefeitura e assim ajudar a minha família. (Janeide dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Segundo a narrativa de Janeide dos Santos, ser professora universitária nunca foi um desejo, no começo da sua trajetória profissional. Nessa fase, a sua maior ambição, como ela mesma narrou, “[...] meu objeto de consumo, do ponto de vista profissional, era trabalhar 60 horas, 40 horas no estado e 20 na prefeitura.” (Entrevista Narrativa, 2014). Desse modo, esta professora desejava ter mais condições financeiras para ajudar seus pais a melhorarem de vida no espaço rural de Irará. Entretanto, em 2008, a UNEB/Campus XI promove uma seleção pública para o cargo de professor visitante, aproveitou a oportunidade e foi selecionada. Segundo esta professora, estar como docente numa IES também era a oportunidade de contribuir com a formação de professores já que estava se qualificando para isso. Naquele período, já estava no mestrado e considerou adequada a oportunidade de contribuir com a formação de professores para o exercício profissional na educação básica.

Para a professora Janeide dos Santos, as experiências vividas no espaço rural têm relação direta com seu fazer pedagógico, tanto na escola básica quanto na universidade porque a sua história de vida, as *geotravessias* realizadas entre a roça e a cidade, as rupturas geográficas e formativas não a envaidecem, mas dão a direção, asseguram e desafiam esta professora a mobilizar alunos da universidade para que eles deixem de se perceberem como sujeitos desacreditados, pois, muitos alunos com os quais nos deparamos na UNEB possuem as mesmas condições de vida pelas quais passaram a professora Janeide dos Santos, mas é necessário criar estratégias e superá-las. Sobre esta questão, esta professora asseverou:

As condições de acesso no ensino superior não são as mesmas, embora não quer dizer que não seja possível. Agora, entre a possibilidade e a realidade, há grandes barreiras para serem superadas com determinação, mas também conheço pessoas que tiveram muita determinação, mas infelizmente as condições objetivas não permitiram que elas transpusessem essas travessias, esses caminhos, essas pontes. Talvez hoje, eu seja mais segura, isso me dá força para enfrentar algumas coisas que chegam na universidade querendo impor para a gente, situações que dificultem que a gente continue ocupando um lugar que historicamente não foi para a gente. (Janeide dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Para superar barreiras no exercício profissional docente é necessário criar estratégias e, a professora Janeide dos Santos tem utilizado a sua própria experiência de vida vivenciada no contexto rural de Irará e na cidade de Feira de Santana, durante o curso de formação inicial na UEFS, como exemplo para formar outros profissionais para o magistério e, desse modo, esta professora tem se constituído docente na Universidade do Estado da Bahia, exercendo sua função como professora formadora de outros profissionais na área da educação geográfica no Território de Identidade do Sisal.

Ao falar sobre as mobilidades sociais, econômicas e culturais, a entrada na universidade como alunas e o tornar-se professoras, sobretudo de uma universidade, as professoras Janeide dos Santos e Claudene Rios narraram que a formação docente e o exercício da profissão possibilitaram melhorias nas condições de vida de seus familiares. Assim narraram:

À proporção que a gente começa a conquistar um salário, a ter o primeiro emprego como professora na rede municipal de Irará, eu e minha irmã Jucélia passamos a suprir de imediato as necessidades básicas da nossa família, passamos a ajudar nossos pais com nas

despesas da casa, como alimentação, vestuário, acesso a saneamento básico, tipo banheiro em casa que não tinha, construção de reservatório de água para deixar aquela lida constante de buscar água na cabeça. Então, isso foi acontecendo paralelo às minhas mobilidades. [...] Os meus irmãos mais novos que eu e minha irmã Jucélia, que também é professora doutora de universidade, não passaram pelo que nós passamos, como por exemplo, passar frio porque não tínhamos condições de comprar agasalhos no inverno porque a gente já trabalhava como professora. Com a nossa ajuda financeira, a minha e a da minha irmã Jucélia, meus irmãos já tiveram acesso a uma melhor alimentação e não passaram por determinadas situações que passamos quando ainda éramos crianças porque não tínhamos as condições econômicas que temos hoje. [...] Ao longo do tempo, nós fomos, também, mexendo na estrutura da moradia dos nossos pais. Isso foi fantástico para eles e isso ocorreu durante o processo de inserção na universidade, na graduação e pós-graduação, e aprovação de concurso público. Hoje, meus pais moram numa casa boa, tem automóvel próprio, uma situação de conforto, já são aposentados e, por isso, já têm certa independência financeira e não precisam tanto de nós para suprir a alimentação e manter a casa deles, mas quando não tinham, eu e Jucélia mantínhamos a feira da casa de nossos pais e hoje, sempre quando precisam, estamos ajudando. (Janeide dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

A minha profissão possibilitou tudo que eu tenho. Eu nunca desenvolvi nenhuma outra atividade profissional que não fosse a docência. Então, a docência me permitiu ter tudo que eu tenho, como ter um carro, uma casa, a dar formação aos meus filhos, conseguir dar tudo o que minha família precisa e a suprir todas as nossas necessidades familiares. Então, para mim, a profissão deu conta dessas questões todas, sem ela eu não teria conquistado essas coisas. [...] Então, a docência no ensino superior me possibilitou ter uma vida mais tranquila, ter um salário. Eu tinha muito medo de estar na iniciativa privada e perder emprego e estar na universidade tenho a garantia de estar empregada, exercendo a minha profissão, pois ser professora de uma universidade pública me traz certa segurança financeira. Apesar das universidades estarem passando por muitas dificuldades para se manterem e do salário docente estar muito parecido com o da educação básica, o entrar na universidade e ser professora do ensino superior me possibilitou segurança de trabalho e uma vida mais tranquila para suprir as despesas financeiras da família, pois tinha medo de chegar ao final do mês e não poder pagar as despesas básicas. (Claudene Rios – Entrevista Narrativa, 2014)

Nessas narrativas, as professoras Janeide dos Santos e Claudene Rios evidenciaram as conquistas econômicas e sociais decorrentes de suas formações docentes, o que permitiu certa mobilidade social, econômica e cultural, as quais se constituem em *biotravessias*. Essas professoras rememoraram que suas vidas e de seus familiares melhoraram muito, sobretudo quando passaram a atuar na universidade porque passaram a ter um salário melhor e outras possibilidades de

atuação profissional, o que pode agregar valores econômicos, os quais se reverberam em melhorias de vida financeira e cultural, como complementa a professora Claudene Rios no seu excerto a seguir:

A docência no ensino superior tem promovido a realização de viagens, de conhecer lugares diferentes e me inseriu em alguns programas como o PARFOR e o PIBID que agregaram uma renda extra sem custo de impostos. A mobilidade social e financeira que a profissão docente me proporcionou é muito significativa para mim e isso só foi possível porque estudei para ser professora e fazer concursos públicos e estar na universidade como professora porque nunca fiz nenhuma outra coisa que não fosse 'ser professora'. [...] Financeiramente, a docência universitária mudou meu estilo de vida, me permitiu dar certas regalias aos meus filhos (coisas que meus pais não puderam me dar), como ter acesso a livros que era um sonho meu poder comprar. Enfim, a docência universitária tem me possibilitado viver bem, dentro do que o salário me permite. (Claudene Rios – Entrevista Narrativa, 2014)

Para muitos, chegar à universidade e conseguir concluir a graduação não foi fácil porque o nível superior, até meados dos anos de 1990, a formação acadêmica era para poucos, sobretudo para aqueles oriundos de classes econômicas mais favorecidas. Sobre esta questão, o professor Fábio Josué dos Santos narrou que sua vida mudou muito, desde quando entrou na universidade para se constituir professor e atribui a sua mãe, parte do seu sucesso.

[...] Minha mãe projetou na gente o que ela não conseguiu realizar. [...] Eu fui a primeira pessoa da família a entrar na universidade. Eu estou falando de um contexto diferente, hoje o acesso ao nível superior está mais fácil, democratizado. Antigamente tinha que romper barreiras, era impensável, não tinha políticas públicas para o pobre, mas consegui entrar na universidade, me tornei professor, fiz concursos públicos e isso fez a minha vida mudar, melhorar bastante e agradeço o esforço dos meus pais, principalmente de minha mãe que era muito dedicada e me incentiva. (Fábio Josué dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Para a professora Edite Maria de Faria, a sua entrada na universidade e o exercício da profissão docente na academia possibilitou ganhos, sobretudo culturais, os quais são considerados como os mais importantes e que proporcionaram o desenvolvimento intelectual, como ter acesso a outros espaços culturais como, por exemplo, ir ao cinema, ao teatro e realizar viagens, os quais, segundo ela, não fazia parte de seu universo cultural.

Minha inserção na universidade como docente agregou valores culturais, econômicos e sociais, mas o que destaco mais é independência financeira e a inserção de espaços, que muitas vezes, as camadas populares ficam excluídas ou não têm acesso garantido, como ir ao cinema, teatro, viagens parecem coisas banais, mas não são. [...] Culturalmente falando, o tornar-se professora universitária, me possibilitou a inserção de espaços, compartilhar saberes e realizar viagens, não só de turismo, mas de atividades culturais e acadêmicas. Ter uma casa própria, com muito sacrifício e trabalho, também foi um ganho decorrente da formação e da profissão. O que sinto mais forte na minha vida e que decorre da minha profissão docente são os valores culturais. [...] O estar e conhecer lugares que me proporcionam bem estar e desenvolvimento intelectual é muito bom e isso são os ganhos do exercício da profissão. (Edite Maria de Faria – Entrevista Narrativa, 2015)

Do mesmo modo que esta professora narrou sobre as suas *biotravessias* decorrentes de sua atuação profissional, o professor Antônio Dias rememorou que no começo de sua vida profissional, ainda no estado de Pernambuco, atuando na CONTAG, seu trabalho permitiu ajudar financeiramente seus familiares e lhe proporcionar ganhos culturais. Assim lembrou:

Com a minha formação universitária e as amizades construídas, eu pude conseguir trabalho e ajudar a minha família. Por exemplo, eu trabalhei por 5 (cinco) anos na CONTAG e ganhava 13 (treze) salários mínimos e passei a ajudar muito mais a minha família e a minha vida mudou radicalmente. Lá eu fiz meu pé de meia. Neste emprego, eu pude realizar viagens pelo Brasil todo, conhecer estados, lugares. [...] Meus pais sempre tinham uma expectativa de que, com o progresso, com a minha ascensão social e cultural promovida pela formação, eles iriam melhorar de vida, pois fui o primeiro a fazer curso superior na da família, o doutorado, então, eles sempre valorizavam isso e tinham a expectativa de melhorar a minha vida e a deles também. (Antônio Dias – Entrevista Narrativa, 2014)

Além dos ganhos materiais proporcionados pela atuação profissional, os professores Antônio Dias e Áurea Pereira afirmaram que a docência e o exercício profissional na universidade lhe possibilitaram um reconhecimento social, sobretudo familiar e no ambiente de trabalho.

Então, a minha família via a minha atuação docente com muita alegria. Na universidade, como professor, minha mãe sempre estava presente nas homenagens que tinha para mim na Universidade Federal da Bahia e eu fazia questão de levá-la para que ela pudesse vivenciar aquilo já que ela não teve essa vivência na escola e ela fazia sempre questão de que todos nós estudássemos mesmo os cegos. [...] Então, toda vez que minha mãe me acompanhava na universidade, em algum momento solene, era de grande alegria para ela me ver ali e perceber o quanto progredi, pois era uma espécie de

retorno pra ela. [...] Acredito que eu influenciei muita gente da minha família, muita gente se inspirou em mim, inclusive ajudei minhas sobrinhas a vir estudar aqui em Salvador, acolhendo-as na minha casa. (Antônio Dias – Entrevista Narrativa, 2014)

Somos constituídos de experiências e essas experiências na docência e da pesquisa me trouxeram muitos ganhos não apenas financeiros porque entendo que isso é resultado do nosso investimento, porém, o maior ganho que temos é o reconhecimento profissional por parte da comunidade acadêmica e da sociedade. Falar do que melhorou é difícil porque foram muitos ganhos, desde a independência financeira, que vejo como menor grau, mas o respeito que vem da imagem que vamos construindo em nossa trajetória de vida pessoal e profissional. A representação social que as pessoas têm de mim, me coloca num lugar de muita responsabilidade. Isso é formidável e ao mesmo tempo me dá muito medo, mas é assim que me tornei professora e fui tecendo minha carreira com muita luta, persistência e ética. (Áurea Pereira – Entrevista Narrativa, 2015)

O tornar-se professor e as mobilidades sociais, econômicas e culturais decorrentes de sua profissão permitiu aos professores mobilizar outras pessoas como familiares a melhorarem de vida através de investimentos na formação, como narrou o professor Antônio Dias no excerto a seguir:

Na medida em que vamos melhorando de vida, outras pessoas da família acabam melhorando também e começam a querer ter acesso ao nível superior e ter uma profissão. Lembro que incentivei meus irmãos cegos e os sobrinhos a estudar no ensino superior e desejarem uma carreira por causa da minha influência. Esses são os maiores ganhos da minha inserção na universidade e da minha atuação profissional nela. Na família, o estudo virou uma alternativa de futuro e eu era uma referência, digamos assim. (Antônio Dias – Entrevista Narrativa, 2014)

Já a professora Áurea Pereira, oriunda de um contexto familiar mais favorável economicamente, faz questão de enfatizar que a sua inserção e atuação na universidade lhe possibilitou o reconhecimento profissional de colegas de trabalho e isso faz com que ela tenha mais responsabilidade no cargo que atua no departamento da UNEB de Alagoinhas. Segundo esta professora, o reconhecimento profissional lhe impulsiona a ser uma melhor profissional e disse:

Estar numa universidade pública, atuando como professora, e desde 2014 exercendo um cargo na gestão, na condição de diretora, de um departamento que cheguei como estudante de graduação em 1992 me faz ser muito comprometida e responsável por aquilo que estou fazendo porque há um vínculo de pertencimento muito forte e uma vontade enorme das coisas darem certo. Então, há um zelo pela universidade, pelo corpo técnico administrativo, docente, discente e

peçoal de apoio. Mas para, além disso, também atuo no Programa de Pós-graduação stricto sensu, ministro uma disciplina que tem toda relação com minha pesquisa de mestrado e doutorado. E isso é muito gratificante, mas ao mesmo tempo de muita responsabilidade, além das minhas aulas e as orientações de mestrado, IC e TCC. Tudo isso me faz melhor na profissão que escolhi para minha vida. (Áurea Pereira – Entrevista Narrativa, 2015)

Muitas mudanças ocorreram na vida dos professores e decorrem das *geotravessias* realizadas pelos professores, as quais implicaram diretamente nas suas mobilidades sociais, econômicas e culturais, nas suas *biotravessias*. Além do professor Antônio Dias enfatizar que suas mobilidades sociais, econômicas e culturais implicaram em melhorias familiares, as professoras Claudene Rios, Edite Maria de Faria, Fábio Josué dos Santos e Janeide dos Santos foram unânimes, também, em narrar que suas atuações profissionais, como professoras universitárias, proporcionaram melhoria nas condições de vida de seus familiares e complementaram:

A ascensão social, o ser professora na universidade me possibilitou um reconhecimento da minha família, sobretudo de meus pais que sentem orgulho de ter uma filha professora universitária e para meus irmãos, tenho sido uma fonte de inspiração. [...] A formação e a docência permitiu melhoria na minha vida e, conseqüentemente, de meus familiares, principalmente quando passei a ser professora no nível superior porque o professor universitário tem um reconhecimento social melhor e a gente acaba tendo outras possibilidades financeiras. (Claudene Rios – Entrevista Narrativa, 2014)

Como sou arrimo de família, a minha formação e atuação profissional docente na universidade contribuiu para que meus familiares tivessem uma elevação de qualidade de vida, de bem estar. (Edite Maria de Faria – Entrevista Narrativa, 2015)

Com a minha formação, o ser professor, nós melhoramos de vida. Eu consegui ajudar a família e conquistar alguns bens materiais como carro, casa e ajudar a minha família. Sem essa formação e atuação profissional, não sei se eu teria conquistado essas coisas e chegado onde cheguei. (Fábio Josué dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

A minha mobilidade social e econômica e as condições de vida de meus pais andam juntas. À proporção que vamos melhorando as nossas condições econômicas, melhorando o nosso salário, a partir do investimento na formação continuada e obtendo sucesso em concursos públicos, gradativamente, as condições da nossa família, dos nossos pais e irmãos mais novos, foram melhorando também. (Janeide dos Santos – Entrevista Narrativa, 2014)

Diante do exposto, fica claro que as mobilidades geográficas, sociais, econômicas e culturais – as *geo(bio)travessias* – dos professores desta pesquisa implicaram diretamente no modo de vida dos outros, principalmente na vida de seus familiares, como uma forma de retribuir os esforços e incentivos de seus pais e por eles não terem vivenciado a oportunidade de realizar essas mobilidades, as quais promoveram diferentes formas aos professores para se (re)inventarem a partir das experiências vividas nos seus lugares de vida, de formação e de atuação docente.

No devir desta investigação, no processo de interpretação das histórias narradas pelos professores Antônio Dias, Áurea Pereira, Claudene Rios, Edite Maria de Faria, Fábio Josué dos Santos e Janeide dos Santos, posso afirmar que o tornar-se/ser professor de uma instituição de ensino superior ocorreu de modo singular, em diferentes contextos e tempos, mas o certo é que as *geo(bio)travessias* desses professores têm relação direta com a identidade pessoal, o investimento na formação, as experiências nas trajetórias profissionais, os quais são indicadores que têm contribuído para o exercício profissional docente na universidade (ser/fazer docente), relacionando suas mobilidades sociais, culturais e econômicas (*biotravessias*) com os deslocamentos geográficos (*geotravessias*), tornando possível o improvável – sair da escola da roça e se constituir professor doutor/pós-doutor – e exercer a profissão docente numa universidade baiana.

6. DE ALUNO DE ESCOLA DA ROÇA A PROFESSOR NA UNIVERSIDADE: conclusões

[...] conhecimento de si não é somente compreender como nos formamos e nos transformamos, ao longo de nossa vida, mediante um conjunto de vividos transformados em experiências, mas também tomar consciência de que esse reconhecimento de nós mesmos como sujeitos encarnados, mais ou menos ativos, ou passivos, segundo as circunstâncias, permite, doravante, visualizar nosso itinerário de vida, nossos investimentos e nossos objetivos, com base numa auto orientação possível, numa invenção de si, a qual articula mais conscientemente nossas heranças, nossas experiências formadoras, nossas pertenças, nossas valorizações, nossos desejos e nosso imaginário às oportunidades socioculturais que saberemos apreender, criar e explorar, para que advenha um si que aprende a identificar e a combinar obrigações e margens de liberdade.

Josso (2010, p. 65)

Ao (re)escrever as *geo(bio)travessias* dos professores Antônio Dias, Áurea Pereira, Claudene Rios, Edite Maria de Faria, Fábio Josué dos Santos e Janeide dos Santos fiz interpretações de suas narrativas que retratam histórias de vida, trajetórias de escolarização e formação, bem como de situações vividas no processo do tornar-se/ser professor de universidade.

Ao final desta escrita, posso afirmar que a tomada de consciência dos professores deste estudo sobre as suas histórias vividas em territórios rurais, como moradores da roça, ex-alunos de escolas rurais, bem como das experiências vivenciadas em seus percursos continuados de escolarização na cidade e nos percursos de formação acadêmico-profissional configura-se como um processo de conhecimento e (re)invenção de si a partir do próprio itinerário de vida, dos momentos-chave ou de momentos-charneira que viveram, além da influência de pessoas-charneira, dos investimentos feitos, das redes de relações sociais construídas, de apoio e de incentivos recebidos, sobretudo de familiares, principalmente dos pais que acreditavam na importância da escolarização para a formação dos seus filhos, o que possibilitaram as mobilidades sociais, econômicas e culturais, as quais se configuram como *biotravessias*, marcadas pelas migrações praticadas, pelos deslocamentos realizados e pelas situações experienciadas.

Nestes processos de mobilidades, de vivências, alguns professores se engajaram conscientemente. Esta consciência e reflexão sobre si e sobre o que viveu pode se configurar como um saber hermenêutico resultante de uma reflexão pessoal, de uma tomada de consciência dos fatores históricos, sociais, econômicos e culturais que determinaram os percursos, os quais refletiram em vivências e experiências vividas nos percursos de vida e de formação, como bem explicita Josso (2010), na epígrafe que abre esta seção, a qual comporta o texto de conclusão desta tese.

Para outros, as trajetórias de mobilidades não foram decorrentes de um planejamento consciente, o que caracteriza uma marca de identidade rural, pois, o sujeito do espaço rural vivencia fortemente o processo de identidade e pertencimento com/no lugar, o que Tuan (1983) chama de “laços topofílicos”. O lugar enquanto espaço de identidades, de significação, de sentimento e representação. Essas marcas de relações implicam nas construções biográficas.

A justificativa que mobilizou inicialmente a realização desta pesquisa perpassou pelo encontro das reminiscências do meu passado, como neta de pequenos trabalhadores rurais e filha de pais com pouco capital social, e do meu presente como professora universitária formadora de outros profissionais para o exercício docente na educação básica e no ensino superior, cujas histórias se aproximam da minha porque muitos são oriundos da roça, de contextos rurais.

A roça, nesta investigação, é compreendida como um espaço que tem um modo de viver singular, um lugar específico, onde os colaboradores nasceram, cresceram, moraram, trabalharam e se utilizaram da terra para o seu próprio sustento. Um rural retalhado de pequenas propriedades destinadas à agricultura familiar, onde as populações rurais são, muitas vezes, marginalizadas, empobrecidas e desassistidas pelo Estado.

Já a escola rural/multisseriada é concebida como um lugar importante de construção dos primeiros saberes, das primeiras aprendizagens que compõem o universo letrado dos professores protagonistas deste estudo. Além de ter sido o ponto de partida que possibilitou as mobilidades geográfica, social, econômica e cultural, esta escola, muitas vezes renegada ao acaso, constitui-se, ainda hoje, como a única oportunidade de acesso à educação escolar.

Historicamente, o Nordeste brasileiro sempre foi palco de muitas mobilidades geográficas, decorrentes de questões de natureza física, como a falta de chuva e, conseqüentemente da escassez de oportunidade de trabalho, sobretudo, nos territórios rurais. Associados a estes motivos, outros fatores justificam tais migrações, principalmente vinculadas à possibilidade de dar continuidade aos estudos e adentrar a universidade e realizar um curso de graduação no nível superior.

Assim, a mobilidade social de pessoas oriundas de contextos rurais está vinculada, na maioria das vezes, a uma mobilidade geográfica exigida pela necessidade de deslocamentos em direção a espaços urbanos por causa da oferta de serviços mais avançados, justificados principalmente pela continuidade da escolarização e a necessidade de uma formação profissional.

A partir dos deslocamentos da roça para a cidade, movidos pelo desejo da continuidade do processo de escolarização, o que favoreceu o acesso à universidade e, conseqüentemente à formação inicial nas IES, os colaboradores

experienciaram a iniciação à docência em diferentes contextos, os quais possibilitaram pensar na atuação profissional no âmbito acadêmico.

Desse modo, esta pesquisa foi mobilizada pela seguinte indagação: – Como ocorreram as mobilidades geográficas, sociais e culturais – *geo(bio)travessias* – de professores oriundos de escolas rurais que exercem a profissão em universidades baianas e quais implicações dessas mobilidades no tornar-se/ser professor?

A intenção desta investigação foi analisar as trajetórias de mobilidades geográfica, social e cultural de professores universitários, oriundos da roça, que atuam em diferentes instituições de ensino superior no estado da Bahia, a partir de 3 (três) eixos temáticos – histórias de vida, *geo(bio)travessias* e professor universitário – e de 6 (seis) dimensões analíticas – percursos de vida, percursos de escolarização, percursos de formação acadêmico-profissional, *geotravessias*, *biotravessias* e o tornar-se/ser professor universitário.

Como intenções complementares foi necessário conhecer os percursos de escolarização e as trajetórias de formação desses professores colaboradores e identificar nos seus percursos de vida e nas trajetórias de formação, as estratégias utilizadas para chegar ao exercício docente na universidade, além de descrever como os professores compreenderam essas travessias nesse processo de constituição profissional, do tornar-se/ser professor da UNEB e da UFRB, onde atuam, cujo argumento tese defendido elencou as mobilidades geográficas, sociais, econômicas e culturais – as *geo(bio)travessias* – como importantes movimentos que proporcionam aprendizagens e conhecimento sobre si, sobre a vida e sobre o mundo, a partir das redes de relações – afetivas, colaborativas e formativas – construídas e estabelecidas durante os percursos de uma história de vida.

Esse conhecimento e (re)invenção de si são possíveis através de uma reflexividade biográfica sobre as aprendizagens construídas e as situações experienciadas nos lugares vividos, decorrentes dos deslocamentos geográficos (*geotravessias*), sobre os percursos formativos realizados e sobre as redes de relações sociais construídas nesses processos de constituição familiar, escolar, de formação e de atuação profissional, os quais possibilitaram mobilidades social, cultural e econômica (*biotravessias*).

Conhecer as *geotravessias* dos professores protagonistas deste estudo possibilitou analisar as trajetórias de mobilidades geográficas, as causas e as implicações nas escolhas feitas, nos percursos formativos e na atuação profissional.

As histórias narradas sobre os lugares vividos, os itinerários realizados entre a casa e a escola rural, entre a roça e a cidade, o sair do interior dos estados da Bahia e de Sergipe e estudar na cidade e chegar à universidade, bem como conhecer os deslocamentos profissionais realizados nos itinerários do tornar/ser professor de uma IES no estado da Bahia compõem o enredo desta escrita.

As primeiras mobilidades geográficas praticadas pelos professores colaboradores correspondem ao processo de sair da roça, lugar de origem, e ir para a cidade – espaço caracterizado como o lugar de promoção e aquisição de um universo letrado –, tendo em vista a garantia da continuidade das trajetórias de escolarização de todos os professores, exceto, a professora Edite Maria de Faria que realizou sua primeira mobilidade geográfica por causa da necessidade de tratamento de saúde de seu pai. A segunda retrata os deslocamentos do contexto rural para o contexto urbano, enquanto espaço de moradia, decorrente do ingresso no ensino superior como alunos dos cursos de graduação. A terceira mobilidade foi marcada pelas aprovações em concursos públicos e o ingresso na universidade, enquanto professores. E a quarta comporta as trajetórias de formação continuada em nível de pós-graduação *stricto sensu* e a promoção funcional na carreira do magistério.

Dos 6 (seis) professores colaboradores, apenas 1 (um) deles – a professora Edite Maria de Faria – como já foi mencionado, praticou a primeira *geotravessia* por conta de uma questão específica, sem vinculação com a necessidade de continuidade dos estudos. Esta migração foi decorrente das condições de tratamento de saúde de seu pai. Ao se deslocar do espaço rural de Maragogipe para a cidade de Salvador, a professora Edite também teve a sua vida marcada por mudanças, e uma delas foi a sua inserção numa escola pública, de grande porte, na capital baiana. Essa travessia caracteriza um não planejamento como marca de uma identidade rural, diferentemente dos demais colaboradores que afirmaram que suas *biotravessias* ocorreram a partir de suas *geotravessias* decorrentes da necessidade de continuidade dos processos de escolarização na cidade.

Essas mobilidades promoveram ascensão social, materializada na melhoria na qualidade de vida (material e imaterial), não só para os profissionais dessas histórias de travessias, pois suas mobilidades econômicas, sociais, culturais acabaram influenciando a vida de outras pessoas que fazem parte de seu contexto

peçoal, familiar e profissional, o que viabilizou, de forma direta ou indiretamente, mudanças nas histórias de vida de outrem.

Torna-se necessário enfatizar que conhecer as histórias de vida de cada um dos professores foi fundamental para contemplar o objeto desta pesquisa e apreender as dimensões elencadas neste estudo. Além disso, foi relevante identificar as estratégias utilizadas pelos professores para chegar ao magistério superior e construir uma carreira numa universidade pública e descrever como esses sujeitos compreenderam as *geo(bio)travessias* – mobilidades geográfica, social, econômica e cultural e suas implicações nos cotidianos da vida.

Ao analisar as narrativas sobre as trajetórias de mobilidades dos 6 (seis) professores universitários foi possível apreender as suas histórias de vida, perceber os modos como viveram e descreveram seus percursos iniciais de escolarização nas escolas multisseriadas localizadas no espaço rural no interior dos estados da Bahia e de Sergipe, bem como conhecer os percursos que os levaram à continuidade dos estudos nas escolas das cidades, a inserção na universidade enquanto estudantes da graduação e pós-graduação e os caminhos percorridos para o ingresso na carreira do magistério e como eles têm se constituído professores no exercício da docência na universidade.

As histórias de *geo(bio)travessias* narradas pelos professores – Antônio Dias, Áurea Pereira, Claudene Rios, Edite Maria de Faria, Fábio Josué dos Santos e Janeide dos Santos – se constituem como um repertório de narrativas que revelaram múltiplas aprendizagens iniciadas no espaço rural, nas vivências em família, no trabalho nas lavouras, na divisão de tarefas domésticas, nas atividades comunitárias, nas escolas da roça, na igreja e, também, nos lugares vividos no espaço urbano, representados, sobretudo, pela escola e pela universidade.

As professoras Áurea Pereira, Claudene Rios e Janeide dos Santos evidenciaram, nas suas narrativas, que desde a infância já manifestavam o desejo de vir a ser professora e objetivavam seguir a carreira do magistério. Já os professores Antônio Dias, Edite de Faria e Fábio Josué dos Santos, nas suas narrativas, sinalizaram que não pretendiam seguir a docência como profissão.

As narrativas retratam, também, que a maioria dos professores aprendeu a ser professor universitário a partir da reflexão do que viveu como aluno na educação básica ou na universidade, e, também, na convivência e trocas de saberes e experiências com os colegas mais velhos no exercício da profissão. Neste processo

de aprendizagem da/na docência universitária, as memórias dos tempos de escola, das situações vividas nos decursos das trajetórias de escolarização, de formação inicial e continuada, as reminiscências dos modos como os seus professores ministravam aulas, foram questões que emergiram nas narrativas, as quais implicam no contínuo processo do tornar-se professor, articulando o vivido, o aprendido e o experienciado refletindo no fazer docente, na atuação profissional.

Cada professor, ao seu modo, narrou suas histórias e muitas delas se aproximavam cujos enredos contemplavam elementos comuns, os quais revelaram uma identidade rural, marcada pelo modo singular de ser, fazer e viver, cujas singularidades de suas histórias retratam o modo de viver nos territórios rurais, caracterizado pelo trabalho comunitário e pela labuta nas lavouras temporárias, as reminiscências da escola rural, caracterizada pela classe multisseriada, espaço improvisado, muitas vezes na residência da própria professora que desempenhava vários papéis: limpava o ambiente, preparava a merenda e ensinava.

Em outros momentos, os enredos das histórias se distanciavam um pouco por causa do contexto histórico/temporal, cujos acontecimentos foram vividos, pois a maioria dos colaboradores desta investigação possui idades entre 40 e 50 anos, mas um dos professores – Antônio Dias – que não é licenciado, vivenciou experiências que se entrelaçavam com o contexto da política brasileira marcado pelo regime militar, ao relacionar seus percursos de vida pessoal e profissional, principalmente aqueles vividos na adolescência e no início da vida adulta, durante o período da ditadura, cujas histórias incluem questões de um tempo difícil e que influenciou a identidade deste professor e demarcou as suas escolhas.

De fato, as histórias de vida narradas pelos professores universitários retratam um conhecimento de si e consciência sobre seus diferentes registros de expressão e representações de si, evidenciando que o improvável – o sucesso escolar e a ascensão social decorrente das trajetórias de formação de sujeitos oriundos da roça, de classes sociais populares, de baixo capital cultural pudessem ocupar posições de destaque no contexto acadêmico-profissional – foi possível de ser concretizado.

Assim, as implicações das representações do vivido no espaço rural e das itinerâncias escolares e formativas influenciaram fortemente a constituição da identidade profissional docente dos 6 (seis) colaboradores da pesquisa, principalmente no seu fazer docente, no modo como ensinam e se relacionam com

seus alunos. Essas representações se reverberaram nas pesquisas realizadas por estes professores, ao enfatizarem temáticas ligadas às questões rurais e sociais, dentre as quais se destacam: a questão agrária na Bahia, letramento de pessoas idosas, a atuação docente em espaços rurais, a importância das classes multisseriadas e o processo de escolarização de crianças no Recôncavo da Bahia, os movimentos sociais, a educação de jovens e adultos e a educação do campo e a formação de educadores do campo.

Nas suas narrativas, os professores evidenciaram a forte presença dos pais nos processos de escolarização, os quais comportam a entrada na escola e a continuação dos estudos na cidade, a formação profissional e o trabalho como princípio educativo. Desse modo, reafirmaram que o contexto familiar exerce e assume um lugar singular, de destaque nos percursos educativos, pois o que cada um se tornou é resultante daquilo que foi/é atravessado pela presença de todos, sobretudo dos pais. Desse modo, “[...] a família é o lugar fundamental de tais lembranças e mediações”, conforme nos assegura Souza (2011c, p. 170).

As lembranças dos processos de escolarização e de formação dos 6 (seis) colaboradores desta pesquisa sobre a roça e as escolas localizadas em espaços rurais são muitas e retratam tempos, lugares e aprendizagens diversos, cujas marcas estão impregnadas na identidade dos professores Antônio Dias, Áurea Pereira, Claudene Rios, Edite Maria de Faria, Fábio Josué dos Santos e Janeide dos Santos, embora o enredo que constituem suas histórias abordem questões que se convergem em muitos aspectos, como, por exemplo, as dificuldades de acesso à educação no espaço rural, a estrutura das escolas, muitas delas multisseriadas e que funcionavam num espaço agregado à casa ou a um espaço construído/cedido por algum morador da comunidade ou por alguém da própria família, a falta de recursos pedagógicos, como também humano.

As histórias narradas pelos professores envolvem histórias de outras pessoas, sobretudo, dos contextos familiares e reafirmam as pesquisas de Lahire (1997) sobre o sucesso escolar nos meios populares e as razões do improvável, ao retratar histórias escolares de crianças oriundas de pais de classes populares, filhas de pais com baixo capital cultural e escolar, ao defender a ideia de que os sujeitos se constroem a partir de várias dimensões, de uma pluralidade de mundos sociais não homogêneos e, muitas vezes, contraditórios, como foi a história de vida e de formação dos 6 (seis) professores universitários desta investigação.

Quanto aos percursos acadêmico-profissionais, as reminiscências revelaram a importância das redes de relações sociais – família, comunidade, instituições religiosas, amigos, escolas e outros espaços educativos – construídas durante o processo de escolarização e de formação profissional. Os professores que fizeram parte das suas trajetórias de escolarização/formação, tanto nas escolas da roça, da cidade ou da universidade, bem como os amigos, os pais e outros familiares que os impulsionaram e os ajudaram a percorrer os caminhos e chegar à docência no ensino superior foram as principais referências (pessoas-charneiras) que emergiram das narrativas interpretadas.

Em muitas histórias de formação, como as narradas pelos professores Áurea Pereira, Claudene Rios, Fábio Josué dos Santos e Janeide dos Santos, ficou evidenciada a importância do curso profissionalizante de Magistério em nível médio na constituição da identidade profissional docente porque, segundo esses professores, os saberes apreendidos durante a formação profissional no ensino médio também foram imprescindíveis para o exercício da profissão no ensino superior, uma vez que na universidade, na formação inicial, eles apreenderam os saberes específicos das suas áreas de conhecimento, mas não os qualificaram para a docência neste *locus*, o que os levaram à busca de uma formação continuada que pudesse lhes garantir uma melhor qualificação para atender às demandas e os desafios impostos cotidianamente no âmbito da docência na universidade.

Nas histórias de *geo(bio)travessias* dos professores Áurea Pereira, Claudene Rios, Fábio Josué dos Santos e Janeide dos Santos são enfatizadas a importância das situações experienciadas no devir da atuação como profissionais da educação básica. Segundo eles, as aprendizagens adquiridas, o ser e fazer docente na escola proporcionou-lhes saberes pedagógicos importantes que os ajudaram no processo inicial da docência no ensino superior. Outros narraram que aprenderam a ser professor universitário no próprio exercício profissional, como foi o caso do professor bacharel em jornalismo, Antônio Dias e a pedagoga, Edite Maria de Faria.

Alguns professores evidenciaram que se tornaram professores universitários por causa de momentos e pessoas charneiras, como foi o caso do professor Antônio Dias, mobilizado por um professor universitário que o considerava apto para assumir a docência, logo após ter concluído a formação no curso de Comunicação na UFBA. A professora Áurea Pereira despertou o desejo ainda na fase inicial da sua trajetória de escolarização escolar. Já a professora Claudene Rios foi influenciada por um

professor que tivera no período de sua formação inicial na UEFS. E os demais no decurso da formação profissional docente e nas trajetórias de atuação profissional na educação básica, mobilizados pelo interesse no crescimento social, econômico e cultural.

As narrativas dos professores traduzem percursos de vida, percursos de escolarização, percursos de formação acadêmico-profissional, *geotravessias*, *biotravessias* e o tornar-se/ser professor universitário. Nessas dimensões analíticas, ficou evidenciada a forte presença dos pais em seus processos de *geo(bio)travessias*. Além disso, as narrativas evidenciam que as *geo(bio)travessias* dos professores desta pesquisa implicaram em melhorias nas condições de vida de seus pais e familiares, os quais realizaram, também, mobilidades econômicas concomitantemente, por influência e ajuda dos filhos que são professores universitários.

A partir do que foi narrado, posso afirmar que as *biotravessias* só foram possíveis por causa das *geotravessias*, embora os deslocamentos geográficos realizados tenham ocorrido inicialmente por razões diferentes, mas o certo é que as mobilidades sociais, econômicas e culturais só foram possíveis por causa dessas migrações que possibilitaram os professores adquirirem saberes e apreenderem outras aprendizagens que compõem o universo letrado das cidades, cujas experiências os conduziram para o exercício da docência universitária.

Ao narrar as suas histórias, os professores Antônio Dias, Áurea Pereira, Claudene Rios, Edite Maria de Faria, Fábio Josué dos Santos e Janeide dos Santos reafirmam a importância da roça e da escola rural na formação da identidade pessoal e profissional e nos ensinam a sonhar, a traçar metas, a criar estratégias como a que eles criaram, ao se dedicar nos estudos, a construir redes de relações sociais, a lutar pelos ideais e ultrapassar os limites, a romper as barreiras que impedem de avançar, principalmente aquelas impostas pelas adversidades – natural, econômica e social de origem –, tornando possível o improvável, que é o sucesso de pessoas oriundas de classes populares, cujos pais possuem baixo ou nenhum capital escolar. Os professores mobilizaram seus conhecimentos, seus valores e suas energias para se (re)inventarem, dando forma a sua identidade pessoal e profissional a partir de seus contextos, das situações vividas, do experienciado, o que possibilitou-lhes reescrever uma nova história e compor um

novo enredo com uma narrativa diferente a partir do conhecimento de si, do desejo de se autorizar e de se (re)inventar.

Desse modo, o conhecimento de si não é somente compreender como nos formamos ou nos transformamos ao longo dos percursos e trajetórias de nossa vida, como asseverou Josso (2010) na citação que abriu este texto final, mas também, como ela mesma afirmou, este conhecimento de si é uma tomada de consciência de que nós somos sujeitos ativos ou passivos, conforme as circunstâncias, as ocorrências e as situações dos nossos itinerários e percursos de vida, bem como dos nossos investimentos, objetivos e das redes de relações sociais que construímos, nos diversos espaços de atuação e nas trajetórias de vida, com base numa auto-orientação e re-organização possível, numa (re)invenção de si.

Assim, foi desse modo que os professores Antônio Dias, Áurea Pereira, Claudene Rios, Edite Maria de Faria, Fábio Josué dos Santos e Janeide dos Santos, ex-alunos da escola da roça se tornaram professores universitários, atuando na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), cujas histórias narradas reafirmam o argumento defendido nesta tese, ao considerar que as mobilidades geográficas, econômicas, sociais e culturais (*geo(bio)travessias*) se constituem como importantes movimentos que proporcionam aprendizagens e conhecimento sobre si, sobre a vida e sobre o mundo a partir das redes de relações construídas e estabelecidas durante os percursos de uma vida, com ênfase no papel da família, os quais os conduziram inicialmente para o mundo letrado.

Por fim, é pertinente ressaltar, mais uma vez, que as *biotravessias* são decorrentes das *geotravessias*, as quais implicam diferentes modos de conceber a vida e outros modos para contar através das narrativas que compõem os enredos das *geo(bio)travessias*.

REFERÊNCIAS

Todos os livros ainda estão para serem lidos e suas leituras possíveis são múltiplas e infinitas; o mundo está para ser lido de outras formas [...].

Larrosa (2002, p. 27)

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. As narrativas de si resignificadas pelo emprego do método autobiográfico. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si.** – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 149-170.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Pesquisa (auto)biográfica – tempo, memória e narrativas. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **A aventura (auto)biográfica.** Teoria e empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 201-224.

ALAGOINHAS. IBGE Cidades – 2015. Dados sobre o município. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br>. Acesso em: 28 de jun. 2016.

AI-5. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5>. Acesso em: 14 jun. 2016.

ALARCÃO, Isabel. Prefácio – A começar. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Org.) **Identidade e vida de educadores Rio-grandenses.** Narrativas na primeira pessoa (... e em muitas outras). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 7-13.

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. A Educação Rural como Processo Civilizador. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena (Org). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil.** Vol. III: Século XX. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 279-295.

ALMEIDA, Maria Isabel de. **Formação do professor do ensino superior: desafios e políticas institucionais.** São Paulo: Cortez, 2012, 184 p.

AMARGOSA. IBGE Cidades – 2015. Dados sobre o município. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br>. Acesso em: 11 de set. 2016.

AMIGUINHO, Abílio. Escola em meio rural: uma escola portadora de futuro? **Revista Educação**, v. 33, n. 1, p. 11-32, Santa Maria, jan./abr. 2008. Disponível em: <http://www.ufsm.br/ce/revista>. Acesso em 29 jan. 2014.

ANDRADE, Fernando Teixeira de. **Tempo de Travessia.** Disponível em: <http://memoriaipms.blogspot.com.br/2012/09/tempo-de-travessia-fernando-teixeira-de.html>. Acesso em: 28 abr. 2016.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: Dilemas da subjetividade contemporânea.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. 370 p.

ARAÚJO, Sandra Regina Magalhães de. Contemporaneidade, pedagogia da alternância e desenvolvimento sustentável na educação do campo: tecendo diálogos. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). **Educação e Ruralidades.** Memória e narrativas (auto)biográficas. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 157-177.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens.** 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

AULETE, Caldas. **Minidicionário contemporâneo da Língua Portuguesa** de acordo com a nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexikon, 2009.

BATISTA, Marize Damiana Moura Batista; OLIVEIRA, Simone Santos de; PORTUGAL, Jussara Fraga. **Formação docente e Geografia escolar: das práticas e saberes espaciais à construção do conhecimento geográfico.** Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência. Edital CAPES 061/2013. Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, *Campus XI*, Serrinha-BA, 2013, 23 p. (Digitalizado).

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas.** Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES – BDTD. **Dissertações e teses.** Disponível em: Disponível em: <http://bdtb.ibict.br/>. Acesso em 27 jan. 2014.

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de Vida: a pesquisa e seus métodos.** Natal, RN: EDUFN; São Paulo: Paulus, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação.** Seleção, organização, introdução e notas de Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BUENO, Belmira Oliveira. **Histórias de vida de professores: a questão da subjetividade.** Universidade de São Paulo. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p. 11-30, jan./jun. 2002.

BOQUIM. IBGE Cidades – 2015. Dados sobre o município. Disponível em: <http://ibge.gov.br>. Acesso em: 14 maio 2016.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN/Lei n. 9394/96.** Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.mec.org.br>. Acesso em: 12 mar. de 2011.

CABO DE SANTO AGOSTINHO. IBGE Cidades – 2015. Dados sobre o município. Disponível em: Disponível em: <http://ibge.gov.br>. Acesso em: 14 maio 2016

CADERNOS DO CEAS. Disponível em: <http://cadernos.ceas.com.br>. Acesso em: 8 jun. 2016

CALDART, R. S. **Educação em movimento: formação de educadoras e educadores no MST.** Petrópolis: Vozes, 1997.

CÂMARA, Sandra Cristinne Xavier da; PASSEGGI, Maria da Conceição. Memorial autobiográfico: uma tradição acadêmica no Brasil. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; VICENTINI, Paula Perin; SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). **Pesquisa (Auto)biográfica: narrativas de si e formação.** Curitiba, PR: CRV, 2013, p. 29-47.

CANTET, Laurent. **Entre os Muros da Escola.** [Filme - Vídeo]. Produção de Caroline Benjo, Carole Scotta, Barbara Ietellier e Simon Arnal. Roteiro de Laurent

Cantet, François Bégaudeau e Robin Campello. França, Sony Pictures Classics/Imovision, 2007. 1 DVD, 128 min, Color, Som.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Jovens escolares e sua geografia: práticas espaciais e percepções no/do cotidiano da cidade. In: CAVALCANTI, Lana de Souza; CHAVEIRO, Eguimar Felício; PIRES, Lucineide Mendes (Org.). **A cidade e seus jovens**. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2015, p. 13-29.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade**: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012, 190 p.

CONTAG. Disponível em: <https://www.contag.org.br>. Acesso em: 7 jun. 2016.

CUERDA, José Luis. **A Língua das Mariposas** [Filme – Vídeo]. Produção de José Luis Cuerda, Fernando Bavaíra e Emiliano Otegui. Direção de Javier Salmenes e Josep Rosell. Espanha, Las Producciones Del Escorpión, 1999. 1 DVD, 96 min. Color. Son.

CUNHA, Maria Isabel da. A docência como ação complexa. In: CUNHA, Maria Isabel da (Org.). **Trajetórias e Lugares de formação da docência universitária**: da perspectiva individual ao espaço institucional. Araraquara, SP: Junqueira & Martins; Brasília, DF: CAPES; CNPQ, 2010. p. 19-34.

CUNHA, Maria Isabel da. **O professor Universitário na transição de paradigmas**. 2. ed. Araraquara: Junqueira & Marin editores, 2005.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **As histórias de vida**: da invenção de si ao projeto de formação. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Brasília: EDUNEB, 2014, 362 p.

DELORY-MOMBERGER, Christine. A pesquisa biográfica em educação: desafios e perspectivas. In.: SOUZA, Elizeu Clementino (Org.). **Educação e Ruralidades**. Memórias e narrativas (auto)biográficas. Salvador: EDUFBA, 2012a. p. 181-200.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **A condição biográfica**. Ensaio sobre a narrativa de si na modernidade avançada. Natal, RN: EDUFRN, 2012b, 155 p.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Os desafios da pesquisa biográfica em educação. In: SOUZA, Elizeu Clementino (Org.). **Memória, (auto)biografia e diversidade**: questões de método e trabalho docente. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 43-58.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. Tradução de Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto e Luis Passeggi. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008a.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Biografia, corpo, espaço. In: PASSEGGI, Maria da Conceição (Org.) **Tendências da pesquisa (auto)biográfica**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008b, p. 93-109.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Prefácio. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). **Educação e Ruralidades**. Memórias e narrativas (auto)biográficas. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 9-15.

DURAN, Marília Claret Geraes; SANTOS NETO, Elydio dos. Estudos (auto)biográficos na formação de mestres pesquisadores em educação. In. SOUZA, Elizeu Clementino de. (Org.) **Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino**. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006, p. 93-108.

ERRADICAÇÃO DO TRABALHO INFANTIL. Disponível em: http://www2.setre.ba.gov.br/trabalhodecente/guia_trabalho_infantil.asp. Acesso em 12 jun. 2016.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE ALAGOINHAS. Disponível em: <http://www.revistas.uneb.br/index.php/babel/article/view/214/187>. Acesso em: 03 jul. 2016.

FARIA, Edite Maria da Silva. **História de vida, formação e profissão**. Salvador-BA, 20 jan. 2015. Entrevista narrativa concedida a Simone S. de Oliveira.

FERRAROTTI, Franco. **História e histórias de vida**. O método biográfico nas ciências sociais. Tradução de Carlos Eduardo Galvão e Maria da Conceição Passeggi. Natal, RN: EDUFRN, 2014. 156 p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Júnior**: dicionário escolar da língua Portuguesa. Curitiba: Positivo, 2005.

FHC SUPRIMIU 50 DIREITOS DOS SERVIDORES PÚBLICOS. Disponível em: <http://www.cut.org.br/noticias/fhc-suprimiu-50-direitos-dos-servidores-publicos-69f5>. Acesso em: 12 jun. 2016.

GARCIA, Carlos Marcelo. **Formação de Professores**: para uma mudança educativa. Porto: Porto Editora, 1999.

GAVIÃO. Disponível em: <http://www.baciadojacuipe.com.br/gaviao/>. Acesso em: 6 jan. 2014.

GERALDI, João Wanderley. **Concepções de linguagem e ensino de Português**. Disponível em: <https://zellacoracao.wordpress.com/2010/03/30/concepcoes-de-linguagem-e-ensino-de-portugues-joao-wanderley-geraldi/>. Acesso em: 9 jul. 2016.

GHEDIN, Evandro. **Educação do campo**: epistemologia e práticas. São Paulo: Cortez, 2012, 448 p.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4. ed. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2005.

HEREK, Stephen. **Adorável Professor** [Filme – Vídeo]. Produção de Robert w. Cort, Ted Field e Michael Nelin. Roteiro de Patrick Sheane Duncan. Estados Unidos, Hollywood Pictures, 1995. 1 DVD. 140 min. Color. Som.

INEP. **Número total de docentes (em exercício e afastados), por organização acadêmica e sexo, segundo a unidade da Federação e a categoria administrativa das IES.** Dados de 2014. Disponível em: www.portal.inep.gov.br. Acesso em: 12 maio 2017.

INHAMBUPE. IBGE Cidades – 2015. Dados sobre o município. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br>. Acesso em: 28 de jun. 2016.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação.** Tradução de José Claudio e Julia Ferreira. Revisão científica de Maria da Conceição Passeggi. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2010, 341 p.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação.** Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação.** Tradução de José Claudio e Julia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004, 285 p.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, George (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som - um manual prático.** Tradução de Pedrinho Guareschi. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 90-113.

LAGRAVENESE, Richard. **Escritores da Liberdade** [Filme – Vídeo]. Produção de Danny DeVito, Michael Shamberg e Stacey Sher. Roteiro de Richard LaGravenese. Estados Unidos, Paramount Picturs/MTV Films/Jersey Films, 2007. 1 DVD. 123 min. Color. Som.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso Escolar nos meios populares: as razões do improvável.** São Paulo: Ática, 1997.

LARROSA, J. **Nietzsche & a Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 136 p.

LEITE, Sergio Celani. **Escola rural: urbanização e políticas educacionais.** São Paulo: Cortez, 2002.

LICURI. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Syagrus_coronata. Acesso em: 27 jul. 2016.

MARAGOGIPE. IBGE Cidades – 2015. Dados sobre o município. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br>. Acesso em: 2 de ago. 2016.

MENEZES, Ebenezer Takuno de. **Mobral – Movimento Brasileiro de Alfabetização.** Disponível em: <http://www.educabrasil.com.br/mobral-movimento-brasileiro-de-alfabetizacao>. Acesso em: 14 de ago. 2016.

MESORREGIÕES BAIANAS. Disponível em: <http://www.sei.ba.gov.br>. Acesso em: 2 jun. 2016.

MICRORREGIÕES BAIANAS. Disponível em: <http://www.sei.ba.gov.br>. Acesso em: 2 jun. 2016.

NASCIMENTO, Antônio Dias. **História de vida, formação e profissão**. Salvador-BA, 19 dez. 2014. Entrevista narrativa concedida a Simone S. de Oliveira.

NOVA JERUSALÉM. Disponível EM: https://pt.wikipedia.org/wiki/Nova_Jerusal%C3%A9m_%28teatro%29. Acesso em 14 jun. 2016.

NUNES, Clarice. Memória e história da educação: entre práticas e representações. In: BARBOSA, Raquel Lazzari Leite (Org.). **Formação de educadoras. Desafios e perspectivas**. São Paulo: UNESP, 2003. p. 131-145.

OLIVEIRA, Simone Santos de **Trajetórias, travessias e tessituras: narrativas de uma professora em (trans)formação**. Memorial. Salvador: UNEB, 2012 (Digitalizado).

OLIVEIRA, Simone Santos de. **Desenhos da Escola e da Docência nas obras cinematográficas**. 2011. 216 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Desenho, Cultura e Interatividade, Universidade do Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana: UEFS, Bahia, 2011.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memorial autobiográfico: o reconhecimento de si como sujeito aprendente. In: BALASSIANO, Ana Luiza Grillo; FARIA, Lia (Org.) **Caminhos da Educação Franco-Brasileira: memórias e identidades**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013, p. 125-134.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas autobiográficas: solidariedade e ética em educação. **Revista Rizoma Freireano**. Rhizome Freirean. n. 11. ISSN: 19890605. Instituto Paulo Freire da Espanha: Espanha, 2011a.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Injunção institucional e sedução autobiográfica: as faces autopoiética e avaliativa dos memoriais. In: BARBOSA, Tatyana M. N.; PASSEGGI, Maria da Conceição (Org.). **Memorial Acadêmico**. Gênero, injunção institucional, sedução autobiográfica. Natal, RN: EDUFRN, 2011b, p. 19-39.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Mediação biográfica: figuras antropológicas do narrador e do formador. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre. (Org.). **Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008a, p. 43-59.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memoriais: injunção institucional e sedução autobiográfica. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). **(Auto)biografia: formação, territórios e saberes**. Natal: EDUFRN; São Paulo: PAULUS, 2008b, p. 103-131.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A Formação do Formador na abordagem autobiográfica. A experiência dos memoriais de formação. In: SOUZA, Elizeu

Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena (Org.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, Salvador: EDUNEB, 2006, p. 203-218.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memoriais de formação: processos de autoria e de (re)construção identitária. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. In: **Anais eletrônicos da III Conferência de Pesquisa Sócio Cultural**, julho de 2001.

PASTORE, José; SILVA, Nelson do Valle. **Mobilidade Social no Brasil**. São Paulo: Makron Books do Brasil, 2000.

PEREIRA, Áurea de Jesus. **História de vida, formação e profissão**. Alagoinhas-BA, 20 jan. 2015. Entrevista narrativa concedida a Simone S. de Oliveira.

PEREIRA, Áurea da Silva. **Tempo de plantar, tempo de colher: mulheres idosas, saberes de si e aprendizagens de letramento em Saquinho**. 2014.196 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc. Departamento de Educação. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2014.

PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. Histórias de escola e narrativas de professores: a experiência do GEPEMC. Memória e cotidiano. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). **Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino**. Porto Alegre: EDIPURCRS: EDUNEB, 2006. p. 177-188.

PIBID. **Programa de Bolsas de Iniciação à Docência**. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>. Acesso em: 10 jun. 2016.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida como artes formadoras da existência. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 41-59.

PINEAU, Gaston; LE GRAND, Jean-Louis. **As histórias de vida**. Tradução de Carlos Eduardo Galvão Braga e Maria da Conceição Passeggi. Natal, RN: EDUFRN, 2012, 181 p.

PINHO, Ana Sueli Teixeira de. **O tempo escolar e o encontro com o outro: do ritmo à simultaneidade**. 2012. 274 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc. Departamento de Educação. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2012.

PINHO, Ana Sueli Teixeira de; SOUZA, Elizeu Clementino de. Tempos e ritmos nas classes multisseriadas do meio rural: entre as imposições da modernidade e as possibilidades do contexto pós-moderno. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). **Educação e Ruralidades**. Memórias e narrativas (auto)biográficas. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 247-264.

PLANO NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-historico>. Acesso em: 10 fev. 2017.

POIRIER, Jean; CLAPIER-VALLADON, Simone; RAYBAUT, Paul. **Histórias de vida**. Teoria e Prática. Tradução de João Quintela. 2. ed. Portugal: Celta, 1999.

PORTUGAL, Jussara Fraga. **“Quem é da roça é formiga!”**: histórias de vida, itinerâncias formativas e profissionais de professores de Geografia de escolas rurais. 2013. 352 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc. Departamento de Educação. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2013.

PORTUGAL, Jussara Fraga; OLIVEIRA, Simone Santos de. Nenhum a menos: multisseriação, aprendizagens e trabalho docente em escolas rurais. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). **Educação e Ruralidades**. Memória e narrativas (auto)biográficas. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 295-322.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. Memorial de Formação: Quando as memórias narram a história da formação... In: PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura (Orgs.). **Porque Escrever é fazer história**. Revelações, subversões, superações. Campinas, SP: Alínea, 2007. p. 45-59.

PRONERA. Disponível em: http://www.incra.gov.br/educacao_pronera. Acesso em: 12 jun. 2016.

QUEBRA-PEDRA. Disponível em: www.plantasquecuram.com.br/ervas/quebra-pedras. Acesso em: 29 maio 2016.

REDE UNEB. Disponível em: <http://www.uneb.br/prograd/programas-especiais-de-graduacao/>. Acesso em: 22 fev. 2017.

REVISTA O CRUZEIRO. Disponível em: <http://www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro>. Acesso em: 4 jun. 2016.

REVISTA CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. Disponível em: <http://www.wooz.org.br>. Acesso em: 10 jun. 2016.

RIOS, Claudene Ferreira Mendes. **História de vida, formação e profissão**. Feira de Santana-BA, 15 dez. 2014. Entrevista narrativa concedida a Simone S. de Oliveira.

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. **Ser e não ser da roça, eis a questão!** Identidades e discursos na escola. Salvador: EDUFBA, 2011.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: veredas**. 36 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SACRISTÁN, José Gimeno. A educação que temos, a educação que queremos. In: IMBERNÓN, Francisco (Org.). **A educação no século XXI**. Os desafios do futuro imediato. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2000, p. 37-64.

SALLES JR, Walter. **Central do Brasil**. [Filme – Vídeo]. Produção de Arthur Cohn Martine de Clermont-Tonnerre. Roteiro de João Emanuel Carneiro Marcos Bernstein Brasil, VideoFilmes. 1 DVD, 112 min, Color, Som, 1998.

SANCHES NETO, Miguel. **Herdando uma biblioteca**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SANTOS, Áurea da Silva Pereira. **Percursos da oralidade e letramento na comunidade de Saquinho, município de Inhambupe, BA**. 2008. 190 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc. Departamento de Educação. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Reinventar a democracia: entre o pré-contratualismo e o pós-contratualismo. In: HELLER, Agnes *et al* (Org.). **A crise dos paradigmas em ciências sociais e os desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: contraponto, 1999. p. 33-75.

SANTOS, Fábio Josué Souza dos. **História de vida, formação e profissão**. Salvador-BA, 17 dez. 2014. Entrevista narrativa concedida a Simone S. de Oliveira.

SANTOS, Fábio Josué Souza dos. **Nem “tabaréu/oa”, nem “doutor/a”**: o/a aluno/a da roça na escola da cidade: um estudo sobre identidade e escola. 2006. 220 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2006.

SANTOS, Fábio Josué Souza dos. **Por uma escola da Roça**. In.: Revista FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador. V. 12, n. 19, p. 147-158. jan./jun. 2003.

SANTOS, Janeide Bispo dos. **História de vida, formação e profissão**. Feira de Santana-BA, 01 dez. 2014. Entrevista narrativa concedida a Simone S. de Oliveira.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 14 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

SÁTIRO DIAS. IBGE Cidades – 2015. Dados sobre o município. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br>. Acesso em: 28 de jun. 2016.

SCOZ, Beatriz Judith Lima. **Identidade e subjetividades de professores**: sentidos do aprender e do ensinar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 25-53.

SERRA DE ITABAIANA. Disponível em: <http://serradeitabaiana.blogspot.com.br/>. Acesso em 01 jun. 2016.

SOARES, Sandra Regina; CUNHA, Maria Isabel da. **Formação do professor**. A docência universitária em busca da legitimidade. Salvador: EDUFBA, 2010. 132 p.

SOUZA, Elizeu Clementino. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Revista Educação**. v. 39, n. 1, jan/abril, 2014, p. 39-50.

SOUZA, Elizeu Clementino (Coord.) *et. al*. **Multisseriação e trabalho docente**: diferenças, cotidiano escolar e ritos de passagem (Projeto Pesquisa Inovação em

práticas educativas educacionais nas escolas públicas da Bahia, FAPESB – Edital 028/2012). Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2012a. 31 p.

SOUZA, Elizeu Clementino. Pontes e muros: pesquisa narrativa e trajetórias (auto)biográficas – o lugar da memória e a memória do lugar na educação rural. In: SOUZA, Elizeu Clementino; Inês Ferreira de Souza Bragança (Org.). **Pesquisa (Auto)Biográfica Temas transversais**: memória, dimensões sócio-históricas e trajetórias de vida. Porto Alegre: EDipucrs; Natal: EDUFRN; Salvador: EDUNEB, 2012b, p. 33-56.

SOUZA, Elizeu Clementino. A caminho da roça: olhares, implicações e partilhas. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). **Educação e Ruralidades**. Memória e narrativas (auto)biográficas. Salvador: EDUFBA, 2012c, p. 17-28.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Memória, (auto)biografia e formação. In: CHAVES, Sílvia Nogueira; BRITO, Maria dos Remédios de. (Org.) **Formação e docência**: Perspectivas da pesquisa narrativa e autobiográfica. Belém: CEJUP, 2011a, p. 37-51.

SOUZA, Elizeu Clementino. “Vim aqui para ficar com os ‘comigos’ de mim”: estágio, narrativas e formação docente. In: SUSSEKIND, Maria Luiza; GARCIA, Alexandra (Orgs.). **Universidade-Escola**. Diálogo e formação de professores. Petrópolis, RJ: De Petrus et ali, Rio de Janeiro: Faperj, 2011b, p. 79-88.

SOUZA, Elizeu Clementino. O que fica por dizer: memórias cruzadas em histórias de formação. In: FISCHER, Beatriz T. Daudt. Memórias: tempos de escola. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2011c, p. 165-178.

SOUZA, Elizeu Clementino (Coord.) *et. al.* **Ruralidades diversas-diversas ruralidades**: sujeitos, instituições práticas pedagógicas nas escolas do campo, Bahia/Brasil. (Relatório Técnico de Pesquisa apresentado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, no âmbito do Edital MCT/CNPq 03/2008). Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2010. 132 p.

SOUZA, Elizeu Clementino de. A vida com as histórias de vida: apontamentos sobre a pesquisa e formação. In: Trajetórias e processos de ensinar e aprender: lugares, memórias e culturas. **Anais...** XIV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Porto Alegre: ENDIPE, 2008a.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Histórias de vida, escritas de si e abordagem experiencial. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.). **Histórias de vida** e formação de professores. Rio de Janeiro: Quartet; FAPERJ, 2008b, 89-98.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **Conhecimento de si**. Estágio e narrativas de formação de professores. Salvador-Ba: UNEB, 2006a, 184 p.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Pesquisa narrativa e escrita (auto) biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In: SOUZA, Elizeu Clementino de;

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Org). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006b, p. 135-147.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Org.) **Autobiografias, histórias de vida e formação**. Pesquisa e ensino. Porto Alegre: EDIPUCRS; EDUNEB, 2006c.

SOUZA, Elizeu Clementino de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre histórias de vida em formação. **Revista Educação em Questão**. v. 25, n. 11, Natal, jan./abr., 2006d, p. 22-25.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si: narrativas do itinerário escolar e formação de professores**. 2004, 344 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2004a.

SOUZA, Elizeu Clementino de. O conhecimento de si, narrativas de formação e o estágio: reflexões teórico-metodológicas sobre uma abordagem experiencial de formação inicial de professores. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org). **A aventura (auto)biográfica**. Teoria e empiria. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004b, p. 387-417.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério. In: **Revista Brasileira de Educação**, n. 13. São Paulo: Anped, jan./abr., 2000, p. 5-24.

TERRITÓRIOS DE SERGIPE. Disponível em: www.segov.se.gov.br. Acesso em: 2 jun. 2016.

TERRITÓRIOS DA CIDADANIA. Estado de Pernambuco. Sistema de Informações Territoriais. Disponível em: <http://sit.mda.gov.br>. Acesso em: 6 jun. 2016.

TERRITÓRIOS DE IDENTIDADE. Estado da Bahia 2015. Superintendência de Estudos Sociais e Econômicos da Bahia – SEI. Disponível em: http://www.sei.ba.gov.br/site/geoambientais/mapas/pdf/territ_ident_2v25m_2015.pdf. Acesso em: 2 de ago. 2016.

TERRITÓRIOS DE IDENTIDADE. Secretaria de Planejamento do Governo do Estado da Bahia – SEPLAN. Disponível em: <http://www.seplan.ba.gov.br>. Acesso em: 3 de ago. 2016.

TRINDADE, Lenir Marina; WERLE, Flávia Obino Corrêa. O ensino no meio rural: uma prática em extinção. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). **Educação e Ruralidades**. Memória e narrativas (auto)biográficas. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 31-50.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983. 250p.

WILSON VICENTE. Disponível em: <http://wilsonvicentearte.blogspot.com.br>. Acesso em: 15 jan. 2016.

ZHANG, Yimou. **Nenhum a Menos** [Filme – Vídeo]. Produção de Zhao Yu. Roteiro de Shi Xiangsheng. China, Columbia Pictures Film Production Asia. 1 DVD, 106 min, Color, Som, 1999.

APÊNDICES



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE
LINHA DE PESQUISA II – EDUCAÇÃO, PRÁXIS PEDAGÓGICA E FORMAÇÃO DO EDUCADOR
GRUPO DE PESQUISA (AUTO)BIOGRAFIA, FORMAÇÃO E HISTÓRIA ORAL – GRAFHO

APÊNDICE A
LEVANTAMENTO DE DISSERTAÇÕES E TESES NA BDTD

ESTRATÉGIAS DE BUSCA	NÚMERO DE DISSERTAÇÕES	NÚMERO DE TESES
Educação rural	112	43
Escola rural	500	297
Mobilidade social	349	160
Mobilidade social de professores universitários	03	03
Mobilidade social de professores universitários oriundos de escolas rurais	---	---
Professores universitários	500	332
Professores universitários oriundos de escolas rurais	01	---
Docência universitária	125	66
Atuação profissional docente	417	163
Atuação profissional de professores universitários	82	37
Histórias de vida de professores	478	180
Histórias de vida de professores universitários	43	19
Histórias de vida de professores universitários oriundos de escolas rurais	---	---

Fonte: Interface de busca da BDTD. Disponível em: <http://bdttd.ibict.br/>. Acesso em 27 jan. 2014.
 Elaboração: Simone Santos de Oliveira, 2014.



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE
LINHA DE PESQUISA II – EDUCAÇÃO, PRÁXIS PEDAGÓGICA E FORMAÇÃO DO EDUCADOR
GRUPO DE PESQUISA (AUTO)BIOGRAFIA, FORMAÇÃO E HISTÓRIA ORAL – GRAFHO**

**APÊNDICE B
CARTA – CONVITE**

Caro/a Colega professor/a,

Sou Simone Santos de Oliveira, professora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/*Campus XI*, Serrinha.

Estou desenvolvendo uma pesquisa de Doutorado, inserida no Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc / UNEB, sobre os percursos de vida, as trajetórias de formação e profissão de professores universitários que experienciaram seus processos de escolarização, ou parte dele, em escolas localizadas no espaço rural.

Para realizar a pesquisa, preciso contar com o seu apoio. A recolha de dados será feita de acordo com a sua disponibilidade e os dados obtidos serão usados somente para fins acadêmicos e de pesquisa. Asseguro que sua identidade só será publicizada mediante a sua autorização por escrito.

Espero, além de desenvolver esta pesquisa, ter a oportunidade de realizar um trabalho de parceria e de colaboração, no qual possamos trocar experiências e conhecimentos.

Em caso de confirmação, preencha a ficha – Dados biográficos do/a professor/a colaborador/a, em anexo, que entrarei em contato com você o mais breve possível.

Na certeza de contar com a sua colaboração, agradeço.

Cordialmente,
Profa. Simone Santos de Oliveira



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE
LINHA DE PESQUISA II – EDUCAÇÃO, PRÁXIS PEDAGÓGICA E FORMAÇÃO DO EDUCADOR
GRUPO DE PESQUISA (AUTO)BIOGRAFIA, FORMAÇÃO E HISTÓRIA ORAL – GRAFHO

APÊNDICE B-1
DADOS BIOGRÁFICOS DO/A PROFESSOR/A COLABORADOR/A

DADOS PESSOAIS

Nome _____

Idade: _____ SEXO: () M () F

Data de Nascimento _____ Naturalidade: _____

Estado civil _____ Número de filhos _____

Endereço Residencial

Endereço eletrônico: _____

Contatos por telefone: _____

Composição da Família:

Pai: _____

Escolaridade: _____ Profissão: _____

Mãe: _____

Escolaridade: _____ Profissão: _____

Irmãos: nº ()

Durante quantos anos morou no espaço rural?

Você autoriza que a sua identidade seja publicizada na escrita da tese () SIM () NÃO

DADOS PROFISSIONAIS

Formação Inicial:

1. Curso de Pós-graduação: _____ Ano de conclusão: _____

2. Curso de Pós-graduação: _____ Ano de conclusão: _____

3. Curso de Pós-graduação: Ano de conclusão: _____

Há quantos anos exerce a docência no ensino superior?

Carga horária de trabalho: ()20 h ()40 h ()DE

Turno de trabalho _____

(Assinatura do/a Professor/a – Colaborador/a da Pesquisa)



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE
LINHA DE PESQUISA II – EDUCAÇÃO, PRÁXIS PEDAGÓGICA E FORMAÇÃO DO EDUCADOR
GRUPO DE PESQUISA (AUTO)BIOGRAFIA, FORMAÇÃO E HISTÓRIA ORAL – GRAFHO

APÊNDICE C
CARTA AGRADECIMENTO DE PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA COM
SOLICITAÇÃO DE ENVIO DE MEMORIAL

Caro/a Colega professor/a,

Obrigada por ter aceitado participar da minha pesquisa intitulada **“Travessias” de aluno de escola da roça a professor de universidade: percursos de vida e trajetórias de formação.**

Como intenciono investigar as trajetórias de vida, formação e atuação profissional de professores universitários do Estado da Bahia, elenquei como instrumentos de recolha de dados o **memorial** e a **entrevista narrativa** porque “[...] se mostram aqui particularmente eficaz, pois [...] permite identificar por meio de que mecanismos e processos os sujeitos chegaram a uma dada situação [...]” (BERTAUX⁶⁸, 2010, p. 27), uma vez que as narrativas se constituem como um “[...] fio de uma re-tomada de si, de sua existência e do mundo em torno de si” (DELORY-MOMBERGER⁶⁹, 2011, p. 45), sobretudo para analisarmos o processo de mobilidade escolar e social por via da educação. Assim, solicito que encaminhe seu memorial para o e-mail: **ssoliveira_valentec3@yahoo.com.br**, no qual deverá ser narradas histórias de vida, percursos de formação e da profissão para que eu possa conhecer um pouco mais a pessoa e o profissional que você é, antes de realizarmos a entrevista narrativa para coletar outros dados para esta pesquisa.

Cordialmente,

Profa. Simone Santos de Oliveira

⁶⁸ BERTAUX, Daniel. **Narrativas de Vida: a pesquisa e seus métodos**. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010, p.

⁶⁹ DELORY-MOMBERGER, Christine. Os desafios da pesquisa biográfica em educação. In: SOUZA, Elizeu Clementino (Org.). **Memória, (auto)biografia e diversidade: questões de método e trabalho docente**. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 43-58.



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE
LINHA DE PESQUISA II – EDUCAÇÃO, PRÁXIS PEDAGÓGICA E FORMAÇÃO DO EDUCADOR
GRUPO DE PESQUISA (AUTO)BIOGRAFIA, FORMAÇÃO E HISTÓRIA ORAL – GRAFHO**

**APÊNDICE D
SOLICITAÇÃO DE AGENDAMENTO PARA ENTREVISTA NARRATIVA**

Caro/a Colega professor/a,

Obrigada por ter encaminhado o seu memorial para o meu e-mail.

O memorial, enquanto primeiro instrumento de recolha de dados nesta pesquisa foi imprescindível para conhecer um pouco de sua trajetória de vida, de formação e de profissão. Muito do que foi relatado por você, na escrita de si, no seu memorial, anuncia a pessoa e o profissional que você é, mas ainda preciso obter alguns dados com a técnica de entrevista narrativa.

Deste modo, solicito um agendamento (dia, horário e local) para que a entrevista narrativa possa acontecer, de modo a não atrapalhar suas atividades profissionais e familiares.

Desde já agradeço a colaboração e aguardo o seu contato com este agendamento para realizarmos a entrevista narrativa.

Cordialmente,

Profa. Simone Santos de Oliveira



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE
LINHA DE PESQUISA II – EDUCAÇÃO, PRÁXIS PEDAGÓGICA E FORMAÇÃO DO EDUCADOR
GRUPO DE PESQUISA (AUTO)BIOGRAFIA, FORMAÇÃO E HISTÓRIA ORAL – GRAFHO**

**APÊNDICE E
ENUNCIADO PARA A ENTREVISTA NARRATIVA**

Caro professor colaborador, mais uma vez, obrigada por ter aceitado participar da minha pesquisa intitulada “Travessias” de aluno de escola da roça a professor de universidade: percursos de vida e trajetórias de formação. Com a intenção de investigar as trajetórias de vida, de formação e de atuação profissional de professores universitários do estado da Bahia, gostaria que você narrasse sua trajetória de vida, de formação e de profissão, elencando os processos de travessias que o levaram a realizar a migração do espaço rural ao urbano, bem como seus processos de escolarização e de formação acadêmico-profissional; qual/quais significados a roça tem na sua vida pessoal e profissional; as dificuldades encontradas nessas travessias geográficas, culturais e formativas para se tornar um professor de uma universidade no estado da Bahia. Gostaria que você narrasse as suas memórias dos percursos de escolarização e as trajetórias de formação acadêmica e seu trabalho docente na universidade estabelecendo conexões entre as experiências vividas no espaço rural e a atuação docente na universidade. Tenho certeza que sua história de vida, de formação e de profissão é cheia de fatos e acontecimentos marcantes. Portanto, não tenha pressa para contá-la porque não vou interrompê-lo(a). Durante a sua narração, não precisa, necessariamente, colocar os fatos e acontecimentos numa ordem cronológica. Você decide a ordem dos fatos que serão narrados porque você é protagonista e roteirista de sua própria história. Ao final de sua entrevista narrativa, caso ache necessário, poderei fazer alguma pergunta. A partir de agora, conte-me os seus processos de travessias.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE
LINHA DE PESQUISA II – EDUCAÇÃO, PRÁXIS PEDAGÓGICA E FORMAÇÃO DO EDUCADOR
GRUPO DE PESQUISA (AUTO)BIOGRAFIA, FORMAÇÃO E HISTÓRIA ORAL – GRAFHO

APÊNDICE F
TERMO DE LIVRE ESCLARECIDO

Eu, _____, maior
 _____(estado civil), inscrito no RG
 nº _____, CPF nº _____

declaro para os devidos fins que aderi voluntariamente como colaborador participante à pesquisa intitulada **“Travessias” de aluno de escola da roça a professor de universidade: percursos de vida e trajetórias de formação**, de autoria da professora Simone Santos de Oliveira, sob orientação do professor Dr. Elizeu Clementino de Souza, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc / UNEB. Declaro também estar ciente da minha participação em todas as etapas desta investigação, bem como do uso dos dados e informações concedidas por mim nesta pesquisa, autorizando a pesquisadora a publicizar as informações que achar necessárias em congressos, livros e revistas, fazendo a divulgação do meu nome.

Declaro ter lido e compreendido os termos do presente documento que vai assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o (a) colaborador (a) e outra com a pesquisadora responsável.

Salvador–Bahia, _____ de _____ de _____.

 Assinatura do colaborador(a)

 Assinatura da Pesquisadora
 Simone Santos de Oliveira



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE
LINHA DE PESQUISA II – EDUCAÇÃO, PRÁXIS PEDAGÓGICA E FORMAÇÃO DO EDUCADOR
GRUPO DE PESQUISA (AUTO)BIOGRAFIA, FORMAÇÃO E HISTÓRIA ORAL – GRAFHO

APÊNDICE G
TERMO DE CONCESSÃO DE IMAGEM E IDENTIFICAÇÃO

Eu, _____, maior
 _____ (estado civil), inscrito no RG
 nº _____, CPF nº _____

declaro para os devidos fins que autorizo a exibição de minha imagem, bem como a identificação do meu nome como colaborador voluntário e participante da pesquisa intitulada **“Travessias” de aluno de escola da roça a professor de universidade: percursos de vida e trajetórias de formação**, de autoria da professora Simone Santos de Oliveira, sob orientação do professor Dr. Elizeu Clementino de Souza, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc / UNEB. Declaro também estar ciente da minha participação em todas as etapas desta investigação, bem como do uso dos dados e informações concedidas por mim nesta pesquisa, autorizando a pesquisadora a publicizar as informações que achar necessárias em congressos, livros e revistas, fazendo a divulgação do meu nome e da minha imagem para fins acadêmicos.

Declaro ter lido e compreendido os termos do presente documento de concessão de imagem e identificação que vai assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o (a) colaborador (a) e outra com a pesquisadora responsável.

Salvador–Bahia, _____ de _____ de _____.

 Assinatura do colaborador(a)

 Assinatura da Pesquisadora
 Simone Santos de Oliveira

ANEXO



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE
LINHA DE PESQUISA II – EDUCAÇÃO, PRÁXIS PEDAGÓGICA E FORMAÇÃO DO EDUCADOR
GRUPO DE PESQUISA (AUTO)BIOGRAFIA, FORMAÇÃO E HISTÓRIA ORAL – GRAFHO

ANEXO 01
TRAVESSIA – REPRESENTAÇÃO DA PINTURA ACRÍLICA SOBRE TELA - 60 X
80 CM
AUTOR: WILSON VICENTE



Fonte: <http://wilsonvicentearte.blogspot.com.br/>. Acesso em: 7 fev. 2016.



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE
LINHA DE PESQUISA II – EDUCAÇÃO, PRÁXIS PEDAGÓGICA E FORMAÇÃO
DO EDUCADOR
GRUPO DE PESQUISA (AUTO)BIOGRAFIA, FORMAÇÃO E HISTÓRIA ORAL**